



Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









# O Recreador Mineiro.

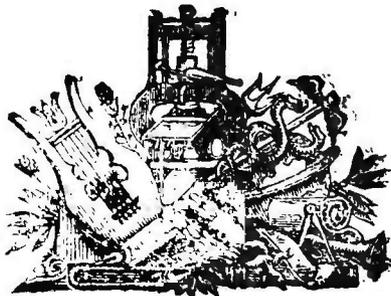
PERIODICO LITTERARIO.

**TOMO 4.**

COMPREHENDE OS N.ºs 37 a 48

DO

2.º SEMESTRE DE 1846.



OURO PRETO

IMP: IMPARCIAL DE B. X. PINTO DE SOUSA,

1846.

---

*Inter cuncta leges*

*Qua ratione queas traducere leniter ævum ;*

*Quid minuat curas, quid te tibi reddat amicum ;*

*Quid pure tranquillæ, honos an dulce iocellum,*

*Horat. Epist. 18.<sup>a</sup> Lib. 1.<sup>o</sup>*

Os títulos, ou dinheiro seductor acaso diminuem no homem os confictos do seu coração, restaurão-lhe o prazer de si mesmo, ou a serena páz do seu espirito? Procura pois a lição dos livros, que os dias de adoção nas turbulencias da vida.

---

# ADDITIONAL

## RELAÇÃO DOS ASSIGNANTES

DO

## RECREADOR MINEIRO

publicada com o numero 25 desta folha;

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

### As Illustrissimas Senhoras

D. Amelia Augusta Pinto de Toledo Ribas	Ouro Preto
D. Amelia Augusta Ozorio de Magalhaes	Ouro Preto
D. Anna Thereza de Adelaide Fariaes.	Ouro Preto
D. Joaquina de Mello	S. Domingos
D. Joaquina Maximiana Leopoldina	Rio Preto
D. Maria Carlina de Jesus	Desterro
D. Maria Micaella Lopes Gama	Lages
D. Maria Filisarda de Sousa.	Tanandá
D. Maria Ursula do Nascimento	Barra Longa
D. Maximiana da Cruz Silva de Menezes	Poinba
D. Thereza Maria de Sousa Umbelina.	Boa Vista

### Os Illustrissimos Senhores

	Adriano de Araujo Braga.	S José de Gorutuba
Alferes	Agostinho José Vieira de Matos.	Formigas
	Albino Pinto da Silva.	Araxá
Vigario	Antonio Caetano Ribeiro.	Esp St. de Conquistas
Padre	Antonio Ferreira Caires.	S Romão
Alferes	Antonio Jacintho Fernandes.	Machado
	Antonio José Coelho Junior.	Minas Novas
Coronel	Antonio José Pedro de Carvalho.	Baependy
Doutor	Antonio Thomas de Godoi.	Rio de Janeiro
Vigario	Braz Viena da Silva.	Piedade
Tenente	Carlos Moreira Murta.	Caxoeira
	Claudino Pereira da Silva.	Ouro Preto
Doutor	Elias Pinto de Carvalho.	Ouro Preto
	Fernando Halfeld.	Juiz de Fora

Ten. Cor.	Francisco Affonso Fernandes . . .	S. João Baptista
Coronel	Francisco d'A. Manso da C. Reis.	Fazenda da Conceição
Vigário	Francisco Guaribã Pitangui . . .	Itapicirica
Alfêres	Francisco José de Castro. . . . .	Desemboque
	Francisco Martins da Silva. . . . .	S. Caetano da Moeda
	Gabriel Francisco Junqueira. . . . .	Baependy
Capitão	Ignacio José do Mello. . . . .	Desemboque
Conego	João Dias de Quadros Aranha . . .	Ponso Alegre
Vigário	João Domingues Figueira. . . . .	Cabo Verde
	José Antieeto dos Reis. . . . .	S. Joanico
	José Antonio de Freitas Lisboa. . .	Pouso Alegre
Conego	José Antonio Marinho. . . . .	Rio de Janeiro
Comm.	José Ferreira Carneiro . . . . .	Serro
	José Ferreira da Silva. Maia. . . . .	St. A. do Sapucahy
	José Gonsalves Gomes e Sousa . . .	Barbacena
Ten. Cor.	José Manoel da S. e Oliveira F. °	Desemboque
	José Silvestre dos Santos. . . . .	Campestre
	Justino Pereira Ramos. . . . .	SS. Coração de Jezus
Brei.	Luis Monte Alverne . . . . .	Fornigas
	Luis Rodrigues Br. ° . . . . .	Mata de S. Miguel
	Manoel Fernandes Airão. . . . .	Perdões
	Manoel Luiz Guedes Junior. . . . .	S. João Baptista
	Manoel Rodrigues e Sonsa. . . . .	S. José de Gorutuba
	Olimpio Carneiro Veriato Catão. . .	Baependy
Doutor	Pascoal Paolini. . . . .	Marianna
	Pedro de Alcantara Machado. . . . .	Diamantina
	Pedro Custodio do Lago. . . . .	Campestre
	Pedro José Pereira. . . . .	S. José do Gorutuba
	Silverio Teixeira Coelho de Gouvea.	Diamantina
	Victor Renaut. . . . .	Barbacena
Padre	Zeferino Alves de Oliveira. . . . .	Minas Novas



# O Recreador Mineiro.

PERIÓDICO LITTERARIO.

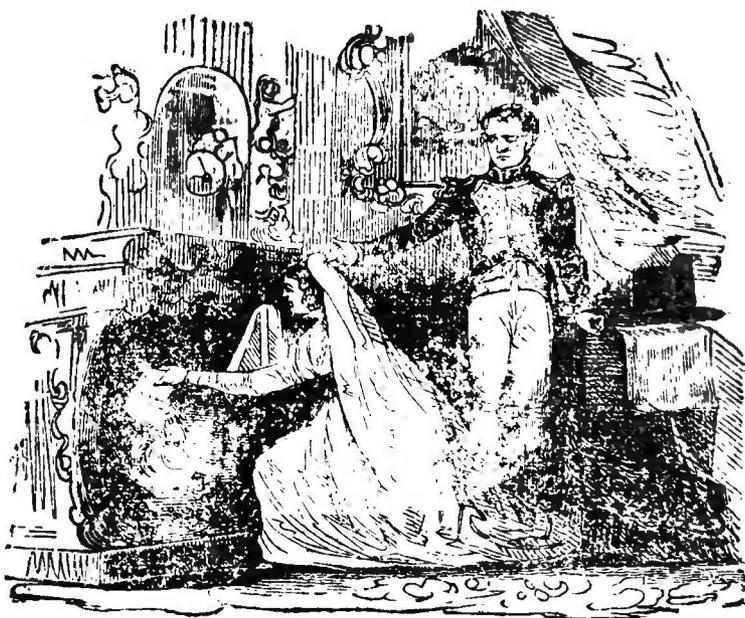
TOMO 4.º

1.º DE JULHO DE 1846.

N. 37.

## NAPOLEÃO O GRANDE.

*Sua campanha contra a Prussia.*



### HUM ACTO DE CLEMENCIA.

Napoleão, a quem immortalisa maior que César e mais sublime do que Annibal o alto clarim de seus feitos, recebe em 1806 da parte da Prussia hum insensato desafio de guerra, que collocava a França na alternativa do combate, ou da deshonra. Napoleão

dis para o principe de Neufchâtel au receber esta declaração: Marechal, desafio-nos para o dia 8 de outubro. Hum francez não recusa desafio; mas como dizem que está lá huma bella rainha que quer assistir aos combates, sejanos cortezes, e vamos.

sem nos darmos, até á Saxonia

A rainha da Prussia andava com effeito no exercito com o uniforme de regimento de dragões.

O imperador partio de Pariz a 28 de setembro, e apresenta se aos Prussianos no dia 8 de outubro, que era justamente o tempo, que se lhe havia intimado para o começo das hostilidades. O seu exercito dirige-se por linha obliqua, e parallela sobre a esquerda do inimigo, que por hum erro militar igual aos seus erros politicos retira se das montanhas da Bohemia para se reunir em Thuringia. Os francezes flaqueão esta esquerda pouco defendida em Schleitz, e Saalfeld, onde o principe Luis de Prussia, primo do rei derrotado pelos hussares francezes, exhalou a vida cravado pela espada de Guindé, fariel de cavalaria hussard. Os francezes degeem a direita do Sala, apoderão se das pontes, penetrao em Naumbourg, e vem occupar os desfiladeiros de Kesen. Esta operação foi de hum momento por isso que sendo apenas o quartodia de campanha, já o exercito prussiano, privado de seus armazens, cortado o seu paiz, não tinha outra salvacão mais do que abrir hum passagem pelo meio do inimigo. Oh! quanto devia ser terrivel aquella noite durante a qual hum pequeno rio apenas separava 300.000 homens esperando a dia para decidir com as armas de hum e outro lado os destinos de sua patria! No meio de tão a'to interesse quanto lhes seria indifferente o tempo da morte! Quaes serião as angustias de hum monarcha, espectador da sua coroa insensatamente entregue ao acaso de hum só combate! Qual deveria ser a anxiedade desses velhos companheiros do grande Frederico, que recarregando a seus soldados a gloria de Ros-

bach, procuravão inspirar-lhes hum confiança, que elles mesmo já não sentião!

O imperador no meio da sua guarda diante de Jena meditava em silencio durante a agitacão dos dois exercitos, e preparava nas concepções do seu genio os prodigios proximos a ocorrer-se. Havia elle na vespera escrito ao rei da Prussia dizendo-lhe: eu vos prognostico huma derrota infallivel; poupai hum sangue precioso, e não arrisqueis a vossa monarchia.

Sentimentos sobre humanos lhe haviam dictado este conselho salutar, verdadeiro sacrificio da sua gloria; por que devia estar seguro de todo o acontecimento aquelle que tão facilmente cumpria tudo o que annunciava; mas se neste dia fôra attendido, quantas paginas se subtrahião á sua historia!

Os dois exercitos, que se tocavão quasi mutuamente, passarão a noite em preparativos. A actividade franceza, que não conhece obstaculos, abre na dura rocha novas estradas. Raiou em fim o dia, e mostra aos olhos admirados a artilheria transportada a diversos lugares que se consideravão impraticaveis, e as tropas desfilando por passagens, que no dia precedente ainda não existião. O oiteiro, em que se postara Napoleão, vai ser o vertice dondê se lançará a victoria. O imperador falla ás suas tropas:—Lembrai-vos que ha hum anno tomastes Ulm; o exercito prussiano, como o austriaco então, está hoje cortado; já ardeo as suas linhas d'operacão, e os seus armazens; não combate para adquirir gloria, mas para se retirar.

Elle ha-de tentar romper por algum ponto; os corpos, que o deixarem passar ficarão perdidos de reputacão e honra. Conto com voseo — A esta pallada animada respondêrão os soldados:

marçheiros. O mencionado oiteiro foi o ponto central por onde desfilou todo o exército; e o seu primeiro esforço foi conquistar o seu campo de batalha. Conseguida esta primeira vantagem, o imperador, que ainda esperava muitos corpos do seu exército, e especialmente a cavallaria, desejava retardar por algumas horas o combate decisivo; entretanto cede à sua confiança no valor francez, e ataca o inimigo, que se retira em boa ordem. Chegão finalmente os corpos, que se esperavão; e o imperador faz immediatamente avançar todas as suas forças de reserva, e dá hum livre curso à impetuosidade franceza. A cavallaria commandada pelo grã-duque de Berg, precipita-se com furor sobre o inimigo. Este, em vão lhe oppõe a arte, e a coragem; a cavallaria penetra os seus quadradros, extermina-os, e a derrota torna-se completa. Os vencedores atravessão Weimar misturados com os vencidos, que se precipitão na estrada de Naumbourg no mesmo tempo em que hum parte do seu exército retirava-se em desordem para Weimar vivamente perseguida pelo marechal d'Avous.

Calcule-se se for possível, o choque terrivel destas duas massas em acção! Aqui se abriu o verdadeiro tumulto do famoso exército prussiano; aqui se sepultou sua força, sua repulação, e sua existencia.

O rei tinha-se já retirado; e a maior parte das seus generaes forão mortos, feridos, ou prisioneiros. A perda dos Prussianos neste fatal dia montou a 20:000 mortos, e feridos; e 40:000 prisioneiros.

Assim foi destroçada pelo raio humma das maiores potencias da Europa,

assim se cumprio como por encanto, humma empresa de que não ha exemplo na historia. Provincias immensas humma monarchia inteira, mais de 140:000, soldados, 800 peças de campanha, 4:000 canhões de diversas praças, humma multidão de generaes principes reinantes, membros da casa real, taes forão os trophéos do vencedor. Tantas acções, tantos prodigios realisarão-se em menos de hum mez!

O imperador Napoleão residia no proprio palacio dos soberanos da Prussia, em Berlin, capital da extincta monarchia, onde reinava desde o dia 18 das suas operações bellicas. Napoleão tinha conservado o principe de Hatzfeld no commando de Berlin. O principe, saindo hum dia da audiencia do imperador, foi preso; e humma commissão militar devia condemnar-lo á morte sem recurso algum. Tinha-se-lhe interceptado humma carta onde informava ao inimigo todos os movimentos dos Francezes. Sua esposa lançou-se aos pez de Napoleão allegando a calumnia que se dirigia a seu marido. Conheceis a sua letra? disse o imperador; e mandando buscar a carta entregou-lha. Aquella senhora gravida de 8 mezes desmaiava a cada palavra que lhe descobria o alto compromettimento de seu esposo. Napoleão corado de dor, disse-lhe: lança essa carta ao fogo; extincta ella, não poderei fazer suppliciar visso marido.

A princeza obedeceo agradecida, e seu esposo ficou salvo.

Este acto sublime não podia ser olvidado do Recreador Mineiro para deixar de o descrever. e com a precedente gravura consigna-lo nas tabalhos de sua redacção.

## MEMORIA SOBRE A COCHONILHA

(continuação do numero antecedente.)

## CREAÇÃO DO INSECTO

Havendo a plantação de Figueiras do Inferno chegado a sufficiente ponto de crescimento, mostrando-se robusta, sadia, e de vigorosa vegetação, escolhe-se o principio da secca, ou ao menos huma estação pouco humida para que os ovos ou semente, que se devem guardar em garrafinhas, ou em caixinhas bem tapadas, e forradas de algodão se mettão em canudos de taquara frãa do diametro de huma pollegada, levando cada hum huma colher de semente, e pendurando-se em cada planta hum só canudo. Calcula-se que mil Gerumbebas, das lizas, poderão nutrir os insectos, que nascem de duas libras e meia de semente; talvez seja preciso maior numero das espinhosas para sustentar aquella porção de bichinhos.

Quando o insecto nasce he tão diminuto, que mal se percebe com a vista sem hum microscopio; porem logo começa a crescer, e a procurar logar para nutrir-se da planta o que executa chupando o succo della pelos tubos insertos no proboscide, não sendo munido de dentes para comer.

Presuppõto que o cultivador tenha de ambas as qualidades da Opuntia, e da primeira em maior numero, que é preferivel, por quanto aperfeiçoa a qualidade da Cochonilha, que disso muito depende; logo que os insectos começarem a dar signaes de activa vivacidade; cortar-se-hão as folhas ou articulações em que os ditos insectos primeiro se tiverem espalhado, e onde ellas estiverem muito juntas; e distribuir-se-hão pelas Gerumbebas lizas; não as havendo porem desta especie, pendurar-se-hão as folhas nas que mais propriamente se chamão Figueira do Inferno por causa dos innumeraveis espinhos, que tem accumulados nas articulações. Os insectos tem o cuidado de se espalhar pela planta, e fixar-se onde melhor lhes convem.

Quando se observar na planta já crescida, e robusta algumas folhas contrahindo nodos amarellas, é preciso logo cortá-la, e transferindo-se os bichinhos para outra planta mais sadia, e vigorosa; allas desfarharia e morreria; porque taes nodos são indicios de enfermidade na planta, que deixaria de proporcionar o conveniente sustento aos insectos, que por consequente pereceriaõ a não serem removidos,

Já dissemos que em dous, tres ou mais mezes a fema cresce, pare e morre; esta regra porém não é livre de muitas excepções, dependentes da gradação do tempo, e da localidade.

Em logares frios, ás vezes não chegam á maturação em menos de sete e oito mezes; nos climas temperados e em situações elevadas, e montanhosas intertropicaes são precisos quatro a cinco mezes; e dous a tres, mas nunca menos de dous, nos climas da zona torrida, assim como nas planicies e beira-mar entre tropicos.

Este insecto é perseguido por diversos inimigos, principalmente por aranhas; é preciso pois ter-se muito cuidado em destruir esses animaes daninhos logo que apparecerem na plantação; e é esta a tarefa de huma ou mais pessoas, conforme a extenção do terreno plantado, que devem percorré-lo todos os dias de manhã cedo, afim de lhe destruir todas as têas, matar as aranhas, e outros insectos nocivos, que se acharem pousados nas plantas para incommodar a Cochonilha, e cujos ataques são frequentemente fataes.

#### COLHEITA DA COCHONILHA

Logo que apparecer hum numero de insectos já perfectos sobre as folhas, o que se conhece facilmente pelo seu volume e pela cor escura, ou parda da pequena têa, que cobre as femeas, principia-se a tirar suavemente da planta estas mesmas femeas, o que se faz com hum pequeno pincel brando, ou com hum rabinho de veado, fazendo-as cair em huma, ou em outro receptáculo, que juntamente com ellas já mortas apanha os ovos, ou sementes, que tiverem depositado, evitando-se tocar nos insectos, que ainda não estiverem perfectos; ou que, nascidos de alguns ovos sobre a planta, estejam principiando a nutrir se.

Recolhidos a casa peneirão-se, com peneira fina, por cima de hum lençol de linho, ou de algodão fino para colher os ovos, que estiverem misturados com a Cochonilha, e torna-se a pôr na planta alguns insectos que ainda não houverem parido, e que estejam comparativamente grandes, e vigorosos, para continuar a raça, e matão-se os restantes pondo-os ao sol em huma caixinha, ou em outra vasilha tapada; porém succedendo que a estação se torno chuvosa, ou nebulosa, expõem-se nas vasilhas tapadas ao color moderado, de hum forno, mas nunca em agua quente,

ou a server, como algum effeito, e que destrua a qualidade da Cochonilha, privando-a de huma grande porção da substancia colorante.

Nem todas as plantas crião os insectos com igual perfeição; por tanto, depois de colhida a Cochonilha, divide-se em tres qualidades.

#### QUALIDADES DE COCHONILHA CONHECIDA NO COMMERCIO.

A primeira qualidade compoem-se da Cochonilha perfeita, nome que com especialidade recebe no commercio. É conhecida pelos seus pequenos grãos de figura mui irregular, ordinariamente convexos por hum lado, e concavos pelo outro; e na parte exterior de côr amarellada, parda, cinzenta, ou denegrida, isto é, quando os insectos tiverem morrido ao sol; poque ao calor do forno assumem outras côres, a saber, parda, amarellada, cinzenta, esbranquiçada quasi negra. &; e nenhuma destas côres tem tanta acceitação nos mercados Europeos como a primeira.

A segunda qualidade é composta de insectos mais pequenos, ou porque não crescerão tanto como os outros ou porque forão tirados da planta antes de estarem sufficientemente perfeitos; e a esta qualidade se dá o nome de Granilha.

A terceira qualidade consta dos que morrerão prematuramente na planta; e dos que apesar de velhos não crescerão e ficarão demasiadamente pequenos: a esta qualidade dá-se a denominação de Cascariha, ou Pó.

#### METHODO DE PREPARAR, E ENFARDAR A COCHONILHA.

Depois de separadas as tres qualidades acima descritas poem-se em taboleiros, forrados de folha de flandres ao sol por quinze a vinte dias, recolhendo-se á noite de baixo de coberta; e no fim deste tempo a primeira qualidade torna-se de huma bella côr cinzenta prateada, que a distingue no commercio, e que lhe dá a valia de que gosa nos mercados.

A segunda, e terceira qualidade adquirem huma côr mais escura, mui desigual, e valem muito menos.

No Mexico onde se cria em grande escala a Cochonilha antes de a enfardarem limpão-na bem de todos os corpos estranhos; feito isto, e estando perfectamente exorta, mettem 150 libras bem pezadas em hum sacco de algodão, cobrem-na com humo esteira, e depois forrao-no com huma capa de couro, que fôrma hum surrão ou paca.

Continua-se



## A ESPECULAÇÃO.

Em hum dos sitios mais pittorescos dos arredores de Paris, possui o sr. L... , rico capitalista, huma mui linda casa de campo onde passa os melhores mezes da bella estação. Ha pouco tempo, parou hum cabriolet no pórtão do parque, e delle se apeiou hum moço que, pelo traje casquillo, physionomia ingenua e porte airoso, denotava ser frequentador da bolsa e de Tortoni. O recém-chegado tocou a campainha, fez-se annunciar e foi introduzido. O dono da casa estava acidiosamente estirado sobre hum sofá, de chambre e chinelas, em huma sala ornada com todo o luxo da capital, porque o Sr. L... que não tem mui particular affeição á doce moral do *Homem dos campos*, gosta de transportar Paris para a aldêa, e julga que no campo, máis ainda que na cidade, se carece desses prazeres e desses commodos que, multiplicando as sensações, engrandeceem a esphera da existencia.

— Tende a bondade de sentar vos, senhor; disse L... com esse contentamento interior que faz com que no campo se veja sempre com prazer aquelle que chega da cidade.

— Desculpai-me, senhor, disse o moço sentando se em huma poltrona, se venho perturbar vosso repouso para occupar-vos de projectos da bolsa e de especulação. Mas o negocio que desejo communicar-vos he importante pôde ter consequencias tão moralmente uteis para a sociedade tão pecuniariamente exorbitantes para

os empreendedores, que julguei perdoaríeis minha impaciencia e me concedetieis alguns momentos de attenção.

— Falli senhor eu vos escuto, respondeu o capitalista, cruzando as pernas e cobri-to-as com toda a dignidade com seu riquissimo chambre.

— Quem teria acreditado que ao sahir de hum seculo de duvida e de incertezas como o seculo passado, entraríamos em hum seculo tão eminentemente *segurador e segurado* como o nosso, disse o moço com a mais solenne gravidade. No seculo decimo oitavo, destruiu-se, porque de tudo se duvidava; no seculo decimo nouo lie pela segurança que a sociedade se organiza. O homem da bolsa governa o destino, esse deos que governa o mundo. Que ha ahí hoje que se nao segure? Todas as passos que damos na vida podem ser segurados, nao excluindo a mesma morte.

O poder do seguro estende-se até além da campo; segurasse a vida futura... levantando-se huma pedra tumular no cemiterio do Père-Lachaise. Trata-se mesmo de segurar as desgraças do laço conjugal, com o que se fará hum grande serviço á humanidade. Em huma palavra o seguro; em todas as suas phases e em todos os seus grãos, me parece ser a solução do grande problema humanitario que em balde procurara Fourier, S. Simão, Robert Owen e os outros socialistas.

— Onde vos leva esse preambulo?

perguntou o capitalista com hum tom de voz secco e metallico, como o findo de hum pilla de moedas de ouro que se lança em hum sacco.

— Tende paciencia por hum moment concluo... Mas a cousa he delicada, convem preparar...

— Parece-me ver que he hum projecto de seguros: Que he que quereis segurar, senhor?

— Pois que cumpre fallar claro, direi que se trata de segurar as moças contra aquillo que faz a desgraça de sua existencia: contra o celibato indefinidamente prolongado.

— Bofé que he engenhosa a idea. Rinnon o capitalista tornando a arranjar as abas do seu chambre.

— Bem vêdes que o desejo de ter hum marido fará com que todas as moças se segurem e que a empreza realisará em pouco tempo immensos lucros.

— Oh! he isso evidente; mas dize-me como estabelecereis o premio?

— Deve ser graduado na razão da belleza; da fortuna e dos talentos porque os riscos do celibato não são os mesmos para todas as nossas seguradas. Tambem não se segurarão todas até a mesma idade; algumas haverã que se segurarão até vinte annos outras até vinte e cinco, outras até trinta, algumas mesmo até trinta e cinco. Se, terminado o termo que se marcar, a segurada não tiver marido, pagar-se-lhe-ha a indemnidade que muitas vezes lhe servirá de dote proporcionando-lhe hum casamento.

— Muito bem: mas a companhia reserva para si o direito de obiar como entender, assim de poder a segurada casar hum marido antes de terminat o prazo marcado?

— Por certo que sim a companhia não pôde renunciar o privilegio de fazer felizes: terá os seus agentes, os seus correctores, os seus casamenteiros; por em execução todos os meios de seducção para casar as suas seguradas, e por isso rarisimas vezes terá de pagar as indemnidades. Eis o porque sustento que a especulacão he das melhores.

— Sim; offerece vantagens certas.

— Muitos lucros e nenhuma perda. He o ultimo termo do progresso em especulacão! Se se segura a morte, não se pôde evitar que o segurado morra: se se segura o incendio, não se pode impedir que as casas se queimem; se se segurar os riscos do mar, não se pôde fazer com que o navio chegue ao porto a salvamento... mas segurando o celibato, nada ha mais facil do que fazer casar as seguradas.

— A companhia deve ter sempre a mão hum colleccão de homens presbiterios, letrados, medicos, fonalistas industriosos que no seu jogo lhe servirão de piões para pôr certo ao coracão das seguradas.

— Oh! he essa huma condicção indispensavel para o successo da empreza; e eu me encarrego desse cuidado.

— Pois bem! eis-me ás vossas ordens; desejo que este negocio se faça entre nós dous: nada de bulha, nada de charlatanismo, nada de accões! Esse methodo he já sedicão ninguem se serve delle. Mysterio, meu amigo discripção e actividade.

— Nada recieis, tenho o mesmo interesse que vós tendes.

— Bem trazei-me quanto antes a escriptura da sociedade. Entrarei já com quinhentos mil francos, somma sufficiente para dar principio a empreza. Vós entrareis com a vossa

gência e os lucros serão divididos. Quando faço as cousas, he sempre com generosidade.

O moço sahia de casa do Sr. L. em extremo satisfeito da sua visita; entrou de hum salto no tabriolet e voltou a Paris. No dia seguinte levou ao capitalista a escritura da sociedade, redigida segundo as bazas concertadas. Depois de a ter lido e assignado, entregou-a o Sr. L. ao industrial, dizendo-lhe;

— Eis vos feito director da companhia do Hygieno; desejo vos as maiores venturas. Para provar-vos quanto me interesso no successo da nossa empreza, seguro minha filha; quero que seja ella a primeira que figure na lista das vossas seguradas. Enchei a apolice.

— Que idade, perguntou o director?

— Dezenove annos.

— Nome e sobrenomes?

— Euphemia L. . .

— Rosto?

— Assaz formoso.

— Talentos?

— Musica, desenho, dança, agricultura.

— Fortuna?

— Quinhentos mil francos de dote.

— Muito bem, senhor!

— Determinai vós mesmo o premio e a idade em que deve ser paga a indemnidade, disse o papà com alguma altivez.

— He mais que provavel que minha demoiselle Euphemia não nos obrigará a pagar a indemnidade.

O joven empreendedor saudou o seu novo associado e sahio. Atraves-

sando o jardim vio huuma moça de vestido branco, com hum regador na mão, no meio de alegretes de flores, sobre as quaes derrainava huma chuva fina que brilhava aos raios do sol. Os anneis de seus louros cabellos, levemente agitados pela brisa, deixavão ver hum collo mais branco do que os jasmim, que ella regava. O seu corpo esbeltò balanceava se tão flexivel como a haste das suas flôres, sendo ella a mais formosa de todas no meio desse alegrete, onde parecião rivalisar em graça e em belleza. Mal a vio, disse o industrial comsi-go mesmo: « Eis-ahi sem duvida a filha do Sr. L. . . , a minha primeira segura; oli! acabo de concluir o mais brilhante negocio; debutei admiravelmente. » E, dirigindo-se para o portão, lançava os olhos, de quando em quando, para a linda moça.

Passados quinze dias, deixou o Sr. L. . . a sua casa de campo, para ir habitar no seu palacio da *Chaussée d'Antin*. Foi para ceder ás instancias de sua filha, que elle se decidio a voltar para Paris. Causava-lhe admiração que sua filha, que tanto amava o campo e as flôres, se aborrecesse dellas tão de pressa, e suspirasse pela cidade, bem que o estio e os dias bellos estivessem ainda tão longe do seu termo. Dava tratos ao juizo para descobrir os motivos desta singular preferencia, e dizia algumas vezes consigo mesmo: Acaso Euphemia terá alguns amores em Paris, depois que a segurei contra o celibato? Quem será a pessoa que ama? como lhe inspiraria este amor? Ha aqui algum mysterio?

O Sr. L. . . . perdia-se em conjecturas. Mas como amava ternamente a sua filha, resolveu prevenir o mal que fazia tão rapidos progressos.

— Minha cara Euphemia, disse-lhe

elle ha algum tempo a esta parte tens-te tornado muito serio; em que he que pensas? terà algum sentimento novo penetrado em teu coração? falla-me sem temor; sabes quanto te amo. Sentes inclinação por alguém? Tens vontade de casar-te?... Se he pessoa que nos possa convir, sabes tu muito bem quanto estimarei unir-te a quem possa fazer a tua felicidade.

— Devo confessar-vos, meu pai, que amo... respondeu Euphemia com essa timidez e embaraço de que não póde livrar-se hum menina que faz semelhante confissão, mesmo a seu pai.

— E como se chama esse a quem amas? perguntou o Sr. L...

— He isso hum segredo que não posso descobrir. tornou Euphemia. Permetti pois que occulte o seu nome, até que elle mesmo...

Essa reserva excitou a curiosidade do Sr. L..., e como instava com sua filha para que lhe declarasse o nome de seu amante:

— Dai-me tres dias, respondeu-lhe Euphemia, que eu tudo vos direi.

No dia seguinte, o director da nova companhia de seguros veio visitar o seu socio.

— Ora bons dias, meu amigo, exclamou o Sr. L... mal o vio, nunca vos podia passar pela idéa.

— O que senhor?

— Que minha filha tem já o coração ferido.

— Talvez seja isso hum effeito do seguro.

— He hum effeito maravilhoso!.. Ha apenas hum mez que se fez o seguro!.. Sois na verdade muito feliz..

— O acaso, senhor, nos favorece.

— Se continuamos assim, a espe-

culação vai às nuvens! olhai... podem entra alguém.

Era Euphemia, que corou ao ver o joven director.

— He minha filha disse o Sr. L... ao moço. Que tal a achais?

— Formosissima!... Segurarei que não completará dezoito annos sem...

— Meu pai, disse Euphemia, olhando para ambos, prometti fazer-vos conhecer aquelle que amo; pois bem; ei-lo ahi.

— Será possível, exclamou o Sr. L... estupefacto.

— Segundo os nossos estatutos, respondeu gravemente o director deve procurar que não expire o prazo marcado...

— Tendes razão! Mas, Euphemia, diz-me: onde he que fizeste o conhecimento deste cavalheiro?

— Vi-o a primeira vez no campo, porém de passagem; depois veio todos os dias; ajudava-me a regar as minhas flores; passeavamos juntos no parque; fazia-me versos, desenhava no meu *album* emfim, como me pareceu que as suas visitas er a curtas, julguei que em Paris poderia vê-lo mais amido....

— Meu amigo director sois hum homem habil, exclamou o Sr. L.

— Eu vos protesto senhor, que não fiz mais que o meu dever.

— Nem eu me queixo de vós... Minha filha ama-vos, eu vo-la dou. Ja tendes em vosso poder os quinhentos mil francos de dote.

Especulação de ouro! disse o joven director pegando na mão de Euphemia! Ella nos tratá clientes, e ganharemos milhões.

## POESIA,

## HUM CASO DE CONSCIENCIA.

(Inedito de Nicoláo Tolentino)

## NOTE

Pergunta certa Senhora  
Sem presumir mal algum,  
Se hum só beijo á sexta-feira  
Fará perder o jejum.

## GLISA

Dialogo entre hum Padre Mestre e seu Discipulo

(A letra D indica as perguntas do segundo, a letra M as respostas do primeiro)

- 1.
- D.—Padre mestre apresentado,  
Pergunto e saber desejo  
Se perde o jejum hum beijo,  
Sendo á sexta-feira dado.
- M.—Eu no Larraga encontrado  
Não tenho o caso atégora;  
Porem alguma demora .
- D.—Não, não, não se cance munto,  
Que eu cá por mim não pergunto,  
Pergunta certa Senhora.
- 2.
- M.—Olho, se ella o beijo deu  
*Simpliciter* não peccou;  
Que a lei a ninguem tirou  
Poder dar o que for seu.  
Todavia, se fosse eu  
Beijo não dera nenhum;  
Porem, como deu só hum,  
Não tem o jejum quebrado;  
E muito mais sendo dado,  
Sem presumir mal algum.
- 3.
- D.—Porem o padre Melgaço,  
Que eu par cá seguido vejo,  
Nos diz que hum solido beijo  
Sustenta mais que hum abraço!
- M.—Eu tal distincção não faço,  
Nem distincção verdadeira  
Encontro que dá-lhe queira.  
Nem eu sei qual mais seria,  
Se hum abraço em qualquer dia,  
Se hum só beijo á sexta-feira.
4. ●
- D.—Nesse caso póde dar  
Qualquer secular ou freira  
Hum só beijo á sexta-feira,  
Sem nisso o jejum quebrar.
- M.—Pode, sim; mas sem formar  
Nesse instante gosto algum:  
Nem hido dar mais do que hum;  
Pois se deu mais ou fez gosto,  
Como o beijo he já composto  
Fará perder o jejum.

# CHARADA

N'hum conselho de seis membros  
Sou eu primeiro vogal,  
E por ser tal personagem  
Fallo sempre no plural.

Dirão que sou pouca cousa;  
Assim he; mas tal sou eu  
Que esta minha pouquidade  
D'Asia os destinos prendeu.

Tu que tentas decifrar-me  
Serás talvez o que indico,  
Mas se disseres quem sou  
Não és o que eu significo.

Com o numero antecedente terminou o 18.º mez da publicação do *Recreador Mineiro*, sem que alguns dos srs, assignantes tenham ainda pago cousa alguma, e muitos outros somente o 1.º semestre: a todos os que se achão em debito rogamos novamente a bondade de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas.

O — *Recreador Mineiro* — publica-se nos dias 1.º e 15 de todos os mezes. A redacção desta folha occupará hum volume de 16 paginas em 4.º, sendo alguns numeros acompanhados de nitidas estampas. O seu preço é de 6:000 rs. por anno, e 3:000 rs. por seis mezes nesta Cidade do Ouro-preto: e fóra della 7:000 reis annuaes, e 3:500rs por semestre, pagos adiantado, por isso que nesta quantia se inclue o porte do Correio. Cada numero avulso eustará 400 rs., e 1:200 rs. levando estampas: as quaes todavia não augmentarão o preço d'assignatura. Subscreve-se na Typographia imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, a quem as pessoas de fóra, que desejarem subscriver, podem dirigir-se por carta sobre semelhante objecto.

○. P. Typ. imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, rua da Giló n. 2

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 4.º

15 DE JULHO DE 1846.

N. 38

## MEMORIA SOBRE A COCHONILHA

(Continuação do numero antecedente)

### METHODO DE CONSERVAR OS OVOS, OU A SEMENTE DO BICHO

Os cultivadores do Mexico, paiz cujo povo se tem dedicado mais que nenhum outro á cultura deste insecto, costumão no fim da colheita cortar huma porção das articulações da Gerumbeba, ou Nopal, e pendurão nas em casa com os mesmos insectos para se nutrirem dellas durante a estação das chuvas fornecendo de vez em quando aos insectos folhas novas, a que elles se pegão á proporção que as antigas vão murchando; até que em fim depositão os ovos, que se colhem e se guardaõ em caixa forrada de algodão grosso, como já se disse, e conservaõ-se bem fechados para depois se operar com elles como acima se ensina, tratando os que houverem morrido como os outros que se tirãõ durante a colheita regular.

### OBSERVAÇÕES GERAES.

He incontestavel que a melhor Cochonilha he aquella que durante os dois últimos seculos foi exportada do Mexico para a Europa, o que se attribue principalmente á superioridade dos succos nutrientes do Cactus Cochonillifer, ou Opuntia Maxima isto he, o Nopal dos Mexicanos conhecido entre nós, bem que mui pouco, com a denominação de Gerumbeba Liza.

A exportação desta planta, assim como da semente della e da dos bichos, foi rigorosamente prohibida durante todo o tempo em que essa porção da America fazia parte das colonias hespanholas; mas apesar dessa prohibição, e vigilancia dos Governadores Hespanhoes, e seus subalternos, consta que os habitantes das Antilhas, ou Indias Occidentaes achãõ meios de se prover d'ambas essas sementes, e que hoje se propagaõ em Sao Vicente, e em outras ilhas daquelle archipelago com bastante vanta-

gem, como também em Java, ilha de grande extensão, e fertilidade no mar da India, situada entre 6 e 9<sup>o</sup> de latitude meridional. Até os Francezes começaram a cultivar este ramo de industria nas suas novas conquistas em Al-gôr; na costa septentrional da Barbaria onde se diz que prospera muito; e a companhia ingleza das Indias Orientaes procura estabelecer esta cultura nas suas vastas possessões do Indostão.

Em algumas partes do Brazil tem-se feito tentativas para se verificar a producção da Cochonilha; porem seja pela falta de cuidado, ou por não haver conhecimento sufficiente dos melhores, e mais apropriados methodos de cultivar a planta e de tratar o insecto, o certo é que a Cochonilha do Brazil nunca foi apreciada na Europa, e sempre se considerou de qualidade muito inferior. Não obstante a decidida preferencia que se deve dar a Geromboba Liza do Mexico para o sustento do bicho, as experiencias tem demonstrado que a Espinhosa tão abundante no Brazil he também por meio da cultura susceptivel de produzir boa Cochonilha.

Em quanto ao tempo proprio de fazer chocar os ovos deve elle depender de circumstancias locais, e do clima. As grandes chuvas muito incommodão, e até destroem o insecto, e que também lhe succede quando o tempo é muito frio. Julga-se porem mui possivel obter-se duas colleitas de bichos por anno em Minas, fazendo-se chocar os ovos logo que houver passado a grande força das aguas, a saber, em Março; e logo que diminuir o maior frio da secca, isto he em Julho, ou Agosto. Tão somente a experiencia he que poderá decidir este ponto.

O consumo da Cochonilha na Europa pelos tintureiros, nas fabricas, e na confecção do carmim é mui consideravel. Só na Inglaterra consome-se annualmente 150 a 200 mil libras de peso deste genero correspondendo em valor perto de tres mil contos de reis.

Do que temos referido, e considerando-se com attenção sobre a grande facilidade com que se pode cultivar tanto a planta como o bicho sem emprego de cabadaes, é de esperar que os leitores desta pequena Memoria se apressarão a utilisar-se della creando plantações de Gerombobas que até em algumas localidades poderão substituir outras especies de cercas e servir de dupla utilidade a fim de accrescentar mais hum proveitoso ramo de industria á q uelles que entre nós já existem, e cooperar assim para a prosperidade e engrandecimento dos recursos da Provincia de Minas.

P O L I T I C O

○ PROPHETA DE S. PAULO.

Em huma tarde do mez de Junho de 1511, huma rapariga, coberta com hum véo e embeçada em longo manto, se introduzia mysteriosamente n'hum passadço obscuro de huma pequena rua de Londres, que ia dar ao portico da igreja de S. Paulo. Era de elevada estatura; e, pelas graciosas dobras que formava o seu comprido vestido, podia-se ajuizar que seu talhe era esbelto e elegante. Seus passos tinham a elasticidade da primeira juventude se bem que ella parecia assentar com receio seus delicados pés sobre a esca-brosa e desigual calçada da rua: Parou diante de huma porta baixa, na extremidade do passadço, e acenou a hum joven pagem negro que parecia espiar se alguem podia vê-la entrar. O pagem se adiantou precipitadamente para ella e lhe indicou com o gesto que ella nada tinha que recear. Então a rapariga se affitou a batter á porta ante a qual se achava: era a de hum astrologo a quem suas prophecias haviam grangeado grande nomeada, posto que o lugar de sua residencia fosse geralmente desconhecido.

O acolhimento que as pessoas d'este character haviam recebido em França, poucos annos antes d'esta epocha, na corte de Luis XII, era antes o effeito dos temores supersticiosos d'esta monarchia, astuto do que da opinião publica. Em geral, os reis e os grandes, apczar de sua propensão a consultar estes despensadores do futuro, se abstinhão d'isso como de huma fraqueza; e, se os recompensavão com liberalidade, era tanto para se tornarem seguros de seu silencio, como para renunciarein suas suppostas revelações.

Aquelle de que fallamos punha o maior levelo em rodear-se de mysterio. Mudava frequentemente de habitação, desapparecia algumas vezes, tornava depois a apparecer, como se chegasse de hum mundo incognito. Até o seu verdadeiro nome era hum segredo, assim como o lugar de seu nascimento. O propheta de São Paulo era o titulo que de ordinario lhe davão a elle; que, tendo tido a ventura de descobrir a sua morada, a ensinavão occultamente a seus amigos que desejavão disso aproveitar-se.

Elle foi achiado n'este momento, pela rapariga de véo, sentado no seu laboratorio, cuja mobilia fazia patente até nas menores particularidades, a sciencia que elle professava. Velhos livros, globos celestes, espelhos magicos, preparações chymicas e os instrumentos os mais singulares, estavam arrumados em numerosas prateleiras que guarneceo as paredes. Quanto a elle, estava embeçada n'hum longo chambre, e a fraca claridade que penetrava por huma janellinha elevada deixava apenas distinguir-lhe o rosto, que além d'isso estava meio escondido por huma enorme barba branca e por hum comprido barrete pontudo sapintado de signos cabalisticos. Quando a rapariga se lhe approximou, elle deixou escapar hum grito de impaciencia, como hum homem que alguem vem interromper no meio de suas meditações.

— Quem sois vós? que tendes que temer ou que desejar do meu? lhe disse elle, sem se quer voltar a cabeça.

Ella pareceu hesitar hum momento, e respondeu depois:

— Sou a filha de hum desterrado que receio ser tambem desterrada.

Esta resposta pareceu surprehender o astrologo: virou-se levemente, lançou sobre ella hum olhar escrutador con-

tra o qual seu véo a garantia apenas; depois leu de corrida hum livro que tinha aberto diante de si, e, tomando a miralga de novo, disse em voz baixa e com ar de desprezo:

— Que loucura querer envolver a verdade no manto da ficção! e que loucura ainda maior pretender illudir aquelle de quem se vem inquirir a verdade!. O desterro de teu pai o levou ao throno; sua miseria fez sua grandeza, Maria de Inglaterra, eu te conheço

Apenas fôrão proferidas estas palavras, a rapariga ergueu o seu véo, e a princeza Maria se patenteou aos olhos do propheta em todo o esplendor e attractivos d'esta belleza sem par, que pouco depois causou a admiração da mais brilhante côrte da Europa.

— Bem, meu pai, lhe disse ella. Não posso mais contestar a vossa sciencia do presente. Vejamos agora o provir. Far-se-ha este casamento? .

— Para responder a esta pergunta replicou o astrologo, não necessito, como pensa o commun dos homens, conhecer o dia e hora do teu nascimento; esse momento e os que depois tem decorrido, todo o mundo os conhece. O teu destino tem desde muito tempo exercido a nossa sciencia. Dá-me eá a tua mão, quero examinar se a chiromancia confirma as investigações que já tenho feito

A princeza lhe entregou a mão encostando negligentemente o cotovello sobre o hombro do pequeno pagem, enquanto o propheta a examinava silencioso.

— Estas linhas annuncião hum coraçào puro e ouvidos castos. Lhe disse elle; e por ventura succedeu assim na noite da vespera de S. João, quando, no terrado do paço, á pallida claridade da lua, tres palavras fôrão pronunciadadas, a que teus labios responderão?

O astrologo ainda não tinha acaba-

do, e já as rubras rosas do sangue dos Lancastres, espargindo-se pelo rosto da princeza, lhe haviam alcatifado o niveo collo o a fronte de marfim

Seu primeiro cuidado foi certificar-se se alguém tinha podido ouvir estas palavras, que mal interpretadas podião parecer huma imputação injuriosa; até pareceu n'essa occasião arregear-se de seu proprio pagem, esquecendo que elle era surdo e mudo, e que n'esse momento estava absorto na contemplação de hum crocodilo suspenso ao tecto na outra extremidade do appento. O astrologo de seu lado, pareceu pezaroso de que houvessem suas palavras produzido tão dolorosa impressão. Acrescentou com doçura:

— O passado me he tão bem conhecido como o presente. Quanto ao provir, as linhas contradictorias d'esta mão, confirmão plenamente as opposições singulares que apresenta o teu horoscopo, e que tenho aqui consignadas n'este livro do destino

Elle leu então estes versos, que, como poeta ao menos, não davão indícios de hum grande feiticeiro:

Teme, teme o futuro, e todavia  
N'elle colloca tuas esperanças  
Rainha tu serás, porém sem throno,  
E, bem que sejas mãe, ficarás virgem.  
Colerica verás, mas sem orgulho,  
Arrojar-se-te aos pes amavel principe.  
Recebes hum consorte já sem vida;  
Tambem não doira amor momentos teus  
Mais venturosa emfim, talvez hum dia  
Seja a mão d'hum vassallo unida a tua.

A princeza não teve remedio senão contentar-se com este oraculo obscuro, como o são todos os oraculos; e, depois de recompensar generosamente o astrologo, retirou-se, mais agastada de ver que, por meios que lhe não era possivel explicar, elle conhecia a sua vida passada, do que satisfeita das instruções que lhe dava sobre seu vindouro,

O casamento que ella temia, e a cerca do qual viera consultar o astrologo, era o d'ella mesma, que seu irmão Henrique VIII tinha quasi concluido com Luiz XII, rei de França. O pedido tinha sido feito pelo duque de Longueville, embaixador em Inglaterra; e foi durante a primeira entrevista que lhe causara esta noticia que tivera lugar entre ella e Carlos de Brandon, duque de Suffolk, a entrevista a que o astrologo fizera allusão. Este joven fidalgo, de agradavel figura e o mais perfeito cavalleiro da corte alligada, montava desde longo tempo huma paixão romanesca pela princeza Maria, que a compartilhava sem ousar confessar-lhe. A dôr que lhes causou o receio de huma separação eterna tinha revelado o segredo de seu amor: muitos juramentos de constancia haviam sido rapidamente prestados e respeitosa mente sellados pelo labio de Suffolk, assim como o declarara o astrologo. O futuro se lhe antolhou risonho e bello: destumbrado por huma felicidade que não ousara conceber, removeu de si todo e qualquer pensamento que podesse destruil-a, entregando-se totalmente ao orgulho de ter alcançado o amor de huma princeza rodeada de tantas homenagens e com a perspectiva de hum throno. Ah! este delirio foi de outra duração. No dia seguinte, elle ouviu o rei annunciar o pedido do monarcha de França e a aceitação da princeza.

Henrique tinha, segundo o seu costume, considerado este consentimento que nem se quer havia requerido, como huma cousa certa e que não admittia a menor objecção, por isso mesmo que elle não queria tolerar que ellas fizessem. Quanto a Suffolk negou-se a acreditar em huma obediência tão prompta; mas não deixou de ficar vivamente consternado e aguardou com impaciencia huma occasião de se expli-

car com Maria.

Ha huma particularidade assez singular n'este negocio, e he que, quando principiou a intimidade de Maria com Suffolk Henrique mesmo tinha favorecido os seus affectos; agora, porém, com aquella indiferença da felicidade alheia que mais tarde degenerou em crueldade, não teria tido o menor escrúpulo em arrancar estes germens de amor que elle mesmo havia semeado, mandando cortar a cabeça de hum como traidor, e privando a outra da liberdade. Elle não via senão a sua união com a França pelo consorcio de sua irmã, e a pobre Maria conhecia muito bem o character de seu irmão, para não temer que a mais leve opposição da sua parte não acarretasse immediatamente a perda do seu amante. Por isso, persuadida que seus menores passos erão observados, evitou cuidadosa qualquer explicação com elle. Suffolk, impaciente e devorado de inquietação, não comprehendia este proceder. Accusava Maria de ter abusado da superioridade de seu nascimento para zombar de suas loucas esperanças. Assim, de seu lado, posto vigiasse a princeza com o interesse de hum amante zeloso; affectou ostensivamente afastar-se do paço, e deixou por este modo perderem-se as occasões de fallar-lhe que lhe teria podido proporcionar o acaso.

Quanto à visita ao astrologo, de quem a princeza havia esperado alguma consolação, não produziu outro effeito sobre ella se não o de convencê-la que lhe era mister ceder a seu destino.

Por espaço de algumas semanas, Suffolk a evitara com cautela; mas o rei, por hum novo capricho, ou talvez para mostrar que não admittia a menor resistencia ás suas vontades, havia determinado que o duque seria encarregado de conduzir em pessoa a prin-

era a seu esposo.

Foi no fim de outubro que Maria, depois de se ter despedido do rei e da corte, chegou à praia de Douvres; achou-se, pela primeira vez depois de dois mezes, ao lado de Suffolk, cujo dever, em sua qualidade de primeiro gentilhommein, era velar ao seu embarque. Depois de hum momento de hesitação, como se houvesse sido preciso revesti-se de animo para lhe dirigir a palavra, ella lhe disse com apparente tranquillidade:

— Mylord, ha pensamentos que devemos deixar n'estas margens; porém desejo hum ultima explicação em Inglaterra. Não he sem fundamento que vos faço esta pergunta: Fallastes alguma vez a alguém (aqui sua voz se enfraqueceu) da nossa entrevista da vespera de São João?

— Pela honra de hum cavalleiro e de hum gentilhommein, lhe respondo Suffolk com tom solemne, nunca!... e acrescentou com paixão: Não, como quanto fossem as feridas de meu peito cruelmente sondadas por esta mão que rida, que n'este momento, ao menos, applicou sobre ellas hum balsamo salutarifero, nunca eu quizera expô-las aos olhos de hum estranho!

Maria ficou visivelmente commovida do assento com que foram proferidas estas palavras; mostrou-se igualmente contentissima d'esta certeza, se bem que tinha o duque em muita estima para julgaro capaz de ter, por vaidade, comprometido sua honra, e não obstante ter ella sempre attribuido a arte mysteriosa do astrologo o seu conhecimento do passado. Os pensamentos de alguma maneira justificado pelas apparencias, de haver ella estimulado as esperanças do duque com o unico intuito de frustral-as a affligia vivamente; não ousou, porém, aventurar humma explicação mais longa,

que llo vedavão a prudencia e a nova situação em que se achava. O embarço que lhe imputava este constrangimento foi felizmente dissipado pelo annuncio de que tudo estava prompto para a partida, e a futura rainha de França foi silenciosamente conduzida pelo duque para bordo do navio que devia transportal-a para fóra da sua patria.

Poucos instantes depois, enquanto as praias de Inglaterra hão mergulhadas e desaparecendo ao longe a princeza, sentada na pôpa dourada do navio, fazia penosas reflexões sobre o seu destino.

• Por seculos, dizia ella consigo, que estas vagas rolem entre estas duas margens, os homens as hão de atravessar guiados pela gloria ou pelo prazer; mas tambem por seculos hão-de as pobres filhas de reis estremeecer ao aspecto d'este sorvedouro onde são sepultadas suas mais claras esperanças, enquanto que deixão para sempre sua querida patria, para se hirem entregar a hum senhor desconhecido. Esse nascimento illustre que ensoberbece o homem he praguejado pela mulher. Que temos nós que fazer com a ambição? A ambição he o apanagio do outro sexo; mescla-se aos divertimentos de sua mocidade, acompanha-o na velhice. Os distinctivos do poder são ao mesmo tempo os brincos da infancia e da virilidade. Hum cordão de ferro requer fronte varonil; o imperio da mulher, sua vida inteira, he o amor; e o mundo não tem escravo mais miseravel do que humma princeza, cujas affeições são agrilhoadas. Enquanto que partilhamos todos os pensares communs ao nosso sexo, que vãos ornamentos, que baixas honras podem compensar a perda d'esses preciosos momentos que nunca devemos saborear, o primeiro desejo de aprazer, esse encanto delicioso de hum interesse com-

partido, e esses mil laços de sympathia que unem dous corações livres e iguaes! Em vez de tudo isto, não se attende nem às nossas pessoas nem aos nossos affectos! Provincias disputadas são nosso dote, nossos penhores de amor são odios que devemos pagar, e, como escravas que só devem obedecer, lanção-nos sem remorso em braços estranhos! . . .

Quando enfim, voltando os olhos para a Inglaterra, já não avistou mais as brancas rochas de suas costas, deitou hum olhar triste sobre Suffolk, que permanecêra em pé diante d'ella pallido e silencioso.

— Eis, murmurou ella, o que remata a minha miseria. Em que condição da vida se lhe houvera imposto o dever, de assistir ao sacrificio d'aquella a quem ama! . . .

Este doloroso pensamento a restituiu à sua situação. Sento a necessidade de se comeder e de dominar suas emoções triste segredo que tão penosamente ensina a severa etiqueta das côrtes!

Ao desembarcar em Calais terra de França, posto que sujeita então à Inglaterra, foi recebida pelo duque de Vendôme, que fora designado para conduzi-la a Abbeville. A algumas leguas de distancia, devia ella encontrar disfarçado o rei Luiz XII, cujas enfermidades lhe não facultavão supportar as fadigas de huma recepção apparatusa.

Como a princeza não tinha manifestado a menor aversão por elle, apesar de serem bem conhecidos sua idade e seu estado valedunario, não pareceu experimentar nenhuma impressão desagradavel n'esta primeira entrevista. O duque de Longueville, primeiro modianoiro d'esta união, estava ufano de ver completamente justificado pelos murmurios de admiração de toda

a côrte o elogio que fizera da joven princeza. Satisfeito igualmente da favoravel impressão que no rei produzira a graça com que ella o recebêra, aproveitou a primeira occasião para expressar a esperanza que tinha de que Sua Magestade não pensava que o seu fiel servidor havia exagerado os attractivos da princeza.

— Prouvera a Deus que assim fosse, respondeu o bom velho rei. Não he huma enfermeira d'esta estofa que se devia dar a hum ancião. Se ella se tivesse hum pouco mais parecido com a companheira inadequada da minha mocidade, a patientissima Joanna, teria perdido, em attenção às honras de realceza, a preferir o quarto de hum doente à solidão de hum claustro. Mas devia eu sob o eruel pretexto das conveniencias politicas, vir forçadamente a hum consorcio que ella deve detestiar. Eu que não hesitei em romper hum laço odioso, e que espero que Deus me ha-de perdoar! Devia, no termo da minha vida, quando todas as minhas affeições estão sepultadas no tumulo da minha adorada Anna, condemnar a frios abraços huma tão bella creatura, e deixar sua innocencia exposta a todas as tentações de huma côrte cheia de gauteio, à ciosa inimisade da duqueza de Angoulême, ou, o que ainda he peor, à admiração de seu estouvado filho? O céo sahe que o amor de meu paiz pôde só decidir-me a este sacrificio. He eruel que seja à custa do laço o mais sagrado que eu deva obter o titulo de pai do povo!

No dia seguinte, a princeza foi publicamente recebida às portas de Abbeville pelo primor da côrte de França. A sua frente appareceu Francisco I<sup>o</sup>, então duque de Valois, o mais bello, o mais brilhante, bem como o mais querido das damas, entre todos os jovens fidalgos d'esse tempo. Nina

quem houvera suspeitado, ao ver seu humor jovial e seu d'leixo, que elle hia ao encontro de huma futura rainha que podia vir a roubar-lhe seus direitos à corôa; menos ainda se teria pensado, ouvindo-se as expressões apaixonadas com que elle lhe exaltava a belleza, mesmo em sua presença, que elle fallava de huma pessoa para com quem devêra mais dô que qualquer outro, conter-se nos limites de hum frio respeito.

Maria, segundo as chronicas d'esse tempo, estava trajada com grande magnificencia e montava hum palafrem coberto de rica mantia resplandecente de ouro e de pedras preciosas. Não havia mister de todo este brilho para que os olhos praticos do joveu Francisco notassem o quanto ella excedia em belleza ás trinta e seis damas da sua comitiva, entre as quaes se achava a desditosa Anna Boleyn, bem como as outras damas da côrte de França, que o principe tivera o cuidado de escolher entre as mais lindas. Aquelles dos cortezãos que julgavão poder tomar a liberdade de lhe fazer advertencias não deixarão de apontar-lhe os raios de huma admiração tão imprudentemente exprimida; era-lhe porém mui difficil conceber huma idéa precisa do que d'elle exigião o decro e a sua posição para com o rei seu tio. Por mais réprehensíveis que fossem suas esperanças, as circumstancias peculiares do tempo em que elle vivia podem explical-as, e talvez mesmo fazê-las desculpaveis.

Geralmente se attribue a Francisco 1.º a revengão, operada em os nossos costumes, que permite que as mulheres se misturem nos divertimentos da sociedade; entretanto, este movimento já tinha tido começo no reinado precedente, e até mesmo no reinado de Carlos XI. Com effeito, elle devia emanar naturalmente da gradual extincção do systema feudal, que levava a nobreza a preferir os prazeres da côrte

à vida monotona de seus castellos desmantelados; mas esta liberdade social, à qual devemos hoje as doçuras da vida domestica, estava, assim como a liberdade politica, sujeita na sua origem a mais de hum abuso: devia, como esta ultima, degenerar muitas vezes em licença. As mulheres, sem previa comparação, se tinham tornado os *companheiros* dos homens; achavão-se assim subitamente lançadas no meio de huma multidão incerta de dissolucão e de galanteio. A mais innocente, a quem fallavão os exemplos, podia crer que não vinha ali se não para participar dos prazeres de que a rodeavão: e podia haver maior prazer para ella do que o de attrahir as homenagenes do joven principe que todas as suas companheiras disputavão entre si? Este, por seu turno, devia ter pouca fé na virtude das mulheres, cuja fragilidade havia tantas vezes experimentado. Sua mai, a duqueza de Angouleme, que governava as vontades de seu filho affagandô suas fraquezas, lhe havia tambem ensinado a não olhar a casa materna como hum asylo para a innocencia. Aquelle que era incitado a escolher suas amantes entre as damas de honor de sua mã, quasi que não devia conceber que existisse hum titulo ao qual devesse mais respeito. O procedimento do mesmo Luiz XII, que, depois de se ter divorciado com Joanna, filha de Luiz XI, desposara a viuva de seu predecessor, podia fazer pensar que o throno e o thalamo regio erão igualmente transmissiveis.

Em summa, bastaria talvez, para explicar a paixão de Francisco, lembrar a sociedade que n'elle tinham produzido tantos triumphos facéis. Elle devia appetecer encontrar enfim obstaculos que vencer. De certo, não podia fazer melhor escolha do que dirigindo se a huma joven princeza que, contra as suas tentativas, estava igual-

mente amparada por seus princípios, por sua posição e pelo estado de seu coração.

Logo no primeiro dia de sua entrevista, elle tinha procurado todas as occasiões, quer em publico, quer em particular de lhe dar testemunhos de seu amor; e eraõ tanto mais vivas as suas diligencias, quanto o estado do rei fazia desconfiar se sua vida se prolongaria bastante para que a joven rainha fôsse coroada em St. Denis.

Em hum dos ultimos dias de sua viagem para Pariz, a corte se tinha demorado n'hum castello admiravelmente situado no meio do valle de Montmorency. Maria, a quem tantas razões impelliao a buscar a solidão, passava só, á tardinha, em hum terrado, para gosar de seus pensamentos e de huma d'essas deliciosas noites de outono que muitas vezes, nos climas do norte, compensão os dias perdidos da primavera. Era a época da vindima. A lua cheia de outubro aluminaava hum grupo de alegres camponezes que regressaão de seus trabalhos, cantando velhas modinhas. Em quanto Maria escutava o estribilho de huma ária cujos derradeiros sons se perdiaõ na distancia, huma voz melancólica e sonora o repetio junto d'ella, e ella avistou o duque de Valcis, que saltando ligeiramente por cima do parapetto do terrado, se achou cara a cara com ella. Seus trajos erãõ os de hum joven camponez, e as graças de seu semblante erãõ ainda realçadas pela simplicidade d'esta vestimenta, que contrastava com o lúsimento e riqueza dos adornos com que de ordinario se comprazia em paramentar-se.

— Senhora, lhe disse sorrindo-se o duque de Valcis, os vindimadores depois deoalços cantão no outono, a especie aligeira da primavera, quando

goza a liberdade; nós, porém, pobres avos reaes, olausuradas em gaiolas separadas, todo o anno he hum inverno que nos tollie o gozearmos nossas canções de amor.

— Desculpai-me, lhe respondeu Maria, com ar de simplicidade meio natural, meio affectado; ha muy pouco tempo, estaveis cantando bem, sem que ninguem vos o embaraçasse.

Francisco deteve-se hum momento; depois aproximando-se d'ella, acrescentou com tom mais serio:

— Escutai-me, Maria, pois vos não chamarei rainha, ao menos hoje: pôde ser que ainda me não comprehendais; mas cumpre que me explique. Desde o dia em que a vossa presença veio fascinar meus olhos, deixei de ser o mesmo. Tenho inveja da vossa illa natal que por tanto tempo epochou em seus estreitos limites tão brilhante visãõ. Estais no paiz do amor e da liberdade, onde se não denega ao sangue regão aquillo que se concede ao mais simples camponez, a faculdade de fazer huma escolha; a è mesmo le este hum privilegio que temos de corrigir a esse respeito os erros da sorte. A vida de meu proprio tio está prestes a extinguirse; sois viuva mesmo antes de caada. Vai-se aproximando o dia em que Cláudia não ha de ser para mim mais do que Joanna foi para Luiz, se Maria de Inglaterra se dignar ser para mim o que Anna de Bretanha foi para elle. Não vos fallare da minha possessão; porém, se vossos ouvidos não estiverãõ cerrados às aclamações de todas as cidades por onde passãmos, devieis vêr que nos julgavaõ feitos hum para o outro, e que a união da Inglaterra com a Franga se ia verdadeiramente formada por nós, e não por negocias com hum moribundo. Esta uni-

niaõ seria taõ feliz quanto sois bella, taõ duradoura como o meu amor.

Dizendo estas palavras Francisco tomou huma das maõs da joven rainha, imprimiu-lhe os labios, e, passando-lhe o outro braço em roda da cintura, se dispunha a lhe provar á sua maneira a sinceridade de suas palavras; porê m Maria, desvenecillando-se vivamente, lhe respondeu com colera.

— Se vos escutei tanto tempo, fõs somente a surpresa que me tornou muda. Nada tenho que dizer-vos quanto ao que me toea; mas lembrai-vos do rei, vosso senhor e amo, vosso benleitor, vosso pai: quereis pagar huma longa vida de ternura com a deshonra de sua mulher e com a desgraça de sua filha?

Este appello á generosidade e á gratidão de Francisco era o que maior impressãõ podia fazer sobre elle. A deshonra da mulher era hum argumento que sua educaçaõ lhe naõ permittia quasi de apreciar; mas o desamparo, a desgraça de Claudia, esta filha querida do seu melhor amigo, que o havia creado como seu successor antes sobre a fé de que com a condiçaõ de seu casamento com ella, era hum pensamento que o feriu no coração.

Maria continuou:

— Quanto a mim, tudo quanto posso consentir em dizer-vos he que, se eu fõra taõ feliz que gosasse d'essa faculdade de fazer huma escolha, de que ainda ha pouco fallaveis o duque de Valois, delfim de França, naõ havia de ser meu esposo.

Ella pronunciou estas palavras com hum tom que fez o principe ficar immovel de surpresa. Reflectindo porê m que nunca mulher lhe havia fallado d'este modo, elle se capacitou que Maria lhe naõ dizia todo o seu pensamento, e exclamou, lançando-se-lhe aos pés:

— De que serve huma inutil cruel-

dade! Revogai esta sentença e eu me retiro.

— Levantai-vos, senhor, lhe respondeu Maria, açando a voz; eu volto a ordeno, ou o rei será sabedor d'esta insolencia, e a castigará.

N'esse momento appareceu o duque de Suffolk, fõsse que o som da voz de Maria o houvesse atrahido ao sitio d'esta scena, ou que sò viesse concluzido pelo aeaso.

— Que vergonha! exclamou elle, com altivez dirigindo se a Francisco. Se olvidaes o que deveis a Sua Magestade, ao vosso soberano, a vos mesmo, naõ vos admireis que da minha parte eu falte ao respeito que creio vos naõ dever mais.

— Muito bem, disse este friamente, levantando-se. Acabais de vêr hum filho de França de joelhos, mas he ante a *mai do povo*. Elle conhece os seus deveres e naõ precisa que hum pedagogo de Inglaterra lh'os venha ensinar. Graças ao céu e a St. Denis estaõ passados esses dias.

Voltando-se depois para a rainha; accrescentou em tom mais baixo

— Assim, senhora, posso considerar a severidade com que acabais de me fallar como huma prova de que já estaveis provida. Naõ confiastes em vossa patria adoptiva para n'ella encontrardes distracçaõ contra a tristeza do quarto de hum doente. Isso he optimo: guardai o meu segredo, e eu guardarei o vosso.

Depois, antes que a rainha tivesse achado huma resposta, o que era bastante embaraçoso em presença de Suffolk, ella disse a este:

— Quanto a vós, mylord, o dia do torneio está a chegar. Se quereis juntar alguma cousa ao vosso medicamento moral, dou vos de conselho que,

para m'o fazerdes tragar, vos sirvais do ferro de huma lança.

No momento em que elle abandonou o terrado, varios cortezaõs francezes e inglezes vieraõ reunir-se á rainha, de maneira que ella não teve occasiõ, ainda quando o houvesse desejado, de se explicar com Suffolk á cerca da scena de que sõra testemunha. Quando se achou sozinha e pôde meditar em liberdade no que acabava de se passar notou que Frisneiseo á chamára *mãe do povo*. Assim se achavaõ justificadas as insolitas palavras do astrologo :

Rainha tu serás, porém sem throno ;  
E, bem que sejas mãe, ficarás virgem :  
Colerica verás, mas sem orgulho,  
Arrojar-se-te aos pés amavel principe.

( Continuar se ha )

*Carta de B. Franklin a John Al-  
leyne, esq. sobre os casamentos  
prematuros.*

**M**EU CARO. — Desejas que vos diga francamente a minha opiniaõ ácerca dos *casamentos prematuros* respondendo ao mesmo tempo ás innumeraveis censuras que se tem feito ao vosso. Lembrar vos-hei que na época em que me consultastes sobre esta materia deixei vos entrever que não considero a idade juvenil do homem e da mulher como impedimento de matrimonio ; pelo contrario, a ter agora de julgar segundo diferentes casamentos que ao depois pude observar hoje estou inclinado a crer que a demasiada juventude offerecerá sempre aos esposos fances mais pozitivos de felicidade : os homens ainda moços

tem em geral um caracter mais flexivel, são menos afferrados a seus habitos do que as pessoas avançadas em idade : acostumaõ-se mais facilmente hum com outro : d'ahi resultão menos reiteradas queixas occasiões mais raras de desgostos. Os moços que se casão de certo não tem toda essa prudencia exigida para o regimen melindroso de huma familia ; mas nem por isso lhes faltarão parentes ou amigos de idade madura sempre dispostos a coadjuvalos com seus conselhos, e sempre promptos a suprir a sua falta d'experencia. O casamento prematuro bem cedo habitua os moços a huma vida fructuosa e regular ; e é até mesmo possivel que casando-se nessa idade se possa felizmente prevenir alguns desses desagradaveis accidentes, evitar muitas relações nocivas á saude e á reputação não só de hum como de ambos. Ha pessoas que se achão em circumstancias taes que as obrigaõ a differir para mais tarde o seu casamento ; porém em geral desde que a natureza nos tornou physicamente aptos para o matrimonio, com razão devemos presumir que ella se não enganou inspirando-nos esse desejo. Entre outros inconvenientes que apresentaõ os casamentos tardios notarei com especialidade a pouca probabilidade que elles offerecem aos pais de viver tanto quanto for necessario para velar na educaçao de seus filhos : — *Os filhos, que nascem tarde cedo ficão orphãos*, diz hum proverbio Hespanhol ; triste objecto de reflexões para as pessoas que podem achar-se nesta circumstancia. Nós, os Americanos, de ordinario nos

casamos na madrugada da vida : nossos filhos , quando nos achamos em metade da nossa carreira , estão já educados , e entrados nos trabalhos da vida ; quando chega o momento de retirar nos dos negocios deste mundo . achamo-nos ainda em circumstancias de gozar da mais encantadora sêsta e finalmente de hum bella noite que nos offerece delicioso descanso . Casando-nos anui moços , disfructamos o prazer de contar hum familia mais numerosa e como entre nós , os Americanos , é costume , conforme os designios da natureza , que a mai alcite e alimerte todos os seus filhos , temos tambem a satisfação de poder educar muitos ao mesmo tempo . e por isso os progressos da população são infinitamente mais rapidos nas nossas regiões Americanas do que na Europa . Em summa , estou mui satisfeito de que estejais casados , e por isso vos faço os mais sinceros e respeitosos complimentos . Tende-vos collocado em hum posição que vos apresenta como cidadão util rejeitasteis esse estado de eterno celibato tão contrario á natureza ; que por não rejeita-lo grande numero de pessoas que não se tinhão a principio condemnado ao estado de perpetuo isolamento por haverem tardado muito a tomar hum resolução definitiva , acabárão por passar toda a sua vida na condição que faz o homem perder parte da sua dignidade . *Um volume truncado não tem o mesmo valor que quando elle faz parte de hum collecção completa :— Que caso farieis vós de hum só*

*perna de teçoura ? Para que servirã ella ? Apenas para hum mão raspador .*

Peço-vos que apresenteis os meus cumprimentos á vossa joven esposa , e que contribuais para que ella acolha benignamente os votos que faço pela sua felicidade . Já estou velho . não posso andar , arrasto-me com difficuldade ; se isto não fôra , eu mesmo iria pessoalmente desempenhar tão agradável commissão . Usarei com tudo e com muita moderação do privilegio que os velhos têm de prodigalisarem conselhos aos seus amigos ainda mais moços . *Tratai sempre com respeito a vossa mulher . e vós sereis por ella respeitado e por todos os que vos cercão . Nunca useis a seu respeito de expressão alguma desdenhosa nem mesmo gracejando ; porque gracejos de semelhante natureza , por pouco que se repitão , degenerão facilmente em mui serias altercações . — Sêde estudioso , applicando-vos cuidadosamente a adquirir os conhecimentos da vossa profissão e sereis nella instruido . — Sêde laborioso e economico , e vireis a ser rico . — Sêde sobrio e moderado , e gosareis boa saude . — Finalmente sêde virtuoso , e sereis feliz , ou pelo menos tereis feito tudo o que cumpria fazer para vir a se-lo . Rogo a Deos que vos abençoe a ambos .* Vosso affeiçãoado *B. Franklin.*



POESIA

ALLEGORIA ANACREONTICA

O arbusto de Amor.

1  
Da vida dos homens  
No tempo verdor  
Arbusta espontanea  
Pezinho de amor.

2  
Convida a desvelas  
O mimo da pluta,  
Com pouca cultura  
Engrossa e levanta.

3  
Por entre folhagens  
D'um aureo esplendor,  
Offrece primicias  
A' mão do cultor.

4  
Depois de crescido,  
Arbusto completo;  
Que grande, agradável,  
Precioso objecto!...

5  
Do succo abundante  
Borbulhão botões;  
Polução com elles  
Mil ternas paixões;

6  
Em torno revão  
Promessas, desejos;  
Engazés feitiços,  
Carinhos, e beijos:

7  
Mentindo duraveis,  
Brilhantes festões;  
Que sonhos ditosos!...  
Que ricas visões!...

8  
Abertas as flores,  
Delicias diffundem:  
A Terra com o Eliseo  
Nas graças confundem:

9  
De gosto saltando;  
Tremendo de susto;  
Dulcina, assim vemos  
De Amor o arbusto:

10  
Que lindas não são  
As Flores de amor;  
Mas.. ah! que seus fructos  
São megoa, são dor,

(Por Dias Jorge.)

*Suspensão das faculdades vitales.*

O professor *Van Grusselback* de *Stockolmo*, maravilhado por diversos phenomenos de longevidade animal e sobretudo pelo descobrimento de hum sapo vivo que foi achado dentro de hum a pedra calçarea, cuja formação, conforme os calculos dos geologos, de se datar de muitos seculos emprehen- de hum a longa serie de estudos e experiencias à cerca da suspensão da vida

Depois de vinte e nove annos de indagações perseverantes e de experiencias repetidas sobre milhares de animaes começando pelos reptis e pelos peixes, etc ; este sabio phisico tentou hum ensaio sobre o ente humano. O processo empregado parece não constar se não de hum abaixamento gradual de temperatura até o ponto de produzir, pelo frio, hum torpor completo sem lesar os orgãos, nem alterar os tecidos. Reduzidos a este estado, diz o famoso phisico, os animaes se poderão conservar centenas e mesmo milhares de annos, podendo depois deste somno secular, acordar de novo á vida pela applicação gradual do calor e os individuos reviverem como estavam na occasião da experiencia.

Entre outras curiosidades que possui o professor *Van Grusselback*, se acha hum a cobrinha que, estando rigida e gelada como hum pedaço de marmore, torna á vida em poucos minutos por meio de hum a aspersão estimulante, como se nada lhe tivesse acontecido. O phisico diz ter tido este animal seis annos gelado antes de sua resurreição.

Porém de todos os objectos que conforme se diz, possui no seu laboratorio o famoso phisico, hum ha que excita no mais alto gráo a attenção o mancebo: he hum a moça que parece ter de idade menos de vinte an-

nos, que tendo sido condemnada á morte por crime de infanticidio, foi pelo governo entregue ao professor para servir á primeira tentativa no ente humano. Diz-se que ha já mais de doze annos que ella se acha em estado de insensibilidade completa: daqui a quatro annos se deve fazer a experiencia da resurreição, e o Sr. *Van Grusselback* proclamará á face do mundo o seu maravilhoso descobrimento!!! Esperemos a confirmação de taõ notavel experimento.

(*Minerva*)

XXXXXXXXXX

*As baldas...*

Todos temos nosso fraco; a todos nós subjuga o amor proprio, por esta, ou por aquella parte; finalmente todos temos nossas baldas, e algumas destas ha, que são communs á idade, aos sexos, e até ás condições. Considere-se o homem mais cordato, mais prudente, mais instruido; que sempre lhe descobriremos algum fraco, pelo qual facilmente o poderemos levar para os nossos designios. A balda de Pedro he, por exemplo, a fidalguia: elle he assisado em todos os passos da sua vida, discorre com boa logica em todas as cousas; mas este instrumento tão perfeito tem hum a tecla desafinada, que vem a ser a tecla da fidalguia. Em se lhe tocando nesta especie torna-se o homem hum a bagas, objecto das risotas de outrem, e fará os maiores despropósitos em favor do espertalhão, que o incensará com os fumos da fidalguia. Paulo tem a balda de ser atilado, perspicaz, e firme: em consequencia vive fazendo juizes temerarios, de todos julga mal; e quem delle quizer obter tudo chama-o homem penetrante, e advinhador. Antonio he a avareza personalisada: passa miseravelmente; por que todo o seu

disvello cifra-se em ajuntar fazenda não para si, mas para os outros: põem a sua balda he passar por homem versado nesta, ou n'aquella sciencia, nesta, ou n'aquella disciplina: em se lhe fallando por este lado, o misero forragaitas serà capaz até de largar algum dinheiro. A balda deste he ser bonito, a d'aquelle he ser bem apessoado, a d'aquelle outro ser corajoso: hum tem a balda de jovial e busca fazer rir até em hum enterro; outro tem a balda de ser serio, e não rirá nem vendo hum velho namorado; outro tem a balda de poeta, e este he o mais caustico, o mais aborrecido, o mais insuportavel dos homens.

Segundo as idades assim são as baldas. O moço tem a balda das novidades, das conquistas amorosas, das valentias, etc.: a balda do velho he reprovar tudo quanto he novo, e chorar pelo tempo da sua mocidade. Quantas velhas ainda hoje lamentão a irreparavel falta de huma capoteira, de hum eró, da saia, e cabeção! Para essa gente tudo está perdido; por que já não temos hum Capitão General, senhor de braço, e outello em toda a capitania, e hum Capitão Mór, que punha, e dispunha dos pobres matutos, como de seus escravos; por que a farinha já se não compra a sello o alqueire, e a carne a pataca a arroba; por que os homens não rapão todos as cabeças para andarem de cabeleiras; por que já se não usa o minuete rasteiro, de que era insigne mestre o preto Pacheco, vera effigie de Bertholdo; e já ouvi dizer a certo ginja Sebastianista, que os carrinhos erão invenções de pedreiros livres que tiveram a astucia de hir acabando com o excellente uso das tipóias.

El qual será em geral a balda das senhoras? He sem duvida a formosura. Em se dizendo a qual quer menina que he formosa, já não cabe em si de contente. Verdade he, que ella, como *pro formula* sempre diz " Eu não

gosto de mangações: bem sei que sou feia: o sr. he muito lisongeiro, e outras palavras tabellhões, que humas outras, vão ensinando ás outras: mas' o certo he, que quasi todas pagão-se grandemente desse incenso toda vez que o elogiador sabe manuzear o thimbulo de geito, que lhes não dê com elle nos narizes. Dizer núa, e cruamente a huma menina — vme. he muito bonita — sem mais preambulos sem mais franjas he grossaria de gamenho a palvo, e tolleirão: mas isto mesmo dito com certo geito, e por certos circumloquios, dito a tempo, e em seu lugar proprio he sempre huma fineza, que não éae em sacco roto. Algumas dizem, que ficão com muita raiva quando algum homem principalmente as chama formosas: mas como as heis de acreditar, se não ha para essas meninas, e para todas maior agravo, do que chama-las feias? Assentemos, que todos nós temos nossas baldas, porque somos filhos de Adão, e Eva, e formados de barro.

( Carapuceiro )



### Etymologia do mez de Julho

Era o quinto mez do anno que Romulo instituiu porisso he poz o nome de *quintilis*; porem Marco Antonio ordenou que se lhe mudasse o nome e se lhe pozesse o de *Julius*. em honra de Julio Cesar: que havia reformado o calendario romano, e nascêra no dia 12 deste mez. Ausonio representa Julho na figura de hum homem nú, com o cabello ruivo, coroado com espigas de trigo, o corpo mui tostado pelo ardor do sol, e hum cêsto cheio de amoras no braço.

Neste mez celebrávão antigamente os gentios varias festas entre as quaes erão mais notaveis a de Neptuno — os jogos apollinarios, — os do circo, e



# O Recreador Mineiro.

PERIÓDICO LITTERARIO.

TOMO 4.º

1.º DE AGOSTO DE 1846.

N. 39.º

## TRATADO FAMILIAR

SÔBRE A HISTORIA NATURAL E CULTIVAÇÃO

DO

BICHO DA SEDA.

(PHALENA BOMBYX MORI)

COMPILADO DE OBRAS

DE DIVERSOS AUTORES ESTRANGEIROS,

OFFERECIDO A' ATENÇÃO DO PUBLICO

DE MINAS GERAES,

E DEDICADO AO

EX.º SR. D. ANTONIO FERREIRA VIGES

BISPO DE MARIANNA

PELO TRÁDUCTOR E COMPILADOR

JOÃO MORGAN.



## DEDICATORIA



Exm.º Rm. Sr.

Subministrando-me as occurrencias do anno de 1842 vagas, e dilatadas horas; sendo inimigo do ocio por educaçãõ, e genio; possuindo huma bibliotheca de obras interessantes e instructivas, lembrei-me de aproveitar esse tempo de forçoso descanso na compilaçãõ de algumas pequenas memorias sobre diversos ramos de industria aqui pouco, e imperfeitamente conhecidos, e que me parecerão dignos da attençãõ do publico, e mui applicaveis às precisões do paiz.

As minhas numerosas occupações depois da pacificaçãõ da Provincia de Minas até ao meado do anno corrente, não me derão lugar a rever o meu trabalho, nem a pol-o em forma comprehensivel.

Despertado porém pela lamentavel, e continua exaltaçãõ, e pelo não menos funesto rancor dos partidos politicos, a nenhum dos quaes pertenco, meditei sobre alguns meios que divertissem a attençãõ publica da odiosa, e improficua vereda da politica, que infelizmente se tem apoderado de quasi todos os animos; e chamando esta mesma attençãõ para objectos de mais seguro proveito, e conveniencia real, afoute-me a dar ao prelo hum ensaio de minhas fadigas.

Reconheço a tenuidade do trabalho; conseio porém das boas intenções que o motivaraõ, e com a lisongeira esperança de vê-lo favoravelmente acolhido, não obstante seus defeitos, tomo a liberdade de dedica-lo a V Exe Rm., cujo patriotismo, e claras virtudes o tornaõ taõ digno da affeiçãõ, e acatamento do Povo Mineiro

Queira pois V. Exe Rm. dignar-se por sua nimia bondade tomar este ensaio debaixo da egide de sua valiosa protecçãõ

Deos guarde a V Exe Rm. por dilatados annos; o que sinceramente roga, e deseja quem tem a distincta honra de subscrever-se com o mais profundo respeito, consideraçãõ, e acatamento

De V Exe. Rm.

o mais attencioso venerador e menor criado

Caethé, Novembro—1844.

O Compilador e Traductor

João Morgan

**INTRODUÇÃO,**

**S**ENDO infelizmente notorio que o producto do ouro nesta provincia de Minas tem senivel, e annualmente mingoadò por motivo das difficuldades sempre crescentes, que vão obtando a extracção deste precioso metal, como sejiò com especialidade a falta de novas descobertas a encravação, e abandono de muitas lavras por longos tempos diffusamente productivas; o subido preço de escravos e o estalo desgraçado do maior numero dos proprietarios das lavras conhecidas; bastante razão ha para recocar a lesta sim, mas nem por isso menos infallivel extincção desta antiga fonte da riqueza, e prosperidade de nossos maiores; e as pessoas sensatas e amantes do paiz não poderão deixar de antolhar hum futuro senão triste, e desgraçado. ao menos bastante incerto para a provincia, a não se lançar seriamente as precisas vistas sobre outros meios industriaes para se supprir o vacuo, que inevitavelmente se ha-de sentir pela diminuição de tao importante commercio; por quanto a nos a posição central, e longinqua dos portos do mar prohibe-nos nutrir esperanças de podermos em qualquer época, e sem huma não provavel mudança de circumstancias, rivalizar nos grandes mercados de beira-mar com os actuaes productos de nossa industria agricola como v. g. o assucar, aguardente, café etc., bem como os subidos carretos, e outras despezas inherentes aos productos das provincias maritimas, que com despeza comparativamente pequena se transportão a esses mercados; torna-se portanto necessaria a introdução nesta provincia de novos ramos de cultura para assegurar sua subsequente prosperidade.

Nossas importações da capital do Imperio sobem annualment a quantias mui avultadas; a maior parte dos nossos productos tem pouco valor em proporção a seu peso e volume e estão no caso acima indicado; daqui se segue estarmos continuamente em debito de muitos mil contos de reis á praça do Rio de Janeiro por

não termos generos d' exportação com sufficiencia para saldarmos as nossas contas, e podermos tratar com os negociantes dessa capital sobre huma base de reciprocidade; de que resulta comprar tudo mui caro pela incerteza que acompanha a liquidação dos negocios na provincia, e por consequencia as devidas remessas para o Rio das importancias das facturas. Este estado de cousas não pôde nem deve durar, por não ser compativel com a honra, nem com o brio dos mineiros continuar a proverem-se na capital daquelles generos estrangeiros, de que necessitam, sem haver certeza, ou pelo menos huma bem fundada esperança de commerciar com aquella praça em hum tal pé de reciprocidade; e com effeito a não despertarmos da nossa lethargia, e a não cuidarmos seriamente nos meios de conseguir a prosperidade da provincia pelo acrescimo da industria agricola, e fabril, em vez de dirigirmos todos os nossos pensamentos, e dedicarmos o nosso tão precioso tempo á politica, deixaremos a nossos vindouros o funesto legado da pobreza e da miseria.

Nestes termos é da ultima urgencia o encetar-se novas empresas industriaes na provincia que possam vir a ser proficuas, e a preencher com o tempo o vazio, a que alludimos; e para que com independencia e vantagem real possamos continuar as nossas relações mercantis com o Rio de Janeiro escolhendo se para tão desejado fim a cultura de generos, que apresentem valores comparativamente subidos, e que melhor possam soffrer as despezas de transito para fóra da provincia do que aquelles que actualmente nella se produzem, os quaes com mui poucas excepções não preenchem, nem poderão preencher jamais o vacuo de que somos ameaçados.

A preciação em que se insiste é talvez mais urgente do que muitos poderão imaginar, e é da maior importancia para a prosperidade actual e futura da provincia.

Chama-se por tanto a seria attenção do povo mineiro a este Tratado familiar composto de tres memorias sobre outros tantos generos mui adaptados á nossa cultura, a saber; anil, cochonilha, e seda; porisso

que qualquer delles dá lugar a ser promptamente empregado, e proseguido pelos fazendeiros abastados e por todas as classes de individuos, que possuem hum quital, por pequeno que seja; pois que cada hum segundo as suas forças pôde sem empreg de fundos obter maior ou menor porção pelo menos do 2.º e 3.º dos generos mencionados; valend se dos serviços ainda mesmo de mulheres e crianças, provendo assim sem muita difficuldade seu proprio sustento e o de sua familia, como tambem contribuindo para a prosperidade e augmento da Provincia em geral visto que todos os precitados generos reñem as desejadas qualidades de pezo e volume comparativamente pequeno em proporção de seus valores, proprios para a troca no Rio de Janeiro contra as fazendas, e outros generos que dalli nos chegão, por serem de prompta sahida em todos os mercados principaes do mundo, pelo enorme consumo que delles se faz nas fabricas da Europa e especialmente na Inglaterra, França e Alemanha.

Oxalá que este appello para o bom senso, para o patriotismo e até para os proprios interesses do Povo Mineiro de todas as classes, tenha o desejado effeito de acordar do estado lethargico em que se acha cahido por huma maneira tão fatal e incomprehensivel e que do mesmo appello possa resultar á Provincia os inalliveis beneficios, que propomos pela activa e perseverante cultura de tão importantes objectos de industria que tem enriquecido, e contiuaão a enriquecer outros muitos povos menos doados pela natureza com as optimas vantagens, que o Brazil possui em maximo grão

E' este o voto ardente do compilador destas paginas, e que por mui feliz se dará em ser com o soccorro da Providencia o humilde instrumento eleito para promover tal grão de actividade e perseverança na admissãõ destes novos recursos de industria na Provincia de Minas que a possão tornar florescente e prospera a ponto de poder dar novos generos de valor em troca das suas importações, e reservar o metal precioso, extrahido do seu proprio seio, para o gyro interno de sua população.

## TRACTADO FAMILIAR DO BICHO DA SEDA.

“ Quanto mais investigamos os objectos da criação, tanto mais somos  
 “ impellido a contemplar em grave pensamento o illimitado poder, sa-  
 “ bedoria, beneficencia e sublime magestade de seu Divino Autor. ”



DA maior admiração que geralmente pouco se saiba a respeito da his-  
 to-ria natural, e da cultura de um insecto tão útil ao genero humano, qual o  
 Bicho da Seda, e que apezar de se empregarem milhares de pessoas na sur-  
 perficie do globo em cria-lo, se desconheça inteiramente os meios adequados para  
 converter estes pequenos animaes em nosso proveito, ou augmentar os conhe-  
 eimentos da sua historia natural, e mui especialmente a sua posição zoologica  
 em hum ponto de vista scientifico. Este objecto digno da maior attenção nos  
 indúz a esperar que as observações, e factos, que compilamos, verificados por  
 diversos autores e naturalistas praticos das nações mais illustradas, conseguirão  
 o intento de chamarmos o voto popular sobre hum ramo de industria, que muito  
 pode influir na sua futura prosperidade.

## CLASSIFICAÇÃO DO INSECTO.

O Bicho da Seda, ou *Bombyx Mori*, pertence ao genero dos insectos *Lepi-*  
*pidopteros*, ou para melhor dizer a huma das subdivisões do *Phalœna*, ge-  
 nero extenso em que Linneo comprehende todos os insectos de huma classe,  
 que diversifica dos verdadeiros *Lepidopteros* ou Borboletas. Fabricius na sua  
*Entomologia Systematica* admite o *Bombyx Mori* como hum genero particu-  
 lar, applicando-lhe o termo *Phalœna* como generico áquella especie de borbo-  
 leta, que tem as antenas cylindricas a lingua avançada e membranosa, e  
 as farpas emplumadas. A melhor classificação deste util insecto parece ser a  
 do dr Leach, e é a seguinte :

CLASSE — *Insecta*.

SUBCLASSE — *Mutabilia* (que se transformão):

ORDEM — *Lepidopteros* Esta ordem no systema de Linneo significa insectos  
 com 4 azas, cobertas de pennugem lingua spiral,  
 e corpo cabelludo. Esta ordem comprehende 3 generos,  
*Papilio*; *Phalœna*, e *Sphinge*.

GENERO — *Phalœna* Borboletas, que segundo Linneo contem 10 divisões,  
 ou subgeneros com mais de 1500 especies.

CASTA — *Bombycida* Caracteres genericos: segundo Stephens formão a 4.<sup>a</sup>  
 familia, que elle denomina *Lepidoptera Pomeriana*, e é ca-  
 racterisada pelas farpas em forma de duas plumas, ou pentes:

FAMILIA — *Bombyx*.

ESPECIE — *Mori* Assim chamada da natureza do *Morus*, ou amoreira  
 de cujas folhas se nutre.

## ORIGEM DO BOMBYX MORI, OU BICHO DA SEDA.

Alguns naturalistas julgão que o Bicho da Seda teve a sua origem no sexto  
 dia da criação do mundo dia em que Deos creou todos os insectos, ani-  
 maes quadrupedes, e reptis terrestres, como nos informa o sagrado *Historico*

quando observa: E Deus disse — produza a terra toda a creatura vivente segundo a sua especie; e assim foi.

Porem não consta claramente que os antediluvianos, excepto a familia de Noé, descobrissem as qualidades proveitosas deste insecto, isto é a maneira com que tece a sua habitação temporaria, nem a grande utilidade della relativa ao genero humano. Não se sabe com certeza em que tempo depois do diluvio geral, ou porque nação fo-se feita a primeira, e tao importante descoberta. Alguns escriptores attribuem-na ao patriarcha Noé e affirmão que elle comecçára a propagar estes insectos no paiz de Séria, nome, que os antigos davão á parte da Asia, que hoje tem o nome de China, onde se pretende que elle fora estabelecer-se depois de desaparecerem as aguas da inundação universal da terra; e alguns pensão que a cultura do insecto fora introduzida naquelle paiz pelo seu primeiro rei Fo-hi. Outros dizem que o conhecimento e propagação do bioho fora contemporaneamente communicado aos Persas pelos filhos de Noé.

Seja como for, o certo é que essas duas nações, os Tartaros antepassados dos Chinas, e os Persas possuíam em tempos remotissimos o conhecimento e o monopolio da seda, e forão os primeiros povos propagadores do bicho objectos de utilidade; e erão elles somente os que tirarão immenso proveito da cultura do insecto, e dos tecidos de seda por muitos seculos antes de se propagar o dito insecto por qualquer outra nação. Só depois da conquista da Persia por Alexandre, 300 annos antes de Christo é que foi transportado o insecto para a Grecia, e por consequencia ha 2145 annos que na Europa se obteve algum pequeno conhecimento da origem da seda; e d'esse mesmo pouco aproveitou hum povo mais dedicado á guerra do que á industria.

Os antigos povos da Europa pouca, ou nenhuma idéa tinham do uso, ou do fabrico da seda, que elles julgavão ser producção de huma especie de aranha, a que chamavão Ser (segundo Ptolomeo) de Seres, povo da Scythia, que entendemos ser os Tartaros, os quaes invadirão; e se apoderarão da China, propagadores do insecto; e por isso davão á seda o nome de Séricum.

Porem o Ser dos antigos tem mui pouca affinidade com o nosso Bombyx Mori; porque affirma-se que aquelle vivia 5 annos, em quanto que este apenas existe o mesmo numero de semanas, e tece hum saquinho, ou bola amarellada, que dobrando-se, dá o que chamamos seda.

#### INVENÇÃO DO FABRICO DA SEDA NA EUROPA.

Foi em Cós, hoje Stanchio, pequena ilha do archipelago grego pouco distante da costa da Asia Menor no Mediterraneo, que se introduziu a arte de fazer tecidos de seda; e attribue-se a Pamphila, filha de Plotis, a honra dessa introducção. Esta descoberta não ficou por muito tempo ignota aos Romanos, que mandarão vir porções de seda do Oriente, onde existião os insectos; porem longe de se aproveitarem da descoberta, não quizerão capacitar-se que huns fios tão delicados, e ao mesmo tempo tão fortes podessem ser obra de hum bichinho; e contentarão-se em formar mil conjecturas chimericas, de sorte que por muitos seculos a seda continuou a ser hum artigo mui raro, e do mais subido luxo entre elles; tanto assim que até se vendia pezo por pezo a troco de ouro, e Vospiseus nos diz que o imperador Aureliano, fallecido em 275 da era christã, negou á imperatriz sua consorte hum vestido de seda, que ella com muita instancia lhe pedira, por causa

da grande despeza, que teria de fazer. Alguns outros autores dizem porem que já no reinado de Tiberio, 250 annos anterior ao de Aureliano, se usava da seda. Virgilio, e Horacio foram os primeiros escriptores românos, que fizeram menção deste tecido. O celebre medico Galeno, natural da Grecia, e que vivia no anno de 175, falla da grande escassez da seda, e diz, que naquelle tempo não era possível achá-la se não em Roma, e entre pessoas mui opulentas. Dizem que o imperador Heliogabalo fallecido no anno 220, fora o primeiro que apparecera em Roma com hum manto todo de seda.

Quando Alexandre Magno introduziu a seda nos seus vastos dominios, o fabrico della limitava-se a Berytus; hoje Beyrut, e Tyro; hoje Sour na Phenicia hoje Palestina, ou Terra Santa; donde se estendeu mui lentamente aos paizes occidentaes. Por muitos seculos os Persas continuarão a restringir o fabrico das sedas ao seu proprio paiz, prohibindo sob pena de morte a exportação dos bichos, e especialmente a imigração de qualquer pessoa pratica no manejo delles, e cultura da seda. A consequencia deste segredo foi a supposição de muitos Europeos que a seda crescia em certas arvores, e arbustos, como o algodão etc.

#### PRIMEIRA INTRODUÇÃO DO BICHO DA SEDA NA EUROPA

Do que se tem referido pode se formar huma idéa do longo estado de ignorancia dos Europeos relativa á producção da seda, que com effeito continuou até ao reinado do imperador Justiniano, 527 annos depois do nascimento de Christo. Este monarcha, vendo sahir quantias mui avultadas de ouro e prata de seus dominios para a compra de sedas, e julgando mui oneroso que os seus subditos houvessem de pagarlas tão caro; tentou pôr fim a semelhante monopolio, e procurou por meio de seu alliado, o monarcha christão da Abyssinia, obter huma porção dos ovos, ou sementes dos bichos do paiz dos Persas. Esta tentativa porém ficou malograda; com tudo, quando elle menos esperava, hum successo imprevisito fez com que em parte pudesse conseguir os seus disignios. Dous monges, segundo diz Cosenas, empregados nas missões de diversas partes do Oriente, havião penetrado até o paiz dos Séres, onde puderão observar os trabalhos dos bichos da seda; e adquirir pleno conhecimento da arte de fazer os tecidos, e das machinas naquelle tempo usadas para o fabrico da seda crúa. Movidos, ou pela esperanza de serem bem premiados, ou por espirito de patriotismo, apresentarão-se em Bysantium, hoje Constantinopla, onde se achava o imperador, e explicarão-lhe a verdadeira origem da seda, como tambem os diversos processos de a preparar, dobrar, e fabricar, mysterios até essa epoca desconhecidos no Occidente; e induzidos pelas promessas liberaes do soberano, encarregarão-se de levar á capital hum sufficiente numero desses maravilhosos insectos, a cujos trabalhos o homem tanto deve. Não tendo sido possível transportar-se o bicho, os dous missionarios lembrárão-se de supprir essa falta com os ovos do dito bicho, e conseguirão introduzir na côrte de Justiniano huma quantidade desta seemente em taquaras, que para não causar suspeita servirão-se dellas como bordões de peregrinos. Os ovos foram chocados por meio de calor artificial, os vermes que delles nascerão, foram nutridos com folhas de amoreira, trabalhando, e multiplicando com elles nos climas donde havião sido transportados.

(Continuar-se-ha.)

## FOLHETIM

O PROFETA DE S. PAULO

(Continuação do numero antecedente)

Poucos dias depois, effectuou-se a sua entrada solemne em Pariz, onde grandes preparativos haviam sido feitos para a recepção. D'esta vez, o regosijo publico excedeo o brilhantismo das festas. As ruas estavam atulhadas de huma multidão impaciente de vê-la, pois que se sabia que ella era formosa, e o seu consorcio era considerado como hum afluencia de prosperidade para os dous reinos. A nobreza, que presurosa viera formar-se em torno d'ella, nada tinha despresado para realçar a belleza de seu sequito. Os habitantes de todas as classes tambem tinham esgotado tudo o que lhes offerecia o luxo e a galanteria d'essa epocha, para enfeitarem a fachada das casas nas ruas por onde ella devia transitar.

«Ella estava, dizem as chronicas, vestida com magnificencia; trazia hum ma corôa de grossas perolâs que cascava maravilhosamente com a alvura de suas carnes. Seu pescoço, seu peito radiavão de joias. Huma estofa branca bordada de ouro cobria, pendendo até o chão, huma elevada carruagem em que ella vinha sentada. A seu lado via-se o duque de Valois, vestido de ouro e prata, com hum manto de veludo carmezim, recamado de perolas e de esmeraldas. Montava hum fogoso cavallo que goveruava com summa graça e particularidade, pois era o primeiro picador do reino; e pôde-se crer que elle não deixou, n'essa occasião, de mostrar á rainha o que sabia fazer.»

Entretanto que com sorrisos correspondia ás acclamações com que o

saudavão á sua passagem, ouviu mais de huma vez o seu nome unido ao da rainha nos transportes da admiração publica. Ao vê-los ambos, não havia ninguem que os não julgasse felizes de sua excelsa condição e do amor que inspiravão; mas a pompa das côrtes esconde muitas vezes a miseria dos principes; nem sempre os setos sorrisos são a expressão da felicidade. Maria via n'esta festividade a consummação do sacrificio de suas mais charas affeições, e n'esta dôr vinhão unir-se receios sobre as difficuldades de sua posição principalmente depois da sua entrevista com o delfim. Este, de seu lado, não podia olvidar a humilhação que soffrera diante de Suffolk, e era-lhe mui difficil compartilhar o entusiasmo publico por hum successo que podia vir a custar-lhe a corôa.

Este entusiasmo do povo se patenteava de mil modos: defronte das portas das principaes casas vião-se quadros emblematicos em que o rei e a rainha erão representados sob fórmas as mais extravagantes. O rei, a quem suas enfermidades tolhião o fazer parte do cortejo, figurava, ora como Baccho, ora como o velho rei Salomão; e sem consideração differença de paiz e de crenças, os Santos dançavão dando a mão a satyros. Maria estava personificada sob a figura de Ceres ou da rainha Sheba, posto que a delicadesa de suas feições e suas graças quasi infantis pouco ou nada condessessem com a maneira por que de ordinario são representadas a rainha judia e a boa deosa. Quanto ao pobre Luiz, extenuado pelo padecimento, difficultoso era dizer se elle estava mais proprio a dar huma idéa do gathoteiro Baccho do que do presente monarcha esposo de setecenas mulheres e amante affortunado.

de trezentas concubinas.

A mais feliz personificação de Maria era a de Venus surgindo do seio do mar, por allusão ao seu nascimento em Lemna ilha. Como teria sido pouco reverente pintal-a em toda a pureza de seu traço mythologico, humma em taie concha, collocada por detraz, abertavaria das vistas indiscretas. Enquanto que pela frente era resguardada por hum longo vestido de brocado. Por baixo de cada quadro havia humma inscripção que explicava a allegoria; porém como quasi sempre era em latim, o quadro e a inscripção são pa a a mor parte dos espectadores hum duplo enigma, e hum duplo assumpto de admiração.

No dia immediato ao da entrada da rainha, deu-se hum magnifico torneio, no qual devia figurar a flôr da nobreza de França e de Inglaterra, bem como varios illustres estrangeiros que a nova d'esta solemnidade havia attribuido de diversas partes da Europa. Este dia era aguardado com viva impaciencia pelos nobres autores d'esta parada cavalheiresca; mas nenhum dava tantas mostras de ardor como o joven Francisco. Elle era considerado como o mais rijo justador do seu tempo, e estava impaciente de rebaixar o orgulho de Suffolk, a quem havia abertamente desafiado; mas, como o premio da carreira nem sempre toca ao mais agil, nem o da peleja ao mais valente, succedeu que, logo no primeiro tiroteio que sóc preceder as justas, elle recebesse na mão humma violenta pancada que o impossibilitou de aguentar a lança. A este accidente veio unir-se a mortificação de ver que nenhum dos cavalleiros do torneio igualava Suffolk em renome nem em gallardia.

Francisco, posto assim fóra de combate, tomou assento entre os espe-

ctadores, ao lado da rainha; n'hum estrado elevado, enquanto que o rei estava sentado, ou, para melhor dizer deitado n'hum sofá collocado a seus pés.

Quando Suffolk, vencedor de todos os seus rivales, se apresentou para receber o premio do torneio das mãos d'aquella cajo suffragio lhe era tão precioso, o delíu o tocou com o braço enfermo e lhe disse baixinho:

— Estou illudido em minha vingança mas nós nos encontraremos mais tarde.

Suffolk inclinouse profundamente e se retirou.

Entre os contendores que provarão a coragem e a destreza de Suffolk, distingio se hum cavalleiro des conhecido de estatura colossal e de prodigiosa força. Os chronistas inglezes, inspirados sem duvida por hum sentimento mal dissimulado de ciuume nacional, attribuem à descaida de do delíu a introducção d'essa mysteriosa personagem que muito tempo disputou a victoria a Suffolk. A reputação de valentia do príncipe francez está muito bem firmada, para que nos seja mister defendêl o contra til impugnação. O que a ella pôde dar lugar foi o não ter o cavalleiro desconhecido levantado a viseira e ter-se negado a dizer seu nome. Como quer que seja, durante o tempo todo da luta, que foi bastante longo e renhida, Francisco se conservou constantemente de pé ao lado da rainha; e no entanto que parecia exclusivamente attento a examinar a peleja, com essa serenidade e essa orgulhosa approvação de hum superior sagaz que aplaude os successos de hum inferior lançava de quando em quando hum olhar obliquo sobre Maria, e, como homem acostumado a ajuizar do coração das mulheres pelos meneres indicios, soube logo de

que maneira interpretar a sua palidez, o tremor de seus labios e os movimentos irregulares de sua respiração, que indicavão seus receios ou suas esperanças em todo o tempo que durou o combate.

No intervallo que mediou entre esta primeira justa, enquanto Suffolk se tinha tornado o objecto da geral conversação o caturra da corte, escaudalado sem duvida de que ninguém fizesse caso d'elle, trepou a humna especie de amphitheatro destinado aos arbitros do campo e, apontando para o sofá onde o rei, cansado da dilação do torneiro, jazia estirado ao comprido, clamou com voz forte: —

«Aqui repousa, senhores e senhoras, o bom rei Luiz o pai do povo! As palavras *pai do povo*, vivas e applausos romperão de todas as partes. O caturra repetiu segunda vez o *pai do povo*, e as mesmas demonstrações de enthusiasmo o interromperão de novo. «O *pai do povo*, repetiu elle pela terceira vez, e o avô de sua mulher! Hum mormurio surdo, risos suffocados, enfim explosão geral de hilaridade seguirão esta bobice, e o rei pôde ver quão acertada havia sido a observação do caturra.

— Vós os estaes ouvindo, disse elle a Longueville com voz commovida; e he por esta multidão leviana inconstante, he por seus interesses que me são mais claros do que os meus que sacrifiquei os meus gostos a minha felicidade, talvez... e a d'esta bella e interessante victimal accrescentou lançando hum olhar sobre a rainha.

Depois, como para expellir este doloroso pensamento mandou que se continuassem os jogos; mas suas forças o trahirão, e, não podendo mais resistir aos tormentos que sup-

portava retirou se para entrar no seu leito de morte, onde expirou no 1.º de janeiro de 1715 dois mezes depois d'estas fúnebres nunciaas. Maria não podia sentir grande dor da perda de hum esposo de quem não tinha sido mais que a enfermeira; luctimou com tudo a morte do homem bom e generoso, do monarcha adorado do povo cuji felicidade se applicara constantemente a promover. Entrevia com inquietação o seu porvir e a mulher que esta morte devia trazer á sua situação: até mesmo não podia, sem vivos saustos, pensar em sua volta para Inglaterra, convencidissima de que seu irmão não tardaria a sacrificar a segunda vez aos interesses de sua politica. Quanto ao momento presente via-se, por assim dizer, em poder do successor de seu esposo, cujo orgulho ella havia profundamente offendido e que devia inspirar-lhe pouca confiança.

No mesmo dia em que subira ao throno, o delfim, cutão Francisco I.º, lhe mandára pedir humna conferencia particular; e como ella a recusava suspeitando muito bem o motivo coustou lhe que elle dissera com não humor: «Ella não conhece os seus interesses. Ha de arrepende-se.» Devorada de desasoscego e cansada da longa reclusão a que se condemnira durante o pronoito periodo da sua viuvez, tomou humna resolução sabitanea que lhe dictou ao mesmo tempo o seu amor e a lembrança dos males que havia soffrido. Mandou entregar a Suffolk humna carta em que lhe offerencia a sua mão, accrescentando que era necessario que hum matrimonio secreto os reunisse dentro em quatro dias, ou que elle renunciasse para sempre a esta união.

Concebe-se com que transportes de alegria esta proposição foi recebida

por hum amante que desde muito tempo tinha perdido toda a esperanza. Apresentou-se logo huma grande difficuldade: foi a de se achar hum padre. O capellão da rainha, homem de corte e totalmente dedicado á fortuna de Wolsey ministro favorito de Henrique VIII, era de certo a ultima pessoa em quem se podia depositar confiança. Hum ecclesiastico francez não devia ter menos receio de prestar seu apoio a hum união que, quando viesse a se divulgar, o exporia ao resentimento do seu novo soberano. N'esse tempo existia, em hum convento de Dominicanos, hum monge italiano que tinha adquirido grande popularidade por suas predicas e pelo zelo com que se oppunha ás novas doutrinas que começavão a agitar os espiritos. Como elle não devia obediencia nem ao rei de França nem ao de Inglaterra, Maria julgou poder recorrer a elle; e, depois de o haver alluciado com o engodo de brilhante recompensa, concordarão em que a benção seria dada n'huma capella do seu convento, ás duas horas depois de meia noite.

A'hora aprasada, Maria acompanhada tão somente por seu pagem, se evadiu secretamente de palacio por huma porta do jardim, e ahi foi recebida por Suffolk.

Era em huma fria noite do fim do inverno. O vento sibilava nas estreitas ruas de Pariz, e a neve que começava a cahir em flocos, se revolvia em turbillhões, carreada pela tempestade, em quanto que essa bella descendente de huma longa serie de reis, irmã de hum poderoso monarcha, cuja mão tinha sido sollicitada por tantos principes, dava huma prova tão admiravel do poder do amor, expõe-se assim á inclemen-

cia de huma noite procellosa e marchando com passo furtivo pela obscuridade no centro d'esta capital, onde poucos mezes antes havia sido levada em triumpho.

Chegados á capella, os dous amantes foram collocados cada hum a hum lado de hum altar erigido no interior. Huma lampada sustentada pelo joven pagem dissipava apenas a obscuridade. O officio estava já principiado; a abobada retumbava sonora com a voz grave do monge, quando se ouviu ao longe o ruido dos tropeis de cavallos. A voz do monge, que tinha dominado este ruido, foi se pouco a pouco enfraquecendo, e, apezar da santidade do seu ministerio que lhe não permitia interromper a cerimonia, o pavor chegou por fim a tolher-lhe quasi inteiramente a falla.

Os cavalleiros cercarão a capella, e o clarão de huma centena de archotes brilhando atravez das vidracas veio immediatamente allumiar a cara das personagens d'esta scena. O monge estava pallido e tremulo. As feições de Suffolk annunciavão impaciencia e resolução. Maria pareceu a principio não estar preocupada se não da sorte de seu amante, cuja ruina ella mesma causara: erguendo depois os olhos para o céu, como para lhe pedir a força de supportar sua desgraça, seu rosto tomou a apparencia de doce resignação.

No momento em que os cavalleiros fizeram alto, do seio da multidão que os rodeava partirão brados de viva o rei! A estes brados succedeu o som de huma voz bem conhecida, que fez estremecer Maria e Suffolk.

— Affastai-vos, meu amigos, disse aquella voz. Espero que me haveis de permittir que vá só ao conficionario,

Dirigindo-se depois a thum official da guarda escocesa, a mesma voz acrescentou :

— Tonde a bondade de mandar que se retirem estes amigos tão offiçiosos. Não preciso de testemunhas para o que aqui venho fazer.

Abriu-se logo a porta da capella e humna pessoa se adiantou sozinha no meio da escuridão. Logo que chegou ao pé do altar, o monge scallou repentinamente; e Francisco dirigindo-se as duas outras personagens, lhes disse :

— Não vos havia eu annunciando que chegaria a minha vez? Ainda que tenhais julgado escapar me escolhendo esta hora, bem vedes que hum novo rei sabe e ouve tudo.

Pois que! senhora, não podicis esperar, como era dever vosso, saber qual a minha vontade e a de vossa irmã? Ides levas ambas. Allumia a tua ama pagem de desgraça, acrescentou elle dando a Maria dos seus papeis que sua agitação a impossibilitou de ler logo.

Hum era humna carta de Francisco a Henrique VIII, na qual lhe instava vivamente que annuísse á união de Maria com Suffolk. O outro era o consentimento de Henrique, outorgado sem duvida ao desejo que o animava de ganhar a amizade de hum joven rei a quem presava com particularidade, e cujo character, dizia elle se assemelhava ao seu.

Quanto á felicidade de sua irmã, era essa a conta em que menos elle havia pensado.

— Devo acreditar meus olhos? exclamou Maria. Como podestes conseguir.

— Tudo he possível, replicou Francisco, áquelle cujo principal desvelo foi sempre assegurar a felicidade do vosso sexo. Quando não tem a ventura de poder fazer a em pessoa,

folga de encontrar alguém que satisfaza esse empenho tão dignamente como o senhor duque.

Suffolk quiz lançar se nos pés do rei; mas este o deteve dizendo-lhe:

— He só ante Deos que aqui se debra o joelho. Deixai que o reverendo padre finalise. Deveis ter pressa que tudo se conclua. Por mim, vivi Deos! preferiria no vosso lugar casar-me esta noite, com risco de minha vida, do que com toda a segurança se para isso fosse preciso esperar hum só dia.

O monge, restabelecido de seu susto, terminou a cerimonia; depois, enquanto o rei lhe fallava para acabar de o tranquilisar Maria disse a Suffolk:

— Assim, eis realisado o meu horoscopo:

Recebes um consorte já sem vida;

Tambem não doiras amor momentos teus;

Mais venturosa, enfim, talvez um dia

Seja a mão de um vassallo unida á tua.

Eu ja vos tinha feito sciente da predicção do propheta de São Paulo; não vos inaravilheis de aver tambem justificada.

— Menos do que ninguém, querida Maria, respondeu Suffolk.

— E porque? perguntou ella.

— Como me atreverei a dizer-vol-o? Constára-me que o ouro era o idolo do propheta, e eu tinha conseguido d'elle que me deixasse occupar o seu lugar.

— E ousastes fallar da vespera de São João? disse Maria sorrindo-se, muito feliz então de poder testemunhar verdadeiro resentimento.

— Dõe-me dentro d'alma o emprego que fiz de humna astucia tão atrevida, lhe respondeu Suffolk, e menos ainda sei de que modo alcançar o meu perdão. Porém, lembrai-vos que desesperação era a minha n'esses tristes momentos. Persuadido por

vosso silencio que tinheis zombado de mim cedi á tentação de me certificar por mim mesmo da verdade. Quando a vossa commoção me provou quão injustas haviaõ sido minhas desconfianças, fiquei pezaroso do cruel successo do meu estratagemma, e tive a ponto de lançar-me a vossos pés para implorar este perdão de que sou tão pouco merecedor; mas, como parecis não ver meio algum de vos subtrahirles ao vosso casamento eia de summo interesse para mim que em vosso espirito ficasse profundamente gravada a lembrança de vossas antigas promessas, assim como a esperança de hum porvir que em me negava a crer impossivel.

Quanto ao resto dos meus providentes vaticinios, devios, não só aos olhos de lince de hum amante, se não tambem, accrescentou elle inclinando-se ante o rei que já com elles estava a humar leve conhecimento que tinha do character de sua magistade.

— Por melhor propheta que seja, disse o rei, não tinheis adivinhado a minha presença aqui e a minha mena; por que motivo eu devia vir.

— A bondade de vossa magestade excede tudo quanto me era dado prever.

— Ninguém mais do que eu é propezo a por loar os erros á que pôde arristar a humana creatura de tão grande belleza, replicou o rei, pegando respeitosamente na mão de Maria e levando-a aos labios. Agora, accrescentou elle, occupemo nos das vobas; eu d'elles me encarego.

Pouco tempo depois, o duque e a duquesa partirão para Inglaterra, e Maria atravessou de novo o canal de Dover não mais como a triste noiva de hum rei, e sim a litosa esposa de hum vassalho.

## COMMUNICADO

### HUM RELOGIO A' POLLE

Estenda-se a mão esquerda em posição horizontal, com a palma voltada para o céu. Tome-se hum tira de papel, ponha-se esta em angulo recto na junctura entre os dedos pollex e index, que devem ficar elevados a cima da mão a distancia que ha desde esta junta até a extremidade do index. Volta-se depois a base do pollex para o sul conservando-se sempre a mão estendida até que a sombra do momento, que fica á linha do pollex, se termine na linha chamada — de vida; — isto praticado, a extremidade da sombra do papel indicará a hora, voltando-se o pulso para o sol, e tendo os dedos igualmente estendidos. A sombra que cae na extremidade do dedo index, aponta 5 horas da manhã, ou 7 da tarde; na extremidade do dedo do meio, 6 da manhã, ou da tarde; na extremidade do anular 7 da manhã, e 5 da tarde; na ponta do dedo minimo, 8 da manhã, e 4 da tarde; na articulação seguinte do pequeno dedo, 10 da manhã, e 2 da tarde; na base deste mesmo dedo, 11 da manhã, e 1 da tarde; finalmente, sobre a linha da mão, chamada, — linha de sorte de casamentos — linha feiticieira, ou linha da mesa, — e o mais que quizerem, — marca 12 horas, que he o mesmo que dizer-se hum dia. Advertencia.

Quem quizer ter hum relógio destes que fica descripto, sem que faça com elle, se quer hum ceito de despriza, affiança de que fique elle tambem em tudo sendo a polle, he indicaremos hum meio, o qual ha este: Do braço, e mão esquerda, he elle fabricado, bem como de hum tira pequena tira de papel; o braço, e mão temo em casa (nisto mesmo ha excepção de regra.) si o papel será necessario embara-lo; remedia-se este, suprimindo-o com humna palha! Mais facil, e mais em conta, não ha, nem he possivel que haja. Demais amais he relógio que está livre de quebrar-se, azangar-se, e nem de ser cobido pelos amigos de deitarem hum, e levantarem dous. Sê

tem hum defeito o qual he de não ser vir para a noite, e em aquelles dias que Deos não der sol! Esta experiencia de-ve-se á Mr. Julio de Fontenel, professor de chimica, secretario perpetuo da sociedade das sciencias physicas, e chemicas de França. — [H. Armond ]

APÓLOGO.

Certo homem, que depois de longa ausencia, voltou ao seu paiz natal, contava a seus amigos, que em huma cidade, por onde viajára, vira huma especie de homens, que lhe parecêrão extraordinarios. Muitas, e repetidas vezes, dizia elle, conservão-se sentados de redor de huma mesa sem toalha, e sem comida, levando assim noites inteiras. Nada he capaz de os distrahir, e são surdos, e mudos. De tempos em tempos he, que se ouve salir dos seus labios alguns sons mal articulados, que todavia os obrigão a revolver os olhos de hum modo horrivel. Nunea me esquecerei das physionomias terriveis, que nelles observei em varias occasões, ora mostrando a desesperação, a raiva, ora huma alegria maligna mixturada de inquietação. « E o que fazião esses homens, ou antes esses desgraçados? Trabalhavam no bem publico? Perguntavam os circunstantes? — Não — Procurarião a pedra philosophal? — Nada — A quadratura do circulo? — Menos — Estarião fazendo penitencia dos seus peccados? — Muito menos — Isso era alguma companhia de loucos. — Não, Senhores, não erão loucos — Pois que fazião esses homens? — Jogavão, e tal era o seu modo de vida.



A mulher e o Astrónomo

Estando o Philosopho Tiales a contemplar os astros no meio de hum campo, cahio n'huma cova muito funda, e quebrou huma perna — *E' bem feito, disse huma mulher que hia passando quer ler nos Ceos e nem ao menos vé o que está a seus pés.*

Etymologia do mez de agosto

Este mez era o sexto entre os romanos, porisso lhe chamavão *sextilis*; mas depois, em honra de Augusto, primeiro imperador, lhe mudarão o nome, e lhe pozêrão o de *Augustus*. Macrobio, e Dion nos transmitirão o *plebiscito*, e o *senatus consultus* que estabelecerão a nova denominação, referindo-se aos principaes acontecimentos da vida daquelle imperador, a saber: o seu primeiro consulado, os seus triumphos, a conquista do Egypto, e a conclusão das guerras civis — Os romanos celebrãõ neste mez a festa dos escravos, para renovar a memoria de *Servius Tullus*, que nasceu neste mez, e era filho de hum homem reduzido a essa vil condicção. Tambem sacrificãõ no dito mez hum cão como anathema contra a raça canina, porque alguns individuos della, a quem haviam commettido a guarda do Capitolio, deixarão entrar o inimigo, sem dar hum só latido.

Neste mez, e na floresta Nemêa celebrãõ os gregos os jogos nemêos instituidos por Hercules.



*Pensamentos.*

— Com razão diz Voltaire que *tudo se pode soffrer, menos o desprizo*, pois é este o unico meio de anniquilar o homem sem privá-lo de existencia.

— N'um paiz arithmetico, em que tudo se compra á dinheiro, o pobre não pode competir com o rico em merecimento,

— A's vezes confunde-se a *veracacia* com o talento.

— Abandão no velho as *theses* e no moço as *hypotheses*.

( Por R. J. F. B )

*Hum credor irreconciliavel.*

Hum sujeito pôde á força de solicitações obter huma audiencia do rei, e lhe disse — Real sr. meu pai deixou-me hum eredor, a quem devia muito, e a quem jámais acabou de pagar. Continuei a pagar a divida: mas é tao exigente este credo., que todos os dias quer que lhe pague. Já não tenho com que; e se V. M. me não soccorre para o contentar, não sei mais o que faça. Com effeito [ diz o Rei ] he bem duro esse credor! Quem he elle? — Senhor, he a minha barriga a quem tanto tenho pago de dividas, que já não posso hum real — O Rei não pôde deixar de rir, e deu-lhe hum emprego pingue.

## CHARADA

Na ordem minha a terceira, — 1  
E de meus irmãos o quinto; — 1  
Sem que seja grego, occupo }  
Na Grecia logar distincto: } 1

O Athên me desconhece  
Quando leito por Deos sou,  
Pois a Deos desconhecendo  
Nunca em mim acreditou.

Mas se Deos p'ra confundir-lo  
De repente se mostrára,  
O meu nome repetindo  
Sua clemencia implorára.

*Enigma.*

Sum principium mundi, et finis  
sæculorum: per me omnia facta  
sunt, et sine me factum est  
nihil: sum trinus, et unus, nec  
tamen sum Deus.

*Décifrações.*

A charada do n. antecedente é  
— pecego —: o enigma exprime a  
lêtra — o —



O — Recreador Mineiro — publica-se nos dias 1.º e 15 de todos os mezes.

A redacção desta folha occupará hum volume de 13 paginas e 1/4, sendo alguns numeros acompanhados de nitidas estampas. O seu preço é de 6:000 rs. por anno, e 3:000 rs. por seis mezes nesta Cidade do Ouro-preto: e fóra della 7:000 reis annuaes, e 3:500 rs. por semestre, pagos adiantado, por isso que nesta quantia se inclue o porte do Correo. Cada numero avulso custará 400 rs., e 1:200 rs. levando estampas: as quaes todavia não augmentarão o preço d'assignatura. Subscreve-se na Typographia imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, a quem as pessoas de fóra, que desejarem subscrever, podem dirigir se por carta sobre semelhante objecto.

O. P. Typ. imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, rua da Giló n. 93

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 4.º

15 DE AGOSTO DE 1846.

N. 40

## O INSECTO DA TAQUARA ( 1 ).

Entre os mais curiosos insectos do Brazil essencialmente uteis, ou nocivos, apresenta-se o Bicho da Taquara, que na realidade offerece hum desses factos maravilhosos, que o entomologista pode revelar.

Este insecto é comido com avidéz pelos Malalis, indigenas que habitão Minas Geraes. Nos paizes visinhos do polo do norte existe huma especie particular de Cogumelas, bem conhecida, que produz as mais energicas impressões no cerebro do Ostiack ( 2 ). Os rochedos se lhe apresentam entao revestidos de huma luz brilhante, as neves seintillão, e o mar desdobra ondas lucascentes. Assim no Brazil, este insecto dos canaviacs reproduz semelhantes effeitos talvez com maior intensidade na imaginação dos Malalis. Bem como o Waraou, das margens do Orinoco, pratica sobre as larvas do Murichì, assim os Malalis apaultão o bicho da Taquara, e extrahem hum oleo delicadissimo, que lhes serve para temperar o alimento sem que porisso experimentem o menor effeito venenoso. Porém se acontece coprem hum destes insectos, que secarão antes de lhes tirar o conducto intestinal, huma embriagueza extatica se apodera do selvagem, e ordinariamente se conserva por muitos dias. Então o universo inteiramente se lhe apresenta mudado bem como ao que tom bebido opio; as florestas revestem se de huma luz insolita, e toruase resplandecentes; a caça apresenta se maravilhosa, sahoreão-se fructos delicados, mil sonhos felizes embalão a imaginação selvagem; contudo, ao despertar sobrem a amargura; porque aquelle que comeo o bicho da Taquara paga com o entorpecimento dos sentidos o excesso de sua voluptuosidade. Este insecto não serve somente para o uso em que o empregão os indigenas de Minas Geraes; secco, e reduzido a pó apresenta qualidades medicinas verdadeiramente preciosas; e então, applica-se sobre as feridas, que como a maior promptidão se cicatrizaõ.

Antes de se comer é indispensavel tirar se-lhe a cabeça e o tubo intestinal, que são de hum veneno perigoso, e depois chupa se a substancia mollã, e esbranquiçada, que fica por baixo da pelle. Os selvagens costumão tambem assa-lo. O seu sabor é como o da mais delicada nata do leite; e de sua gordura se usa como manteiga, que nenhum acidente produz porisso que a propriedade narcotica deste insecto somente reside na cabeça, e tubo intestinal.

[ 1 ] Da classe dos Lepidopteros, isto é insecto de quatro azas membranosas e cobertas de huma poeira branca.

[ 2 ] Povo da Russia, na Siberia; habita nas immedições do rio Obj até o rio Jénesei. É de pequena estatura, fraco, cabelo louro ou avermelhado; pobre, ignorante, preguiçoso; cobre-se no inverno com pelles de urso, rapozas, e rennas; e no verão com pelles de peixe, corou por ex; sôlhos, etc. Habita em cabanas de casea de vidoeiro. Suas armas são arco, frecha, e facas. Gosta do sangue de qualquer animal. Os carros, que o conduzem por cima do gelo, são puxados pelas rennas, e ordinariamente por cães, que se mudão de distancia, em distancia, em estabelecimentos de posta. Serve-se de marmitas de pedra, ou de ferro. Os R. R. )

O Ostiack é tributario da Russia.

(Continuação da Memoria sobre o Bicho da Seda)

## ESTABELECIMENTO DE FABRICAS.

Dentro de mui pouco tempo desde a introdução das sementes pelos monges criárão-se quantidades immensas destes bichos em diversos pontos da Grecia e principalmente na Moréa, onde se estabelecerão fabricas em grande escala e com especialidade em Athenas, em Thebas, e em Corintho. Logo depois os Venezianos, começando a negociar com o imperio grego, provêrão por muitos seculos a Europa occidental com tecidos de seda, posto que ainda não se fabricassem os setins, os velludos, e os damascos.

No anno de 1130, Rogerio 2.º, rei da Sicilia, estabeleceo huma fabrica em Palermo, e outra na Calabria, que forão dirigidas por operarios gregos, e derão origem a huma colonia daquella nação, que ainda existe. Mezerrey nos informa que pouco a pouco o restante da Italia, e a Hespanha forão aprendendo dos Sicilianos, e dos Calabrezes o manejo dos vermes, e o methodo de aproveitar a seda; e por fim os Francezes, sendo os visinhos mais proximos destas nações, tambem conseguirão ter parte neste ramo de industria pouco antes do reinado de Francisco 1.º, principios do seculo 16.º, e começarão a imita-las. É verdade que Thusmus, em contradicção á maioria dos outros escriptores, diz que o fabrico da seda fôra tão somente introduzido em Sicilia no século 14.º pelo rei destes estados, e conde de Provença, Roberto o sabio. Constá pelo Acto 33 de Hedrique 5.º, rei de Inglaterra, cap 5, que já no anno de 1255 existira huma companhia de mulheres naquelle paiz, dedicada ao commercio da seda. Os Mouros augmentárão muito a cultura, e fabrico deste genero na Hespanha em tempos reinotos, e particularmente em Murcia, Cordova, e Granada, onde muito florescia quando o rei D. Fernando os debellou em fins do seculo 15.º. Em 1521, os Francezes, havendo obtido operarios de Milão, principiarão o fabrico da seda; porém, por muito tempo depois não poderão obter seda de seus vermes; e mesmo no anno de 1547 este genero ainda se vendia por hum preço mui alto em França. Dizem que Henrique 2.º foi d'ahi a poucos annos o primeiro que calçou hum par de meias de seda, feitas á agulha; e que a primeira invenção dellas fôra na Hespanha, donde se mandaráo tambem a Henrique 8.º, e Eduardo 4.º, reis de Inglaterra. Depois da guerra civil em França, Henrique 4.º, e seus successores muito protegerão a plantação de amêrças e a produção da seda, que é hoje mui consideravel naquelle paiz. Diogo 1.º, rei de Inglaterra, introduzio a planta, e a semente no seu reino, apenas elle subio ao throno, desejando que os seus subditos se aproveitassem da grande vantagem que este fabrico offerecia; e continuou os seus esforços com o ultimo empenho, e por muitos annos, porém debalde, pois que o clima desse paiz não favorecia a propagação do bicho. Comtudo, elle conseguiu chamar a attenção do seu povo a este objecto importante de commercio; e dentro de pouco tempo estabelecerão-se fabricas de tecidos de seda naquella ilha, as quaes até ao presente tem ido sempre em augmento, e que hoje em dia formão huma parte não insignificante de sua riqueza industrial por meio de consideraveis importações de sedas cruas da India, da China, dos portos da Asia Menor no Mediterraneo, e da Italia.

Não é do plano deste pequeno Tratado entrar nos pormenores, ou na estatística immensa do commercio annual, que ao presente se faz com este nobilissimo genero; porque alem de ser alheio ao fim proposto, similhante dissertação o tornaria fastidioso a nossos Lectores, e augmentaria inutilmente as nossas paginas.

nas; contudo não nos dispensaremos da compilação desse interessante trabalho para o futuro, e em separado, se tivermos a felicidade de ver este ensaio favoravelmente acolhido pelo publico.

Passaremos por tanto ao que constitui por ora o nosso intento.

#### METHODO DE CHOCAR OS VERMES DA SEDA.

Como o bicho saindo do ovo toma a forma de lagarta, ou verme, damos-lhe esta ultima denominação durante as suas diversas idades neste estado. Principiaremos por descrever o modo, que se pratica na China, paiz nativo do insecto, em dispor os ovos afim de se chocarem. Dous são os methodos usados por estes povos; ou elles os deixão ficar livres sobre as amoreiras, onde forão depositados pelas borboletas, ou conservãnos debaixo de coberta em edificio apropriado para este fim. Como a seda nas fira é sempre produzida pelos vermes tratados em casa, e o primeiro methodo sendo mui simples, bastará descrevermos o segundo.

Os Chinas collocão os ovos, que os Francezes chamão graines e em outros paizes sementes, em cima de grandes folhas de papel, as quaes se pegão com bastante adherencia. Suspendem estas folhas sobre linha travessa do interior da casa com os ovos para a parte de dentro, e abrem as janelas em frente para admittir o ar. Nunea se servem de cordas de linho cânhamo para dependurar as folhas de papel com os ovos, ou para qual quer outro fim; pois que muito prejudicariaõ as sementes em toda as estações da vida do verme. Passados alguns dias, tiraõ os papeis, e enrolõ-nos frõximamente com os ovos para dentro, e dependuraõ-nos de novo, ficando assim durante todo o estio, e outono. Em fins de dezembro; ou em principios de janeiro, que, pela differença de hemispherio, e por conseguinte troca de estações, são naquelle paiz os mezes de maior frio, e correspondem aos nossos mezes de junho, e julho, os Chinas mettem os papeis com os ovos em agua fria, na qual previamente se dissolveo huma porção de sal. Deixão-nos ficar dous dias neste liquido, dependurão novamente os papeis, e estando enxutos tornaõ a enrola-los mais apertados separando-os. Alguns mergulhaõ os papeis com os ovos numa lexivia de cinzas de amoreira, e depois por poucos momentos em agua nevada, ou da chuva fria daquella estação; ou entãõ dependuraõ as folhas por tres noites consecutivas nas amoreiras para tomarem a neve, e a chuva quando não são excessivas.

Começaõ pois a chocar os ovos quando as folhas das amoreiras principiaõ a rebeniar, o que inteiramente depende naquelle paiz da estação estar mais ou menos adiantada; por quanto na maior parte da China, inperio consideravel, e que se estende desde 22.<sup>o</sup> até 55.<sup>o</sup> de latitude boreal, o frio no inverno é intenso, e a maior parte das arvores perdem as folhas no outono, e somente principiaõ a tornar-se frondosas na primavera. Tres dias antes de nascerem os vermes, os Chinas tiraõ os papeis com os ovos do lugar onde os haviaõ dependurado e suspendem-nos com as costas para o sol afim de os aquecer, e depois enrolaõ-nos bem apertados, mas não tanto que se possaõ esmagar os ovos, e põem nos em pé em vasilhas enxutas, e em lugar quente. Repetem o mesmo no dia seguinte; e quando os ovos mudaõ de cor, e tornaõ-se cinzentos juntaõ duas folhas enrolaõ nas bem apertadas, e ligão-lhes as duas pontas. No terceiro dia, ao aquecer, despenduraõ as folhas, e

estendem-nas sobre humas esteiras finas, e tendo já os ovos assumido huma côr escura enroião nes folhas juntas, e poem-nas em lugar agasalhado, e ao abrigo do vento sul. No dia seguinte abrem os rolôs, e achão os vermes nascidos, semelhantes a formiguinhas pretas. Em algumas partes da Europa, onde de o clima é tão frio no inverno como na China, segue-se pouco mais ou menos o methodo acima indicado; porem na Italia, no sul da França, na Hespanha, e em Portugal diversos são os systemas seguidos, variando se quasi sempre em cada districto e quasi todos fôrmos da experiencia, ou dos usos, e prejuizos dos povos, que os estreitos limites deste opusculo não nos permite detalhar, de maneira que difficil seria determinarmos com exactidão o processo mais adaptado a Minas Geraes, ou ao Brazil, onde tambem ha muita diversidade de climas. A experiencia somente é que poderá aclarar esta duvida; porém é sempre de suppôr que neste abençoado clima, tanto pela igualdade comparativa da temperatura atmospherica, pela ausencia dos extremos do frio e do calor, assim como pela incessante continuação dos productos vegetaes, tantas precauções, e tantos trabalhos preparatorios tornar-se-hão desnecessarios, e que mui facilmente se ha-de poder propagar entre nós este inestimavel insecto em grande escala e sempre progressiva até se constituir em huma das principaes fontes da prosperidade desta provincia.

#### EDUCAÇÃO DOS VERMES.

O edificio escolhido para este fim deve estar collocado em situação secca, arejada, e longe de lugar onde faça-se bulha. Os quartos devem ser bem agasalhados, e terem somente huma porta de entrada, sita naquelle lado da casa menos castigado pelo vento frio, e deve esta ser guarneçada de huma esteira, ou cortina para obstar a rapida mudança da temperatura no quarto ao abrir, ou fechar da porta. Cada quarto deve ter duas janellas, huma defronte da outra, para admittir o ar quando for necessario, e deve ser forrado de taboas, de esteiras, ou de panno de algodão, afim de que não possam descer do telhado ratos, aranhas, ou outra qualquer especie de animaes. Ao abrir das janellas deve se ter o maior cuidado de não deixar entrar moscas, marimbondos, ou qualquer outro insecto; e neste paiz principalmente é mui preciso afastar as formigas, que são tão daninhas. Cada quarto, ou sala deve ser fornecida de diversas fileiras de estantes, com prateleiras na distancia de 9 a 10 pollegadas, e de 4 palmos de largura. Não devem estar chegadas á parede, devendo-se deixar campo sufficiente para a pessoa, que tratar dos vermes, poder passar de huma e outra banda das estantes em toda a sua extensão. A ultima prateleira de baixo não se deve collocar menos de 18 pollegadas do chão; e a ultima de cima não deve exceder á altura de 5 pés (60 pollegadas,) o que dará para cada estante tres prateleiras. Sobre estas põe-se taboleiros de junco, ou de taquara, cortados no mingnante da lua, e previamente mergulhados em agua de cal para não criarem gorgulho. Neste taboleiros se nutrem os vermes até chegar a ponto de fiarem os seus casulos e para se conservar hum calor igual quando o tempo ameaça mudança de temperatura, ou quando haja de sobrevir com effeito alguma alteração repentina na atmospherica, deve-se accender fogo nos quatro cantos da sala, ou introduzir brazas de carvão em hum ou mais fogareiros, porem sem chamma, ou fumo, o que muito prejudicaria aos vermes. Bosta de boi, secca, é

melhor combustível para este fim. Os vermes não cessão de comer de dia, e de noite. Os Chinas dão-lhes de comer 48 vezes no primeiro dia. Isto é, huma vez cada meia hora; no segundo dia 36; e no terceiro com menos frequência; porem deve o propagador estar attento, e observar bem, e a miúdo os movimentos, e as precizões dos vermes; mas não pode haver regra certa, por que tudo depende de circumstancias, que só a practica é que pode indicar; dando-se-lhes pois maior porção de alimento do que for necessario, os vermes incommodaõ-se; e se for menos, padecem fome, e suspende-se o seu crescimento. Portanto, o mais prudente é usar-se da precisa vigilancia, afim de que não aconteça algum destes inconvenientes. Como o tempo enevoadado, e mui chuvoso tira-lhes pela maior parte das vezes a vontade de comer. Deve-se nestas circumstancias accender huma pouca de palha cu capim secco; e, com todas as precauções aproxima-lo ás bordas dos taboleiros em conveniente distancia para livrar os vermes do frio, e da humidade de que são mui susceptivéis, e que os affige; e quando assim se não pratique, deve-se tirar as esteiras, ou cortinas das janellas logo que sahir o sol depois da chuva para deixar entrar o calor, e a luz. Sustentar os vermes sem interrupção nem de hum só minuto, ordinariamente faz adiantar, e não pouco, o seu crescimento, objecto de que depende com especialidade o proveito do cultivador. Se os vermes chegarem ao estado de maturação em 25 dias, huma folha gaude de papel coberta destes animaes, que ao nascerem apenas pezarão huma dracma, pouco mais ou menos produzirá 25 onças de seda; retardando-se porem esta maturação até aos 28 dias, produzirá somente 20 onças; e se os vermes gastarem hum mez, ou 40 dias no seu crescimento, darão só 10 onças de seda. Por isso os Chinas não se ponhão a tratar os vermes com todo o desvelo nesse periodo critico, e interessante. O maior acceio possível é absolutamente indispensavel á saude destes animaes, que devem ser mudados a miúdo para taboleiros limpos, afim de os afastar de seus excrementos, das folhas mortas, e de toda a especie de imundicia, limpando-se tambem as prateleiras; e á proporção do crescimento, os vermes devem dividir-se para outros taboleiros; por exemplo: os de hum taboleiro para 3; depois para 6; e dahi para 12, 18, 24, etc, conforme o tamanho, que progressivamente adquirirem, por isso que se vão enchendo de humeres, e torna se preciso proporcionar-lhes bastante campo para se estenderem, e mexerem sem se tocar, o que seria prejudicial. Estas mudanças fazem-se geralmente no fim de cada periodo da vida do bicho no estado de verme, como mais adiante se explicará; com tudo, succede às vezes ser necessario antecipar estas operações quando os vermes crescem rapida, ou extraordinariamente. O momento mais critico para a remoção dos vermes é quando elles tem adquirido huma cor amarela, e lustrosa; e quando estiverem em estado de trepar para principialem a tecer; é então que se devem circumdar de esteiras em pouca distancia, desde o tecto do quarto até abaixo, para excluir o ar de fora, e para os deixar trabalhar em socego, e no escuro, o que elles preferem. Porem depois do terceiro dia de trabalho deve-se arredar as esteiras huma hora depois do meio dia até ás 3 da tarde, sem com tudo deixar o sol bater nos bichos, os quaes devem-se cobrir com folhas de papel macio, bem curuto. O verme gasta pouco mais cu menos sete dias em fiar o seu casulo, e mesmo antes de ficar completo, o bicho vai-se transformar em nympba.

No fim dos sete dias contados do principio da fiação dos casulos de seda, ajuntão-se, e amontoão-se estes casulos, havendo-se primeiramente apartado, e exposto em lugar secco, e arejado a porção delles destinada á propagação da especie, por isso que encerraõ bichos, e se denominaõ Casulos Reaes

Põe-se estes casulos em cima de folhas de papel branco, ou de qualquer qualidade de panno de algodão; e dentro em poucos dias as borboletas abrem passagem, e saem dos casulos; as femeas de maior volume ficaõ quasi immoveis, e os machos mais pequenos logo principiaõ a bater as azas.

E' por ellas, ou pelo corpo que se pega numa femea e da mesma sorte em hum macho, pondo-os aos pares hum ao pé do outro, e continua-se até as femeas estarem todas emparelhadas; e immediatamente principia a obra da fecundação; porem não se deixão ficar unidos mais de 4 a 5 horas e é então que se tirão os machos, e deitão-se fora, a não haver maior numero de femeas, por que nesse caso o mesmo macho serve para secundar mais humas até duas femeas. Estas depois de fecundadas poem-se em cima de huma sarja de lan previamente pregada na parede, onde ellas se agarrão, e poem os seus ovos juntos e raras vezes hums sobre os outros. Estes ovos ficam pegados á sarja por meio da materia fluida viscosa, que acompanha a emissão do ovario do insecto. Deixa-se pois ficar a sarja com os ovos pregada na parede dois ou tres dias, ou o tempo necessário para permittir a devida evaporação de toda a humidade exterior dos ovos, e do liquido pegajoso; e depois de bem enxutos enrola-se, e conserva-se em lugar secco, e arejado dentro de huma folha, ou outra vasilha bem tapada para que os ratos, baratas, ou outros quaesquer bichos não possam acometel-os. Segue-se ao depois matar as nymphas nos casulos, que são de figura conica; o que se faz por diversas maneiras. Em algumas partes deitão huma porção de casulos com o pezo de 10 libras em vasilhas grandes de barro, e por cima desta camada de casulos lançaõ 4 onças de sal limpo, e moído, cobrindo-os com folhas de lino aquatico, [nymphæa pigmea] ou outra planta de semelhante natureza, e tapaõ bem as bocas das vasilhas. Em outras partes costumaõ suffocar as nymphas ao sol com o vapor de agua a fervêr, e até com a camphora; porem o methodo seguinte é o mais adoptado na Italia, e em França

Em primeiro lugar despem-se os casulos do barbillho, que forma a capa exterior, bolão-se em balaios grandes de junco, ou de taquara, forrados de papel grosso para que fiquem bem encerrados; põe-se estes balaios em hum forno com a temperatura em que geralmente fica depois de cozido o pão, e deixão-se ahí ficar huma ou duas horas até que se não ouça mais a agitação dos bichos dentro dos casulos; então tirão-se os balaios, e envolvem-se em cobertores grossos para que o calor se concentre, e se acabe de suffocar alguns bichos, que ainda estiverem vivos. Se o calor do forno não tiver sido sufficiente, ou continuado, os bichos não morrem; e se for excessivo resseca, e prejudica a seda. O abbade de Sauvages pertende que estes dous inconvenientes se previnem regulando o calor do forno em 80 grãos do thermometro de Fahrenheit, que correspondem a 21 e 3 de Reaumur, e a 26 e 6 de Celsius, ou centigrado.

## HISTORIA NATURAL DO INSECTO NA EUROPA.

Já dissemos que o verme é produzido por hum ovoinho, de cor cinzenta amarelada, do tamanho da cabeça de hum allinete pequeno, pôsto por huma borboleta parda esbranquiçada.

## PEZO DOS OVOS, OU SEMENTE, E NUMERO DE SEU PRODUCTO.

Huma onça de ovos escolhidos deve pouco mais ou menos conter 39:168 ovos; e as cascas pezarão 116 grãos e meio; que vem a ser a sexta parte do pezo total. Durante a evaporação dos ovos no lugar onde ficão expostos perde-se 13 grãos por onça em 5 dias, 37 em 8 dias, e 47 em 10, que é quando nasce o verme. Deste modo, huma decima segunda parte do pezo do ovo evapora-se antes do verme nascer. Os melhores ovos não rendem mais de 68 ovos por cada grão de pezo, e os inferiores 70. O conde Dandinolo, celebre cultivador prático deste precioso ramo de industria na Italia, e que tem publicado obras mui circumstanciadas sobre este interessante assumpto, diz que 360 casulos bons pezáo libra e meia; e os que não soffrerem perda nos ovos, ou nos vermes poderão mui bem produzir 165 libras em casulos de huma onça de ovos; e que todo e qualquer desfalque deste pezo mostra claramente o prejuizo que houve. Huma onça de ovos composta de 676 grãos fica reduzida ao pezo de 413 grãos, deduzidos os 47 perdidos pela evaporação, e mais os 116 do pezo das cascas. Assim, os 413 grãos restantes, pezo real, são iguaes em pezo a 39:168 vermes recém-nascidos, e por conseguinte são precisos 54:526 destes para formarem huma onça de pezo.

O frio prejudica muito a impregnação dos ovos quando a borboleta nasce em seu estado perfeito, e ephemero. Os ovos tem maior pezo especifico que a agua; e sendo bons, apenas hum entre cem deixa de nascer em 3 dias, sendo expostos a huma temperatura conveniente; os inferiores, e duvidosos fão nascendo mais devagar, e regularmente, por olivias razões, e é este hum dos maiores inconvenientes, que acompanha a propagação. Os melhores ovos tem em primeiro lugar huma cor de linho cru; depois assumem huma cor tirando a róxo; e finalmente tornão se pardos cinzentos, cor que elles conservão até se choçarem. Devem os ovos estalar com estrondor entre as unhas, como a pulga quando se mata; e verter hum liquido viscoso enquanto que os ruins esmagão-se sem estalo, e o fluido, que largão, não tem maior consistencia que a agua. Os melhores pezáo mais que os outros, e deitados no vinho vão logo ao fundo, enquanto os ruins ficão nadando na superficie. Muitos costumão escolher os casulos cor de limão maduro, ou de palha de trigo para casulos reaes, destinados á continuação da raça, contanto que sejão duros, proporcionalmente pezádos, e de hum fio lizo, fino, e bem chegado, por serem todos estes signaes indicativos da vigorosa saúde do insecto, e da superioridade da seda.

## TEMPERATURA.

E' da maior consequencia conservarem-se os vermes em huma temperatura, que não desça de 75 grãos de calor do thermometro de Fahrenheit, iguaes a 19, 1 de Reaumur e a 23, 8 de Celsius, ou centigrado dos quimicos francezes, até fazercm a primeira muda; dahi até á segunda muda,

entre os 73 e 75 grãos; desta até á terceira, entre os 71 e 73; e finalmente até á quarta, entre os 68 e 71.

Uma das principais bases da arte de criar estes vermes é o saber determinar os precisos grãos de calor em que os vermes devem existir segundo as suas idades; nada disto porém se pode cumprir com infalível exactidão sem aquella prática, que somente se adquire com o tempo, com a experiencia, e estudo do clima. Em paizes quentes, e com especialidade nos que estão como este situados entre os tropicos, o bicho não fica exposto ás mesmas, nem a tantas vicissitudes, e não requererá tantos cuidados como na Europa; contudo deve-se observar maxima cautela, porque o verme não pode soffrer alterações repentinas do calor ao fio, e vice-versa.

Uma continuação de experiencias feitas em França tem mostrado que huma temperatura de 68 grãos de Fahrenheit é a mais adoptada naquella paiz á propagação favoravel destes vermes. Alguns cultivadores a tem levado a muito maior grão de calor e com bastante proveito; porém não se deve perder de vista que o grande calor não é tão prejudicial aos vermes como as repentinas mudanças de 8, 10, e 12 grãos de temperatura durante as 24 horas, ou para mais, ou para menos, pois que taes mudanças não somente amofinão o insecto, mas arruinão-lhe a saude, e causão grandes perdas aos cultivadores.

Em paizes frios é preciso apressar o nascimento dos vermes, para se aproveitar as folhas novas da amoreira logo que ellas rebentão, o que não acontece em climas quentes. Boisseur de Sauvages provou por experiencias directas o grão de calor a que se pode submeter os vermes sem danno; eis o que elle diz a este respeito — Em hum anno em que, pelo apressado desenvolvimento das folhas das amoreiras, em fins de abril, me foi necessario adiantar a propagação dos vermes, dei-lhes 100 grãos de calor de Fahrenheit, durante os primeiros dias de vida, e pouco mais ou menos 95 grãos durante o primeiro, e segundo periodo; 9 dias decorrerão somente desde o nascimento até á segunda muda inclusive; e os outros cultivadores, meus vizinhos, que presencião as minhas operações não poderão conceber como os vermes resistirão a hum calor tão forte, e a huma atmosphera tão suffocante; as paredes do quarto, e os taboleiros estavam tão quentes, que apenas se podião tocar com as mãos; e todos pensarão que os vermes morrerião assados; porém nada disso succedeo, tudo foi indo maravilhosamente, e com grande surpresa de todos tive huma abundantissima colheita. Depois experimentei 93 a 95 grãos de calor na primeira idade; 85 a 91 na secunda; e é mui singular que a duração destas duas idades foi com pequena differença semelhante á da primeira experiencia, em que tanto calor experimentarão. Convem dizer que em ambas estas experiencias deu-se a mesma razão de folhas, que se costumam dar na criação dos vermes em temperaturas mais moderadas; e é mui extraordinario o facto, que os vermes assim mais impellido nos dous primeiros periodos de sua existencia, consumirão 5 dias tão somente com a 3.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup> muda em huma temperatura de 82 grãos, em quanto que os vermes, que não havião sido apressados levãõ 7 a 8 dias a fazer as ultimas duas mudas, exactamente na mesma temperatura de 82 grãos.

[Continuar-se-ha]

## DA VIDA, E SUA APPARENTE DURAÇÃO,

## OU BREVIDADE

Acha a vida curta e aprasivel o homem que a emprega bem; assim como longa, e tediosa ao que faz máo uso della. Os prazeres da existencia são na verdade, susceptiveis de extensao e differentes grãos de intensidade, com tanto que os fazemos consistir no moderado exercicio de nossas faculdades phycicas, e moraes no emprego do tempo, util a nós, e aos nossos semelhantes. Mais rende em prazer meio dia ao homem virtuoso, applicado, e benefico; muito mais duravel gozo e satisfação encontra nesse curto espaço, do que outros em longos períodos de ócio, ou dissipação, ordinariamente seguidos, tanto aquelle como esta, de vaga tristeza, e de tardios remorsos. O bem que em trinta minutos se pode fazer, só o concebem aquelles, cujas almas generosas sentem os males alheios, juntamente com o desejo sincero de os remediar. Na presença do Bem essencial Infinito, hade a existencia necessariamente adquirir hum grão de intenso e expansao immenso, e parece que este pensamento religioso, queria exprimir Mahomet, a huma passagem da miseravel rapsodia que intitulou Alcorão, cuja substancia é a seguinte:

Estava o *grande profeta* dormindo (e provavelmente sonhando) na sua cama quando o anjo Gabriel o arrebatou para lhe mostrar as maravilhas todas que se comprehendem nos sete céos, no paraiso, e no inferno (praza a Deos, caro leitor,

que o não acompanhemos na sua *deusada viagem*). Vio tudo com miudeza segundo se devia esperar de observador tao perspicaz; depois disso ainda teve noventa e nove mil conferencias com Deos (o bom do *santo* não nos explica a razao por que Allah lhe não concedeu as que faltavao para arredondar a conta); e finalmente, não tendo mais que inspeccionar nos sete céos, no paraiso, e no inferno (onde, se entao não ficou, estará hoje), concluidos os negocios que precisava tratar com o Todopoderoso, pegou nelle o anjo Gabriel, e o restituiu á cama. Isto sao bagatellas a que o grande profeta estava acostumado; ,, mas (observa mui judiciosamente hum comentador de Alcorão), sobre tudo é digno de notar-se achar elle a cama quente, e chegar ainda a tempo de levantar do chao huma bilha que o anjo, por falta de cautela com a pressa que trazia entornou, quando veio arrebatá-lo isto antes que o liquido todo se vasasse! ,, N'hum paiz ardente, com effeito, não deve causar-nos tanta admiração, que o calor communicado pelo esquentado profeta aos lençoes se conservasse hum bom espaço de tempo; que huma bilha, porem, não chegasse a despejar se em quanto elle fez tao dilatadas viagens, eis ahí o milagre.

Talvez que semelhantes reflexões fizesse hum certo soldao do Egypto, que ouvindo estas *verdades* a hometanas (devia ser algum herege, ou renegado) ria a bandeiras despregadas na presença do sabio doutor que pretendia convertê-lo a fé de Mahamedo, tratando-as de *im*

possiveis e absurdas. Porem o illuminado pregador, que tinha o dom de fazer milagres, se não iguaes ao menos semelhantes, convidou ao incredulo principe para huma sessão em que se obrigava, não a demonstrar com raciocinios, mas a fazer-lhe palpavel a possibilidade pela sua propria experiencia, dos factos que o Alcorão offerencia á piedade dos *verdadeiros crentes* querendo elle sujeitar se a huma facil experiencia. “ Não guardemos para outro dia o que podemos fazer já ,, replicou o soldão, curioso de ver como o doutor verificava as magnificas demonstrações que lhe prometia do seu milagroso poder: “ Vamos, sem demora á experiencia ,, Nada mais precisamos para ella, respondeo o thaumaturgo islamita, de que huma grande tina cheia d’agua,, E veio huma tina com as dimensões pedidas, cheia de agua, para o meio da sala, onde se achava o soldão com os seus ministros, em companhia do *reverendissimo* doutor. Pedio este ao principe que mettesse alli a cabeça (bem entendido na tina), e a mergulhasse o espaço de tempo que lhe conviesse. Os cortesãos, e ministros cercarão logo a vasilha, receiosos que o *santo* fizesse prolongar a immersão em detrimento de seu senhor.

Apenas o soldão mergulhou a cabeça, achou-se ao pé de hum monte na praia do mar em sitio desconhecido, segundo lhe pareceo, mui longe dos seus estados por consequencia limitado aos recursos naturaes, circumstancia desagradavel a qualquer homem, quanto mais a hum principe acostumado ao

mando absoluto, e a todos os commandos que o seu capricho inventava. Chamou traidor e feiticeiro velhaco ao santarrao, que tal peça lhe pregou; porem vendo que nada ganhava em agitar-se, tratou quanto antes de procurar algum meio que o livrasse da fome, que ja principiava a sentir. Do lugar em que se achava não descobria povoação alguma, por tanto subio ao alto do monte, de onde não muito a longe, avistou campos cultivados, e habitações. Puz-se a caminho com receio de não ser bem recebido; mas reflectindo, que o estado a que o tinha reduzido o dr. mahometano, era menos sujeito a inimidades que o de soldão do Egypto, de cujo throno se via desapossado, tomou animo, dirigio-se aos primeiros habitantes que encontrou, e estes o levarão a huma cidade proxima, onde remediou a necessidade que mais o apertava, comendo o que lhe derão, não sabemos se por caridade, ou dinheiro, pois que o historiador não menciona essa importante circumstancia, assim como deixou ficar no tinteiro as aventuras por que passou até casar com certa senhora muito rica e formosa, da qual teve sete filhos, que erao o seu retrato, e outras sete filhas que se pareciao com a mãe - como a metade de qualquer coisa se parece com a outra metade; porem, como as satisfações desta vida são ordinariamente perturbadas por inesperados contratempos, achou-se repentinamente reduzido a viver do seu trabalho, coisa, desgostosa na verdade, se não que o diga qual quer de nós, e mais nunca fomos soldões. Já se sabe, que os gran-

des infortunios costumão despertar certos temorsos na consciencia dos incredulos; e hum dia que elle passeiava na praia do mar, meditando nos melancolicos pensamentos, proprios do seu miseravel estado eis que lhe vierão á memoria os sermões do sabio doutor; então os milagres do profeta lhe parecerãmenos fabulosos. Assim como a duvida em materias de fé abte as portas a impiedade, assim tambem os remorsos que a desgraça resuscita dão força ao saudavel arrependimento. "O que tenho padecido ha tantos annos, disse elle, é visivel castigo do profeta, por que fazia gala dos meus erros e me recusava a toda a instrucção. Ainda é tempo: principiemos desde agora a praticar os actos religiosos; que, oxalá, nunca tivera interrompido... No mesmo instante começou as abluções, que os mahometanos costumão antes de fazer oração; e, caso estupendo! quando imaginava sabir do mar tirou a cabeça da tina, e achou-se na sala onde esta comedia se representava. Então, esquecido o proposito de emenda, e reassumindo a altivez de hum soldão, lançou asperamente em rosto ao santo doutor, have-lo reduzido a ter de trabalhar com suas maos, para ganhar o sustento; mas ficou altamente admirado, quando lhe affirmarão todos os circumstantes, que sua alteza não tinha sahido dalli, e apenas mergulhou a cabeça na agua, logo a tornou a levantar.

Escusado será dizer que o doutor nao desperdiçou tão bella occasiao de moralisar. lembrando aquelle principe, que a Deos nada é im-

possivel; que na sua presença mil annos equivallem a nada por que realmente nada são comparados com a eternidade; e que o Todopoderoso nenhuma difficuldade tem querendo que hum instante pareça mil annos ás suas creaturas.

Esta doutrina é santa, não se deve negar; mas pelo que respeita ao milagre do sectario mahometano, o que sem erro podemos crer, é que, se o soldão mergulhou a cabeça em agua, com toda a certeza a tirou molhada... Poreu, moralisemos nós tambem hum pouco, para concluir este conto da mesma sorte que principiamos: — Quão differentes o mesmo oppostos sentimentos hade experimentar o anciao virtuoso, quando recordar as memorias da sua vida, passada em actos de verdadeira piedade isto é, ecclia de acções caritativas, e generosas; empregada na cultura das suas faculdades intellectuaes e racionais, quam differentes dizemos, e mesmo oppostas serão ás sensações daquelle que envelheceo inutil á sociedade; que em moço cuidou só de satisfazer os seus appetites, e passado esse verdor dos annos tratou de acumular thesouros flagrando com usuras o laborioso agricultor, o pobre artista o operario, a viuva, e orphaos desgraçados, sem nunca ter com hum acto compassivo. moído o sermão, tão amavel da gratidão! Similhan-te ao proprietario de caõ pinas estercis, no roto escavado, que fructos pôde esperar no tempo da colheit? Não assim o principio: a vida anterior lhe representa hum jardim delicioso de bellas flores adornado, rico de preciosos pomos, per-

fumados com o aroma das banheiras, das orações que ao céu envião corações enternecidos por elle arrancados ás garras da miséria; imagem finalmente, do celeste jardim onde, chegado o termo prescripto, hirá repousar no seio da inalteravel pe petua felicidade, por que trabalhou em quanto viajava como passageiro nos borrascosos mares da transitoria existencia.



### PETRONILHA, FRANCISCA E JOANNA.

Petronilha, Francisca e Joanna são tres raparigas de uma aldéa de França, que o famoso Canova houvêra escolhido para modelo das tres Graças, se lh'as mandassem esculpir. Todas tres havião nascido com a mais decedida vocação para o matrimonio, que, segundo diz S. Paulo, é cousa boa; mas bem sabião que, para se fazerem dignas do sacramento era preciso que se fizessem recommendaveis pela sua modestia e pela sua virtude,

Illesa conservando a flor mimosa,  
Que envolta em brandos aiscollheis, Amores,

#### BOCAGE.

De facto, 21 primaveras já tinhão passado por cima dellas sem que o seu comportamento se desmentiasse. Seria por verdadeira força de virtude, ou por falta de occasião? O resto desta veridica historia no-lo dirá. Luiz era um mancebo de outra aldéa vizinha, talhado pelo molde do Apollo de Belvedere. Luiz vio Petronilha, Francisca e Joanna, e namorou-se de todas tres; Joanna,

Francisca e Petronilha virao Luiz, e todas se namorãao delle.

Até aqui vai o negocio muito em ordem; porque enfim de contas, segundo diz o dictado, o homem é fogo a mulher é estopa, vem o diabo e assopra. E que desta vez assoprou como quem era não tem a minima duvida; porque passados poucos dias de requebros e de finanças, cada uma das tres donzellas ardia em desejos de o não ser. Não tiverão grande trabalho em conseguilo. Luiz prometteu casamento a todas tres e depois dos costumados juramentos de amor eterno, e mais encarecimentos do ritual, pôde obter de cada uma dellas que, por uma ligeira transposição da marcha ordinaria das cousas, o casamento se consummasse primeiro e se celebrasse depois.

Dizem que o diabo tem uma capa com que cobre e outra com que descobre. Realmente assim é: antes da sua quêda nenhuma das ex-donzellas sabia dos amores das outras duas; mas como, segundo diz o proverbio, o amor e o dinheiro não podem andar encobertos, que o dinheiro é chocalheiro, e o amor desinquieto, aconteceu que em breves audiencias, depois que todas tres comerão do fructo vedado, logo cada uma dellas soube que tinha duas rivaes, e que Luiz as atraçova a todas. Resolverão vingar se. Concertado entre todas tres o plano de operações que se devia seguir convidou uma dellas a Luiz para uma entrevista (o original francez diz *rendez-vous*), porem em sitio sosinho e retirado.

Aceitou o mancebo o convite, e, segundo o seu costume foi pontual. Em lugar de uma só amante com que

contava, encontrou tres; porem em vez de serem tres graças, são tres Jurias. Cahirão em cima do traidor, com o tres demonios, e como tres demonios lhe fizerão pagar mais cara do que sem duvida elle suppunha a traição de que todas tres erão victimas. N'uma palavra, depois de muito bem amarrado, sem que elle tivesse forças para resistir-lhes, pizerão o pobre Luiz em circumstancias de poder fazer a guarda das odaliscas do grão senhor sem que a honra de S. A. perigasse pouco nem muito. O facto constou immediatamente por toda a parte e chegou ao conhecimento da justiça; mas como não havia testemunhas que o provassem ficou impune.

Petronilha, Francisca e Joanna ficarão desferradas da offensa que haviam recebido, tanto quanto as circumstancias do caso o permittião; porem não obstante a grandeza da vingança que tomáráo, cahirão em tal melancolia, que nunca ninguem mais as vio rir. E não ha nisto nada que admirar;

Quê o tempo tudo consola;  
Mas magoa do coração...  
Mas remorsos de donzella...  
Nao pôde cura-los não

MOUSINHO

---

COMMUNICADO

---

RECEITAS

*para obter-re tintas de côres*

A tinta preta indelevel de Westrum obtem-se fazendo ferver em 3 libras de d'agoa 3 onças de nós de galha e 1 de pau de Pernambuco Quando este licor estiver reduzido á quantidade de

2 libra. juntar-se-lhe-ha meia onça de sulphato de ferro, 2 oitavas de gomma arabica, e 2 d'assucar. Depois de obtida a sua solução juntar se ha 10 oitavas de anil reduzido a pó inpalpavel, e 6 ditas de pós de sapatos: tudo deve ser delluido em uma onça de agoardente superior. Com este processo obtem se a melhor tinta possível, e sempre que se quiser fazer uzo d'ella é necessario vascolear-se o vaso em que ella for posta.

A tinta encarnada obtem-se fazendo-se ferver pelo tempo de 3, a 4 horas 2 onças de pau Brazil em 2 libras d'agua, devendo-se-lhe ajuntar sufficiente quantidade de gomma, e menos da metade de alumen.

Para obter-se a tinta azul, reduz-se anil, ou azul da Prucia a pó inpalpavel, e trata-se por uma solução forte de gomma arabica.

A tinta amarella he o resultado de uma solução de gomma gutta em agoa, á qual se ajunta uma solução de gomma.

A escarlata só consta do vermelhão, com agoa gommada.

(II. A.)

---

*Caso raro de somnambulismo*

O facto seguinte he referido por D. Dahaget, prior da cartuxa de Pierre Châtel em França no fim do seculo passado homem honrado e de huma piedade exemplar.

“ Tínhamos, dizia elle a hum amigo, n'hum mosteiro onde fui prior antes de vir a Pierre-Châtel hum religioso de hum temperamento melancólico e sombrio, e conhecido como somnâmbulo.

“ Algumas vezes nos seus accessos sabia da sua cella e entrava so; outras vezes perdia-se e era necessario conduzi-lo para seu quarto. Consultava-se os medicos e deram-lhe alguns remedios: depois as recaídas erao menos frequentes, e ninguem fazia caso delle.

“ Huma noite que nao fui para a cama ás horas de costume estava ao pé da minha mesa occupado em examinar alguns papeis, quando senti abrir a porta do meu quarto, na qual sempre deixava a chave; e logo vi entrar o tal religioso n'hum estado perfeito de somnambulismo.

“ Tinha os olhos abertos, porem fixos; estava vestido sómente com a tunica com a qual devera deitar-se e na sua mao direita via se huma grande faca.

“ Elle foi direito para minha cama cuja posição sabia examinou o local apalpando com a mão para in lagar se eu estava alli effectivamente; depois disso, deu tres grandes facadas com tal força que, havendo o instrumento passado os cobertores, entrou profundamente no colchaõ, ou, para exprimir-me com mais propriedade, na esteira que me servia de colchaõ.

“ Quando passou por diante de mim, tinha a figura contrahida e as sobra celhas franzidas; porem logo que deu as facadas e que se voltou para traz, observei que o rosto estava mais natural e com certo ar de satisfação.

“ A luz dos dous candieiros que estavaõ sobre a minha mesa não cauou a menor impressãõ nos seus olhos, e voltou como tinha vindo, abrindo e fechando com discriçãõ duas portas que conduziaõ á minha cella; e logo observei que se retirou em direitura e pacificamente para a sua.

“ Bem podeis julgar qual seria o meu estado durante aquella terrivel apparicão. Estremeci de horror á vista do perigo em que me tinha achado, e dei graças á Providencia; porem a minha emoção foi tamanha, que não pude feixar os olhos toda a noite.

“ No dia seguinte mandei chamar o somnambulo, e perguntei-lhe sem affectação em que tinha sonhado na noite antecedente.

“ Ao ouvir esta pergunta parecia consternado. — Padre, me respondeu elle tive hum sonho tão estranho, que verdadeiramente não me atrevo a contarvo-lo; foi talvez alguma tentação do demonio; e.....

— Eu vo-lo ordeno repliquei-lhe hum sonho he sempre involuntario, e he sómente huma illusão. Fallaõ com sinceridade. — Meu padre, disse elle então, logo que me deitei na cama sonhei que vós tinheis morto minha mai: que a sua sombra ensanguentada me apparecia para pedir vingança, e que a esta vista eu me enchi de tal furor, que corri como um doudo ao vosso quarto, e tendo-vos achado na cama, vos apunhalei. Pouco tempo depois, acordei banhado n'hum suor copioso, detestando meu attentado; e logo agradecci a Deos de não ter commettido tão grande crime.... — Foi commettido mais do que imaginaes, dis-

se-lhe eu com ar serio e tranquillo.

“Então contei-lhe o que setinha passado, e mostrei-lhe os signaes das facadas que deira ná cama.

“A esta vista, lançou-se aos meus pés derramando lagrimas, gemendo sobre a desgraça involuntaria que poderia ter acontecido por sua culpa, e pedindo a penitencia que eu julgasse dever impor-lhe.

—Não não, exclamei eu, não vos castigarei por hum a to involuntario; mas para o futuro ficais dispensado de assistir aos officios nocturnos e vos faço saber que a porta de vossa cella será fechada por fóra depois da cea e não se abrirá senão para que possaes assistir á missa da familia que se diz ao romper do dia.,



## SONETO

**A** Salta me o capricho de cazar-me  
 Porem com quem, he todo o meu receio;  
 Para ser com mulher de aspecto feio  
 O vê-la a cada instante, he desgostar-me.

Não deixa a que he formosa de agradar-me,  
 Mas que ella agrada aos outros tão bem creio,  
 Se pobre, e simples for, não me gloreio:  
 Se altiva, póde bem precipitar-me.

Tem de humilde a orgulhoza as apparencias;  
 A que ostenta virtude, hum dom supposto;  
 A astuta perniciosas consequencias;

Todas ou mais ou menos dão desgosto:  
 Pois que farei em tantas contingencias?  
 Manda-las bogiar he o melhor gosto.



O camponez e o burro do seu vizinho.

Um camponez pediu a hum vizinho que lhe emprestasse o seu burro; porém disse-lhe este que o tinha já emprestado a outra pessoa, e que sentia que elle não l'ho tivesse pe dido antes. Em quanto assim se estava desculpando., eis que o burro principia a zurrar. Ah! ah! disse o camponez, ouça, alli está o seu burro, que diz que não he verdade que Vm. o tenha emprestado a outrem. Vá-se daqui para fóra, respondeu o vizinho muito encolerizado Vm. acredita mais o meu burro do que me acredita a mim?



#### PENSAMENTOS

— A mocidade he introducção a hum historia que em quanto espera pelos factos he ainda hum ma Fabula

— A imaginação he no moço a necessidade do pensamento.

— Nem sempre o maior diamante se encontra á flor da terra; nem tambem são os maiores aquelles que mais s'ostentão.

— A modestia he quasi sempre hum involucro prejudicial, pois só quebrad, este vê-se o que aquella encobre.

[R. J. F. B.]



#### CHARADAS

Tem-me a Lapônia, 1  
No lago estou; 1  
Porção de terra 2  
Veg tal sou.



Já nas mãos d'audaz matrona  
Fui fatal aos Castelhanos 1  
Assim se chamava um povo 5  
Antes que houvessem Romanos

De palacio fui outr'ora  
Official superior;  
N'Alemanha actualmente  
Sou quasi um rei; sou senhor,



#### DECIFRAÇÕES

A charada do n antecedente  
he — milagre — o inigma exprime  
a letra — m —

O — Recreador Mineiro — publica-se nos dias 1.º e 15 de todos os mezes.

A redacção desta folha occupará hum volume de 16 paginas em 4.º sendo alguns numeros acompanhados de nitidas estampas. O seu preço é de 6:000 rs. por anno, e 3:000 rs. por seis mezes nesta Cidade do Ouro-preto; e fóra della 7:000 rs. annuaes, e 3:500 rs. por semestre, pagos adiantado, por isso que nesta quantia se incluye o porte do Correio. Cada numero avulso custará 400 rs., e 1:200 rs. levando estampas; as quaes todavia não augmentarão o preço d'assignatura. Subscreve-se na Typographia imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, a quem as pessoas de fóra, que desejarem subscrever, podem dirigir se por carta sobre semelhante objecto.

O. P. Typ. imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, rua da Giló 108

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 4.º

1.º DE SETEMBRO DE 1846.

N. 41

## OS TRES RACANS

Sabese que Maria de Jars *de-moiselle* de Gournay, filha adoptiva de Montaigne, foi uma das senhoras mais notaveis do seu tempo. Já velha, desejou conhecer o poeta Racan, então muito na moda, e este assignalou dia para ir visitar a respeitavel donzella. Dous amigos de Racan sabendo a hora em que esta visita devia ser feita imaginarao um gracejo, que, como se verá, teve completo exito.

Um delles apresenta-se huma hora antes da aprezada em casa da Sr.ª de Gournay, e faz-se annunciar sob o nome do Sr. de Racan. Encantada de tanta promptidão, a Sr.ª de Gournay recebe ás mil maravilhas o falso Racan, que homem de espirito e homem do mundo, falla-lhe muito das obras que ella tinha composto, e despede-se dahi a meia hora, deixando-a encantada.

Apenas sahe, annuncia-se de novo o Sr. de Racan: a Sr.ª de Gournay julga que esquecerá alguma cousa e levanta-se para receber-lo, quando, com grande sorpresa, vê entrar hum semblante desconhecido e inteiramente dissemelhante do do Racan que acabava de ausentar-se. Tem lugar ex-

plicações: este attesta que é o verdadeiro Racan, mostra-se zangado com a margação que acabavão de praticar e a Sr.ª de Gournay vem por fim a rir-se com elle da caçada de que ella tinha sido victima. Sahe tambem este passados alguns instantes, e a velha donzella que ficara ainda mais contente com elle do que com o primeiro tora-o pelo verdadeiro Racan, e outro por um Racan de contrabando.

Apenas porem acaba este de partir, o verdadeiro Racan, apparece em pessoa.

— Que! mais Racans? exclamou a Sr.ª de Gournay.

E avançando-se para o poeta perguntou-lhe se vinha insulta-la. Racan que era muy tímido, cora, e pode apenas balbuciar algumas palavras. Esta hesitação acaba de convence-la e, tirando a chiuella poem-se a dar-lhe chiuelladas não cessando se não depois de o obrigar a fugir.

Esta anecdota forneceo ao padre Bois-Robert objecto para a comedia em 5 actos intitulada — *Os tres Orontes* — representada em 1652, e que depois servio de modelo a muitas outras.

## [ Continuação da Memoria sobre o Bicho da Seda. ]

Destes factos se pode deduzir que è sufficiente dar-se um impulso proporcional à construção e ao phisico dos vermes para regular nelles uma veloz successão de mudanças; este impulso que acanhámos de descrever, ao mesmo tempo que opera a produção de tão rapido crescimento, vigora os insectos, e infunde nelles um grão de actividade, que não deixão de conservar em todos os periodos, e que nas futuras gerações apresenta dobrada vantagem.

Este systema tem ainda mais o proveito de abreviar os cuidados, e a assistencia vigilante tão necessaria no manejo dos vermes, e põem mais prompto termo à anxiedade, que naturalmente peza sobre o cultivador em quanto se não verifica a colheita dos casulos.

E' por tanto bem claro que o clima do Brasil em geral muito deverã favorecer a vantajosa propagação destes vermes, e a cultura de tão nobre ramo de industria.

## NASCIMENTO, ENFERMIDADES, E MUDAS DOS VERMES.

Em paizes frios, onde as neves, e os gelos são periodicos, e de bastante duração, è mui facil conservarem-se os ovos por muitos mezes sem perigo de se chocarem; porem em climas quentes não è assim, e apenas se poderá retardar o nascimento dos vermes por alguns dias, ou por poucas semanas; em todos os casos bastará expor os ovos, como ja se indicou ao ar, e ao sol para ve-los nascer com presteza.

O verme ao sair da casca terá apenas linha e meia até duas de comprimento. A primeira indicação, que elle dá de vida, è o desejo apparente de comer; e a não ser logo provido de alimento, apresentará movimentos mais intensos que em outro qualquer periodo de sua curta vida. Tão pouca è a inclinação nestes insectos de mudar de lugar, que em geral pode se dizer delles que espontaneamente não percorrem em todo o decurso de sua existencia vermicular maior espaço que 3 a 4 palmos do ponto onde nascerão. Ainda mesmo quando hajaõ de ter fome, (o que o propagador sagaz nunca deverá permittir) o verme ainda se agarra ao esqueleto da folha onde acabou de tirar a nutrição; e para apagar as insaciaveis precisões de seu voraz appetito lhe è mister praticar maiores esforços, o mais que se atreve a fazer è arrastar-se ate à borda do taboleiro em procura da folha predilecta, posto que tenha havido exemplos de alguns se aventurarem a trepar na borda do mesmo taboleiro; contudo, o cheiro de folhas frescas de amoreira fa lqs retroceder a seus postos.

Se os vermes da seda tivessem a propriedade de andar errantes, muito maior seria o trabalho e o cuidado do cultivador; e tão util nos è este dom peculiar de innata preguiça nos vermes, que nós como theologos naturaes somos irresistivelmente induzidos a considerar aquelle dom como resultado de hum sabio designio do omnipotente Architecto do universo; por quanto parece formar parte do vasto, e incomparavel systema da natureza, que o homem dedicado à historia, e à philosophia natural tem tantos momentos para contemplar com emoções de delectavel prazer de assombro, e de infinita gratidão.

O verme em oito dias depois do nascimento achase mui visivelmente crescido, e principia a sentir o primeiro ataque de enfermidade, que dura tres dias; dentro deste tempo rejeita a comida, e fica sem movimento num estado lethargico. Alguns attribuem esta languidez, e inacção ao adormecimento; porem o termo fatal, que tantas vezes acompanha estas mudanças, parece fornec

oer bem fundada refutação a semelhante hypothese. O verme cresce tão consideravelmente durante hum mui curto espaço de tempo, multiplicando-se, em peso, milhares de vezes em menos de hum mez que a haver-se-lhe proporcionado tão somente humma pelle para servi-lo durante todo esse intervalo, com difficuldade poderia esta ter o conveniente elastico para acompanhar o crescimento do corpo do insecto. A maravilhosa economia do grande autor da natureza tem por tanto provido os embriões de outras pelles destinadas a servirem successivamente nas diversas metamorphoses do insecto, cuja enfermidade, e inappetencia ao alimento são provavelmente causadas pela compressão da pelle exterior ja insufficiente para o crescido corpo que encerra. No fim do terceiro dia deate lethargo o corpo do verme se consolida, e diminhe de volume, circumstancia que muito o ajuda a desembaraçar-se da pelle exterior, que o opprime, e que elle agora procura conseguir.

Para facilitar esta operação, ou muda, o verme lança humma especie de humor que se estende entre a pelle nova, e a que vai abandonar, lubrificando-lhes as superficies, e fazendo-as separar com maior presteza; emite tambem alguns fios de seda, que adherindo-se ao lugar em que elle se acha servem para confinar a pelle exterior na posição onde existe. Parece que estas medidas preliminares exigem consideraveis esforços por quanto o insecto depois de as haver tomado descança por algum tempo para cobrar alento, e preparar-se para novas fadigas. O verme, tendo sufficientemente repousado, volta á sua tarefa, e principia a esfregar a cabeça pelos esquelletos das folhas que o rodeão para desembaraçar-se da sua cobertura escamosa. O seu primeiro esforço é despojar-se daquella parte da pelle velha situada por detraz da cabeça, que por ser ali mais estreita, é tambem mais difficil de expelir-se. Vencido isto, fião desembaraçadas as duas primeiras mãos ou pernas dianteiras, e com o socorro dellas o resto do corpo facilmente sae; ficando a pelle abandonada unida pelos fios de seda ao lugar, que ja fica exposto. Esta mudança é tão completa, que não só o verme se acha desembaraçado de toda a antiga cobertura do corpo, como tambem da de todos os pés, e ate da dos dentes. Estas diversas operações são mui interessantes, e bem visiveis a quem estiver assistindo a ellas ou por curiosidade, ou por outro qualquer motivo.

Passados dous ou trez minutos desde o começo dos esforços acima referidos, o verme está de todo liberto, torna a ser vigoroso, ágil, e sadio, e principia a devorar com o renovado appetite o banquete de suas folhas. A's vezes porem succede que a pelle exterior não quer inteiramente separar-se de alguma parte do corpo, e quebra-se deixando humma porção circular adherente em forma de anel á extremidade derradeira e de que não se pode desembaraçar o insecto por maiores esforços, que faça; neste caso a compressão, que elle sente, produz a inchação daquella e de outras partes do corpo, e depois de repetidas tentativas de maior ou menor espaço de tempo, a morte geralmente poem termo á sua agonia.

Quando o verme tem vencido o primeiro ataque da enfermidade, e a mudança completa da pelle, é em geral de humma côr parda esbranquiçada a a parte interior e anterior da cabeça é preta como o azeviche; mas este parte torna se menos preta depois que o verme sae da segunda enfermidade; e quando vence a terceira apresenta-se com a cabeça muito maior o que o distingue nesse periodo; sobrevivendo porem á quarta enfermidade a cabeça assue-

me humma côr amarellada escura, ou côr de camurça carregada

Não se deve retirar o lixo dos taboleiros em quanto os vermes estiverem nos periodos da mudança, ou das suas enfermidades, segundo se denominão mas assim que estiverem de todo desembaraçados de sua antiga pelle, deve-se alimpar bem os taboleiros, e mesmo é proveitoso muda-los para outros frescos e hem enxutos, e mergulhar os que ja tem servido em agua de cal, e polos ao sol para que se enxuguem, afim de substituir os outros na occasião da proxima successiva mudança da pelle. Os vermes recém libertos de seu antigo involuero facilmente se distinguem pela côr pallida, e pela apparencia enrugada da nova pelle. Esta apparencia porem de pressa se extingue, por quanto o verme vai comendo sem pausa, nem interrupção por cinco vezes, 24 horas a fio em que gradualmente se enche. Nesse caso terá meia pollegada de comprimento, e é quando lhe sobrevem o segundo ataque acompanhado da segunda mudança da pelle, de que elle se desembaraça pela mesma sorte como na primeira vez. Depois volta lhe o desordenado appetite, e por cinco dias, e cinco noites devorando como d'antes, crescendo neste breve espaço ate tres quartos de pollegada em comprimento, e então é accommettido pelo terceiro ataque da enfermidade, acompanhado de terceira muda de pelle, similhante em tudo aos precedentes symptomas, e operações.

O verme outra vez liberto, apresenta-se esfaimado, come por cinco dias, e outras tantas noites consecutivas, e ei-lo de novo accommettido pelo 4.<sup>o</sup> ataque, a que se segue a 4.<sup>a</sup>, e ultima mudança de pelle. Neste periodo debaixo de circumstancias favoraveis de clima, de temperatura igual, de bom tratamento, e por consequencia do estado mais, ou menos vigoroso de sua saúde o verme ohega a ter pollegada e meia ate duas de comprimento.

Feita esta ultima muda, o verme ainda se acha com fome, e a penas largou o involuero, que o incommodava a devorar as folhas de amoreira, prolongando o seu appetite nesta ultima vez a 10 dias e 10 noites, em que deve ser servido com abundancia, pois que neste intervallo continua a crescer á vista de olhos. Fimdo este prazo, e não podendo ja comer mais, o verme recusa a final o alimento ou contenta-se em debicar as partes mais delicadas das folhas, com intervallos, que sempre se vão augmentando, até cessar de todo; torna-se então um pouco transparente, assume uma cor amarellada, e começa a arrastar-se mui vagaroso, deixando após si alguns fios de seda nas folhas em que vai passando. Estes signaes dão claro indicio de estar o verme prompto para principiar a tecer o seu cubiculo. Convem advertir - que o numero dos dias acima prescriptos é proporcionado pouco mais ou menos aos climas da Europa meridional, e que mui provavelmente nos paizes quentes entre tropicos, os diversos periodos, que havemos detallado, se encurtão, assim como se dilatão nas regiões mais visinhas dos polos. A natureza desenvolve todos os corpos animaes, e vegetaes entre os dous polos com extraordinaria rapidez. O dr. Anderson, de Madrás no Indostão paiz mui calido, affirma que o verme passa naquelle clima por todas as suas evoluções naturaes em 22 dias; consta porem que assim mesmo o verme gasta igual numero de dias a comer da mesma sorte que na Europa, e que somente são mais breves os periodos da duração das enfermidades, por isso que o maior periodo na India não excede a dois dias, e algumas vezes no estio apenas dura 24 horas.

ACCRESÇIMO PROGRESSIVO DO VERME EM PESO.

Segundo os relatorios publicados pelo conde Dandolo, resultantes de suas repetidas experiencias, os respectivos pesos dos vermes em proporção ás suas diversas idades, ou aos períodos de suas doenças, são pouco mais ou menos os seguintes.

100 vermes ao sair dos ovos	peção	1 grão
Idem depois da 1. <sup>a</sup> muda	"	15 grãos
" " da 2. <sup>a</sup>	"	94 "
" " da 3. <sup>a</sup>	"	400 "
" " da 4. <sup>a</sup>	"	628 "
no maior grão de madureza, e promptos para principiar a fiar	"	9500 "

ACCRESÇIMO PROGRESSIVO DO VERME EM COMPRIMENTO.

Um verme quando nasce tem	1	linha de comprimento mais ou menos.
" depois da 1. <sup>a</sup> muda	4	" " "
" " da 2. <sup>a</sup>	6	" " "
" " da 3. <sup>a</sup>	12	" " "
" " da 4. <sup>a</sup>	20	" " "
" prompto para fiar	40	" " "

O crescimento do verme em 28 dias pouco mais ou menos, não se contando com aquelles em que fica paralyzado, é o seguinte  
9500 vezes o seu primeiro pezo; 40 vezes o seu primeiro comprimento.

DESCRIPÇÃO DA ESTRUCTURA, OU CONFORMAÇÃO DO INSECTO.

Depois da ultima muda, e continuando ainda a comer por 10 dias, o que ja referimos, o verme chega ao estado de perfeita maturação, e apresenta-se na forma de uma lagarta delgada, no comprimento de 3 pollegadas e meia a 3 e um terço. E' neste estado de sua existencia que se pode anatomisar o verme, melhor do que em qualquer dos antecedentes periodos. O corpo do verme é circulado de 12 aneis membranosos, paralellos entre si, os quaes, correspondendo aos movimentos do insecto, mutuamente se contraem, ou se alongão. Tem 16 pernas emparelhadas, a saber; 6 anteriores, cobertas de uma especie de concha, ou escama, e estão situadas debaixo dos tres primeiros aneis, sem se poderem extender sensivelmente nem mudar de posição. Dessas se serve o bicho para arrastar o corpo quando caminha, e essencialmente para guiar as fibras da seda quando fia. As outras 10 pernas dá-se o nome de pegadores ou agarradores; são membranosas, flexiveis, e floão inseridas no corpo debaixo dos aneis. Estes pegadores são fornecidos de pequenos ganchos que servem para ajuda-lo a trepar, e segurar-se nessa posição. O craneo, e outras partes da cabeça são cercadas de uma especie de casca, ou escama semelhante á que cobre as pernas, ou mãos dianteiras. As mandibulas representam dentes de serra, e a sua força é extraordinaria em proporção ao diminuto volume do animal. Sua boca é singular, tendo abertura vertical em vez de horisontal. O verme é guarnecido de 18 orificios de respiração si-

tuados em espaços iguaes na extensão do corpo nove de cada lado. Nas partes lateraes da cabeça tem 7 pequenos globos, que parecem ovos; e na deradeira extremidade da mesma cabeça erguem-se á maneira de tumores dois ossos do craneo, que alguns tem supposto ser os olhos do insecto. As duas aberturas por onde saem os fios da seda estão situadas debaixo das mandibulas, e são mui pequenas.

#### DO CASULO, CONE, OU BOLA DA SEDA.

Quando o verme chega ao estado de perfeita maturação, o seu corpo adquire mais firmeza, e consistencia, e geralmente engrossa, e encurta-se á proporção da solidez, que assume. Ei-lo que principia a mecher-se mais, e a procurar um sitio conveniente para formar o casulo, e a trepar sobre as varinhas, ou ramiuhos, que estiverem ao seu alcance, e que se costumãõ esperar para esse fim nas prateleiras, ou introduzir-se nos canudinhos de papel, que alguns cultivadores preferem aos ramiuhos. Estes canudos são feitos de pedaços de papel rijo, enrolados no dedo index, e torcidos em uma das pontas, e formão cellas para onde a lagarta se deleita retirar-se. Estes canudos são economicos, porque por meio delles se poupa muita seda; pois que sendo a abertura pouco mais ou menos do tamanho do casulo, que se vai construir, o verme não tem de espalhar tantos fios para segurar o alicerce de seu trabalho; e depois de feito, tira-se o casulo com a maior facilidade do canudo, desfazendo-se a ponta, que se havia torcido.

Se nesta conjunção o tempo estiver mui abafado, e se ameaçar trovoadas, os vermes ficão languidos, e é preciso despertá-los, e vigorá-los, o que se faz pela maneira seguinte.

Põem-se a frigir alguns ovos de galinha com sebola picada em banha de porco rançosa; e quando estiver bem quente, e fumegando leva-se para o quarto dos bichos, e faz-se o gyro do mesmo com a frigideira na mão; o cheiro desta fritada instantaneamente aviva os insectos, incita alguns, que talvez ainda precisem de mais sustento a tornar a comer; e faz com que os bem maduros comecem a trepar, ou a entrar nos canudos de papel, ou de palha de milho mui enxuta, que pode servir, e é mais economica que o papel.

Depois de passar uns dous dias em estado de irresolução, de subir e descer, de entrar e sair o verme escolhe por fim um lugar, e ali se estabelece.

A substancia de que a seda è composta tem apparencia de gomma transparente, de cor amarella mais, ou menos viva, ou desmaiada; e está contida em dous vasos separados, de delgadas dimensões encastrados no estomago do verme; e antes da emissão fica enrolada, ou dobrada em dois fusos naturaes. Estes vasos desenrolados tem pouco mais ou menos 10 pólégadas.

Logo que o verme faz a definitiva escolha de algum angulo, ou lugar concavo, cuja extensão corresponde ás dimensões de seu projectado casulo, principia o seu trabalho lançando fios irregulares para ter mão no seu futuro domicilio. Durante o primeiro dia de trabalho o insecto erige sobre estes fios espalhados uma cobertura solta, de forma oval; e dentro della nos tres dias seguintes faz o casulo de seda, firme e consistente, ficando sempre no interior do globo, que tão industriosamente se occupou em formar. Se durante

a operação, qualquer dos fios que devem segurar o casulo, rebentar, e o bicho perceber que o dito casulo não estando justamente equilibrado, balança, e que não pode commodamente continuar com o seu trabalho, fura-o e deixa-o por acabar, e espalha os fios de seda por onde passa; deste modo não só se perde por inteiro a seda, mas também o bicho morre por não ter outro lugar abrigado onde possa passar para o estado de nympha. Pode acontecer, porém raras vezes, que os fios preparatorios sejam quebrados por outro verme trabalhando na mesma vizinhança; e nesse caso experimentar-se-ha o mesmo resultado desagradavel.

Em 10, ou 12 dias depois dos vermes principiarem a fiar è que se pode distinguir os casulos bons dos inferiores. Os bons conhecem-se pelos seguintes signaes

São comparativamente pequenos, firmes, e compactos; tem a grã fina, ambas as pontas redondas, e não apresentam nodoas. Entre os bons também se contão os calcinados, em que o verme morre de enfermidade, fica como petrificado. Estes são os mais rendosos; e no Piemonte vendem-se por maior preço que os outros. Entre os casulos ordinarios, e raras distingue-se 6 classes no commercio dos cultivadores com os negociantes e tecelões.

- 1.<sup>a</sup> Os aguçados, que têm uma ponta mais ou menos aguçada, e a seda que a cobre, é mais ou menos fraca, e quebradiça.
- 2.<sup>a</sup> Os cocalhões, grandes, e de contextura fragil
- 3.<sup>a</sup> Os dopiões, ou casulos dobrados, tecidos pelo trabalho de dous, ou mais vermes.
- 4.<sup>a</sup> Os sufflões, cuja contextura é solta, e ás vezes a ponto de serem transparentes
- 5.<sup>a</sup> Os perfurados com um buraco na extremidade.
- 6.<sup>a</sup> Os meãos choquettes, cujo defeito procede de podridão, ou por estarem cobertos de nodoas

Alem destes ha os bons choquettes, que não pertencem a alguma das outras classes, e compõe-se de casulos em que o verme tinha morrido antes de completar a sua obra, e fica pégado a uma das ilhargas do interior do casulo. A sua seda é fina, mas pouco rendosa, e nem é tão clara nem tão forte como a que se obtem dos casulos bons.

A materia, de que se compõe a seda quando se puxa parece á vista ser de um só fio; porém consiste em duas fibras saídas juntamente dos dous orificios da boca da bota, acima descriptos, e estas fibras unem-se durante a enissão pela agencia de dous pequenos ganchos para esse fim situados na boca do verme. Este, quando fia, appoia-se durante a operação na extremidade inferior do corpo, empregando a boca, e as pernas dianteiras, ou para melhor dizer os braços, na tarefa de unir, dirigir e encostar os fios pegajosos ás paredes dos casulos. Os fios não ficam encostados em circulos concentricos a roda da superficie interior da bota, mas sim em malhas para tras, e para diante, com uma especie de movimento ondeado. Este movimento, e modo de proceder appareentemente irregular, é mais perceptivel quando se applica a seda à debanura, porque o casulo não faz mais do que uma, ou duas evoluções inteiras em quanto se transferem 8, ou 10 varas de seda à debanura.

No fim do terceiro para o quarto dia o verme acaba a sua tarefa e fecha o casulo compacto, tendo a ferra pouco mais ou menos de um ovo de

pomba, porém raras vezes tão grande. Assim que se acaba o trabalho, o verme unge as paredes interiores do casulo com uma especie de gomma mui semelhante á materia de que se compõe a seda; e sem duvida o intento desta operação é o de proteger a nympha da chuva, e do frio, por quanto em seu estado natural ella estaria exposta a todas as variedades do tempo. As fibras de seda, que compõe o casulo, são tambem acompanhadas em toda a sua extensão de uma quantidade desta gomma, que serve para dar consistencia, e firmeza á textura, e tornar a habitação da nympha impenetravel á chuva, ou á humidade. Este serviço é tão perfeito, que, quando se deitaõ os casulos em vasilhas de agua, quente, ou fria para se dobar a seda com facilidade, os que não são defeituosos não são como cortiça, e a agua não pode penetrar em quanto não chega á ultima camada.

#### PESO DOS CASULOS.

Das experiencias do mencionado conde Dandolo se tem conhecido que a fibra da seda desenrolada de um casulo offerece [ pouco mais ou menos, e uns por outros ] 324 varas e 4 quintos de comprimento, e que peza 3 grãos estando enxuta. Uma libra do pezo de 16 onças tem por tanto 133 leguas e 3 quartos de extensão e 47 libras desta fibra bastarão para rodear o globo da terra. Outros pretendem que alguns casulos tem 500 a 600 varas de comprimento, pesando 4 grãos, e diz-se ter havido exemplos de casulos com 1.000 varas de seda, quando pelo contrario outros tem apenas produzido 200 a 250 varas. Estas grandes differenças porem são pouco frequentes.

Afim de se conhecer os casulos que contem as nymphas fêmeas, e perfectas, examinão-se as extremidades para ver se estão bem guardadas de seda, ou se ha confusão no arranjo dos fios; achando se porem tudo uniforme, e compacto, é de presumir que o habitante é perfeito. Sendo a femca muito maior que o macho, tambem o casulo deste é proporcionalmente mais pequeno. O conde Dandolo verificou que 1.000 casulos machos pesarão 1700 âgros, e que o mesmo numero de casulos femeas pesou 300 grãos.

#### A NYMPHA, AURELIA, OU CHRYSALIDA

O verme em quanto fia perde a sua forma, encurta e engrossa consideravelmente; e abrindo-se um casulo na occasião de se ter acabado o trabalho, achar-se-se ha o insecto transformado em uma bola oblonga, isto é, mais comprida que larga, coberta de uma pelle caseuda, e segundo todas as apparencias morta. Neste estado parece uma especie de feijão aguçado em uma ponta, de pelle escura, e macia. Ao pé deste feijão achar-se ha a sua antecedente coberta mui diversa daquella, que agora assumio; e neste periodo é que ao insecto se dá o nome de Aurelia, Nympha, e Chysálida.

#### NATURESA DO BICHO DA SEDA.

Temos até aqui tratado dos diversos progressos do insecto; provando que nas suas singulares modificações a sua organização natural tem sempre tido tendência a simplificar-se cada vez mais.

( Concluir-se ha no numero immediato. )

## FOLHETIM.



## TERROR PANICO.

Era em Allemanha: n'uma noite fria e enregelada do frio janeiro, achavão se na cabana de hum pobre camponez, meia duzia de estudantes que se haviam retirado da universidade para irem passar as festas do natal com suas familias, e que agora voltavão apressados, para continuar seus estudos. Alegre era a reunião, porque tinha o rustico duas filhas lindas como a bouina dos prados, frescas como a rosa dos jardins, puras como a innocencia, e os nossos imagações, acostumados a lidar com bellezas classicas e romanticas, frias e sem realidade, de poesia e oratoria, bellezas enfim de seus livros, ficavão maravilhados, e não podião conter as insolitas sensações que lhes causavão as bellezas inscriptas pela natureza nas faces das duas virgens.

Não ha leitor de folhetins que ignore que é a Allemanha a patria do mysticismo, do sentimento depurado, da melancolica meditação: essas prendas allemãs achavão-se no mais subido grão reunidas nas duas angelicas filhas do nosso rustico.

Na chaminé ainda ardião alguns restos de carvão que devião communicar algum calor ao aposento, e ao pé d'elle estava uma mesa em que se divisavão alguns vestigios de ceia frugal. Em torno estavam sentados os mancebos, e em meião delles as duas moças que os encantavão por seu doce fallar, por suas rusticas narrações. So de todos o mais velho, Frantz, que suppunha que sua longa idade, 25 annos, e sua experienciã do mundo lhe impunhão por dever de bom tom, desprezar o sentimentalismo e

o sexo feminino, e proclama-lo todo corrupto e corruptor, não tomava parte na conversação de seus amigos, e consigo mesmo condemnava a parvoice de que davão prova. Inclinação a cabeça entre as duas mãos, dormitava aborrecido.

Eis que de repente. Idda a mais moça das donzellas, estremece e semih convulsa: — E' meia noite, disse, ouvistes? — Os mancebos levantão se espantados; indig-o a causa e o sentido dessas palavras; mas Idda não lhes responde; inquieta, como privada de seus sentidos, ella nem os ouve, nem se os ouvisse os entendera; por fim Augusta, a mais velha das irmãs, toda tremula no gesto e na voz, como esforçando-se para dominar os seus terrores: — Ah! meus bons senhores, responde-lhes, foi too horrisono o toque da meia noite! e nosso Meg latiu de modo tão doloroso!... Moramos perto do templo da aldêa. Hoje foi nella depositado, para á manhã ser levado ao cemiterio, o cadaver de hum dos entes mais perversos que habitavão nesta aldêa. Sem temor de Deos nem dos homens foi sua vida, sem temor de Deos foi sua morte: desde que amanheceo presentimentos occultos nos annuncião que não descancará seu corpo na paz da sepultura, como não descancará sua alma nos braços do Creador: esses presentimentos vão se realisando; o som lugubre da meia noite, o latido insolito de nosso cão nos assegura que não pôde o cadaver permanecer no templo, que se ergua do feretro, para vir perturbar a paz dos vivos. Ah! senhores, não nos abandoneis; talvez que vo.sas orações, unidas á nossas, consigão arredar daqui semelhante apparição. — Os mancebos desatão, a rir, ou por que de facto, fortificados seus espiritos pela reflexão, não davão credito

As historias de almas do outro mundo, ou porque animados pela presença uns dos outros, quizessem-se mostrar valentes e sem preocupações, por concomitancia. Depois do breve minuto dado á risada que excitara a narração de Augusta, elles sentiram quanto tinha de grosseiro e impolitico seu procedimento, e quantas atencões mereciam essas donzellas que lhes confiavam seus sustos, que lhes reclamavam seu apoio: então procuraram tranquillisa-las, uns mostrando com todo o rigor logico e subtilidades escolasticas, que tomavam por profunda argumentação, quanto tinham de absurdos e de infundados semelhantes receios: outros recorriam á doces palavras, a meiguices e affagos, fazendo dest'arte que servissem aos interesses de seus amores as consolações que liberalisavão. Frantz era o unico que não fazia côro com seus amigos, persuadia-se que devia zombar com os pavores da credulidade, só elle se achou com alhua para perseguir com insolente sarcasmo a singela confiança das duas meninas, que os receios fazião ainda mais bellas e mais feiticeiras.

Indignado por semelhante proceder, Wilhelm, o mais sensível de todos, o que mais desvelado se mostrava em tranquillisar a formosa Lóda, Wilhelm para o fazer calar o interrompe: — O lá Frantz, tú que tão corajoso te mostras, agora, na ausencia do perigo, á fé que não terias animo de affronta-lo? Actas cobardia indigna, achas crassa estupidez em senhoras assustarem-se por almas do outro mundo: pois bem; aposto eu que nao terás animo de ir ao templo, só, á esta hora, e ás escuras, tú, valentão que és, e de lancar no caixão esta faca que aqui tens. — Estás-me insultando; Wilhelm, suppões-me algum fedelho que ainda lra pouco largou os coeiros? pois bem; para te

castigar, para que fiques sem o teu dinheiro, aceito a aposta; bem que injuriosa: quanto queres perder? Vinte florins, respondeo Wilhelm. — Pois bem! está feito; deposite-se o dinheiro para que não haja logio. — E apezar da resistencia das donzellas, apezar de suas supplicas que não fossem tentar o destino e provocar o infortunio, o mancebo sabio, e seus companheiros o seguirão até o limiar da porta. Frantz sem hesitar separou-se delles, e tomou a direcção do templo que ficava a vinte ou trinta passos de distancia; elles o virão que andava resolute e apressado a principio, ia, quanto mais se approximava, mais e mais demorando seus passos, e por fim como que recuava, que não podia mover os pés, que receiava: — Frantz, Frantz, clamaõ os companheiros com grandes risadas, estás com medo; não te aventuras; confessa-te vencido e volta; perdeste os 20 florins. — Ao ouvir as inofas dos companheiros, Frantz recobra alento, dá-lhe forças o desejo de evitar o opprobrio, elle dobra o passo, chega á porta do templo, empurra-a sem hesitar e entra.

Dahi a alguns minutos um ai horrisono retumbou nas opacas, silenciosas trévas da noite.

Os mancebos esparvidos prestão de novo attenção, para ver si se repete o gemido: não, o silencio da noite continuou medonho, e esse silencio e a demora do amigo ainda mais os espantão: — Volta, Frantz, exclamão angustiados, volta: — e ninguem responde a seus clamores: — Volta, dizem, e só os echos repetem — volta — volta. —

Enfim, não sabendo o que pessem, nem o que resolvão, não podendo fluctuar nesse pelago de incertezas: — Vamos ao templo, dizem, procuremos o nosso amigo. — E accendem archotes, e cheios de santo horro

vor, encaminhã-se para o templo. Em meio d'elle avistão hum caixão, ao pé do caixão hum cadaver: era Frantz.

Com a precipitação com que se havia decidido a commetter o seu sacrilegio, para tirar-se quanto antes de tão ardua empreza, Frantz, ao dar a facada, irreflectidamente prendêra seu espote ao caixão, e depois, querendo retirar-se apressado, e achando-se prezo suppoz, que potencia sobre-natural o segurava, soltou hum ai e cahiu morto, triste victima de sua temeridade.

◆◆◆◆◆

*Humã lição que pôde aproveitar.*

Antonia he humã guapa lavaudeira, cujo tugurio, no meio de humã horta cultivada por seu marido, convizinha com o ribeiro do seu trafigo. Casada haverá cinco mezes apenas, tem hum paraíso terreal naquelle pequeno espaço; em casa tem os seus amores ainda do primeiro viço, que beatificação o seu coração de vinte e dous annos. A' sombra movediça daquellas arvores que toldão as aguas tão conhecidas da sua infancia, tem a amisade e a alegria, e matizado, com a conversação de suas companheiras, o trabalho, que, junto à economia, lhe deixa interver na mão fechada do destino grandes arrecadas e cordão de ouro para dardejar invejas a muitos olhos. E' linda, não só por lindeza e mocidade, senão tambem por saude e contentamento: quem a encontrar quando vai da sua porta para o seu estendal adivinhá-lo-ha á primeira vista, e melhor ainda o adivinhará se a vir quando se recolhe: he como hum passaro que enceta a vida e esvoaça cantando sempre entre a varzea, onpe se regala, e o ninho que foi seu

berço e poderá vir a ser o de seus filhos. Na semana de Antonia ha hum só dia triste, mas esse tão triste, que já de vespera a intristece—he o sabado—; então he constrangida a voltar costas ao seu Edeã para vir entregar á immunda cidade as suas roupas, que ella lhe tornou candidas como os secs braços ou como os seus costumes. N'uma destas vindas Antonia fez humã conquista, já se sabe, sem o querer. O filho de humã fregueza sua, mancebo gastado de delicias e velho aos 25 annos, espartilhado, frisado, almiscarado, e cujo maior meritõ era não possuir especie alguma de espirito que o tornasse qui perigoso, vicia, e se não pôde dizer como o pastor de Virgilio:

*Ut vidi, ut perit, ut me melus abtulit error,*  
foi unicamente porque não sabia latim; mas em compensação lia novel las francezas, e estava pouco mais ou menos bacharel na sciencia de George Sand: sobre o ridiculo de respeitar os laços conjugaes, já elle lia de cadeira; o restante, até o panegyrico da vida das galês, havia de vir com o tempo. Fez a sua declaração verbal com aquelle ar de a-futesa que não podião deixar de inspirar-lhe o catalogo das suas namoradas que trazia na algibeira, e o seu par de luvas brancas: foi repellido com desprezo; ajuntou promessas; tornou a se-lo com horror; recorreu ás lisonjas assucaradas *ultima ratio tolorum*, e foi-o ainda com escarneo. O escarneo era o mais intoleravel para quem se considerava artifice muito primo neste genero: protestou vingarse. Appellou para a perseverança como Jacob, e esperou tudo da compaixão.

O dia de lavadeira, que he para a maior parte dos homens o mais despoetizador e repulsivo da casa, ficou sendo para elle o de mais invencivel attracção. Girava em roda daquellas trouxas com hum ar tão dramatico de tristeza que só hum coração mais duro que a pedra de bater poderia resistir lhe. Quando entendendo que a scena muda repetida já tres ou quatro vezes devia ter produzido o seu effeito, hum dia, acompanhando a sua Mayado até á porta da rua ousou ahí detê-la respeitosamente. Antonia olhou para elle: elle olhou para as botas de Antonia, e suspirou. Antonia sorri: elle enxugou com hum lenço os olhos que estavam enxutos. Antonia lhe perguntou "que perdedia...". Elle, desabando em terra de joelhos, respondeu "que morrer; morrer, se ella não consentia huma, huma só vez em escuta-lo; que elle a adorava e não queria offendê-la mas só desafogar huma paixão que lentamente o conduzia ás burdas do tumulto (estyllo de novellas traduzidas, de que trazia duas nos bolsos falsos do seu albornós de seda). Antonia muda alguns momentos, parecia hesitar entre o dever e o amor ou entre o amor virtuoso e a vaidade. O nosso *Antony* aproveitou o laço beijou-lhe a mão, desatinou (desta vez intencionalmente) em tudo o que lhe disse, e concluiu promettendo mudar-se para ella em chuva de ouro. Venceu: Antonia lhe aprazou dia e hora para o suspirado colloquio na sua choupana; dia e hora em que seu marido se acharia em Mafra, onde havia de pernoitar.

Alindado, aremetisado, e o mais conscienciosamente conforme ao pá-

drão normal do caçador parsiense; o nosso Adonis, contente como huma divindade paga, procurou a pé e pontual, o sitio dado. Entrou: a mão de Antonia, antes de lhe dar tempo a que tornasse a beijá-la, já tinha feichado a porta e mettido a chave na algibeira. Ia ser interessante a scena entre a divindade paga e a napea; mas antes de começar seguiu-se-lhe logo seguida, sahindo da porta da alcova terceiro nune, campestre e robusto como Silvano, e como elle armado de um bordão, que se se decidisse em carregar de cajadadas como outrora carregara de marmelos, era para desfazer a meio Olympo; este deos, sabido d'entre as nuvens de chita do quarto, e apparecido no lance precisamente determinado por Horacio para taes aparições, não produziu com tudo senão metade do seu effeito, porque ao mesmo tempo que o terror senhoreava do modo mais visivel ao desafortunado galan, a dama o contemplava tão senhora de si como se estivesse na circumstancia mais ordinaria e corrente de toda a vida.

A mulher e o marido, (porque já haveis adivinhado que era o marido) assentaram-se deixando em pé o convidado, verdadeiramente de pedra que não achava nas suas novellas eloquencia capaz de desfazer aquelle bordão que era então o centro de movimento de todas as suas idéas: o desesperado da sua situação anniquilou-lhe até ao minimo vestigio dos seus recursos intellectuaes. Qual não foi porem o seu assombro quando vio que em vez de se occuparem com elle, conversavão com a maior intimidade nos arranjos da sua casa e nos preparativos da ceia,

para a qual estavam já prevenidas e sobre a mesa duas garrafas de vinho do termo. “Bem, lhe dizia o coração taltamaleando, depois da ceia he que hei de ser moide ou esfaqueado.”

Etão cito horas da noite quando os vio pôr-se á mesa festejando e touendo com alegria, o que se não encontra todos os dias debaixo da telha vã, bom arroz de galinha e excellente carne de porco frita com batatas; tudo competentemente regado com frequentes libações pelo homem do bordão, que já nesse tempo o tinha arrumado para hum canto, como arma desnecessaria. “Mão, dizia o triste com os seus botões; he com as facas da mesa que hei de ser amanhado.”

Concluida a ceia, e vendo os levantar-se, hum novo calafio lhe percorreu todos os membros: o instante approximava-se, e approximava-se na verdade. O marido, que até ali olhara tanto para elle como poderia olhar para hum painel de exposição, encarou o fito com hum sorriso que resumia toda humna vingança de Victor Hugo; tirou de humna gaveta humas cordas e pediu lhe as mãos para lh’as amarrar. Foi então que se abrirão as cataractas das supplicas e satisfações: “Morte, não! morte não! morte não!”, O camponez, sem lhe dar mais resposta do que intimar lhe silencio silencio profundo e completo, passou-lhe das mãos aos pés, que igualmente lhe amarrou, por modo que só outra divindade do Horacio lhe poderia valer.

..... Deus interst, si dignus vindice nodus  
Incluserit.....  
Tendo o assim impossibilitado para qualquer movimento, deitou o para

baixo da sua cama esquecendo se delle como de hum traste jnu il. Encomendarão-se a Deos, despirão-se e deitarão se, nao se lembrando mais em toda a noite do seu visiuho de baixo.

Ja, o sol nado lançava por entre as telhas algumas fitas de ouro para as paredes interiores quando acordarão os de cima se entende brujarão-se fizeram o signal da cruz e vestirão-se. Então o hospede foi puxado para fóra, desamarrado, e convidado para almoçar com gestos e palavras de tanta franqueza que, ainda podendo regeitar o offerecimento o não fazia. O almoço foi tambem de garfo acompanhado de vinho. A dama fez as honras da casa com a maior polidez que soube, ainda que provavelmente hum pouco envergonhada da esparrella em que fizera cabir ao seu adorador, cuja cara estremitada excitava realmente compaixão.

“Ora, meu senhor, disse por fim o nosso hortelão, V. S. quiz honrar esta choupana e nós fizemos quanto nos foi possivel para o hospedar-mos com decencia. A ceia que V. S. não quiz comer importou em meia moeda, e o almoço n’outra moeda; a cama nao lh’a metto em rol, porque, a fallar a verdade, não foi boa; mas que remedio? Nesta casa não ha se não humna, e essa não a cedo eu a ninguem: o mais que podia fazer era dar-lhe, como lhe dei aquelle vão onde creio não teria tanto frio como se dormira na sala terca.

Pago exactamente o e cote, o nosso gamento se retirou depois de hum — passem muito bem — sumidissimo, respondido por hum — vá agora contar aos da cidade — e hu-

ma risa-la.

Não foi todavia elle quem aos da cidade o contou. De humna pessoa que a ouviu do boca do proprio marido recebemos esta relação em que pouco mais supprimimos que os nomes de sitios e pessoas, mas em que nada accressentamos.

### COMMUNICADO.

#### CASO CELEBRE.

*Um auto de corpo de delicto*

6. Voltaire no seu commentario sobre o livro dos delictos e das penas de Beccaria narra o seguinte factó: — » Madama de Chauvelin, casada em segundas nupcias com o sr. de La Pevardière, foi accusada de ter assassinado seu marido no proprio castello, d'onde elle havia desaparecido. Não faltou o corpo de delicto indirecto, no qual juraram duas servas da casa ter presenciado o assassinio; a me-ora filha jurou ter ouvido os gritos e ultimas palavras de seu pai, dizendo: meu Deos tende piedade de mim!... Eu morro! Testemunhas houve que deposeram terem visto os fatos ensanguentados do supposto morto: muitas juraram terem ouvido o estrepito do tiro por onde principiára o assassinio; e com corpo de delicto estava a infeliz Sra. para ser condemnada ao ultimo supplicio. Pouco tempo, porem se passou antes da sentença; eis que apparece o marido, apresenta-se aos juizes, que ião vingar sua supposta morte, e lhes diz, banhado em lagrimas: senhores soltai minha mulher, ea estou vivo!!! Os juizes

balbucião... recusão accredita-lo... sustentao-lhe em rosto que elle é moito por que assim o prova o corpo de delicto por testemunhas: dizem-lhe que elle é hum impostor que deve ser punido por vir mentir á justiça! Kmlm 18 mezes se passarão antes que os juizes se resolvessem a reconhecer que não tinha morrido aquelle que se lhes apresentava vivo, e a largar das mãos a innocente victima! „

Em presença deste factó, não duvidamos que muitas terão sido as victimas innocentes, que por falta de certeza de crime, tenham sido immuladas por juizes indiscretos que abstrahindo-se dos mais sagrados deveres, procurão o criminoso, e não o crime.

(A. Harmond).



#### MULTIPLICIDADE DE NOSSOS

##### ANTEPASSADOS.

Sabe-se que, segundo os phisilogistas, o sangue de nossos avós confunde-se em nossas veias; a doutrina da consanguinidade he com effeito muito clara; não he porem possivel deixar a gente de admirar-se da quantidade de antepassados que contamos no espaço de dez ou deze gerações. No primeiro grão temos pai e mai; no segundo o avô e a avó do lado paterno, e o avô e a avó do lado materno; no terceiro o pai e a mai do avô, o pai e a mai da avó do lado paterno, o pai e a mai do avô, o pai e a mai da avó, do lado materno, e assim por diante em humna progressão sempre constante em cada grão, e tão rapida, que na vigesima geração, na ordem da ascendencia, cada hum de nós tem mais de hum milhaõ de avós, como he facil provar por hum simples

Calculo arithmetico:

Grãos de consan- guinidade.	N de ante- passadas
1 . . . . .	2
2 . . . . .	4
3 . . . . .	8
4 . . . . .	16
5 . . . . .	32
6 . . . . .	61
7 . . . . .	128
8 . . . . .	256
9 . . . . .	512
10 . . . . .	1024
11 . . . . .	2048
12 . . . . .	4096
13 . . . . .	8192
14 . . . . .	16384
15 . . . . .	32768
16 . . . . .	65536
17 . . . . .	131072
18 . . . . .	262144
19 . . . . .	524288
20 . . . . .	1048576



UM NÃO SEI QUE

Resisto, è quem fugir  
A' de amor cruel paixão,  
Mas de Lilia um não sei que  
Enreda o meu coração.

Dilha não tem formosura,  
Quem a conhece bem vê;  
Mas tem não sei que de novo  
Em um certo não sei que.

Não a amo, mas por ella  
Sinto não sei que desejo;  
Sinto mais um não sei que  
Sempre quando Lilia vejo.

Mal que a vejo o coração  
A não sei que não resiste:  
Tem de alegre um não sei que;  
Tem um não sei que de triste.

Um não sei que quer que um culto,  
Que não sei qual é, lho dê;  
Mas tem não sei que de esquivã;  
Tem de terua um não sei que.

Quando eu estou junto á seu lado  
De mim mesmo estou na posse;  
Sinto um não sei que de grato;  
Sinto um não sei que de doce.

Quando estou de Lilia ausente  
Meu corpo á minha alma exige,  
E sinto em meu coração  
Um não sei que, que me afflige.

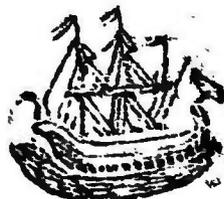
Si em mim fita os olhos, creio  
Que attenta em minha alma lá,  
E neste olhar me pareço  
Que me diz um não sei que.

O sereno olhar de Lilia  
Não sei por que me aquobrantã;  
Lilia tem, voltendo os olhos,  
Um não sei que, que me encanta.

Não sei por que vendo Lilia  
Certo não sei que me excita;  
Diz minha alma um não sei que;  
O coração me palpita.

Si, ó Lilia, quando me vês  
Em teus olhos tu não mentes,  
Vem, ó Lilia, me explicar  
O não sei que, que tú sentes.

Si meus olhos te não mentem,  
O' Lilia, mais terua se...  
Que, não sei por que, de vejo  
Te explicar um não sei que...



## ETYMOLOGIA DO MEZ DE SETEMBRO

Este mez conservou sempre, entre os romanos, o nome de setembro, que designava o sétimo lugar que elle occupava antigamente no calendario de Romulo, apesar de que veio a ser por fim o nono, e tentou-se chamalle *Tiberius* em honra de Tiberio, *Germanicus* em honra de Domiciano, *Antoninus* em honra de Antonino o pio, *Hercules* em honra de Commodus, e *Tacitus* em honra do Imperador Tacito. Os egypcios chamavão este mesmo mez *Paophi*, e os Gregos *Boedromion*. He no equinoxio do outono que a Gre-

cia celebrava todos os annos os pequenos mysterios, e todos os cinco annos os grandes mysterios de Eleusis. Em Roma o mez de setembro estava de baixo da protecção de Vulcano: no dia dos *Idus*, o dictador ou o primeiro magistrado fixava no capitolio o *prêgo sagrado*.

O prêgo sagrado, ou *annalis clavus*, na antiguidade, era aquelle que o pretor, dictador, ou consul fixava todos os annos na parede do templo de Jupiter nos *Idus* de setembro, para indicar a era, ou numero de annos desde a fundação de Roma. Este costume mudou-se depois, e contarão-se os annos pelos consules.



## CHARADA.

Pela minha figura nada valho,           1  
Peis a vista que tinha hoje me falta,   1  
Mas n'outro tempo o valor que tive   {  
D'Asia a fama ainda hoje exalta.   } 2

Das musas fui amado, e puro incenso  
Da belleza queimei no terno altar,  
E tanto pôde em mim estro amoroso,  
Que até os outros ensinei a amar.

A 1.ª Charada do n.º antecedente é — Laranja — a 2.ª — Palatino —

O — *Recreador Mineiro* — publica-se nos dias 1.º e 15 de todos os mezes. A redacção desta folha occupará hum volume de 16 paginas em 4.º, sendo alguns numeros acompanhados de nitidas estampas. O seu preço é de 6:000 rs. por anno, e 3:000 rs. por seis mezes nesta Cidade do Ouro-preto: e fóra della 7:000 rs. annuaes, e 3:500 rs. por semestre, pagos adiantado, por isso que nesta quantia se inclue o porte do Correio. Cada numero avulso custará 400 rs., e 1:200 rs. levando estampas; as quaes todavia não augmentarão o preço d'assignatura. Subscreve-se na *Typographia imparcial* de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, a quem as pessoas de fóra, que desejarem subscrever, podem dirrigrir se por carta sobre semelhante objecto.

O. P. Typ. imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, Rua da Gilda n. 9.

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 4.º

15 DE SETEMBRO DE 1846.

N. 42

## A MULHER DE SENECA.

Paulina, joven Romana, superior a todas as do seu tempo pelas vantagens da fortuna e da natureza, tinha recebido uma educação nobre e acabada, digna do seu alto nascimento, e juntava a hum juizo solido; a hum carácter doce e tratavel, espirito vivo e jocosso que fazia ambicionar a sua sociedade; e era uma das mais amáveis pessoas de Roma. Casou com Senecca, mestre que fôra do imperador Nero; e em quanto elle tinha o dissabor de ver mudar em outros tantos vicios todas as virtudes que havia procurado introduzir na alma ainda tenra de seu discipulo, a digna esposa do philosopho era a alegria de seus dias, e entre numerosos beneficios que recebera da munificencia imperial; o coração da sua Paulina era o mais precioso thesouro. Vê-se nas cartas que escrevia a seus amigos o apreço em que elle tinha aquelle thesouro. Paulina correspondia à ternura de seu esposo e amava-o com ardor sincero.

Seneca, querendo usar da autoridade que tinha tido sobre Nero quando moço julgou poder contê-lo com a mesma energia nos excessos que entrou a commetter apenas subio ao throno dos Cesares. A verdade não agradou ao senhor do mundo. O sabio que advogava a causa da humanidade veio a ser odioso ao tyranno. O ingrato Nero jurou perder quem o havia educado, e, por hum resto de complacencia enviou-lhe ordem para que escolhesse o genero de morte que queria. O mestre recebeu esta sentença sem mostrar a minima surpresa e com a tranquillidade d'alma de hum

verdadeiro estoico. Ordenou a seus escravos que preparassem um banho, e depois de entrar nelle fez abrir as veias para que sua vida acabasse lentamente com o seu sangue.

Paulina estava presente a esta triste scena, debullhada em lagrimas e manifestando por seus suspiros a afflicção e dor que sentia. Mas lançando de seu coração tristezas inúteis, resolveu associar se à torte de seu esposo e acompanhá-lo ao tumulto com o mesmo genero de morte. "Se os laços de amor nos unirão disse ella, também a morte nos não ha de separar." Da mesma maneira que seu marido, fez preparar hum banho e mandou imperiosamente que lhe abrissem as veias, o que foi executado. O ministro das vontades de Nero, que assistia a este espectáculo, correu a annunciar ao imp'rador o que se passava. "Paulina não me offendeu, disse o principe; ella não foi condemnada a morrer; ide immediatamente, e fezei-lhe atar suas veias." O soldado volta para obedecer as ordens de Nero, e violentamente faz tirar do banho a generosa esposa, que por este modo conservou a vida, em quanto o esposo a perdia a seu lado. Desde então as brilhantes rosas que corravão as innumos faces de Paulina desaparecerão para sempre, e derão lugar a hum constante pallidez occasionada pela quantidade de sangue que tinha perdido. pallidez interessante e gloriosa que tornava ainda mais bello este nobre modelo da virtude conjugal, que recordava a todos os que a vião aquelle amor por seu esposo, e a coragem que tinha mostrado em lutar o querer sobreviver.

HUMA ESTRAVAGANCIA DE CARLOS

MAGNO.

Huma chronica (*Chronicon Novahciense*, liv. 11, cap. 14) refere que Carlo-Magno concedeu a hum musico que o guiava na sua marcha em Italia contra os Lombardos hum direito muito singular. O musico devia subir a huma alta montanha, e sobre ella tocar com força huma trombeta; e todo o espaço de terra em que o toque se ouvisse, assim como seus habitantes, tudo lhe ficaria pertencendo. Com effeito, o musico fez ouvir a trombeta, e descendo da montanha, corre todas as aldêas e terrenos vizinhos, e pergunta a cada homem que encontra: „Ouviste a trombeta? „ Se o outro lhe respondia: „ Sim „ dava-lhe hum bofetão, dizendo: „ E's meu! „ Dahi provem o nome *Transcornati* que por muito tempo tiveram os descendentes desta gente.



### A mulher muda.

Foi hum dia em certo paiz hum marido, que tivera a fortuna de casar com huma mulher muda. desgostou-se grandemente deste defeito; e querendo contra toda a especie de bom senso restituir-lhe a falla

dirigio-se aos melhores facultativos, os quaes tanto fizeram que o conseguirão. A boa da mulher vendo-se com o uso da palavra, como querendo tirar desforra do tempo, que estivera muda, sultou de tal guisa o carretel da lingua que o pobre marido recorre ao medico, pedindo-lhe encarecidamente, tornasse a pôr muda sua mulher, ao que respondeu o medico, que não tinha remedios para tanto: mas vendo-se perseguido lembrou-se de hum unico expediente, que era fazer o marido surdo. Este annuo, preferindo o não ouvir nada a ouvir fallar de continuo a sua mulher; e com effeito taes mezinhas lhe applicou o doutor, que o homem ensurdeceo de todo. Pedio-lhe a paga, mas o sujeito nada ouvia: tractou de dar-lhe outros remedios, com os quaes lhe restituiu as ouças afim de que ouvisse o negocio da paga. Foi tudo baldado: o homem ria e continuava a mostrar-se surdo; e logo que a mulher fallava punha-se a chorar dizendo que nem ouvia os trovões do Ceo. Resulta deste conto, que a respeito de molestia chronica, e de mulher casada o mais seguro é cada hum ir soffrendo a que tem; por que pode vir-lhe cousa peor.

## [Continuação da Memoria sobre o Bicho da Seda.]

O conde Dandolo observa que as lagartas são em primeiro lugar constituidas de elementos animaes sedosos, e excrementicios, que formão o estado da crescente lagarta; no segundo estado compoem-se de particulas animaes e sedosas e ficão sendo lagartas maduras; finalmente reduzem-se na sua composição a particulas animaes, e é neste estado que se denominão Crysálidas; Aurelias ou Nymphas.

## A BORBOLETA.

O insecto fôa no estado de nympa repousando 9 dias no centro do casulo, sem fazer o minimo movimento e depois despe-se da coberta, ou concha, e sae uma especie de pequena borboleta ou Phalena, estúpida, sem viveza, e com azas de que raras vezes se serve para voar. O insecto com esta nova configuração arrasta-se vagaroso no centro do lugar onde se operou a sua metamorphose, e arranhando as paredes da habitação provisoria sae della, e vai immediatamente procurar companheiro, ou companheira, do sexo opposto. Pouco depois a femea deposita os seus ovos, e tanto esta como o macho morrem dentro de mui pouco espaço de tempo sem haverem tomado alimento algum neste ultimo periodo de sua vida. A borboleta, para se libertar da prisão do casulo, lança da boca um liquido, que amollece, e diminua a tenacidade da gomma de que se acha forrado o interior, e com frequentes movimentos da cabeça separa os fios da bola sem quebral-os, e com o socorro dos pés aparta os, e abre passagem ao ar, e á liberdade. Alguns affirmão erradamente que a borboleta para recuperar a liberdade roe os fios da seda; em geral não é assim, porque no dobar raras vezes se encontra a continuidade da seda interrompida nesses mesmos casulos d'onde o insecto saí. Esta emigração dos casulos a maior parte das vezes acontece pela manhã cedo.

## NUMERO DE OVOS POSTOS PELA FEMEA.

São varias as opiniões, e as asserções a este respeito. Mencionão alguns 250 a 300 ovos, em quanto outros computão 400 a 500 o costumado numero expellido do ovario; julga-se porem que de 300 a 350 seja o termo medio do numero, que a femea põe. Com tudo, muito depende isto das circumstancias do clima, e da robustez do individuo.

O conde Dandolo obteve humra onça de ovos de 180 casulos, e que produzio hum numero igual de ambos os sexos. Pallein diz que são precisos 200 casulos para se obter aquelle pezo de ovos, e um dos que contribuíão para a obra franceza — Curso de agricultura — diz que com menos de 240 casulos não se obtém humra onça de ovos.

## SUSTENTO, OU NUTRIÇÃO DOS VERMES.

Em todos os climas a amoreira é a planta que fornece as folhas, que formão a favorita, e principal nutrição do verme. Esta planta é rija e resistente muito ao frio, e ao calor. Quatro são as qualidades conhecidas na Europa, e todas nativas do hemispherio septentrional, a saber:

1. a *Morus alba*, cujo fructo é branco.

- 2.<sup>o</sup> *Morus rubia*, cujo fructo è avermelhado.
- 3.<sup>o</sup> *Morus niger*, cujo fructo é preto.
- 4.<sup>o</sup> *Morus papytera* do Japão.

De todas estas especies os vermes preferem as folhas da 1.<sup>a</sup>, ou amoreira branca, que os faz produzir seda de qualidade superior á que resulta do sustento tirado das folhas das outras qualidades, ou de quaesquer outros vegetaes

Tem-se por vezes experimentado na Europa substituir folhas de alface, de olmo, de verbasco, de consolida de espinafres, e de escorioneira com diversos resultados, mas nunca iguaes, nem comparaveis com os da nutricao do verme nas folhas de amoreira branca.

Pode ser porém que as folhas da amoreira brava, indigena de Minas Geraes, e de outras provincias do Brasil, sirvaõ para suprir a falta da amoreira branca da Asia, cuja cultura seria muito para desejar-se. É preciso aqui notar que a humidade sendo mui prejudicial aos vermes, as folhas nunca devem ser colhidas de manhã se não depois da sahida do sol, e da evaporação do orvalho, nem de tarde depois do mesmo sol posto; e dado o caso que o tempo seja chuvoso ou úmido, é preciso enxugar as folhas artificialmente antes de chegar as aos taboleiros onde estejaõ os vermes porque estes não as recusarão por estarem hum tanto crespas se não fpremi queimadas. O melhor methodo de enxugar as folhas é pô-las em hum lençol, que atrah a humidade, e por que se pode exprimer.

Aos vermes recém nascidos dão-se as folhas mais tenras, e vão se provendo de folhas maiores, e de mais substancia em proporção ao crescimento delles. Este cuidado é essencial.

Segundo o calculo do conde Dandolo ou para melhor dizer, segundo as experiencias desse celebre cultivador, e naturalista, 150 a 190000 vermes, produzidos de cinco onças de ovos, consomem 8250 libras de folhas de amoreira

Em algumas partes da Europa tem-se experimentado, e com feliz successo, sustentar os vermes com o pó das folhas de amoreira, seccas ao ar e pulverisadas em pilões; e das experiencias do sabio botanico, o Dr. Bellarde, do cavalheiro Constant do Châtelet, do sr Pallavicini, e de outros praticos se sabe que os vermes comem este pó com a maior voracidade, e que ate o preferem ás folhas verdes. Dando-se-lhes o pó é preciso humedece-lo previa, e levemente com agua bem limpa, e deita-lo nos taboleiros ao redor dos vermes, que immediatamente se atirão a elle.

#### METHODO DE DESPEGAR A SEDA DOS CASULOS, E DOBAR'LA.

Ordinariamente não se usa dobar se não os casulos mais perfectos, a saber: os bons, os calcinados, e os bons choquettes, [ porém tudo depende de circumstancias; e do destino, que se pretende dar á seda ]; e costuma-se pôr os outros de parte, não por que sejam inúteis, mas por que custão muito a dobar, e servem para delles se fazer meadas. Diversas são as cores dos casulos, de ordinario são amarellos, côr de laranja mais ou menos escura, esverdeados, côr de enxofre, de limão, ou de palha, e brancos. Não se deve separar se não os braços para dobar-los á parte; por quanto todas as ouç

tras variedades de meias cores perdem-se na manipulação da seda.

Para se obter a seda dos casulos com facilidade, e economia do material duas cousas se empregão; a 1.<sup>a</sup> é huma fornalha com tacho de cobre; e a 2.<sup>a</sup> é huma dobadora, ou sarilho para puxar, e dobar a seda. Este trabalho é feito por mulheres, e a dobadeira assenta-se em hum tamborete ao pé da fornalha, e deita huma, ou duas mãos cheias de casulos (já despidos das capas de fora) no tacho de agua previamente quente sem levantar fervura, e mantida em hum grão de calor sufficiente, mas não excessivo, o que a experiencia só pode ensinar.

N. B. A capa de fora, a que nos referimos, é composta dos fios lançados pelo verme em diversas direcções, como já dissemos, para segurar a estabilidade de sua habitação, e denomina-se borra de seda.

A dobadeira passa a puxer bem os casulos, lançados no tacho, com um molho de varinhas muy finas, curtas, e flexiveis á maneira de pequenas vassouras; e quando o calor e a agitação da agua tenha feito despegar as pontas dos fios dos casulos, estas se pegão ás varinhas, e a dobadeira tira-as com os dedos, ajuntando quatro, ou mais filtras atéprehender o numero preciso para formar a grossura, que se deseja dar ao fio. As pontas assim juntas passão-se em primeiro lugar pelos buracos de humna barra de ferro fina, situada horisontalmente na borda exterior do tacho, ou na diateira da dobadora, depois passão sobre as roldanas, ou liros, e daqui finalmente para a dobadora, prendendo-se nos ganchos destinados a segurá-las. Estando assim dispostas, a dobadeira põe o sarilho em movimento, guando as filtras de seda com uma das mãos, e substituido outras novas quando alguma rebenta, o que facilmente se consegue apanhando a ponta onde quebrou, e com o dedo pondo-a levemente sobre as outras, que vão caminhando, e que esta não deixará de acompanhar; porem não se continuará a dobar os casulos até ás ultimas camadas do interior, por que o refluxo, que é a derradeira mão de gomma emittida pelo insecto antes de reponer do seu trabalho, prejudica a apparencia, e a venda da seda. Por este modo duas mulheres diligentes dobarão 3 a 3 libras e meia em hum dia.

Não será na verdade possível dobar todos os casulos por esta maneira, ou porque teñão buracos, ou por serem dobrados, ou finos de mais, ou finalmente por serem de ruim qualidade.

A dobadeira, depois de acabar de dobar a primeira porção, limpa a agua no tacho, deitando para hum canto todas as pelles das nymphas mortas, e os remanecentes dos casulos para um balaio onde se haverá já depositado as capas de fora, ou borras.

Muita attenção é necessaria para que a agua no tacho esteja sempre no proprio grão de calor; estando quente de mais as fibras perdem sua justa consistencia; e quando não estiver sufficientemente quente as pontas dos fios quebrados não adherem com facilidade aos que vão caminhando para a dobadora.

A dobadeira deve ter sempre ao pé de si humna vasilha com agua fria tanto para temperar o calor da agua do tacho; como para mergulhar nella os dedos antes de pò-los no tacho para pegar nas pontas das fibras, que teceirão.

É preciso mudar a agua do tacho duas vezes no dia quando se estiver dobandando casulos bons, para se obter fios delicados, porem é mister muda-la

quatro, ou mais vezes quando se dobar os dopiões, ou outros casulos de seda mais ordinaria.

Não se mudando a água, a seda-tambem não sae lustrosa, e brilhante; por que os bichos mortos contidos nos casulos sujaõ muito a mesma agua; e a seda, que então passar por ella, cobre-se com huma especie de pó, que muito atrahê o insecto da traça. Muito difficil é dobar a seda com igualdade em toda a sua extensão, por que á medida que se vai aproximando a ultima camada interior do casulo a fibra vai sendo mais delgada; e só a pratica é que pode ensinar á dobadeira a occasião, ou conjunctura propria para ir reunindo novas fibras afim de conservar a justa igualdade do fio. Com effeito, é isto tão difficil, que entre os cultivadores, mercadores, e fabricantes não se costuma tratar de fios de 3, 4, 5, ou 6 casulos, mas sim de fios de 3 a 4, de 5 a 6, de 6 a 7 casulos, etc. Em quanto aos remanecentes dos casulos, depois de extrahidas as nymphas mortas, de que muy cubiçosas são as aves domesticas, depois de extrahidos tambem esses casulos que pelos já referidos defeitos não servem para se dobar, e as borras em refugo de que temos fallado, junta-se tudo, e põe-se de molho por 3, ou 4 dias, muda-se a agua diariamente ou lança-se tudo em hum tanque, ou coche, por onde corra agua limpa. Quando a massa estiver bem amollecida por este meio, e percebendo se que as gomas, ou collas, que forão o interior dos casulos, e que os tornavão impenetraveis á agua, e ao ar, se tem destaccado, põe-se tudo a ferver por meia hora pouco mais ou menos em huma lixivia de cinzas, previamente passada por peneiras finas ate ficar muy elara; e depois de tudo lavado em agua corrente, e bem enxuto ao sol, carda-se, e fia-se, como o algodão, com a roda, ou com a roca e fuso, o que produz huma qualidade de seda ordinaria, que se denomina Floretta no commercio, a qual é forte, e serve para varios tecidos de muita duração.

#### NATUREZA CHIMICA DA SEDA.

A seda fiada pelo verme consiste de fibras finissimas, variando na cor desde hum branco puro ate a um amarello avermelhado. E' muy elastica e de muita força, considerando-se o seu tão diminuto diametro. E' coberta de um verniz, a que deve a sua elasticidade. Este verniz é solúvel na agua fervendo, porém não se decompõem no alcohol; por isso tem sido comparado com as gomas; porém algumas considerão-no mais aproximado á gelatina, pois que, segundo Berthollet, é facil precipita-lo em huma solução de muriato de estanho com o pó da casca de carvalho. Differe porém da gelatina em algumas particularidades. O alumen precipita-o em hum branco sujo. O sulphato de cobre fa-lo assumir a cor de saragoça escura; e o sulphato de ferro lhe dá huma cor muy trigueira. Evaporando-se a agua obtem se hum verniz preto, quebradiço, e de fractura lustrosa. Pode-se separar o verniz da seda por meio do sabão, e o alkali, que este contem, facilmente o apodrece. Alem do verniz, a seda compõem-se de outra substancia a qual deve a sua cor amarelhada; esta substancia tem as propriedades da resina. E' solúvel em huma mistura de acido muratico com o alcohol; e o Sr. Beaumè verificou que por meio deste mensturo pode-se separa-la da seda, e tornar esta de huma cor alvissima.

## OBSERVAÇÕES GERAES.

Já dissemos que, segundo as experiencias do conde Dandolo, huma onça de ovos pode mui bem render 165 libras de casulos; com tudo não consta que se tenha positivamente verificado qual seja o numero, ou peso, de ovos necessarios para produzir hum determinado peso de seda. Muito depende isto do clima, do tratamento, e de outras muitas contingencias; e como diversas pessoas tenham querido decidir esta questão, e tenham obtido resultados mui diferentes, e contradictorios, é de presumir se que de varias, e incognitas circumstancias tenha succedido que o mesmo numero de vermes produza em huma estação, e em huma localidade maior porção de seda do que noutra.

No 2.º tomo dos Archivos da sociedade promotora das artes em Inglaterra relata-se que a Srna. Williams obteve quasi onça e meia de seda fina de 244 casulos; que o Sr Serayne obteve 100 graos de seda de 50 casulos; e que Srna. Jones obteve de 250 dos maiores casulos 3 quartos de onça, e huma drachma.

No 2.º tomo das Transações Americanas refere-se que 150 onças de bons casulos renderão cerca de 11 onças de seda fina de 5 a 6; e da mais grossa ainda maior peso, porem Salvador Berteziani, italiano, aquem a sociedade de Londres adjudicou o premio de huma medalha de ouro, obteve 5 libras de seda, da primeira qualidade, de 12000 vermes.

Para a conservação da saude, e tranquillidade dos vermes em quanto estiverem comendo, e de que tanto depende a qualidade, e quantidade da seda, é por consequente o maior, ou menor rendimento do cultivador, deve se sempre ter em vista,

- 1.º A manutenção da igualdade de temperamento nos quartos, cu salas em que se propagaõ os bichos, durante os diversos periodos de sua existencia, e de seus trabalhos; e para se conseguir este fim cada cultivador deve munir-se de hum, ou mais thermometros de qualquer dos ja mencionados autores.
- 2.º A exclusão total, e positiva de moscas, aranhas, baratas, besouros, formigas, marimbondos, ratos, passaros, ou qualquer outro bicho, ou insecto que possa prejudicar os recintos em que estão.
- 3.º A conservação do maior aceso possivel nos quartos, para que não exista nelles ar impuro ou gaz mephitico procedente de folhas mortas, do proprio excremento dos vermes, ou de qualquer outra causa. Para prevenir maõs cheiros, e ares corruptos alguns propagadores costumão de vez em quando, e em tempo claro, e secco mandar cañar as paredes de cal branca, que immediatamente absorve todas as impurezas da atmosphera; e esta operação não somente é de summo proveito aos vermes, como util aos assistentes, que não poucas vezes são incommodados pelo cheiro destes animaes.
- 4.º Nunca permittir que se ponhão folhas humidas nos taboleiros dos vermes, nem deixar entrar nos quartos delles a humidade do ar ambiente externo em tempo chuvoso, ou nebuloso.
- 5.º Impedir que se faça bulha na vislumbança dos vermes. O cantar de hum gallo, ou o latir de hum cahorra nos primeiros dias da existencia do verme é capaz de o assustar, e de o fazer parar na comida; e que

## O RECREADOR MINEIRO,

lhes atraza pelo menos o crescimento, quando nao faça perder a vida. As trovoadas grandes, que possam sobrevir em qualquer periodo de sua existencia, muito incommodarão os vermes, e a maior parte das vezes lhes poderão ser fataes; contingencia esta que não podendo prevenir-se, o cultivador sagaz deverá procurar a propagação dos bichos naquelles mezes em que a atmosphera não esteja carregada de nuvens e do fluido electrico.

Prover os vermes regular e amindadamente de folhas de amoreira enxutas, ou da massa preparada do pó acima indicado, em porções moderadas, mas sufficientes para que não fiquem parados, nem padecendo fome.



### CURIOSO INCIDENTE DE HUM DUELLO.

**D**ois officiaes francezes havião-se gravemente offendido hum ao outro e para se desaffrontarem, recorrêrão ao duello. Debalde procurarão os padrinhos desempenhar a missão de pacificadores; nada lhes applicava as iras; as espadas estavam já fóra das bainhas, quando hum individuo, que ninguem tinha visto, corre por entre os dois adversarios, e com huma voz lastimosa exclama:— Ah! meus queridos senhores eu sou hum pobre marceneiro, pai de numerosa familia; nada tenho que fazer, nem ganho hum só real.—Retira-te d'aqui exclamou hum dos padrinhos, estes senhores não têm tempo para dar esmolas, bem vêes que vão brigar.—É' por isso mesmo que vos supplico que me deis a preferencia.—Que preferencia?—A de fazer o caixão daquelle que morrer; sim, pois sou hum pobre marceneiro pai de familia. A estas palavras, os dois campeões olhão hum para o outro, desatão a rir, e abração-se cordialmente só para frustrarem as esperanças do pobre marceneiro: todavia, para o compensar, cada hum dos assistentes lhe deo huma moeda d'ouro, e todos foram acabar o duello em huma casa de pasto.



## AS ATMOSFERAS INDIVIDUAES.

Pensão alguns philosophos, que os corpos animados exhalão certas emanções, ou effluvios huns *attractivos*, e outros *repulsivos*, e tal vez huma terceira especie, que pode chamar-se *negativa*, ou *indifferentista*, por opposição ao caracter positivo das primeira, e segunda especie; esse trio, pois, se acreditar-mos os taes philosophos, estabelece huma atmosfera individual (permitta-se-nos a expressão), *atmosfera* que explica a *sympathia*, *antipathia*, ou *indifferença*, que as pessoas (restringido ao genero humano a applicação d'esta hypothese) sentem humas pelas outras, pouco mais ou menos, do modo seguinte: — Dêmos que dois homens, ou duas mulheres, ou hum homem, e huma *senhora* (devêramos ter logo empregado esta denominação de *cortezia*) se encontram na distancia em que as duas atmosferas tem acção reciproca; de tres phenomenos, hum ha de apparecer; ou as emanções *attractivas* se achão de ambos os lados na vanguarda toção-se e por sua natureza semelhante se identificão humas com outras, dando assim nascimento á pura inclinação da amizade, ou á fogosa paixão do amor, á *sympathia*; ou postadas na retaguarda, em lugar d'ellas se achão na frente as *repulsivas*, e começa huma escaramuça, cuja consequencia desagradavel é a funesta *antipathia*, e seus adherentes; ou os *effluvios negativos* superabundão nas antecamaras de ambos os corações, e a sua essencia fria, sem viscosidade que as detenha, ou apegue humas ás outras, dá como resultado a não *interferen-*

cia e dispõe os dois individuos a passar hum pelo outro *como cão por vinha vindimada*. Por brevidade, não seguiremos, as mui variadas combinações, que nesta hypothese engenhosa, devem suppor-se entre os tres principios constitutivos da imaginada *atmosfera sympathico-antipathico-apatthico-individual*: o que havemos dito, parece-nos bastante para servir de introdução ao caso que agora vamos narrar, desejando ao leitor bom animo, e paciencia para o levar ao fim.

Garbo, formosura, e graça, talentos, nobresa, titulos, e riquezas, tudo possuia Amelia Krutzer, moça nascida em Frankfort, e a pesar do enxame de adoradores mancebos, que brilhavão em a mais apurada galhardia *zumbindo* lotvores em torno do seu *dote*, belleza, e prendas ancioso cada hum por alcançar a gloria de chamar-lhe esposa; a pesar tornamos a dizer, de tudo isto, ja tocava os vinte e dois annos de idade, sem ter feito escolha do feliz mortal que havia possuí-la, dando hum exemplo, que seguido pelas pessoas ricas do seu sexo, seria fatal aos namorados; porrem deixando reflexões, a menina até aquellá época, sempre se achou encerrada n'huma *atmosfera* de emanções *indifferentistas* que não admittião *interferencia* alguma dos *effluvios attractivos*; que pejavão as *atmosferas individuais* dos pretendentes. Difficil parece de acreditar; porrem assim passou na verdade; muitos desses namorados não lhe parecião mal, e todavia; faltava-lhe aos olhos da moça o *não-ser* que decisivo, que afasta as mais

bem fundadas considerações e põe termo fatal aos escrúpulos. Esse *não sei que* tem grande poder nas *senhoras*, e quando são extremadas maior; por isso a melhor fortuna se declara ás vezes, por quem a nos, honens, parece que peor a merecia: — são acasos que resultão das *atmospheras* individuaes, em que o juizo não tem parte. Vamos adiante para vêr se os factos se conformão com a theoria.

He de crer que todos os manobros a quem donõsas qualidades authorisavão a pretender a bella mão d'Amelia, passado hum certo espaço de tempo, houvessem com as suas *atmospheras attractivas*, ou *sympathicas* *chocado*.... (a palavra he mais applicavel ás gallinhas do que ás *atmospheras*; mas ha tanto quem goste d'ella??) *chocado*, sim, a *indifferentista* *atmosfera* da môça, bem a usar delles; sem lhe poderem fazer *môça*, e cansados de tanta insipidez se elles se haviam retirado, não senhores, foi ella; quem tal dizia! Deixar o theatro onde, qual astro radiante offusca os vagalumes offuscava Amelia a bellêsa de outras bellas só requestadas por galans da terceira e quarta ordem, em quanto aos pés daquella vinhão depor seus corações todos os peraltas da primeira; e segunda! onde apparecendo triumphava; e com hum volver dos lindos olhos derrotava suas pallidas rivaes!... Sahio, em fim, de Frankfort, porem nao diz a historia qual foi o motivo de resoluçãõ tao infausta: O tédio, talvez, de se vêr adorada, *indigestão de lisonja*; o desejo de arrastar novos captivos ao seu carro vencedor; ou

mais provavelmente, hia correndo atraz do indispensavel *não sei que*, vago, indefinivel enlevo d'alma que se entrega sem resistencia aos extravios d'imaginaçãõ exaltada, como ordinariamente acontece a donzellas formosas, ricas, prendadas e fiadalgas que mal concebem possibilidade remota, de achar debaixo do sol hum mortal digno... assim pouco mais ou menos de sobir á desmesurada elevaçãõ de seus pensamentos altivos donde arqueando a sobrancelha, lanção vistas desdenhosas aos prosaicos filhos de Eva... Fosse, em fim, qual fosse o motivo, aos valles, e oiteiros *romancescos* da Suissa, recorreo a joven heroína para dar pasto aos sonhos de poeticas vaidades; que lhe fervião na juvenil cabeça; e quiz a sorte, que logo ao entrar nesse decantado paiz, na primeira pousada, encontrasse tres pessoas, duas irmãs com seu irmão; já se sabe, gente mui engraçada, e de boa sociedade com a qual, segundo he factivel, nas viagens, de recreio principalmente, fez conhecimento. e em breve tomou amisade.

Não erãõ as môças verdadeiramente bellas, nem seu irmão hum manobro da moda; porem querião-se mutuamente bem, erãõ irmãos na extensãõ, e real intelligencia da palavra; e na escola da pura, sancta amisade fraternal, facilmente, hum terceiro, toma lições de amor. Achamos-nos tambem, tanto á nossa vontade ( se nao temos hum coração de pedra), quando vivemos com pessoas de juizo que se amão porque se estimãõ, e se estimãõ por que amão a virtude, que logo no

primeiro dia nos parece conhecê-las desde a infancia e que nunca tivemos parentes mais chegados, nem amigos tanto do coração. Assim aconteceu à nossa heroína, que sem traduzir as suas sensações em pensamentos, nem transformar estes em juízos, e medita-los para fazer semelhantes reflexões, deixava-se prazenteiramente levar pelas *atmospheras* attractivas que *sympathisavão* em elleio com a sua. Humã só vontade unia os tres irmãos, e podia-se dizer que humã só alma os governava, tão uniformes erão em opiniões, e sentimentos. Amelia já no terceiro dia entrava como hum ente necessario para a felicidade commum, assim como ella propria não imaginava como havia separar-se de pessoas que parecião nascidas muito de proposito para viver na sua companhia. E era isso por que lhe gabavão as suas perfeições, os seus talentos? porque a todo o proposito a lisongeavão? Não; mas palavras sempre affectuosas; expressões que nascião directamente de corações virtuosos, em poucos minutos conquistarão o de Amelia, para quem esse genero de lisonja era totalmente novo.

O conhecimento, segundo parece natural, principiou pelas moças; mas, alem de nas viagens se fazem muitas abstrações relativas ao nimio decoro que deve observar em sua casa o bello sexo, sem, todavia, que o verdadeiro decoro padeça, como os tres irmãos estavam sempre juntos, não podia Amelia, inda que descesse, conversar em separado com as donzellas; e deixar de o fazer, era abstinencia que a nossa heroína, desde os primeiros cumprimentos, não tinha ani-

mo para encarar:

Ja dissetmos que o moço não era de modas; diremos agora que vestia com decencia, e gosto, mas todo o seu fato era preto, cor de que usão muitos homens, por que assim lhes apraz, sem que isso de que entender a ninguem; de mais a mais, Amelia, toda embebida na sua nova amizade com as duas irmãs, fóra das occasiões que a civilidade exigia, pouca attenção prestava ao mancebo: Quem tinha calcado aos pés os rendidos corações de cem adonisados mancebos, fidalgos e peraltas, que arrastavão sua inutilidade em dourados coches, ou elegantes berlindas, que lhe importava agora um rapaz que não era feio, expremia-se com acerto e modestia, e todo elle honesto, quer nas palavras, quer nas acções, sem dar o menor indicio de pretender agradar?

Continuou a viagem, porém não era Amelia ja dirigida pelo seu alvidrio. Havia deixado Frankfort por um capricho da moça independente e rica para viajar na Suissa, por que era rica, e independente; achou gostosa a companhia daquella familia, e si-la inseparavel das novas amigas, cuja viagem tinha por objecto a convalescença do irmão, que havia hum mez se levantára de hum perigosa enfermidade. Hião em procura de hum sitio ameno, temperado, e agradável ao convalescente, para lá se restabelecer, e voltar depois à sua patria. Quando Amelia soube isto, immediatamente declarou, que todo o lugar lhe parecería delicioso na companhia de tão amaveis pessoas, por tanto lhes pedia licença: ... A mais nova das irmãs, poz-lhe com affectuosa fami-

fiaridade, a mão na boca, e não lhe deixou acabar a frase: dizendo: "Além do restabelecimento completo do nosso caro Theodoro, nenhum prazer é comparavel ao que receberemos com a sociedade, que não merecíamos de huma pessoa tão virtuosa, e sensível... sejam estes (continuou ella abraçando Amelia, e beijando-a alternativamente com sua irmã em transportes de verdadeira alegria), sejam estes os testemunhos da nossa pura amizade, que esperamos acabe somente, quando a vida nos faltar.,"

Amelia corou hum pouco, por que aquella scena cheia de ternura, se passava na presença de Theodoro, o qual sem alterar a serenidade honesta, que mostrava em todas as suas acções, fallou em termos proprios para provar a parte que tomava na satisfação de suas irmãs, bem natural, pela noticia tao feliz quanto inesperada, que a senhora Amelia acabava de lhes dar. E aqui pararão os cumprimentos, que passão a importunos quando excedem os limites da verosimilhança, e entram nos da exaggeração... Mas deste modo, aquella, que a pouco era em Frankfort astro brilhante, que illuminava tantos *satellites*, suspendidos á sua *atmosfera indifferentista* porem meiga e amavel sempre, tanto como obrigados a *gravitar* para aquelle centro de enamoradas esperanças pelas *atmosferas* proprias, agora n'outro lugar é apenas *satellite* de estes, que não têm *sidereas* presumpções (1)!

(1) Se alguma expressão deste artigo lhe parecer — estrambotica, — tenha o leitor paciência, até que saia à luz um dictionario de astronomia physica, em que trabalhamos, para lhe dar a explicação necessaria,

E que tal? ninguem diga pois:— *d'esta agoa não beberei!*—

Pedimos ao leitor que, se a sua paciência se estendeo até estas alturas, lhe dê mais hum *puchãozinho*, e faça reflexão, que Amelia nada entendia de amores. "Caso raro!... e diga-me que tinha 22 annos?," Tinha 22 annos. Porem isto acontecia pelas razões *atmosphericas* de que o nobre leitor deve estar instruido: ora, concorrendo as disposições supramencionadas isto é, as *sympathias atmosphericas* de todos os quatro lados, ja vê o nobre leitor, que força de attracção haveria posta em campo; tenha o nobre leitor a complacencia de juntar a esta força, aquella que nasce do *exemplo*, e diga-nos o que pensa: não lhe parece que havia forças de sobra para dar com a mais valente isenção em terra? "Mas aonde estava esse *exemplo*?," Na intima, e cordial amizade que havia entre aquelles tres irmãos. "Amizade não é amor.," Não é; mas por ahí se começa. Devemos ter em vista, que Theodoro era objecto dos mais sollicitos desvelos de suas irmãs, que elle merecia esses desvellos, absolutamente fallando, pelas suas excellentes qualidades, instrucção, e principalmente, por que nada ficava devendo ás irmãs em materias de amizade: este não interrompido commercio de atencões delicadas, cuidados ternos, expressões carinhosas, era hum expectaculo inteiramente novo, e muito agradavel para Amelia. e para quem o não seria? Amizade que não sofre alteração, que o mau humor de hum dia, de huma hora de hum instante nunca perturba, é coisa rarissima neste valle de lagrimas;

e assim era (diz a chronica) aquella que a nossa heroína tinha diante dos olhos. Não sabemos se alguma idea associada lhe trouxe á imaginação certa felicidade duravel, em contrapozição aquellas que se observão tanto a miudo nesta vida; a verdade é, que ella sentio o quer que foi; mas esse quer que foi ainda não se podia chamar o *não sei que*, ataz do qual, bem pode ser de vez em quando, que deixasse ainda correr a vontade.

Isto erão tudo movimentos intermos, quasi imperceptiveis, que passavam como os relampagos, porem que se repetião frequentes vezes. Pelo que respeita ao mancebo, o que podemos dizer é, que pelo espaço do hum mez experimentou melhoras, e se ia restabelecendo á vista de olhos, porem depois, sem que as irmãs, e talvez elle proprio, podesse alinhar com o motivo, entrou a sentir fastio, e accessos de melancolia.

Ja nessa época existia perfeita familiaridade; e plena confiança. entre estas quatro pessoas, que o acaso.... não é melhor dizer?—que a Providencia tinha juntado—, por isso Amelia, com pleuo consentimento das partes interessadas, se mostrava tão assidua como as duas irmãs na distribuição dos cuidados domesticos, e agora, naquelles que inspirava o novo estado que se observava em Theodoro. Assim não poucas vezes lhe apresentava a taça de leite que acabava de ordenhar a rubicunda e robusta camponeza que os servia apenas elle se levantava da cama pela manhã. Então hum leve carmin corava as faces do mancebo, á dias mui desbotadas, e hum

sorriso quasi imperceptivel acompanhava as palavras de gratidão que o caso pedia. Outras occasiões, antes do sol posto, no passeio que a essa hora davão todos quatro, Amelia tomava o braço direito de Theodoro, o esquerdo a mais velha das irmãs, em quanto a outra hia ora a diante, ora a traz colhendo flores campestres para lhes dar; as mais bellas erao para Theodoro. “Não tens consciencia, minha irmã (dizia elle então com voz branda e tenro sorriso), podias empregar melhor estas flores. Porem fallando assim, nem olhava para Amelia, nem lh'as offercia: era offensa que elle não faria á sua querida Lucilia ainda que houvesse de morrer. “E por que estás doente (repplicava a amavel menina); os doentes são privilegiados; alias, eu bem sei quem merecia essas florinhas tão lindas, e que me custarão sangue. „ Eua quanto isto dizia fitava alternativamente os olhos em Amelia, e no dedinho nevado, que espremia, de cuja extremidade vinha sahindo huma purpurea gotta de sangue. Tres lenços se apresentarão ao mesmo tempo, e como á porfia, qual primeiro, para limpar o dedo. “Não (disse Lucilia), nenhum hade ficar descontente. „ E poz huma pintinha de sangue em cada lenço. “Ahi tem huma reliquia minha, agora ficarão todos iguaes; isto vem do meu coração. „

Animo, caro leitor! a historia, ou como em direito melhor nome tiver isto que vamos escrevendo, está quasi a dar fim; quem chegou até aqui deve concluir, e eis a conclusão:

Estavaõ os combustiveis amontoa-

dos... (não se trata de lenha para queimar em honra de S. João, ou Santo Antonio, fallamos aqui meta-physicamente) bastava huma só faísca para se declarar o incendio, e quando faltou huma faísca, existindo as tres disposições?!

— E pois, o caso: a melancolia de Theodoro, antes intermitente, foi-se tornando continua. Tambem Amelia ja não era tão risounha. Não fallamos das duas irmãs, que só tinham alegria, quando algum dos tres não padecia. A sociedade hia perdendo pouco a pouco a especie de encanto que lhe dava o aspecto do terreno paraíso; mas ninguem se queixava com receio de augmentar o mal dos outros. É occasião de repetir com o Ecclesiástico: —  *vaidade de vaidades, e tudo é vaidade!* — O que ás vezes começa bem, acaba mal, e vice versa.

A melancolia de Theodoro, era bem fiada; porém a de Amelia? Tinha perdido as riquezas? a fidalguia? Algum desastre, ou máo olhar, por desgraça, havia-lhe roubado alguma leve parte dessa formosura que avassalava à primeira vista os corações? tinhao-lhe cahido os dentes, o cabello, ou as lucidas madeixas, que fazião inveja ao louro Apollo, acaso de hum dia para o outro, de fios de ouro, passarão a ser fios de prata? Não amabilissimo leitor: nenhuma dessas irreparaveis desventuras perturbava a serenidade preciosa da nossa heroina. Então?... Então, se ha verdade nos livros, Amelia achara, em fim, o não só que; mas que importa, se era mudo? mudo, e não surdo, nem insensivel, isso percebia ella muito bem; mas por que não fal-

lava? Deixar-lhe a cargo as primeiras declarações em materia tão melindrosa!... Este era o motivo da sua tristeza.

— Humã tarde sabiraõ a passeio na forma do costume, as tres donzellas, e Theodoro: depois de terem feito varios circuitos em volta de hum lago de agoa cristalino, que semelhante a hum espelho, retratava o céu, os montes, e as plantas, sentarõ-se n'hum pequeno outeiro, d'onde se descobria pelo estreito intervallo, que separava dos elevados roxedos, huma cabana caçada que fazia bello effeito no fim de hum pequeno pinheiral. Os passeiadores fitarõ naturalmente os olhos na engraçada perspectiva que d'aquella parte convidava as suas atenções; passado pouco tempo, virãõ abrir-se a porta da cabana, e sahir della correndo huma rapariga, que dentro de sinco ou seis minutos chegou ao pé delles quasi sem fôllego. » O senhor he medico (perguntou ella esbaforida, fallando com Theodoro)? » « Não, minha filha (respondeu este) » O meu Deos, (exclamou a pobre menina) como ha de ser então? minha mãe, minha querida mãe, está morrendo... » Ditas estas palavras, desatou a chorar. » Menina, vossa mãe he catholica (perguntou-lhe Theodoro)? » « Não senhor » Elle abaixou por hum instante os olhos, como quem meditava, e tornou logo a perguntar: » Não querria ella nessa hora, que talvez seja a ultima da sua vida n'esta habitação de miserias, abjurar os erros da sua falsa religião? » — « Senhor (lhe replicou a descônsoada rapariga), não ha duas horas que

de nossa casa sahio o ministro desta parochia, e não creio que minha mãe, toda a sua vida tão boa lutherana, queira renegar agora; mas o certo é, senhor, que lhe deo hum desmaio, e não sei o que lhe heide fazer. O meu Deus! meu Deus!»

Excusado é dizer que as senhoras estavaõ ja quasi tão doentes, como a mãe da repariga, ou ao menos sentiaõ tanta inquietação como esta. «Minha cara Julia (disse entãõ Theodoro a sua irmã mais velha), neste lugar não ha médicos; eu não tenho a menor linctura da arte de curar; porem tu... «—Meu irmão, que sei eu para me atrever a receitar huma pessoa que estara talvez em artigo de morte?»—«Querida Julia, a caridade é melhor mestra do que a sciencia.» Ainda Theodoro não tinha bem proferido estas palavras, ja as duas irmãs estavaõ em pé, e no acto de partir para a cabana. Amelia queria tambem acompanhalas; porem ellas lhe rogaraõ que não tomasse tal incommudo, a não ter algumas tuzes de medicina; para aliviar a doente. Amelia sorriu-se, e respondeu que a sua educação não havia chegado a esse ponto.

Partiraõ as duas irmãs com a repariga, e em quanto ellas não entravaõ na cabana, assim Theodoro, como Amelia foraõ nas seguindo com a vista; depois cada hum continuou a guardar silencio. Passado hum pequeno espaço, exclamou Theodoro, arrancando hum profundo suspiro: «Pobre humanidade! quanto é as vezes terrivel a sorte dos mortaes!»

Amelia levantou para elle vaga-

rosamente os olhos, e vio que tinha os seus humedecidos de lagrimas.

«Por que chora o bom Theodoro (lhe perguntou Amelia com voz mal segura)?» Ha quem tenha menos razão de queixar-se? idolatrado por dois oijos, que mais se pode ambicionar neste mundo?»

«Ah! de certo, não mereço a felicidade que possuo; porem...»

«Porem que? eu não vejo que lho falte coisa alguma, [lhe tornou Amelia, hum pouco animada]»

«Sim, he verdade...! só me falta... morrer? Morrer?... e com esse terrivel dezejo paga o amor... que suas irmãs lhe tem? Só lhe falta morrer?... não vê que a sua morte envenenaria a existencia dellas, e que brevemente o seguiriaõ á sepultura?» Theodoro ficou aterrado com esta reflexão.

«Pois bem, senhora, sou feliz [respondeo elle fazendo hum esforço extraordinario para sorri-se; mas este sorriso exprimiu a mais terrivel agonia, aquella que se quer a força occultar no centro d'alma]»

«Confesso que o não entendo [lhe tornou Amelia assustada]; e pelo que vejo, as nossas idéas à cerca da felicidade, são mui differentes»

Esta fraze tão fria na apparencia, vinha de hum coração abrasado; e todavia teve tanta força que rompeo o silencio imposto pela consciencia às paixões do misero mancebo, e obrigou-o a romper nestas palavras:»

«Creatura deshumana! que fado não te lançou no meu caminho para atear-me no peito o fogo estranho que me derrete as entranhas?! Sim; certamente que era feliz em

quanto não espascentei a vista na tua belleza que afaga os olhos para tragar o coração; assim como o tigre lambe a preza antes de a devorar! Era feliz em quanto não te conheci; porque em minha consciencia reinava a paz; porque reinava o Deos que adoro na minha alma. Agora!... agora pode haver ente mais desgraçado? ..

Theodoro cobrio o rosto com as mãos para esconder as lagrimas ardentes, que a seu pesar lhe rebentavaõ dos olhos; mas ellas corrião abundantes, molhavão as mãos, e peito que arquejava com esforço.

.. E não tem remedio esse mal (disse Amelia com voz que a modestia reprimia mas exultando por que enfim, era chegado o momento de huma declaração necessaria)? ..

.. A mais austera penitencia respondeo o mancebo, e as suas pala-

vas pareciao sahir de hum sepulcro)!

Theodoro era catholico; tinha ordens de missa; licença para confessar; e á pouco havia tomado posse de huma conesia na sé de

He escusado extender mais a narração. Nem elle nem Amelia tinhaõ essa virtude que só resiste ás fracas tentações. Se foraõ felizes neste mundo; certamente não devêraõ a sua felicidade ás paixões.

O não sei que tem feito muitas dõnzeltas, e mancebos desgraçados.

Bom é sempre, desde que esse não sei que apparece; perguntar pelo officio do possuidor; tal será elle, que dó com as esperanças de avesso, e é melhor perdê-las no principio, do que tarde, e a más horas. Verdade seja, que esta indagação tambem se podia escusar se. . . . . toda a gente fallsse claro.

No inclyto Perú Pizarro e Almagro }  
Do throno a estirpe minha derribarão; } 2  
Quando dei os meus dons á antiga Roma }  
De-Jano as ferreas portas se fecharão. } 1  
Avara foi comigo a natureza,  
He inutil em mim d'arte o trabalho,  
Sem acção, sem força; e sem vontade,  
A ninguém presto, para nada valho.

*A chirrada do numero antecedente he — Ovidio.*

0 — Recreador Mineiro — publica-se nos dias 1.º e 15 de todos os mezes.

A redacção desta folha occupará hum volume de 16 paginas em 4.º, sendo alguns numeros acompanhados de nitidas estampas. O seu preço é de 6:000 rs. por anno, e 3:000 rs. por seis mezes nesta Cidade do Ouro-preto; e fóra della 7:000 rs. annuaes, e 3:500 rs. por semestre; pagos adiantado; por isso que nesta quantia se inclue o porte do Correio. Cada numero avulso custará 400 rs.; e 1:200 rs. levando estampas; as quaes todavia não augmentarão o preço d'assignatura. Subscreve-se na Typographia imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, a quem as pessoas de fóra, que desejarem subscriver, podem dirigir se por carta sobre semelhante objecto.

0. — *Pr. Typ. imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, Rua da Giltõ n 9º*

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 4.º

1.º DE OUTUBRO DE 1846.

N. 43

## A IGREJA DE S. SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO.

Fundada a primitiva cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro entre o Pão de Assucar, e o morro em que se edificou a fortaleza de S. João, teve principio o primeiro templo fluminense, que Estacio de Sá dedicára ao Santo Martyr, de quem esta cidade recebe glorioso titulo. Era o templo construido de pão a pique, e coberto de palha, que Salvador Correa de Sá substituiu na época da segunda fundação da cidade huma legoa distante da primeira, erigindo no alto monte de S. Januario, hum dos cabeços do castello, outra igreja mais decente, e de grossa taipa, a fim de se subministrar com as oblações do culto o pasto espiritual dos sacramentos aos habitantes, cuja affluencia de dia em dia se tornava mais intensa progredindo com o grande numero de catechúmenos.

Ausentara-se porém o fundador, por haver terminado o seu primeiro governo em 1572; e por este motivo suspenderão-se as obras da igreja ate ao anno de 1578 em que o dito fundador regressou ao seu segundo governo; e desde es-

ta época até ao anno de 1583 foi concluida a sobredita igreja cuja memoria se acha perpetuada na inscripção funeraria do mesmo Estacio de Sá, sepultado na capella de villa velha (1.ª fundação do Rio de Janeiro); sendo ao depois trasladados seus ossos para a nova igreja de S. Sebastião; e na lapida do seu monumento sepulchral exarou-se o seguinte epitaphio — Aqui jaz Estacio de Sá primeiro capitão e conquistador desta terra e cidade, e a campa mandou fazer Salvador Correa de Sá, seu primo, segundo capitão e governador, com as suas armas: e essa capella acabou no anno de 1583.

Arruinado o templo pela mudança, que houve da corporação capitular nelle estabelecida; pelo desamparo quasi total do povo que habitava este bairro; e muito mais por se não consignarem réditos para a sua reparação; ia a extinguir-se se o conde de Rezende D. Jose de Castro 5.º vice-rei do estado, não reformasse o interior do edificio por seu zelo, e avultadas esmolas do povo, augmentando lhe

outras obras e apresentando-o com sufficiente decencia.

A igreja matriz de S. Sebastião comprehendeo, como unica, que então era toda a redondeza da cidade e suas circumvisinhanças; mas extendendo-se o povo á medida que as terras se cultivavão forão-se diminuindo os seus limites com as novas parochias por quem se repartio o territorio.

Com a summaria relação do primitivo templo fluminense offerecemos a nossos leitores na subsequente gravura uma copia deste religioso monumento, inaugurado ao Martyr Tutelar, protector da victoria, e alto triumpho sobre a poderosa aliança Gallo-Indigena de Uruçumirim, e Paranapucuy, que nas bellas aguas de Niteroy se erguem como eternos padrões de coragem, e gloriosa conquista.

Nós finalmente exaramos com a Lyra d'Ausonia os votos, que dirigimos ao celeste defensor da capital do imperio:

Si Palatinas videt æquus arces,  
Rem que, . . . . .  
Alterum in lustrum, melius que semper  
Proroget ævum (1)

Dignai-vos lançar benigno as vossas vistas sobre a Dyastia soberana, e sobre todo este imperio, multiplicando-lhes novos seculos progressivamente felizes.

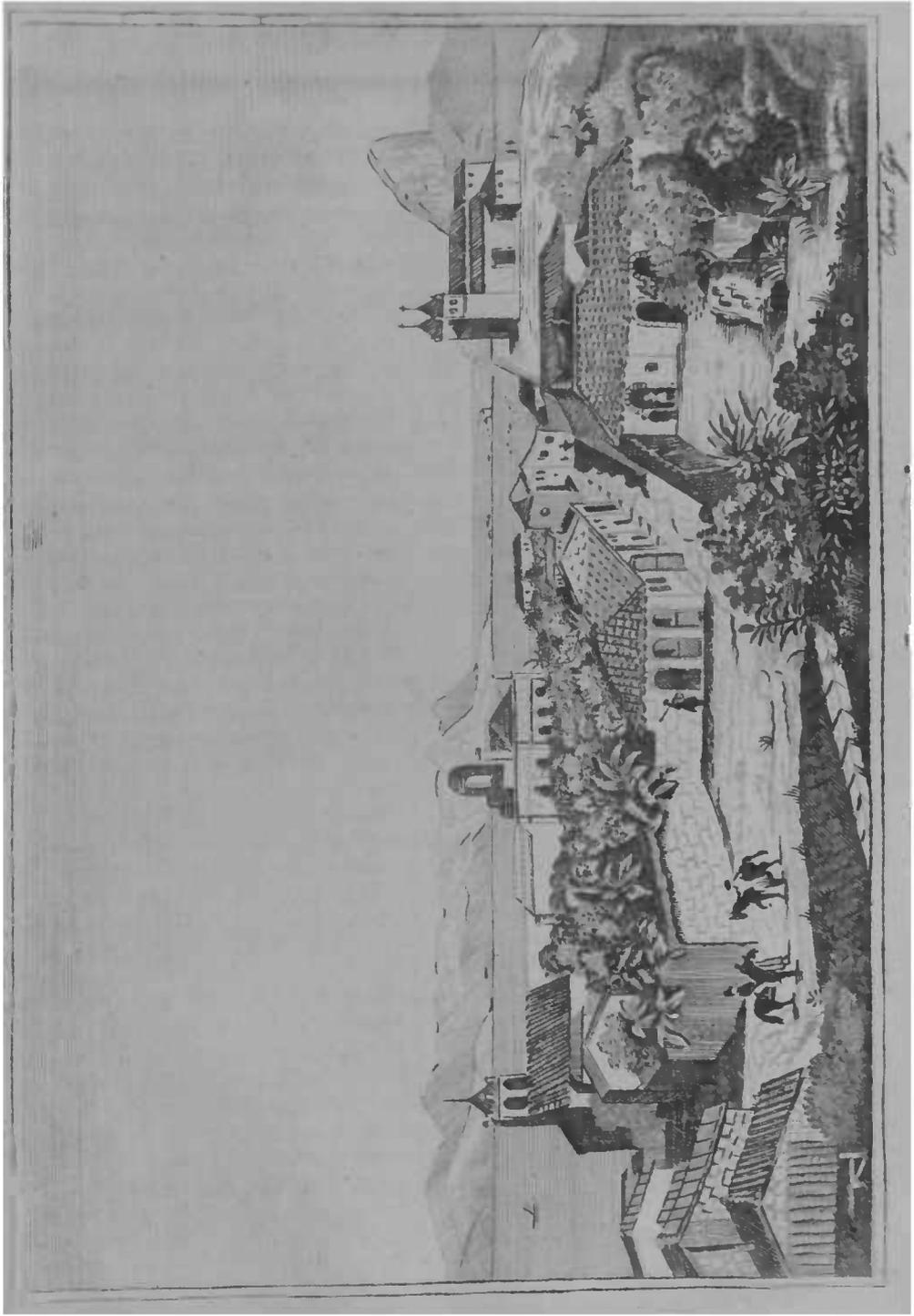
(1) Horat. Carm. Sæcul.

#### O MANEQUIM.

A residencia de Chesterton fioava n'humã dessas ruas estreitas que vão do Strand ao Tamisa. As janellas da sua camara olhavão para esse largo e magestoso rio, sobre cuja superficie se desenhavão em negras sombras os altos predios de *Southwark*, oppostos aos raios horizontaes do sol de novembro. A luz avermelhada, mal rompendo o espesso vapor que sahia d'agoa, penetrava hum pouco no aposento vasto, comodo, e abundantemente guarneecido de tintas, telas, utensilios de pintura, de desenhos, em humã palavra, da mobilia ordinaria de humã officina de pintor. Deitando os olhos para hum dos cantos da camara, não pude conter hum movimento de surpresa. Na obscuridade, humã figura humana, embuçada n'hum manto branco, parecia estender para mim os braços...

« Não vos assusteis, disse-me o meu amigo, rindo-se por me ver recuar hum passo, que he o manequim que esta manhã me servio de modelo da *Apparição na barraca de Bruto*. Mas a proposito, continuou elle dirigindo-se para a figura, e, tirando para o lado as roupas que lhe cobrião os membros, estou ufano com esta peça; porque, em parte, he devida a industria minha. Hum bom *manequim*, como o que vedes, he hum movel de custo. Bem sabeis que sempre tive certa propensão para a mechanica, e foi por isso que tive a lembrança de procurar hum de pouco custo. Dirigi-me a certo estudante de medicina, pedi-lhe hum esqueleto em bom estado, e recebi o que vedes. Onde e como o houve elle, he o de que me não importei. Ao que parece, foi por intermedio de algum *ressurreccionista* (\*).

(\*) Nome que, em Londres, se dá a hum bando de miseraveis que entrao de noite nos cemiterios para furtar os cadaveres, e vende-los aos estudantes de medicina.



**IGREJA DE S SEBASTIAO**



casta de gente com quem elle tem relações. Seja como fôr, he hum *sujeito* muito fresco, solido, e cuja osada parece não ter estado em contacto com a humidade da terra. Por meio de algumas molas e arames que passão pelas costas, cotovelos e joelhos, consegui pô-lo em movimento e tomar todas as attitudes necessarias, tão perfeitamente, se não muito melhor do que o podem fazer essas figuras que por ahi vendem.

• Com alguma roupa do meu uso, cobri-lhe decentemente a nudez, como bem vêdes, e porque a caveira pellada me offerecia hum aspecto lugubre, lembrei-me de cobri-la com huma velha mascara e de pôr-lhe a cabelleira do defunto meu pai. O que, porém, me zanga, he o pescoço torto para a banda, como se o sujeito, quando lôra vivo, soffresse violenta torção nessa parte; não pude indireita-lo: para remediar este inconveniente, fiz o que pude, mas como era preciso quebrar as juntas, deixei me disso •

Ao dizer estas palavras, tirou a mascara e a cabelleira ao esqueleto, e mostrou me com effeito, huma caveira esbranquiçada, que, sahindo dos vestidos em que estavam envoltas as partes inferiores, com o queixo cahido, com os buracos dos olhos, parecia representar a morte em mascarada, espectáculo ao mesmo tempo engraçado e medonho, mas que, ferindo-me de repente e na obscuridade, não produziu em mim outro sentimento além do asco: por isso, devo dizer que foi com muito gosto que vi trazerem luzes e pôr-se a mesa. O meu amigo pôs no seu lugar a mascara e a cabelleira, arranjou a *toilette* do manequim, e puzemo-nos á mesa: conversámos muito e seriamente. Chesterton que durante a sua residencia de dous annos em Londres, estudara o mundo e os segredos da sua arte a fundo, communicou-me, sem reserva al-

guma, os resultados dos seus estudos. Examinou com attenção os meus esboços, indicou-me com candura e sagacidade suas bellezas e seus defeitos, deu-me muitos conselhos, e traçou-me hum plano de trabalho que observei com ardor e assiduidade por dous mezes consecutivos

Chéggou em fim, a occasião em que julgei poder apresentar-me de novo ao concurso para ser admittido na academia real, e, desta vez, o successo coroou meus esforços, porque fui recebido como alumno em attenção aos meus progressos. Hum moço, com quem varias vezes me encontrára em casa de Chesterton, obteve o mesmo favor. Reunimo-nos, pois, para festejar o novo triumpho com huma garrafa de vinho generoso. Passo em silencio os pormenores de huma patuscada a mais alegre que se pôde imaginar, bastando dizer que, depois de termos taramelado, cantado e bebido muito, além da garrafa ajustada, nos separámos, ás 11 horas da noite, nas immediações de *Temple-Bar*.

Estava a noite bella, e, achando-me no bairro de Chesterton, tive vontade de hir á sua casa e dar-lhe em pessoa a feliz noticia dos meus successos, persuadido que elle com isso muito se havia de alegrar. Disserão-me que tinha jantado fóra de casa, mas que não tardaria a chegar. Como então gozava de familiaridade com a dona do hotel, disse-lhe que iria espera-lo na sua camara. O carvão que ardia no fogão espalhava na camara huma claridade excellente: não quiz que accendessem vela, preferindo assentar-me junto do fogo. Entreti-me em contemplar as fórmas exquisitas que produzião nas paredes e no tecto as sombras das cadeiras, dos cavalletes e das estatuas de gesso que me rodeavão. O braço monstruoso de hum Hercules atravessava, em toda a sua extensão, o tecto para ir pegar

na perna de huma venus, que, por desmesuradamente comprida, parecia pertencer ao colosso de Rhodes, no entanto que hum boné, pertencente ao meu amigo, e que estava sobre hum cavalete, reproduzia se na parede opposta, do tamanho do capacete gigantesco no *Castello de Otranto*. A' medida que o fogo se ia apagando, e que a sua fraca luz não dava ás sombras mais que fórmas vagas e indeterminadas, fixei attentamente a vista no fogão, buscando essas phantasticas apparições, essas chimericas figuras de homens de castellos, de arvores, de animaes que a imaginação se apraz em mostrar-nos nos arvões ineandecentes. Largo tempo estive assim contemplativo, até que em fim, depois de huma labareda passageira, qual meteóro, voltejou ligeiramente sobre a massa ardente, como se a cratera do voloão se houvesse repentinamente aberto, vi abaterem-se todas essas materias em oombustão ao abismo minado debaixo dellas, e desaparecer de subito minhas grutas, meus castellos, meus templos, minhas torres com todos os habitantes oom que as tinha povoado, e que se sumirão a huma oomo as sombras de hum sonho.

Tendo esta catastrophe rompido o curso das minhas observações, levantei-me e puz me à janella. Estava a noite clara, porém fria: algumas estrellas brilhavão no firmamento, e a lua ia-se escondendo por detraz de *Westminster*, cuja escura sombra apenas se distinguia ao occidente. O astro estava já muito perto do horizonte para que a sua luz pudesse eselareecer alguma parte da superficie da agua. A maré baixava, e as vagas se deslisavão negras e turbulentas por baixo das janellas. De vez em quando brilhava huma luz entre as sombras e lançava o seu reflexo sobre o rio. Allumiaua ella alguma industria honesta, prolongando pela noite os trabalhos mesquinhos do dia, ou os tra-

mas do crime e o deboche? Arderia junto de hum leito de dôres e de humente prestes a deixar este mundo, ou bem na camara modesta de hum estudante que corre atraz da fortuna e da gloria, nas suas vigalias litterarias? Quem o poderia dizer!

No entanto que attentamente observava esses fracos clarões e ouvia o carilhão de S. Martinho que tocava os tres quartos depois das onze horas, cuidei ver não sei o que, que descia o rio do meu lado: acreditei ser hum batel, porém nada distinguindo ao certo pela escuridade da noite, não pude observar o que elle trazia. Sômente, no instante em que o batel se poz ao tra vez da claridade que reflectia hum dos lampeões da margem opposta do rio, distingui huma figura em pé, tendo na mão hum remo: todavia, essa figura não parecia remar porém, deixar-se ir rio abaixo ao som d'agua. A' medida que a embarcação se approximava, observei que continha mais outras pessoas, e que todas fallavaõ em voz baixa: porém nada lhes pude ouvir. Em fim, o batel parou de baixo da janella, e o bateleiro, levantando a cabeça e mettendo os dedos na boca, deu hum assobio.

Seria huma illasaõ? por detraz de mim, na camara mesma, pareceu me ouvir repetir o mesmo sinal, porém, fracamente, como se aquelle que respondia não tivesse beiços para articular, nem musculo gutural para passar o som, o ruido que ouvi era como o do vento ao passar por huma janella meia aberta. Volteime immediatamente para o lado da camara donde elle partio: o fogo, ateado por novos alimentos, permittia-me distinguir sufficientemente os objectes: tudo estava profundamente tranquillo. No canto para onde dirigia os olhos, estava o *manequim*, vestido do mesmo modo immovel como huma estatua, na mesma posição em que o vira, com os

braços hum tanto levantados. Fiquei envergonhado da minha fraqueza, e tornei para a janella, porém não vi mais o batel.

Entretanto o aspecto da noite tinha mudado. A lua havia desaparecido, a atmosphera estava mais fria, e o vento desceia a cada instante pela chaminé. Cahindo-me alguns pingos de chuva sobre o rosto, e annunciando humna tempestade, fechei a janella. Fiquei então afflieto por me ver retido pelo mão tempo; porém, por outro lado, esperando que isso faria com que Chesterton voltasse mais cedo para casa, puxei a cadeira para junto da mesa, e quiz, no entanto, distrahir-me com alguma cousa. « Vamos ver se represento tambem alguma appareição: o momento he favoravel à inspiração ». Ao depois, tendo accendido as vélas, peguei n'hum lapis e n'humna folha de papel, tirei o *manequim* do seu canto, pu-lo na attitude que me convinha, e comeciei a desenhar. Tinha já dado os principaes riscos do meu desenho, quando o grande sino de S. Paulo tocou meia noite. A' primeira pancada pareceo-me ver agitar-se hum pouco a roupa do meu modelo; porém como continuava a entrar o vento pela chaminé, attribui esse movimento à corrente do ar. Mas avaliem a minha surpresa, quando, ao ultimo toque do sino, vi a figura dispir-se do manto branco, po-lo sobre hum paravento, tirar do cavalete o boné do meu amigo e com elle cobrir-se, e, ao depois saudando-me com toda a gravidade, como para desculpar-se de interromper o meu trabalho, dirigir-se vagarosamente para a porta e desaparecer!

Tendo deoocorrido bastante tempo depois deste acontecimento, mal poderei dar conta do effeito, que em mim produziu tão singular appareição. Todavia, se bem me recordo, o que experimentei foi antes admiração do que terror.

Meus olhos ficarão abertos, quando o individuo mysterioso se moveo e poz na cabeça o boné. Fiquei hum instante petrificado, quando atravessou a camara, e ouvi distinctamente as pancadas do coração ao peito. Porém, quer fosse por ter o vinho dado energia aos meus nervos, quer fosse por que a rapidez desta scena não me desse tempo a aterrorisar-me, não tardei em tornar a mim.

Logo que ouvi fechar-se a porta da rua, levantei-me. Um poder irresistivel fez-me seguir os passos do fantasma. Determinei ver onde pararia a sua viagem nocturna, e, pegando no meu chapeo, descei as escadas, como hum raio.

Chegando á rua, pude ainda descobrir o fantasma que caminhava a trinta passos diante de mim: tudo estava solitario, e, não obstante, ia elle encostado ao longo das paredes, com toda a discrição de hum modesto peão. Segui sua marcha por nieio da claridade passageira, que sobre o seu boné vermelho lançavão os lampiões, e de hums certos estalos que dava nos seus movimentos.

Dirigio-se para o norte, evitando as ruas mais frequentadas, e mettendo-se por hum labyrinth de becos escuros, com a dextresa de hum cocheiro de *fiacre*. Algumas vezes quem passava, ficava a olhar como admirado da extravagancia do seu vestuario, e quando voltamos o canto do mercado de *Covent-Garden*, hum *watchman* illudido pelos estalos dos seus membros, tocou a matraoa e poz-se a gritar *fogo! fogo!* Um homem da policia, vendo-lhe a mascara, deo-lhe humna bofetada no instante em que entravamos pelos bairro tenebroso de *Sept-Cadrans*: porém este homem deitou a correr, quando vio que o estrondo da pancada se assemelhava ao de hum pote, quando se quebra.

Entretanto continuava o fantasma o seu caminho, sempre por baixo das go-

teitas, deitando de vez em quando o Phadas de desconfiança sobre os que transitavam por essas ruas desconhecidas. Uma vez ( e seria illusão ? ) vi-o metter a mão na algibeira de hum sujeito, que estava parado no meio da calçada, e que talvez tivesse sahido de alguma casa de deboche: porém o fantasma, não encontrando nada, tirou logo a mão, abanou a cabeça em ar de despeito, e continuou a andar.

Era-me impossivel reconhecer em que districto de Londres nos achavamos, nem que direcção tomavamos, tão escura e tempestuosa estava a noite, tão inextricavel era o labyrintho de becos por que andavamos. Os lampiões se tinham apagado com a força do vento, ou com a chuva, à excepção de muito poucos mais bem conservados, que luzião de longe em longe. O que porém pude distinguir, foi que nos achavamos no meio das mais immundas eloacas de depravação. Muitas vezes, do fundo dos subterraneos, que ficavaõ por baixo das calçadas, ouvia-se o tumulto de ignobeis orgias, de cantigas obscenas, de terriveis juramentos feitos por homens e mulheres, de combates, de gemidos, de gritos de *misericordia!* *soccoro!* não poucas vezes, tambem achavamos o caminho impedido por alguma victima do vicio, que se arrastava para o seu escondrijo, ou decaçava a cabeça sobre hum pedra.

Não podia comprehender a conducta do meu guia: passando por hum desses subterraneos, onde se fazia tamanha algazarra, parou, olhou fixamente para a escada que ia dar ao profundo abismo, como se tivesse vontade de descer, e ao depois, como para obedecer a hum poder occulto, e superior, tal qual o da policia, arranjou suas ossadas, e continuou o seu caminho.

Bem depressa esses tristes sinaes da presença do homem, e dos seus vicios desapparecerão. As ruas parecião alargar-

se, e as casas cresoerem. Atravez das torrentes de chuva, pareceu-me vez aqui e ali quarteirões de casas, intervallos vastos, que annunciavão a aproximação do campo: a falta, porém, de lampiões não me permitia determinar em que districto me achasse. Por fim a bulha do vento nas ramagens de hum arvore que ficava sobre a calçada, me fez julgar que nos achavamos nos arrabaldes de Londres. O esqueleto dirigio-se para hum lanterna solitaria, hum pouco acima de nós, e parou. Outro tanto fiz eu.

Neste momento, não longe de mim, ouviu-se hum assobio agudo, identico ao que ouvira no rio. O fantasma estremeceu, olhou em derredor de si, e fazendo-me hum profunda cortezia, como para agradecer-me a companhia, de poz nas minhas mãos o boné, com hum gesto que exprenhia a sua satisfação por lhe ter garantido a cabeça. O signal fez-se de novo ouvir, e o esqueleto, levando a mão ao ouvido esquerdo de hum modo significativo, como se estivesse indireitando a gravata, deo hum salto extraordinario, e samio-se!

Um golpe de vento do oeste veio a apagar a lanterna, e fiquei na mais completa escuridão, não sabendo para que lado me volvesse para regressar à casa. Fiquei condemnado a não sair de semelhante lugar, quando não quizesse quebrar a cabeça contra as paredes, ou cair de corpo e alma em algum desses subterraneos, que tinha ha pouco encontrado. Enfim por dita minha encherguei hum luz, que se avizinha-va... era o *watchman*.

— Em nome do céo, lhe disse, indicai-me onde estou? em que bairro da cidade nos achamos?

— Como! replicou o homem, chegando-me a lanterna á cara, a fim de examinar se eu era algum ladrão; pois o sr. não vê que está na praça de *Tyburn*; e que esta pedra servio nou-



*O bom despacho.*

Chegou hum homem á corte de D. João II a requerer hum officio que vagára. Foi fallar a el-rei, o qual lhe disse que já o havia dado. O homem beijou-lhe a mão, dando-lhe muitos agradecimentos do que el-rei ficou tão maravilhado, que perguntou ao requerente se havia percebido bem o que lhe dissera: « Senhor sim » tornou o homem. Então el-rei lhe ordenou repetisse o que lhe ouvira: — « Disse-me V. M., respondeu elle, que já o havia dado. » — « E por que me dáis por isso os agradecimentos? » — « Por que me podéra V. M. remetter a algum ministro que me trouxera apoz si hum mez, no que gastára vinte cruzados que trago comigo. Foi por estes que beijei as mãos a V. M., por que delles me fez mercê. » — El-rei, ouvindo esta resposta, mandou-lhe dar o officio, e prover n'outro o que estava já despachado.

*O FIDALGO TEM RAZÃO.*

Um fidalgo francez, bonito, e bem feito. encontrou, andando de passeio, uma moça, cujas feições, apesar de plebeas, muito lhe agradáram; e sem mais cerimonia passou a fazer-lhe certas proposições, que foram mal acolhidas, e até regeitadas sem aquelle respeito devido á sua alta cathegoria. Contou s. exc. este caso a um de seus amigos, e como ainda estivesse todo enfadado com o não quero muito sêco, que recebêra, concluiu dizendo “ Vê, amigo, como ho-  
,, je se educa a mocidade! Como se  
,, lhe ensina a não respeitar o nase

,, cimento e a não attender ás clas-  
,, ses privilegiadas! Antes da revo-  
,, lução, uma moça teria em caso  
,, semelhante quando pouco, res-  
,, pondido: sr. duque eu não me-  
,, reço a honra, que vós me quereis  
,, fazer. ,,

*AVISO AOS ENFERMEIROS.**Rasgo de ingratidão de hum doente.*

Soubemos com sentimento diz a revista Hespanhola, que hum individuo, a quem as suas molestias tinham retido durante muitos dias no hospital da Conceição (em Madrid), vendo-se em liberdade na rua, lançou-se como hum furioso ao enfermeiro que tratára delle naquelle benéfico azilo, e o esbofeteou desalmadamente, pelos 42 clisteis, gritava elle alto e bom som que lhe tinha ministrado durante o longo periodo da sua molestia: asseguráo-nos com tudo que, queixando-se o caritativo enfermeiro de hum acontecimento tão inesperado, conseguiu que lhe augmentassem o seu ordenado com mais 10 reales mensaes, a fim de poder arrostar, d'ora em diante, outro algum lance da semelhante natureza, em premio de seus bons officios.

*CHARADA.*

Minha mai tem sete filhos  
Entre os quaes um delles sou. }  
De certo sou radiante, }  
Sem ser propria a luz que dou. }  
1  
2

Qual o cysne sobre as ondas  
Ando ás vezes enfunada;  
Ronque o Sul troveje o norte,  
Eis-me ja desarvorada.

A charada do n. antecedente é — Incapaz!

## PEQUENO ESBOÇO OU MEMORIA SOBRE A CULTURA DA BAUNILHA NO BRASIL.

PELO DR. ANTONIO JOSE ALVES.

L'agriculture dans tout le Brésil est dans son enfance. Cependant c'est à elle que tôt ou tard le Brésil devra toute sa splendeur et tout sa force. Quelle plus puissante mine de richesses peut-on désirer que la prodigieuse fertilité de ce sol si favorisé. Ou tous les éléments nécessaires semblent concourir à l'envie à la reproduction !

Recemchegado da Europa, tocado da emulação que se ergue no coração de hum Brasileiro quando elle, observando o progresso admiravel que as artes e as sciencias tem feito nesses paizes classicos da civilização, recorda tantos elementos de riqueza publica que no seu paiz são malbaratados, seja nos permitido traçar breves linhas sobre um ponto de huma grande importancia para a agricultura do nosso paiz, e sobre o qual chamaríamos a attenção dos nossos lavradores, e mesino a do governo, se por ventura possessemos fallar assaz claro e alto para mostrar-lhes quanta utilidade e vantagens elle nos promette, se o salvarmos do esquecimento e despreso em que até hoje tem estado.

Desoonheoedor dos costumes e do estylo do préto, só procuraremos ser olaros; não dar como xisto aquillo que apenas soubermos por tradição, e nem afirmar huma palavra de cuja veracidade não estejamos profundamente convencidos. Se tivermos a fortuna de que as nossas idéas achem algum acolhimento e aproveitem a alguém, ficaremos sobejamente pagos com o só prazer de ter feito alguma cousa de util.

Parece-nos tão geral e solidamente reconhecido que a agricultura he a primeira base da riqueza do Brasil, que fôra perder tempo procurar demonstral-o. E isto de que estamos convencido, quer theorica quer pratioamente, o governo o tem manifestado, como o testemunhão ainda por ultimo os cuidados assíduos que lhe mereceu a cultura do chá. E se, persuadidos do interesse que nos podia dar huma planta estrangeira, não duvidamos fazer sacrificios para cultival-a no Brasil, certo não menospresaremos huma produção do nosso solo, que n'elle rebenta tão espontanea quanto vigorosamente. Queremos fallar da baunilha.

Antes porem de dizermos alguma cousa sobre a historia, cultura, preparação e commercio da baunilha, previniremos o leitor de que n'este artigo nos limitaremos a expor tão sómente aquillo que se nos antolhar de utilidade immediata, e concorrer para o fim que temos em vista, reservando para huma mais extensa memoria que pretendemos publicar na provincia da Bahia, se chegarmos a adquirir todas as informações e conhecimentos necessarios que ha 16 mezes procuramos, huma mais circunstanciada descripção.

## O que é Baunilha?

Entende-se no commercio por baunilha hum fructo que, pelo seu agradável aroma, he empregado nas confeitarias, pastelarias, fabricas de chocolate e de perfumes, e mesmo na medicina.

Conhecida ha bastante tempo na Eúropa, não havia certeza de que a planta existisse na nossa abençoada terra, e ainda mesmo que vegetasse naturalmente tão vigorosa e robusta. Conhecia-se a baunilha do Perú, da Martinica, de Cayenna, S. Domingos, etc mas era sobretudo a do Mexico, de que esse paiz faz humra parte de sua riqueza, de exportação, a de que se tinha mais exacto conhecimento. Lamentamos não termos podido obter humra estatística da baunilha, que ao presente entra na França annualmente; mas se em 1807 tempo em que o seu uso era muitissimo menor do que hoje, e em que seu preço subia a 300 francos ou 111000 réis, pouco mais ou menos, importou esse paiz 24000 libras; e se atendermos igualmente ao grande consumo que d'ella se faz presentemente em Pariz e em Marselha, para as perfumarias, alem de varios outros empregos que dão-lhe, somos levados a crer que a centenas de arrobas monta o peso da que para ali annualmente entra. Nesta conta não figura a nossa, que, como dissemos, não é conhecida pelo menos em Pariz, segundo nol-o assegurou o celebre professor Richard, o qual nem mesmo tinha noticia de que ella nascesse no Brasil, regosijando-se assaz das excellentes amostras que lhe offerecemos da que nasce naturalmente na provincia de Sergipe (1).

A baunilha pois tem um consumo avultado, se admittimos como certo que a Inglaterra, a França, a Allemânia e outros paizes recebem não pequena porção, pois que, como levamos dito, os Mexicanos fazem d'ella um grande ramo de commercio.

Aqui naturalmente me perguntarão se podemos esperar um interesse que corresponda ao trabalho de crear essa nova lavoura, e disputar o commercio aos paizes que ha tanto tempo possuem. He certamente difficil affiançal-o *a priori*; mas com os dados que vamos fornecer, as pessoas que se interessarem por este objecto poderão julgar sobre o seu resultado provavel. Cumpre entretanto dizermos que estamos persuadidos de que nós podemos crear esse novo ramo de primeira importancia no quadro dos nossos productos agricolas, e que aquelles que encetarem uma tal carreira farão um verdadeiro bem ao seu paiz. E foi este o forte motivo que, vencendo nosso natural acanhamento, e fazendo-nos esquecer nossa insufficiencia estimulou-nos a escrever sobre tal ponto n'esta côrte, onde, vendo mais do que em nenhuma outra parte do Imperio, espirito empreheendedor e capitães que dormem sem emprego

1) Mr. Merat deu entretanto uma idéa da nossa baunilha, ainda que inexacta.

Temos um como presentimento de que os agricultores que estiverem em estado de fazer alguns ensaios não desprezarão um objecto tão importante, tendo sobretudo tão perto a provincia de Minas-Geraes, d'onde podem tirar as sementes, para o que em nossa memoria daremos alguns esclarecimentos.

Antes porém de tentarmos essa nova lavoura, importa que tenhamos resolvido as seguintes questões.

1. O clima do Brazil he proprio para a planta ?
2. Existe ella no paiz ?
3. Sabemos cultivar-a ?
4. Sabemos preparar-a ?
5. Emfim, corresponde o interesse ao trabalho e despeza ?

Procuramos dar sobre cada um destes pontos aquillo que tivermos como certo, e como provavel o que assim reputarmos.

### *O clima é proprio para a planta ?*

Póde-se affiançar pela observação que sim; pois que a baunilha nasce no nosso solo plantada apenas pela mão da natureza; ali vegeta, floresce e fructifica, sem que a mão do homem lhe subministre o menor socorro. Temos apenas visto a baunilha nas provincias de Minas Geraes e de Sergipe; mas tem-se-nos assegurado que ella existe no interior da Bahia, em Alagoas e no Pará, d'onde temos mesmo ouvido dizer alguma exportação se faz. No nosso paiz, em que he tão difficil colher o menor esclarecimento baseado sobre documentos positivos, seremos obrigados a referir-nos algumas vezes a informações particulares, ás quaes entretanto não ligaremos huma orença illimitada.

Como quer que seja, temos por certo que o solo de Sergipe, que está sobre o littoral, e a 8 grãos de latitude, sul; bem como o de Minas no interior do continente, e a mais de 20 grãos da mesma latitude, produzem naturalmente a baunilha. Se, de mais, considerarmos que ella não medra senão debaixo do calor dos climas quentes, e que nos climas frios é ella apenas conservada em estufas aquecidas, como observamos no do jardim das plantas em Pariz, no jardim botânico de Liège, e no da academia medica de Leyde, podemos assegurar que o Brasil, que aliás reúne diferentes climas no seu vasto territorio, é proprio para a cultura da baunilha. Convem entretanto notar que de entre as que vimos, nenhuma fructificava senão a de Liège, pela razão de que nas estufas não entrando o sopro dos ventos, o horticultor, na epoca em que as antheras se abrem, é obrigado a cortar as flores masculinas para as ir agitar sobre as que virão a dar o fructo, afim de fecundal-as o que de feito consegue, pois que vimos humas 12 ou 20 bagens ou fructos das que estavam nas estufas do mesmo jardim, e de elle mostrava com orgulho ao estrangeiro viajante, não esque-

oendo de accrescentar logo que erão os unicos pés que existião na Europa e que alu frutificavaõ não sendo aliã verdadeira se não esta segunda asserção ; pois que , como ja dissemos , nós os vimos na Hollanda e em Pariz , e o mesmo assevera Mr. Fernier nos seus guias do viajante na Belgioa e Hollanda

Assim pois , o clima frio não è proprio para a baunilha ; è o clima quente que convem-lhe Se a isto ajuntarmos que sendo a primeira qualidade para a boa baunilha o aroma , e que è sob o calor do sol intertropical que nascem as plantas mais aromáticas , como as que fazem parte da familia dos louros ou laurineas , entrando nesse numero o cravo da India , o louro , a canella , etc . que todos dão bem no nosso paiz , não desconheoeremos que a planta de que tratamos deve vegetar perfeitamente no nosso solo

### *Existe no Brasil a baunilha ?*

Temos respondido a esta questãõ no artigo proecedente. Entretanto , para que as pessoas que tiverem do occupar-se deste importantissimo objecto reconheçaõ a planta que procuraõ , diremos aqui duas palavras , sobre os pés que vimos na França ; Belgioa e Hollanda , porque desgraçadamente nos falleo huma exacta descripção da nossa , limitando-se o conheimento que della temos unicamente ao fructo , parte aliã essenioial para o nosso fim .

Da altura de dous metros , ou seis pes , ellas tomavão , bem que plantadas no limitado terreno de hum caixão , hum vigoroso desenvolvimento Esta circunstanca , sem duvida bastante favoravel á nossa planta , depende da estrutura de suas folhas , que sendo espessas são muito activas para a nutrição . Como a maior parte das plantas que tem huma haste fraca , necessitando de hum apoio para desenvolver se e sustentar-se , ella procura os troncos das arvores visinhas , nas quaes enrola-se , e vai expandir suas flores , e amadureoer seus fructos a huma certa altura acima do solo . Estas plantas , que os botanicos chamão trepadeiras sao differentes das parasitas ; porque estas não somente trepãõ pelas arvores , como dellas tiraõ sua nutrição , o que seria de não pequena difficuldade para a sua lavoura , o que felizmente não acontece com a verdadeira baunilha . A baunilha necessita apenas de hum sustentaculo ou apoio , e n'huma plantaçoõ regular , em vez do tronco da arvore que encontra nos bosques ou nas estufas , ella se poderã enrolar sobre varas , como as nossas faveiras , ou em latadas ou earamanchões como as nossas parreiras

Assim a baunilha , não sendo huma planta parasita , mas somente trepadeira , não tem necessidade de arvores para a sua cultura .

De sua haste , que è nodosa , descem certos fios ou appendices , que , huma vez plantado o nõ , transformão-se em raizes . As folhas são luzidas na face superior ou exhalante ; sua forma

lanecolar, começando e terminando em ponta e seus bordos não tem alguma especie de recorte. Quizeramos poder fazer huma descripção das flores; mas, tendo apenas visto a planta na época em que ellas já tinham passado, e em que só existião os fructos, força é que nada aventuremos a tal respeito, visto que não desojamos servir-nos de escriptos que nos não parecem assás authenticos, guiando-nos por nosso unico e fraco testemunho nas pequenas considerações que fazemos (1). O fructo è longo; contem numerosas sementes quasi microscopicas, dispostas sobre tres pequenas columnas ou trophospermes de huma consistente polpa onde nos parece tambem repousa o principio aromatico de nossa preciosa planta. Seu pericarpo, ou parte do fructo que encerra essa infinidade de pequenos grãos ou sementes de que fallamos è secco e è a parte mais importante da planta.

Quando se examina hum fructo secco da baunilha do Mexico, como o fazemos neste momento, acha-se que elle tem 10 a 12 pollegadas de comprimento, e 3 a 5 linhas no seu maior diametro.

Vê-se mais que não é aberto, isto è, que não chegou a a madurecer a ponto de partir-se. Insistiremos sobre este ponto, porque, como veremos para ao diante, è esta huma circumstancia que pode muito facilitar o commercio da nossa baunilha. Cortado pelo meio, acha-se que o pericarpo ou parte exterior tem apenas a espessura de huma linha que envolve huma infinidade de sementes pretas. O aroma é assás agradável, e muitas pessoas são de parecer que è o mais suave e delicado perfume que produz o reino vegetal. Alem disso, examinando-se huma porção dos fructos seceos da baunilha, nota-se que finos ehrystaes em forma de agulhas e de huma côr argentina se achão encrustados pelo exterior do fructo. Esses ehrystaes são o principio aromatico do mesmo fructo.

Tal è a descripção imperfeita que podemos dar da baunilha, isto è, da planta observada nas estufas da Europa e do exame do fructo que vem do Mexico. Agora passaremos somente a desorever o fructo da baunilha de Minas Geraes, que nos foi fornecido pelo sr. Ahrao, estudante de medecina na Belgica, e da de Sergipe. tal qual podemos obter, fornecida pelo nosso amigo o Sr. Jose de Goes Barreto, engenheiro civil pela escola central de Paris.

### *Baunilha de Minas e de Sergipe.*

A baunilha de Minas tem hum comprimento maior do que a do Mexico; seu diametro è triplo e mesmo quadruplo do daquela. Os mesmos orystaes argentinos oobrem-na; mais apresenta huma

---

[1] Pode-se consultar entretanto o artigo Vanille, escripto por Mearl, no Dict. des Sciences Médicales:

grande differença, que è ser aberta, o que permite que se lhe veja as sementes sem que, como fomos obrigados a praticar com a do Mexico, seja preciso parti-la ao meio. Ella è dehiscente; isto è, abre-se quando bem madura; tem hum pericarpo igualmente quadruplo, e hum succo aromatico que banha-lhe a superficie. Os fructos são de huma côr mais escura, e hum bello aspecto, e, de hum cheiro sobremaneira agradável.

Assim, a baunilha de Minas tem não pequenas vantagens sobre a do Mexico.

As bagens da baunilha de Sergipe, alem de huma grandeza mais notavel do que as do Mexico, tem tambem hum pericarpo ou casca muito mais espessa; e tão vantajosas são todas as suas outras dimensões que em Pariz chamavão-na *vanillon* ou baunilha. Isto porem não faça suppor que a nossa baunilha não è a verdadeira. A falta do costume de vê-la tão gigantesca fazia-lhes estranhar como depois veremos. Ella è de mais aberta em duas valvas ou gommos, e apesar de que tivessem a infeliz idea de enviar-nos essa baunilha envolvida em assucar para Pariz, julgando que esse sal a conservasse melhor, ainda se podião ver feixes de brilhantes chrystaes que se interpunhaõ entre huma e outra bagem, e que espalhavaõ hum aroma impagavel.

Faremos hum pequeno quadro comparativo das dimensões das tres especies de baunilha, e veremos que a vantagem è immensa, debaixo desse ponto de vista, em favor da nossa importante planta.

#### Baunilhas.

Comprimento . . .	{	Do Mexico,	10 a 12	pollegadas
		De Minas Geraes,	10 a 13	"
		De Sergipe,	12 a 14	"
Maior Diametro . . .	{	Do Mexico,	2 a 4	linhas
		De Minas,	4 a 6	"
		De Sergipe,	6 a 12	"
Maior espessura da casca ou pericarpo	{	Do Mexico,	1/2 a 1	linhas
		De Minas,	2 a 3	"
		De Sergipe,	4 a 5	"

Por este pequeno quadro aproximativo nós vemos as vantagens da nossa baunilha sobre a estrangeira; entretanto nos não devemos fiar de mais nestas sãs vantagens, que poderião aliás vir de par com qualidades nocivas. Felizmente porem não conhecemos qualidade alguma pela qual a nossa baunilha seja depreciada senão as que depois indicaremos. O cheiro da nossa baunilha, se não é melhor do que a do Mexico, è pelo menos tão agradável e mais a;

oivo Quanto á de Sergipe, seu cheiro è estriamente intenso, a ponto de nos ter sido necessario empregar huma porçãõ muito mais diminuta nos pequenos experimentos que fizemos em Pariz. Além disto, hum fraco aroma terebentaoio tornava o mais forte, o que é hum inconveniente, mas não de grande importancia.

### *Sabemos nós cultiva-la ?*

Naõ tendo-se feito ainda no Brasil, que nos conste, planta-ção alguma regular de baunilha, e apenas cõlhendo-se alguns fructos que a vorãcidade de diferentes animaes, e sobretudo a dos macacos, deixa escapar e chegar a maturidade. não podemos dizer que sabemos cultiva-la.

Mas serã difficil a plantação da baunilha ? E' esta huma ques-taõ sobre que não pôdemos dar hum voto seguro, e que tenha por si a sancção da experiencia; entretanto, não obstante ter ja algum naturalista sentenciado a baunilha a huma vida sempre selvagem, algumas razões temos que nos induzem a crer que é possível huma plantação regular dessa preciosa planta. Com effeito a baunilha tem a sua haste nodosa, e cada nó dá, como na nossa canna de assucar, hum novo pe ou individuo desde o momento que, cortado, nós o plantamos n'hum pouco de terra humida.

Quanto ás sementes da baunilha, parece-nos provavel não serem ellas o embriaõ que reproduzem nos bosques novas plantas, mas sim os taes filamentos (raizes aéreas ou *adventicias*) de que acima fallámos, e que descem dos diferentes nós da haste, e se tornão em raizes desde o momento que toçãõ a terra, constituindo por essa forma huma continnação do primeiro individuo, se não outro differente, pois que, se cortarmos a haste entre os dous nós duas novas plantas continuaraõ a viver independentes.

Sendo pois tao facil plantar por estaca, isto é, cortando a haste em tantos pedaços quantos forem os seus nós, e enterrando os á maneira do que praticamos com a mesma canna de assucar e com a mandioca, julgamos que, ainda mesmo quando as sementes reproduzissem, não seria este o meio preferivel para plantar a baunilha.

### *Conhecemos nós o terreno que melhor convem á baunilha ?*

Eis o que a natureza, e a experiencia nos devem ensinar. Cumpre pois não somente observar onde nasce a baunilha naturalmente, mas fazer differentes ensaios plantando a quer n'hum terreno arenoso, n'hum argiloso, quer n'hum mais ou menos calcareo, quer nos terrenos pretos ou muito estucados e quer enfim n'ou-tros mais pobres de humus ou estrume. O que porém podemos assegurar é que a baunilha de Sergipe que dá tão gigantesca e bel-

la, floresce nos terrenos arenosos ou siliosos, e nos terrenos pedregentos.

Entretanto o celebre barão de Humboldt diz que ella nasce naturalmente sobre os rochedos e antigos muros, e sempre nos lugares obscuros; mas não sabemos que alguém tivesse escripto sobre huma plantação regular. Pensamos com alguma razão que esses lugares não lhe são indispensaveis, e o mesmo a respeito da sombra, de cuja necessidade inquietamo-nos mais, sem julgarla invencivel. De facto pensamos que seria bem aventurado que, nas fazendas onde ja houvesse huma plantação adiantada de café se poderia tentar a da baunilha, se por ventura ella se negasse a vegetar ao sol, o que parece-nos pouco provavel. Os pomares frondosos poderiaõ melhor ainda abriga-la do mesmo sol. Sentimos, pelo tamanho deste nosso esboço, não poder entrar em maiores desenvolvimentos a tal respeito, como desejamos e preteridemos fazer.

Naõ podendo entretanto avançar se em outro territorio ella dará melhor, por falta de experiencias que ate aqui nos não tem ainda sido possivel fazer, tão recente que somos chegados, não duvidamos todavia aventurar que não é a baunilha huma planta difficil de contentar relativamente ao terreno, nem que exija tratos á arte de estercoar. Como todas as plantas cuja nutrição se faz em grande parte á custa do ar, isto é pelas folhas, a baunilha deixa representar hum papel secundario as suas raizes. O limitado terreno dos caixões que estavam nas estufas de Leyde nos convenceria disso, quando pela theoria o não soubessemos.

Quanto acabamos de dizer relativamente á cultura da planta, não é o menos difficil por certo na nossa empresa: mas não é bastante para contentar-nos.

Sabemos nós colher e preparar o fructo, ou o que é verdadeiramente a baunilha, debaixo das vistas do interesse agricola e commercial? Eis huma não pequena questão a que devemos responder.

Se podessemos obter a nossa, no estado da baunilha do Mexico, tinhamos completamente resolvido a questão; mas a baunilha do Brasil é aberta, e a do Mexico tem os fructos inteiros. Desejando saber de que dependia essa differença, perguntamo-nos se, depois de aberta a baunilha do Mexico, os cultivadores não a fechavão, enrolando-a de novo. Cortando a baunilha pelo meio podemos convencer nos que não. Donde pois essa differença? isto que parecerá facil quando o tivermos dito apresentou-nos alguma difficuldade, que tanto mais nos embaraçava e vexava quanto era essa a objecção que em Pariz fazião-nos para a compra da que nos havia chegado de Sergipe. De facto a baunilha aberta não é tão facilmente empregada por mais de hum momento.

( Continúa. )

# O Recreador Mineiro.

## PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 4.º

15 DE OCTUBRO DE 1846.

N. 44.

### AS MAIORES NOITES EM DIVERSAS PARTES DO MUNDO

Deveremos a Mr. Balbi o quadro seguinte da duração relativa da maior noite em diversos lugares da terra, desde o equador até a ilha de Melville.

Nomes dos lugares.	Latitude.		Duração da noite.	
	graus.	min.	horas.	min.
Quinto. . . . .	0	13	12	00
Pará. . . . .	1	28	12	06
Cayenna . . . . .	4	46	12	16
Pondichery, . . . . .	11	55	12	45
Haiti . . . . .	19	46	13	16
Chihuahua no Mexico	28	40	15	49
Ispahan . . . . .	32	24	14	14
Lisboa. . . . .	38	48	14	56
Alicante . . . . .	38	21	14	45
Carcassona . . . . .	43	12	15	15
Dijon . . . . .	47	19	15	46
Pariz . . . . .	48	50	15	50
Arras . . . . .	50	17	16	16
Dublin . . . . .	53	31	16	46
Copenhague . . . . .	55	41	17	15
Riga . . . . .	56	57	17	46
Stockholmo . . . . .	59	20	18	15
Abo . . . . .	60	27	18	44
Drontheim . . . . .	63	24	20	00
Umeo . . . . .	63	50	20	15
Archangel . . . . .	63	35	20	47
Uleo . . . . .	65	3	21	15
Tornco . . . . .	65	50	22	14
Enouthekies . . . . .	68	30	45	Dias
Wardhuns. . . . .	70	22	66	Dias
Gabo do Norte. . . . .	71	2	71	Dias
Ilha Melville. . . . .	75	00	102	Dias

## FOLHETIM

MUMA SÓ PAIXÃO E DOUS CASAMENTOS POR AMOR.

É hũa recordação do outono passado. Já a estação das chuvas ia muito adiantada. As collinas de Uriage despião sua túnica verdejante, e a terra desaparecia por debaixo de hum funebre tapete de folhas seccas e de ramos cahidos. Já nos não atreviamos a subir depois do jantar á torrinha gothica de Uriage que domina, qual altiva castellã a antiga aldea de Vizille. O penetrante nordeste do mez de setembro obrigava-nos já a procurar um asylo na sala principal da casa dos banhos.

Uma noite entre outras a sociedade estava reunida no seu grande estado completo. Eu tomei lugar conforme o meu costume junto do velho doutor M..., de Grenoble, meu companheiro de viagem e meu cicerone. Um cavalheiro e uma senhora, recentemente chegados ás aguas de Uriage, aproximaram-se do piano para cantar o bello dueto do *Barbeiro Dunque io son*.... quando se sentio o estrondo de uma carruagem rodando no pateo. A pesar da escuridão, apenas minorada por hum raio da lua, o doutor conheceo os viajantes e disse:

— Por vida minha! é o conde e a condessa de Marné.

A este nome notou-se um movimento geral nos grupos da sala. Uns levantarão-se, outros entrarão a cochichar. A execução do dueto ficou adiada indefinitamente e o doutor deixou-me para ir com-

primmentar os nobres hospedes cuja chegada produzia hũa tão universal sensação. Logo que elles apparecerão entre portas, reinou em toda a companhia hum curioso e profundo silencio.

O conde de Marné tinha vinte e seis annos de idade. Sua cabeça, abundantemente coberta de cabellos pretos e annellados com graça, podia passar por um typo completo de belleza meridional. A pallidez que reinava em todas as suas feições tirava-lhes a aspereza e severidade que talvez se lhes podessem notar. A sua estatura era alta e elegante. A condessa tambem offerecia hum modelo de graça e de perfeição poetica. Seus grandes olhos azues tinham hũa expressão melancolica que attrahia o respeito e os cuidados. Por seu olhar contristado, pelo amaro do seu sorriso, era facil conhecer que seu coração gemia sob o peso de intensa magoa, cujo segredo a boca não ousava trahir. Depois de saudar polidamente o conde e a condessa, o doutor voltou para o seu lugar junto de mim.

— Que lindo par é este que agora chega? perguntei-lhe eu ao ouvido.

— Pois não o conheceis?

— Não.

— Pois não sabeis a historia deste bello moço que não teve mais do que *uma paixão* em sua vida, mas que, entretanto, fez *dous casamentos por amor*?

— Nada disso sei.

— Que cason com duas mulheres sem ter sido viuvo?

— Nunca ouvi fallar em tal.

— E a quem se chama em Grenoble a oitava maravilha do Delphinado?

— Ainda menos!!

— Neste caso, quereis que vos dê a explicação do enigma;

— Com muito gosto; mas preveno-vos, doutor, que desconfio muito do maravilhoso. Se ides contar huma historia como as das *Mil e una Noites*, ou hum conto fantastico no gosto de Hoffman, declaro que o não acreditarei.

— É huma historia muito simples, proseguio elle, e que ganha muito em ser contada sem atavios.

E depois de ter saboreado huma pitada de macoubá, começou nestes termos:

“ O conde Alfredo de Marné pertence a uma das melhores familias do Gévandan. Foi em 1834 que eu o encontrei na cidade de Grenoble, em casa do duque de Lailly. Elle ia regularmente ás suas partidas, e mesmo de dia visitava-o amittadas vezes. O velho duque tinha huma filha que contava apenas 18 annos de idade, hum anjo de doçura, de belleza e de espirito. Alfredo amava Rosina, e era talvez amado: mas, ou fosse porque a úmidez companheira inseparavel de huma primeira paixão, refreasse o fogo de seus desejos, ou porque quizesse dar ao seu amor o tempo necessario para fortificar-se, soube por tal modo affectar indifferença o frieza, que todos se enganaram a respeito de seus sentimentos, sendo o proprio M. de Lailly do numero daquelles que nada suspeitavam. Entretanto, foi preciso tomar hum partido. Uma vez

bem certo de que amava Rosina nunca lhe passou pela idéa que podesse haver alguma força humana capaz de obstar a que lhe consagrasse toda a sua vida caso que Rosina quizesse aceitar esse sacrificio. O unico consentimento que realmente lhe dava cuidado era o da moça; mas ella mostrava-se tão boa para com elle sorria-lhe com tanta doçura que o temor de huma repulsa nunca tinha entrado nas suas previsões. Resolveo-se, pois a pedir ao duque a mão de sua filha. Porem M. de Lailly, orgulhosamente envolto na sua duplicada aristocracia de nascimento e de dinheiro, não achou Alfredo nem bastante rico nem bastante nobre. Queria que Rosina fosse duqueza e que as 100,000 libras de renda que dava á espôsa fossem convenientemente contrabalançadas pelo dote do espôso. Ora não preenchendo Alfredo nenhuma destas condições, soffreu huma repulsa muito clara e positiva. Ferido na sua mais cara affectação Alfredo resolveu alcançar a mão de Rosina mesmo contra a vontade de seu pai e ate se applaúdiu de poder ser devedor da sua ventura somente ao amor do Mlle. de Lailly. O que nao conseguirão os amantes? Poderão com effeito, fugir e o duque vio-se obrigado a dar o seu consentimento. O casamento celebrou-se sem estrondos e sem pompa. O mais que o duque fez foi dignar-se assistir á cerimonia religiosa, que teve lugar á meia noite, no mais escuro canto da capella do castello e pode dizer-se, só na presença de Deos. Eu fui a unica testemunha

desta união. Ella tinha alguma cousa de singular e de solenne. Ao romper do dia os dois casados partirão pela posta para Vareuil, pequena aldea fronteira do Delphinado onde Alfredo tinha hum propriedade. O duque de Lailly dirigio a seu genro hum adeos secco e frio, e teimou em não querer pronunciar hum palavra de perdão. Isto foi certamente hum violencia para elle; mas entendeu que só assim salvaria sua honra: triste victoria que a si proprio ganhou e que devia produzir tão tragicos resultados.

« Vinte e quatro horas depois, o conde e a condessa estavam instalados em Vareuil. Ahi dissiparão-se pouco a pouco as más recordações de Grenoble. Só eu é que fui admittido na sua intimidade e, fallando a verdade, não sei se seria possivel ao poeta o mais exigente imaginar hum amor mais intenso, hum felicidade mais completa. Passarão-se assim seis mezes. Alfredo e Rosina vivião pacificamente no seio desta pura felicidade cuja harmonia nenhuma voz humana, nenhum acontecimento estranho tinhão ainda ousado perturbar, quando hum catastrophe horrivel, espantosamente combinada pelo acaso veio cabir como o raio sobre estas duas tenras flores, cuja aste se elevava tão alegremente para o céu.

« Uma tarde o jardineiro do castello chamou o conde de parte para o avisar, dizia elle, de hum acontecimento que interessava sua honra. Ao principio Alfredo não fez grande reparo no ar mysterioso de Jeronimo; mas este insistio, e Al-

fredo seguio-o ate á extremidade da lameda. Chegando ahi, Jeronimo parou e, apontando para hum pavilhão que o conde mandára recentemente construir affirmou que na noite antecedente vira entrar para elle hum desconhecido com a condessa de Marné. Se Alfredo tivesse sabido melhor moderar os transportes da sua alma, não acreditaria logo á primeira vez nesta brutal denuncia. Porém a setta tinha-o atravessado. Elle era dotado de hum sensibilidade que o punha de hum instante para outro á disposição das mais contrarias paixões. A idea da vingança occorreu-lhe com a primeira suspeita. Tomou logo a sua resolução. Pretextou hum viagem hum negocio indispensavel, e partio. Rosina ficou só no castello. No dia seguinte, ao anoitecer, Jeronimo introduzio furtivamente Alfredo na quinta. Este agachou-se por detraz de hum espessa caniçada, e esperou inutilmente por espaço de hum grande hora.

« Finalmente, no momento em que a lua, elevando-se acima dos loureiros começou a alluminar o ceo, appareceu-lhe ao longe hum sombra negra sobre os degrãos da escada da casa. Armou instinctivamente duas pistolas que tinha escondidas debaixo do capote. A sombra approximou-se: era Rosina, Rosina mais tranquilla e mais bella que nunca. Ella andava devagar, sem preocupação, sem fazer caso do assobiar da brisa nas folhas do arvoredo, nem do sinistro ruído que fazião as aves nocturnas na sua passagem. Alfredo protrou nas

feições de Rosina o indicio de uma inquietação involuntaria, fosse ella qual fosse, mas em vão. Ella ia com a cabeça levantada e não tinha ar nem de esconder-se nem de fugir. Empurrou a porta do pavilhão; no pavilhão não estava ninguém. Sentou-se em hum sofá de frente da janella aberta e poz-se a contemplar o céu. Alfredo ia pouco a pouco perdendo a colera; suas prevenções desvanecião-se huma por huma diante desta serenidade perfeita que proclamava a innocencia de Rosina. Suppôz que Jeronimo a tinha impudentemente calumniado, e estava quasi a ir pedir-lhe perdão; mas de repente parou e, pallido como a morte, encostou-se a huma arvore. Rosina ja não podia justificar-se, acabava de entrar hum homem na quinta. A condessa, ao avista-lo, deixou escapar hum grito de surpresa foi ao seu encontro e estendeo-lhe a mão. O desconhecido subio os degrãos e beijou Rosina na testa. A porta fechou-se logo que elles entraram.

« O conde precipitou-se para o pavilhão, arrombou a porta e fez fogo com ambas as pistolas ao mesmo tempo. Só Rosina é que foi ferida, e cahio sem proferir huma palavra. Mas do peito do desconhecido exhalou-se hum gemido surdo. Esta união tinha de ser desgraçada, murmurou com voz rouca. Deos não a abençoou. O' céu! nada de piedade para com elle! o miseravel assassinou minha filha!

« Logo que se unvio o estrondo, toda a gente de casa correo com luzes ao pavilhão, e vio Rosina estendida no chão toda ensan-

guentada e o duque de Lailly orando sobre seu corpo. Quanto ao conde de Marnó esta prova era superior ás suas forças; não tinha podido supportar o espectáculo da sua vingança consummada; echarão-no cahido sem sentidos no ultimo degrão da escada do pavilhão. O duque, ja quebrado pelos annos não tinha forças para supportar tao violento golpe; morreu nessa mesma noite de hum ataque de apoplexia. As ultimas palavras que proferio foram o perdão de Rosina e a maldição de Alfredo.

« A condessa esteve muitos dias entre a vida e a morte. Foi ferida no lado direito do peito por baixo da clavícula, entre a primeira e a segunda costella. Só hum milagre do céu podia salva-la e este milagre teve lugar. A operação foi mais bem succedida do que eu esperava. Mas, emquanto que eu folgava por este resultado a saúde de Alfredo inspirava-me serios receios; a emoção cruel sob que a sua imaginação lutava tinha-lhe derramado no cerebro o germen de uma enfermidade moral que se tornava mais assustadora pelo caracter de tranquillidade e de reflexão que apresentava. O ardente delirio da febre foi substituido por hum delirio frio, arrazoado, sem remedio. Só o nome de Rosina é que o arrancava a este torpor da alma e de's sentidos e então o desgraçado sofria longas e horriveis convulsões; e se, para o consolar, eu lhe dizia que Rosina estava salva, que elle tornaria a ve-la, e que brevemente irião recommear esta vida de felicidade e de amor que operas po-

dia julgar-se interrompida, cravava os olhos em mim, apertava-me a mão e respondia: « — Pobre Rosina, amava-a tanto! Pensar que « está morta, é horrível! mas assim foi preciso e Deos não me « pode querer mal por isso, não é « assim? Eu fiz justiça! »

» Desde então julguei que devia prohibir toda a communicação entre Alfredo e Rosina. A condessa concebeo logo huma suspeita horrível, e supplicou-me que lh'a destruisse ou confirmasse com huma só palavra: — Alfredo é morto! exclamou ella angustiada. Oh! não m'o occulteis! — Morto? respondi eu, melhor fora talvez que o estivesse, senhora. Alfredo endoudeceu.

« Deixei Rosina em Vareuil e levei Alfredo para as minhas terras do Mont-d'Or. Afastando alli do seu espirito e da sua vista tudo quanto podia envenenar as profundas feridas da sua alma, tratei de domar a exaltação da sua intelligencia pela indigra do corpo. Não tardou em contrahir o gosto pela caça e por todos os prazeres animados. Eu não queria dar-lhe tempo para pensar nem para recolher-se em si. Este tratamento pareceo fazer-lhe bem.

« Eu recibia amiudadas vezes cartas de Rosina, mas tinha o cuidado de lh'as não mostrar. No fundo do seu retiro, Rosina morria de tristeza, não concebia que sua presença podesse ser nociva ao bem estar de Alfredo. Tive hum trabalho incrivei para persuadi-la que, se se dêsse demasiada pressa em vir ve-lo, o seu amor, por mais admiravel que fosse, não faria senão matar o doente, tornando a abrir a fe-

rida ainda mal cicatrizada do seu coração. A razão do amor rendeo-se por fim á razão da sciencia. Rosina não me tornou mais a pedir para ir ao Mont-d'Or. Contentou-se em ler as minhas cartas e em pedir a Deos pela saude de seu marido.

« Entretanto, a saude do conde ia-se restabelecendo sensivelmente. Eu tinha conseguido elevar, entre a sua vida passada e a sua vida presente a barreira impenetravel do esquecimento. Era pois tempo de jogar o ultimo lanço, submeter a uma prova definitiva esta cura tambem delineada: em huma palavra, reunir Alfredo e Rosina. Preparei tudo para huma partida em que eu queria que a experiencia tivesse lugar. Convidei para ella algumas pessoas com quem o conde de Marne tinha convivido antes do seu casamento, assim de que antes que tudo renovasse o seu conhecimento com ellas; queria esclarecer-lhe pouco a pouco a intelligencia, e prepara-lo assim á emoção decisiva cujo resultado seria irrevogavel. Ah! é preciso dizer-lo, eu mesmo recuava diante desta hora suprema, por que a convalescença de Alfredo podia ser apenas hum lethargo enganador. Era talvez abrir-lhe muito cedo os olhos. Mas o que havia eu fazer? Já tinha decorrido hum anno. Rosina desolava-se desta espera sem fim, e pedia-me que me compadecesse della. Não pude resistir por mais tempo; marquei o dia, Rosina chegou primeiro. E' impossivel imaginar hum acto mais tocante do que o que apresentavaõ as attentões e obsequios com quo Rosina

sina foi recebida por todos os assistentes de hum e de outro sexo. Nunca vi em parte alguma heroina que fosse mais festejada. Fi-la sentar na cadeira que estava mais longe da porta da entrada. A sua mão estava fria ella mal podia respirar e soste-se. Lançou hum olhar furtivo para esta multidão que avidamente a contemplava, e em todos os olhos leu esta palavra magica: Esperai! Bem quizera ella dar hum signal de agradecimento: mas o seu coração estava cheio o seu peito opprimido.

« — Animo! disse-lhe eu em voz baixa.

Ella respondeume com hum sorriso angelico:

« — Não me faltou para o soffrimento, te-lo-hei para a felicidade.

« Sahi da sala promettendo voltar immediatamente com o doente. Desde então huma anxiedade devoradora pesou sobre todos os pensamentos. Todos esperarão em silencio e como que não ousando mesmo respirar.

« Apareceo enfim o conde de Marné. Um estremecimento imperceptivel percorreu toda a assembléa. Apresentei-lhe dous ou tres dos seus antigos amigos. Conheceo os perfeitamente e conversou com elles com muita facilidade e espirito. Sua conversação desembaraçada e lucida manifestava huma justeza e precisão de memoria verdadeiramente maravilhosas. A alegria brilhava em todos os rostos.

« Alfredo deo algumas voltas pelo meio do circulo. Pareceo que os convidados travavaõ entre si algumas conversas particulares, mas na

realidade toda a attenção se dirigia mysteriosamente para elle. Passou muito tempo com a maior tranquillidade e indifferença; depois folheou os albuns e os cadernos de musica que estavaõ sobre a mesa. Finalmente deo com os olhos em Rosina.

« Pareceo então entregar-se a uma penosa preocupação. Levantou-se em silencio e foi sentar-se justamente defronte della.

« Rosina fez hum leve movimento para correr para elle; mas encontrou o seu olhar frio e severo, e abaixou os olhos.

« Manifestou-se em todos os semblantes hum indizivel susto. Julgou-se que Alfredo meditava huma vingança. Só Rosina ficou tranquilla immovel resignada.

» Os meus receios eraõ fundados. O mal do conde tinha degenerado em monomania. Rosina branca e fria como o marmore, com as mãos postas por effeito de huma contração nervosa não ousava levantar mais a cabeça com medo de tornar a encontrar este olhar secco e carregado que a fazia morrer. Era preciso a todo o custo arranca-la deste supplicio furta-la a esta fascinação. Mandeí vir mesas de jogo fiz estrondo com as cadeiras, arrastando-as e batendo com umas contra as outras e pedi a huma se-ohora que preludilo-se com força no piano. Esta repentina bulha fez o effeito que eu esperava. Alfredo veio apressado para o meu lado e com hum tremor convulso mostrou-me a condessa de Marné.

« — Esta mulher é bem linda!

Não se parece com a minha pobre Rosina? Oh!izei-me o seu nome, doutor,izei-me o seu nome.

« A verdade te-lo-hia de certo malado. Recobi humo inspiração do céo, e respondi-lhe a todo o risco.

« — O seu nome? . . . Henriqueta de Luzval;

» Tirou a carteira e escreveu: *Henriqueta de Luzval*, e desappareceu.

« Corremos todos para junto da condessa e prodigalisamos-lhe todos os desvelos; ella estava desmaiada, e seus beijos rocos apenas articulavaõ alguns vagos lamentos e confusos gemidos. Quando abriu as palpebras, lançou para as senhoras que as sostinhão hum olhar amorteido e desesperado que queria dizer: obrigado. Pondo depois a mão sobre a sua cicatriz e voltando-se para mim, disse a custo:

« — Olhai, doutor, esta ferida doem-me menos!

« Erao horas de recolher. Rosina manifestou o desejo de estar só. Alfredo, mettido no seu quarto, reba sem cessar o nome que havia escripto na carteira, e estava dominado por hum violenta agitação. Só se deitou alta noite.

» Logo de manhaa a condessa veio procurar-me.

« — Doutor, disse-me ella, malogrou-se a vossa empreza; não recobeis que vos ponha a culpa. Reconheço que pozestes em pratica tudo quanto a sciencia e a amizade podiao fazer. A idea de huma republição nao poderia entrar em minha alma. Assim pois, só tenho a fazer vos humo rogatião. Deixai que

junte os meus aos vossos cuidados. O que peço é hum pequeno lugar entre vós e elle. Quando julgardes que a minha presença poderá ser-lhe util, chamai-me; quando virdes que ella se torna nociva, mandai-me sair. Mas, ao menos, habitarei na mesma casa em que elle habitar, respirarei o mesmo ar que elle respirar. Por piedade não exijais huma segunda separação.

» Consenti em tudo quanto Rosina queria. Porem exigi, como primeira condição para a sua residencia em Mont-d'Or, que ella accitasse o novo baptismo por que eu a havia feito passar na vespera por minha propria autoridade. Rosina de Marné passou a chamar-se Henriqueta de Luzval.

» A nossa existencia tomou desde este dia huma direcção inteiramente nova, e a doença do conde revestio-se de hum caracter de poesia verdadeiramente admiravel. Não houve hum só pessoa no Mont-d'Or que se lembrasse alguma vez de tomar por doudo este bello mancebo, cuja linguagem era taõ cheia de circunspecção e de dignidade. A sociedade de Henriqueta tornou-se-lhe indispensavel, estava sempre junto della. Henriqueta mesmo, cuja alma comprehendia toda a qualidade de sacrificios, tinha sabido crear hum simulacro de felicidade, tinha achado o meio de só crer feliz.

« — Ver Alfredo, dizia-me ella, ouvi-lo, acompanhá-lo, ficar sendo sua amiga e sua irmaa, eis o que eu ambiciono. D'ora á vante a minha vida consistirá nisso.

» Eu estava longe de ter a mes-

ma certeza que a condessa tin a. O que ella via com seu amor julgava-o eu com a minha razão e tudo me agourava huma crise imminente. Pouco tardarão em confirmar-se as minhas previsões.

» O conde quiz hum dia fallar-me a sós. Levou-me para o fundo de hum valle, pediu-me que me sentasse a seu lado e, estendendo-me a mão disse :

» — Tenho de fazer-vos huma confidencia. Vos e Deos sereis os únicos depositarios della. Todo o tempo que me resta de vida dependerá da decisão que vou tomar. Ouvi-me.

» Aproximei-me mais, e elle continuou :

» — Ninguem melhor do que vos sabe se eu amei Rosina. Ella occupou aqui hum lugar que potencia alguma poderia roubar-lhe. Matei a verdade, a esposa infiel mas nem por isso a memoria da amante deixará de existir inteira no meu coração. Rosina foi a estrella da minha vida: embora esta estrella perdesse hum tanto ou quanto do seu brilho, ve-la-hei sempre pairar por cima da cabeça como o signal perdido da minha ventura passada. Depois da sua morte, doutor (esta lembrança é horrivel) depois da sua morte, vós o sabeis, considerei-me como eliminado do mundo. Fatigava-me a luz do sol, ja não sentia a vida. Tinha-me tornado igualmente insensivel aos prazeres e ás dures desta terra. Proseguia na existencia sem ter hum fim e sem alimentar desejos, fechando os olhos e os ouvidos a todas as bellezas e a todas as harmonias da natureza. Cria sinceramente que este estado

duraria sempre e que o romance do meu amor começado pela pessoa de Rosina, devia acabar com ella. Mas não succedeo assim: abriu-se diante de mim hum novo horizonte. Minhas azas querem soltar-se ainda meu coração recomeça de bater. Entretanto meu Deos! eu tinha jurado que mulher alguma substituiria Rosina eu tinha convertido o meu culto para com ella em huma arca santa na qual prometti sollemnemente não tocar. Mas falta-me este valor. E' a primeira vez que a lembrança de Rosina se torna impotente. Doutor não advinhais o que quero dizer?.. Amo Henriqueta de Luzval!

» Dissimulei o melhor que pude a minha surpresa ao ouvir esta estranha declaração do conde de Marne. Tentei moderar a sua exaltação e apresentar-lhe este projecto de baixo de hum ponto de vista menos romanesco e mais bem assente. Ouvia-me com reconhecimento, e ficou pendorado dos conselhos que lhe dei. Consegui persuadi-lo de que o seu casamento com Henriqueta não prejudicaria em cousa alguma a memoria de Rosina, e que este segundo amor longe de causar o menor aggravamento á sua primeira paixão apresentava, pelo contrario, diferentes affinidades com ella. Deixei-o pois perfeitamente bem disposto. O caso era urgente. Corri á casa do cura, por que tinha precisão do seu ministerio. Contei-lhe brevemente o facto, e perguntei-lhe se me queria ajudar.

» — A sciencia disse-lhe eu, illude as difficuldades quando não

pode vence-las. E' huma maxima que me vejo forçado a adoptar hoje. Não soube curar a monomania do conde de Marné mas offerece-se a occasião de dar a esta monomania hum character official e razoavel. Elle julga-se viuvo e quer justamente casar com sua mulher. Aproveitemos quanto antes este capricho, para obstar a que tenha algum outro que a lei não possa satisfazer.

» O cura sacerdote tolerante, e, alem disso, excellente homem, aventurou algumas objecções. Tornar a casar dous esposos por huma receita de medico parecia-lhe huma acção se não reprehensivel em si mesma, pelo menos aos olhos da religião. Gastou metade de hum dia a explicar-me a sabedoria dos estatutos da igreja e deste principio eterno: *Non bis in unum*. Para lhe desvanecer os escrúpulos convidei-o a ir consultar o bispo da diocese. Cedeo aos meus desejos; eu mesmo fui entender-me com o prelado e no fim de oito dias, o bom cura recebeu da séde episcopal a authorisação que desejavamos com tanto ardor.

„ Estes oito dias foraõ hum longo seculo para a condessa. Eu não quiz dar-lhe huma nova esperança senão quando tudo estivesse disposto para realisa-la. Ella desesperava com o meu silencio. Finalmente, quando tudo estava bem concertado bem concluido, tomei-a de parte e disse-lhe:

„ — Escolhei no vosso enxoval de casada o mais bello vestido que tiverdes e os mais ricos enfeites. Es-

ta noite haverá aqui grande funcção e neste momento arma-se e illumina-se por vosso respeito o altar da igreja.

Rosina não me comprehendia.

„ — Ide ide vestir-vos de noite, ser-vos-ha restituído daqui a pouco hum dos vossos nomes... não o de Rosina... Rosina morreo mas sereis ainda mais huma vez condessa de Marné!

„ Com effeito nessa mesma noite Alfredo de Marné e Henriqueta de Luzval receberão a benção nupcial na capella do Mont-d'Or. Depois desta singular reconciliação estabeleceraõ-se definitivamente no Delphinado. Alfredo falla mais raramente de Rosina, e crê firmemente que se casou duas vezes. Henriqueta nunca o deixa; serve-lhe de irmaã de amante e de familia. Ella vê bem que a felicidade de seu marido he hum sonho que a menor imprudencia poderia desvanecer. e está sempre de sentinella junto delle como hum pai ao pé de seu filho. Acalenta-o docemente na sua loucura. E' o anjo da guarda que o livra dos ataques mortaes; e quando huma boca indiscreta se abre por acaso para dizer diante delle huma palavra que possa avivar suas lembranças ou pronunciar hum nome que não deve tornar a ouvir, ella exclama assustada:

“ — Sentido!... elle dorme, não o acordem! „

Tal foi a narração que nos fez o doutor.

Durante ella, tinham-se suscitado tantos embaraços ao par cantor, que o cavalheiro e a dama estavam ainda no primeiro compasso. Desta vez,

porém, elle parecia decidido a vencer todos os obstaculos e articulou estas três palavras: *Dunque io son* com hum notavel denodo. Terião de certo continuado no mesmo tom até ao fim se não tivessem dado dez horas no relógio da casa. Nos banhos d'Uriage he o signal da despedida. Todos sahirão. Quanto a mim procurei com os olhos o conde e a condessa de Marné. Estavão ainda sentados hum ao pé do outro. Fixavão-se mutuamente os olhos, e suas mãos estavão juntas.

— Como são felizes! disse eu ao doutor.

— Estais enganado, respondeu elle abanando tristemente a cabeça. Não são completamente felizes, nem hum nem outro: o conde de Marné não se esqueceu ainda, junto de sua segunda mulher da felicidade que lhe deu a primeira; elle chora o passado. Quanto a Henriqueta ella não se illude: sabe que de futuro faça o que fizer será sempre a segunda no coração de Alfredo... Acreditai-me, a pobre mulher soffre muito... Henriqueta tem ciumes de Rosina.

### CORRESPONDENCIA

Mlms. srs. Redactores do Recrador.

Ignoro quem v.v. s.s. sejam, razão por que tambem ignoro se os srs. Redactores são calvos, ou não: No primeiro caso, supponho que do recebimento desta em diante, me serão v.v. s.s. sobremodo agradecidos em remuneração da excellente receita, que junta acharão. — Quando, porém, Deos, por alguma graça especial tenha conservado suas cabeças perfeitamente encabelladas, nem porisso me faltarão agradecidos: pois hoje, o numero daquelles que tem as cabeças mais lisas do que huma gar-

rafa, he minimamente grande. Ora, para estes, sei que o presente já vai tarde, e a más horas; porém para aquellos, que como eu, ainda achão onde passar hum pente, sem susto de fallar á verdade, affirmo, que fazendo elles (carecas) uso dessa divina receita, que aqui muito em segredo lhes vou ensinar, ha-o de colher bom resultado, isto he, no caso que não torquem a brotar novos cabellos, não ficarão sem o resto, o que já não he pequeno favor, e só porisso val o remedio quanto pesa.

Pela formula conhecerão os srs. Redactores, que fallo da milagrosa pomada de Mr. Dupuytren da qual fiz uso, reduzindo as quantidades indicadas na receita, e a isso devo não estar hoje com cabeça mais lisa do que huma bola de marfim, menos sujeita aos espinhos, e frio, que ja hia soffrendo.

Confesso eterna gratidão, e sympathia aos srs. medicos; sou lhes naturalmente affecto, mas a minha gratidão ao sr. Dupuytren, he incommensuravel. Julgo que o mesmo Sr. S. Pedro, se voltasse a este mundo, se não dispensaria de comprar a sua pomada.

Pomada de Mr. Dupuytren contra a queda do cabelo.

Tutano de vacca — duas onças  
 Acetato de chumbo cristalizado — 20 grãos.  
 Balsamo peruviano — 40 grãos  
 Alcohol de 21 grãos — tres oitavas  
 Tintura de cantharidas — 9 gottas  
 — de cravo indiano } aa gottas 5  
 — de canella }

Faça pomada S. A. para fricções na cabeça todas as noites com humma porção do volume de humma azeitona.

Faço votos para que todos sejam felizes, como en fui, com este remedio. Rogo aos srs. Redactores o obsequio de reservar hum cantinho no seu assaz bem aceito jornal, para fazerem girar por muitas mães a sobredita receita, á qual digo: — *Vade in pace, et Dormians sit semper tecum.*

Barbacena etc. Sou dos srs. Redactores seu assiguante. (H. A.)



## ETYMOLOGIA DO MEZ DE OUTUBRO

Era este mez o oitavo no calendario de Romulo, e deoimo depois que Numa o reformou. Ainda hoje conserva o mesmo lugar, bem que alguns imperadores, e o senado romão intentassem por vezes muda-lo.

Os egypcios fazião neste mez huma festa, que intitulavão o *bastão do sol*. por acreditarem que esse astro precisava de arrimo, passado o equinocio d'outono. Os athenienses celebravão tambem as thesmophorias em honra de Ceres, no mez de outubro. Seis grandes batalhas campaes, todas memoraveis por suas conseqüencias, fôrão dadas em diferentes epochas, e lugares, dentro deste mez: primeira a de *Salamina* em que os grêgos vencêrão os persas, libertando a Grecia do jugo com que a ameaçavão: segunda, e terceira as de *Issus*, e a *Arbelles*, em que Alexandre Magno venceu Dario, e se fez senhor da Asia; quarta a de *Philippes*, onde pereceu Bruto com os derradeiros republicãos de Rôma; quinta a de Constantino Magno contra Maxencio. nas margens do Tibre, em que os christãos combaterão valorosamente a favor daquelle principe, e concorrerão para elle alcançar huma victoria completa que o fez senhor de todo o imperio romano. He sabida a influencia desta batalha na propagação do christianismo: sexta a de Lepauto, que livrou a Europa, ameaçada pelo poder othomano.

## LOGOGRIPO

Não sou besta no meu todo;  
Mas as bestas imitando,  
Syllabas quatro formando,  
Pobre se as forças me faltão;  
A primeira prognostica  
Noticia pouco agradável;  
Mas se ella he favoravel,  
Da segunda se demonstra.

A terceira he hum artigo,  
E tambem huma vogal;  
Duas e tres he signal  
Que de sede se não morre,  
Fôrma a quarta d'harmonia  
Huma parte; co'aprimeira  
É cousa que bem não cheira,  
Mas nos campos se aproveita.  
Huma e quatro em si contém  
Cousas mui interessantes,  
Quasi sempre os viajantes  
A trazem bem recheada.  
Quarta e segunda dinheiro  
La nas terras indianas;  
Nas damas Circassianas  
Huma e huma he cou-a fina...  
Huma e tres he synonymo  
Da primeira e seu vizinho;  
E se se encontra no vinho,  
Quem o bebe faz cáretas.  
Terceira quarta e terceira,  
Foi hum rei de Dinamarca:  
Elle na historia se marca  
De mui nobre cavalleiro.  
Aos vates duas e huma  
Lhes faz a cabeça mona;  
Ainda que he monotona,  
No verso se faz precisa.  
Primeira, segunda e terceira,  
Heróe antigo romano,  
Que se fiou por seu damno  
De outro que elle mais astuto.  
Indica terceira e quarta  
O verso se cousa estupenda,  
E quem chama homem de venda  
Della faz uso tambem.  
Leitor, busca decifrar-me;  
E se de mim precisares,  
Na praça dos Romulares  
Me acharás prompto a servir-te.

A charada do numero antecedente he — falua —

Continuação da memoria sobre a cultura da baunilha.

1.º Deixa cahir grande parte de suas sementes nas preparações que fazem os pasteleiros, confeiteiros etc , o que as torna menos limpas.  
 2.º Dá aos productos hum aroma, que por de mais intenso se torna hum pouco desagradavel. 3.º Servindo-se nas pastelarias de hum pedaço ou porção de baunilha, não sò huma mas repetidas vezes, acontece que, quando ella é aberta e empregada, absorve muito liquido na polpa, o que a faz apodrecer de pressa, defeito que se não encontra na do Mexico. Alem de que como ordinariamente são os perfumeiros que primeiro compraõ a baunilha, e depois que lhe estrahem a primeira essencia, vendem-na ás fabricas de chocolate, etc., resulta que, sendo o fructo aberto, o alcohol que elles empregãõ para dissolver a parte mais volatil e aromatica, dissolve em excesso a baunilha, entrando pela polpa, e assim a inutilisaõ e deterioraõ para aquelle segundo uso ou emprego

Mas por acaso não poderemos obter tambem a nossa baunilha fechada, como a dos Mexicanos? Cremos que sim com tanto que façamos huma plantação regular dessa planta. Em verdade, se lembrarmos nos que os fructos dehiscentes ou que se abrem naturalmente quando bem maduros são inteiros ate uma epoca antes da completa maturidade, e que a esse tempo a colheita pode ser feita, não teremos duvida em admittir que esse inconveniente desappareerá. Julgamos pois que a nossa baunilha é aberta porque, abandonada nos matos, ninguem vela sobre a sua colheita, que como dissemos, parece-nos deve ser feita antes de sua completa maturidade

Colhida a baunilha, necessita ella algum preparativo para ser exportada para a Europa?

A que vendemos em Pariz não teve preparação alguma, a não queremos fallar de hum pouco de assucar em que infelizmente se lembrãõ de envolve-la, e que só causou-lhe damno, e não obstante, era bem aromatica, e boa --- E' porem convicção nossa de que a preparação que fazem os lavradores do Mexico deve concorrer para a melhor conservação dos seus principios aromaticos

Qual é pois esta preparação, e será tão complicada que nos faça desanimar na nossa empresa?

Huma vez colhidos os fructos, o lavrador mergulha-os instantaneamente na agua quente, e suspende-os em huma corda para os deixar enxugar e seccar por alguns dias ao ar livre. Depois de seccos e antes de encaixotar e envolver em folhas finas de chumbo, elle dá sobre todos os fructos huma tenue camada de hum oleo vegetal. Ignoramos qual seja este oleo, que parece-nos entretanto ser o da noz; mas, visto que é elle pouco importante por ser em muito pequena quantidade, e só com o fim de impedir a evaporação dos principios aromaticos, e a introdução do ar pelos poros da baunilha, o oleo de amendoas fino e sem ranço poderá muy bem substitui-lo.

Depois, não é huma difficuldade essa insuperavel. Pensamos que as pessoas que se interessarem poderão saber ao certo qual o oleo que mais facilmente teremos ao nosso alcance, com menor despeza, e que melhor convenha para a nossa empresa.

Aqui condemnaremos de novo como muito nocivo o costume que tem os nossos lavradores que por acaso colhem alguma baunilha, de cobri-la com assucar; que outro resultado não produz senão fermenta-la, azeda-la e por tanto rejeita-la do commercio. Achamos tambem conveniente insistir em que o mais minucioso trabalho seja empregado no arranjo e disposiçãõ da baunilha destinada à exportaçãõ, não sendo isto huma cousa muito secundaria nos mercados estrangeiros. Os negociantes desta praça sabem perfeitamente que os generos que chegam bem tratados, bem dispostos e bem acondicionados obtem melhores preços, e mais promptamente, do que aquelles que vem atirados a esmo em caixas, sem alguma ordem e limpeza. A Bahia tem huma liçãõ pratica nos seus assuacares, que achamõ menores preços, e ficaõ por mais tempo em deposito nos mercados da Europa do que os de Pernambuco, pelas toscas e más caixas em que os enviamõ o que se pode tambem afirmar dos algodões e couros da mesma provincia, que são menos limpos do que outros do nosso paiz. Portanto, bem que isso pareça minucioso, não pensamos que são esses pormenores inuteis: pelo contrario, somos de parecer que elles muito importamõ ao fim para que traçamos estas linhas, e vem a ser, que o producto agricola de que nos occupamos encontre nos mercados estrangeiros bom preço, e prompto consumo.

Advertimos pois que os fructos envolvidos em folhas finas de chumbo e acondicionados em caixas de folha, ou outras que o tempo e a experiencia classificaramõ como as melhores, mereceramõ no commercio mais do que se não pozem grande cuidado nisso.

*Deixará interesses a baunilha aos lavradores que em sua cultura se occuparem ?*

Julgamos que sim: e se não fôra o receio de prometter exageradamente, disseramos que a cultura da baunilha assegura riqueza aos lavradores que a quizessem plantar em grande. Quaes são os fundamentos que nos levaõ a aventurar huma opiniaõ que poderá ser prejudicial aos que trabalham pelo nosso progresso agricola, e que por ventura a quizessem apprehender ?

Não podendo apresentar hum calculo em que figurem de hum lado a compra do terreno, as despezas para a semente da planta o emprego dos braços, despezas da colheita, encaixotamento, transporte, frete do navio, direito de importaçãõ, commissões de agentes, perdas provaveis, e juro de capitaes, e de outro lado o preço porque o genero pode ser vendido na Europa para abater deste o importe daquelle, pois que não nos è isso possivel, como fa-

oilmente se comprehenderá, limitar-nos-hemos a expôr o preço por que se vende a baunilha do Mexico em Pariz, e o porque vendemos a que nos foi remettida de Sergipe.

O preço da baunilha do Mexico é variavel, segundo a sua qualidade e segundo a abundancia que della existe no mercado. Varia de 80 a 100 francos por libra; o que faz tomando o preço medio de 100 francos com o cambio actual de 375 rs. o franco, a quantia de 37U500 rs por huma libra de baunilha !!!

Assim, huma libra ou 16 onças de baunilha vende-se em Pariz por 37U500 rs. !! Quizeramos talvez que ella se vendesse apenas por 10:000, para dizê-lo com mais liberdade; mas devemos guardar neste nosso esboço toda a verdade, e por isso diremos que è por 100 francos ou 37U500 rs que hum mercador de retalho compra ao negociante em grosso para vender ao publico por hum preço ainda mais exorbitante.

Venderemos nós a nossa baunilha por esse preço? Nao. Sobretudo a que colhermos selvagem nos nossos matos pelos inconvenientes proprios dos productos agricolas, que não são obtidos de huma plantaçã regular, alem dos de mais, que ja assignalamos; e que desaparecerã em parte, senão completamente, para ao diante

Qual é pois o preço que achamos em Pariz pela baunilha que recebemos? 20 francos por huma libra ou 7U500 rs.

Adhamos pois 7U500 rs. por huma libra de baunilha de huma especie differente da que o commercio estava acostumado a receber e a vender; por huma libra de baunilha, que tinha o grande inconveniente de ter vindo aberta, de estar coberta de assucar, de ter sido colhida em differentes periodos de maturidade, de ir em huma má caixa de folha de Flandres, arranjada sem ordem, e offerecida por hum particular aos perfumeiros e mercadores de retalho, e obtivemos pela pequena caixeta, contendo 16 libras de baunilha colhida nos matos da Cotinguiba, o preço avultado de 320 francos ou 120U000 rs !! Pois 120U por huma pequena caixeta de 10 polegadas de altura sobre palmo e meio de comprido, e 12 pollegadas de largura não é ja hum preço enorme á vista da despeza provavel? E que preço não obteremos nós pela que mandarmos plantada regularmente, colhida em tempo proprio convenientemente tratada, encaixotada com cuidado, e vendida por negociantes entendedores, e não por nós, que, como estudante em Pariz, e estrangeiro, não podiamos apurar preços e nem usar das argucias do homem do commercio?

E' de esperar que hum preço de 50 a 70 francos pelo menos se obtenha. E se plantarmos huma extensaõ de terreno sufficiente para produzir somente doze arrobas de baunilha, o que não è certamente huma quantidade exorbitante, e que a vendamos a 60 francos a libra ou 22U500, não teremos 8:640U, se nos é permitido fazer hum calculo aproximativo?

Por mais que sejaõ hypotheticos estes nossos calculos, fica co-

mo certo que a maltratadissima baunilha de Sergipe produzio-nos 7U500 por libra, o que faz por arroba 240U, que a nossa bem plantada e bem arranjada produzirá seguramente de 50 a 70 francos, o que faz [ termo médio 60 francos ] 720U por arroba. O direito de importação que pagamos em França por cada libra foi de 50 seldos ou 937 rs.

Não nos cansaremos mais em demonstrar o avultado interesse que nos pode resultar de huma semelhante lavoura. Sua importancia nós a sentimos profundamente, e desejamos, sem outro interesse mais do que o engrandecimento do nosso paiz, que aquelles cujos meios permitissem huma semelhante empresa, não deixassem escapar-lhes huma tão bella occasião de prestar hum serviço á sua nação, a cuja gratidão elles terão direito hum dia, bem como aos suffragios de seus concidadãos.

Se ha estrada nobre e de esperanças para onde a mocidade brasileira se deve lançar, è certamente a da agricultura. Quem melhor do que ella nos pode liberalisar maiores e mais verdadeiros bens? No nosso paiz talvez deve ella preceder de muito á industria mesmo. Despertar-lhe o amor da lavoura, desviando-a da direcção viciosa que ella leva ao presente, seria hum trabalho digno dos nossos homens de saber e poder.

Reconhecemos não ter feito hum trabalho completo: sabemos que muitos pontos ficão ainda por examinar: sabemos que mais prudente fôra nada escrever do que publicar hum escripto imperfeito; mas de passagem nesta corte, quizemos antes de retirar-nos á nossa provincia da Bahia dar huma prova de que fôra da nossa patria nos occupámos de alguma cousa que nos pareceo ser-lhe util. Se nossas esperanças não passarem de hum sonho, conrolar-nos ha o prazer de ter posto em contribuição os nossos pequenos mas desinteressados esforços

Se faltamos á exactidão em alguma parte deste pequeno esboço, rogamos às pessoas que o notarem se dignem fazer-nos oonstar particular ou publicamente. Mostrar-nos-hemos, quanto nos for possivel, doceis a rectificar ou esclarecer nossas asserções, ao passo que lhes ficaremos cordialmente gratós. Tambem nos offerecemos com a melhor vontade a dar, ácerca do nosso objecto, esclarecimentos mais particulares a quem julga-los uteis.

Rio de Janeiro

*Dr. Antonio Jose Alves,*

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 4.º

1.º DE NOVEMBRO DE 1846.

N. 45

## UMA ACTRIZ EM VIAGEM.

A senhora B... do theatro francez, fazia huma viagem tragica pelas provincias. Atravessando huma cidade de Borgonha para ir ao lugar do seu destino, parou para jantar, contando partir d'ahi a huma hora! Apenas tinha entrado na estalagem, hum sargento da policia se apresenta e pedo à viajante lhe exhiba seu passaporte ( estiylo official )

A senhora B... que era o estouvamento em pessoa, e que alem d'isso em qualidade de rainha tragica que era, desdenhava desoer aos simples pormenores, que só dizein respeito ao commum dos mortaes, surriu-se com altivez, e tomando o toni do conservatorio respondeu com hum gesto oheio de dignidade ao sargento embasbacado :

— Sabei, gendarme, que taes formalidades não se fizeram para minhas iguaes !

Voltando do espanto que lhe causarão estas palávras, e o ar nobre e verdadeiramente real de quem as pronunoiava, o gendarme replicou com o mais profundo respeito :

— E' possivel, senhora, que não preciseis de passaporte para viajar, mas as ordens que me deu o sr. *maire* dizem respeito a todos os viajantes. Tende a bondade de me dizer vosso nome, e eu transmitirei ao sr. *maire* que ha-de saber se com effeito podeis viajar sem passaporte.

Então parodiando quanto lhe era possível o dito de Mario sobre as ruinas de Carthago, a senhora B... disse estas palávras :

— Pois bem, gendarme, ide dizer ao vosso *maire* que vistes Zaira sentada em huma cadeira da estalagem *Cloche d'Argent* !

O *maire* por acaso se tinha por litterato, e ao nome de Zaira poz a orelha em pé, e hum quarto de hora depois por convite formal, a senhora B... se apresentava diante delle. O magistrado se sentava para jantar quando chegou a actriz.

— Sois vós, senhora, medindo-a com hum olhar meio municipal e meio conhecedor, que viajaes com o nome de Zaira ?

— Se o quizerdes permittir, respondeu gravemente a actriz

— Muito bem ! e pensaes que o nome de Zaira basta para viajar sem passaporte ?

— Se não bastar esse, chamar-me-hei Berenice, Junia, Iphigenia, etc

— Que quereis dizer, senhora ?... tornou o *maire* muito embaraçado

— Quero dizer, que dando-me a conhecer pelo que sou, espero que desculpareis a inadvertencia de não tirar passaporte, e que permittireis continúe minha viagem até Chalons, onde sou esperada. Sou B... da companhia do theatro francez

O *maire* sobresaltado, tirou seus olhos da algibeira, limpou os vidros com todo o esmero, pol-os no nariz, e depois d'hum minucioso exame, disse omte

o sorriso da autoridade a quem não é possível enganar:

— Mau he para vós, senhora, que ha hum anno estivesse eu por quinze dias em Pariz, onde meu gosto pronunoiado pela litteratura me levava todas as noites ao theatro francez. Tive o prazer de ver a actriz B.... na scena de que he o ornamento. Baste, isto, senhora, para que conheaes que vosso subterfugio não prevalecerá, e que conheço perfeitamente que não sois B....

— Por essa não esperava eu! disse a actriz. Pois eu não sou B....?

— Não, senhora, não e cem vezes não! B.... tem dez annos menos que vós, é muito mais bonita, e infinitamente mais fresca.

A senhora B... corou de despeito, e zangou-se tanto contra o maire, que este respeitavel magistrado mandou entrar os soldados para levarem á prisão a actriz desoonhecida.

A vista do sargento, a senhora B.... se tranquillizou e disse ao maire:

— Felizmente tenho hum meio muito facil de vos convencer. Conoedei-me hum pouco de tempo.

A tragica disse huma palavra ao ouvido do oriado que a aocompanhára, passou-se para huma sala immediata, e o magistrado continuou seu jantar.

Alguns minutos depois, o maire estava na sobrezeza, e acabava de despejar a segunda garrafa, já era noite, correrão-se as vidraças e trouxeram luzes. Então appareceu Iphigenia.

Já não era a viajante de vestido de merino e chapéo de setim; era a princeza de Aulide com seu diadema d'ouro, seu vestido de linho e oothurno tragico.

Entrou declamando os bellos versos de Racine, e o maire não pôde deixar de esclamar: — O' Melpomene, conheço agora tua filha querida!

O hom maire chorava, esoutava, aplaudia, estremezia, bebia e dizia:

— Sim, sois B...., sois Iphigenia,

e Junia e Zaíra! Sim, podeis viajar sem papeis! O passaporte não foi feito para vós, que d'elle não oareoeis! Quereis que vos mande aocompanhar pelos soldados da policia e pela guarda nacional, grande tragica?

A senhora B.... que estava de humor declamava sempre. De repente o maire se levantou, tomou huma postura dramatica, e como sabia de cor os tragicos, pôz-se a responder a Iphigenia.

Chegou a vez da entrada em scena de Eriphilo. O maire cada vez mais dominado pelo demonio dramatioo, puxá a toalha da mesa em que acabava de jantar, faz d'ella hum manto e põe sobre os hombros, e recita oom incrível enthusiasmo o papel de Eriphilo.

— Bravo! meu cháro maire, bravo! Sois sublime em Eriphilo!

— Sois vós, divina B... esclamou o maire muito alegre, sois vós que me electrizaes. Sinto que me oommunicaes vosso genio, e de mim fazeis hum artista! Sim, já não sou hum simples maire, sou hum artista, e se o quizerdes, bella B..., eu me ligo a vosso carro e representarei oom vosco. Ides a Châlons, para la voo tambem, e juntos representaremos as tragedias de Racine e Voltaire!

A senhora B... achou divertida a propositão, animou o maire, prodigalisou-lhe os mais exaggerados elogios, e por tal arte desorganizou-lhe a cabeça já muito esquentada com as libações de vinho de Borgonha, que elle se mettu na carruagem oom ella e partio para Châlons deixando seus administrados a sua desgraçada sorte.

No outro dia, depois de haver dormido sufficientemente na carruagem de posta, o maire acordou ás portas de Châlons, ainda embrulhado na toalha de Eriphilo.

— Vou levar-vos à casa do director, lhe disse a senhora B.... e à manhã appareceremos em scena.

Mas o enthusiasmo tragico do magistado se havia evaporado, e pediu á senhora B. o maior segredo sobre a aventura que o conduzira a Châlons.

A senhora B... guardou o segredo e o maire não foi apresentado ao director: foi pens, pois não deixaria de ser divertido ler no cartaz:

EPHIGENIA EM AULIDE.

Tragedia em cinco actos de Racine.  
A senhora B... representará Iphigenia.  
O senhor D. maire de J... fará o papel de Eriphilo

NOVECENTOS DOLLARS POR HUMA MULHER.

Eis aqui huma historia que entre outras muitas do mesmo genero contou ultimamente o missionario, M. Thompson, a M. Bradford em huma reunião em que se tratava da escravidão.

Hum medico moço de grande merito e instrução fez huma viagem de sua cidade natal, situada ao norte dos Estados-Unidos, a huma cidade do Estado de Mississipi. Este manoebo se chamava Wallis. Alugou hum quarto em huma estalagem, cuja oreada, lindissima moça de vinte annos pouco mais ou menos, lhe inspirou vivo aind. Bem que a côr da moça não fosse puramente alva, o medico, livre dos preconceitos muito ordinarios contra a raça de côr, offereceu lhe sua mão que foi aceita. Fez-se o casamento quasi seoretamente, e o afortunado par veio estabelecer-se no districto de Columbia, não longe de Washington.

Não havia ainda muito tempo que elles ahí vivião socegados e retirados, quando huma manhã hum individuo, que tinha todas as maneiras do que se chama ham gentleman, se apresentou em casa de M. Wallis sob sutil pretexto. Entrão em conversação, e o conhecido dirige ao doutor

esta pergunta, sufficientemente indiscreta:

— Senhor, não trouxestes com vosco huma mulher do Sul?

— Não senhor, e eu não comprehendo...

— Como? interrompeu o primeiro interrogentor, e vossa esposa não veio com vosco do Mississipi?

— E' verdade, e julgo que ella nasceu n'esse paiz.

— Pois bem, vossa esposa, como a chamæes, he minha escrava, e se me não derdes 900 dollars por sua alforria, vou denuncial a como fugida. Bem sei que ella vale 1.000 dollars quando menos, mas como a desposastes, abatto alguma cousa d'esta quantia.

— Vossa escrava! esclamou o pobre doutor muito admirado; he impossivel.

— Pouco me importa que me acrediteis ou não, continuou o outro. Aqui deixo a conta, e se em 24 horas não me mandardes pagar na estalagem tal, em que moro, prometto-vos, meu charo senhor, que o nome de mistriss Wallis serà posto nos jornaes como o d'uma escrava fugida.

Logo que este homem sabio, o doutor foi ter com sua mulher que por suas qualidades, virtudes e graças lhe devia muito amor.

— Meu anjo, lhe disse elle, quando nos cazámos, tu eras escrava?

— Era, confessou ella derramando muitas lagrimas.

— E porque m'o não disseste antes da cerimonia?

— Não tive animo. E podia eu pensar que vos ligasseis a huma escrava?

— Está bom. Agora está descoberta a verdade, e vou mandar os 900 dollars que exigem por ti, pois quero-te muito e não posso separar-me de ti.

Durante este curto dialogo, mistriss Wallis sentia a mais viva agitação. Pedio a seu marido que lhe dissesse as razões do reclamante, o que foi feito com a maior exactidão possivel. Depois perguntou-lhe se os signaes erão effec-

tivamente os olhos para o senhor.

— São os olhos que amovido os olhos  
Elle he mais que os olhos, he meu pai

Aleazarão os nervos a sobrevivencia  
dos vapores, que hũa influencia exercião  
sobre a vida de n...

Não ha casquilha, nem o mesmo peral-  
vilha que se não queira os nervos. He  
huma enfermidade que nos veio com a lite-  
ratura moderna e com as letras do se-  
culo decimo sexto

Ha trinta annos ninguem fallava dos  
seus nervos

Conheço huma senhora que está firme-  
mente persuadida que os nervos não exis-  
tão, e que são huma nova importação  
como os pós do doutor Addison

Esta mesma senhora conhecia tanto os  
nervos como eu conheço o scha da Persia.  
Hum dia estive em huma pequena reunião  
de moças elegantes, onde todo o mundo era  
nervoso

E ella principiou a ser nervosa

O que ha de particular nos nervos he  
que elles são huma carta de seguro para  
todos os excessos a que qualquer se entre-  
gue, para todas as impoliticas que qual-  
quer commetta.

Se hum individuo boceja em huma socie-  
dade de pessoas distinctas, basta dizer que  
he nervoso e todos acharão a cousa perfei-  
tamente natural.

Se huma mulher he de mão genio, pirra-  
ceira, assomada, endiabrada enfim, in-  
sinuando-se por nervosa tapará todas as  
bocas

Assassine alguém seu pai, envenene sua  
mãe, enforque sua filha, afogue seu tio,  
se no jury provar que he nervoso, pôde  
contar com as circumstancias attenuantes.

Os suicidios, os dramas, os roubos, os  
alugamentos, os livros narcoticos e as po-  
esias freaticas, tudo isto he nervoso.

Em verdade os nervos vão tomando dia-  
riamente mais extensão na ordem social.  
E' huma enfermidade que pega, e he ainda  
mais perigosa porque qualquer paschasio  
tem pretensão de ter nervos

Quando hum paiz chega a este ponto,  
o governo se acha na cruel alternativa de  
abolir os nervos, ou reformar sua legis-  
lação.

XXXXXXXXXX

#### BUM MILITAR DE PRESTIMO

Sitiava hum general huma praça de  
guerra; e como os sitiados resistissem  
com grande obstinação, quiz recorrer à  
astucia para assegurar o assalto. Cha-  
mou hum soldado que passava por mui  
valente, e ao mesmo tempo rombo de  
juizo, e disse lhe: — « Meu amigo, que-  
ro fazer-te feliz — Obrigado, meu ge-  
neral. — Porem has de atrever-te... —  
A tudo que quizer, meu general —  
Pois bem, repara no que tenho traçado.  
Deves disfarçar-te em carvoeiro, e en-  
trar na praça, lastimando-te de te ha-  
verem as nossas tropas tirado duas ca-  
valgadas que levavas carregadas de  
carvão

— Muito bem. — Contando a tua a-  
ventura, procurarás occasião de arinar  
pendencia com algum soldado da praça,  
e, tirando do teu punhal, o matarás —  
Veremos — Prendem-te logo, sentenci-  
ão-te á força, mettem-te no oratorio,  
e no fim de tres dias te conduzem ao  
patibulo. Ora aqui he que está tudo:  
como a cidade goza de hum privilegio  
de ninguem ser enforcado dentro dos  
seus muros, a execução, segundo o  
costume, deverá ser na quella planicie  
da direita. Eu terei alli disposta huma  
emboçada, e, quando sair o acompa-  
nhamento, lanço-me sobre elle de sor-  
preza, ao mesmo tempo que do outro  
lado avançarão as nossa columnas para  
tomar posse da praça. Deste modo te-

remos hum dia de grande gloria — Na verdade, está o plano bem traçado, e eu estou prompto para entrar nelle; mas com huma pequena modificação. Qual? — Que será V. Ex. quem se disfarce em carvoeiro, e eu commandarei a emboscada..



POESIA

*Vem cá minha companheira  
Vem, triste e mimosa flôr,  
Si tens de saudade o nome,  
Da saudade eu tenho a dôr.*

1.ª

JÁ no albôr da juventude  
Tendo muroho o coração,  
Da morte a gelada mão  
Me aponta p'ra o ataúde,  
Callou-se meu alaúde,  
Fugio-me a illusão fagueira,  
E na quadra lisongeira  
Em que nos cerca a alegria,  
Só digo à melancholia  
*Vem cá minha companheira.*

2.ª

Si na lyra suspirosa  
Ternas canções modulei,  
Si aerias formas cantei  
De huma virgem vaporosa,  
Agora tomou a rosa  
Do palido lyrio a côr:  
Emblema da minha dôr  
Tu, que és meu, roxo martirio  
Vem compartilhar meu delirio,  
*Vem triste, e mimosa flôr*

3.ª

O' lembrança que flagellas,  
Que nos das da morte o fel,  
Que p'aurencia em dôr cruel

Delicias de amôr revellas,  
Que o riso nos labios gelas  
E fazes que o pranto assôme  
Tu cujo sopro me sóme  
Das faces a rozea côr,  
Digo-o só quem sente amor.  
*Si tens de saudade o nome.*

4.ª

Em vez dos sonhos dourados  
Que a existencia m'embalarão,  
Agras dores enluctarão  
Os meus dias negregados  
Gostos de amor já murchados  
Deixarão-me inda amargor  
Inda hum pranto abrazador  
Me orvalha o rosto desfeito,  
Inda dentro do meu peito  
*Da saudade eu tenho a dôr*

(Jóão Cardozo, de Menezes Sousa Junior.)

ORIGEM DAS MESURAS.

Esta cortezia das senhoras precedeu do costume que havia na corte dos nossos reis onde, e diante dos quaes, quando havia seião, ou sarão dansavão os reis, rainhas e damas com os fidalgos; e para isso erão as damas e donzellas do paço ensinadas por mestres a dansar; e porque a certos passos medidos fazião pausa, abaixando-se direitas e com o rosto direito com acatamento às pessoas reaes, quando chegavão a ellas, chamavão a essas pausas medidas, mensuras, e depois mesuras ou misuras, porque com passos certos e medidos da dança se fazião: pouco a pouco se forão essas pausas ou mensuras azerosas, que se fazião aos reis por cortezia, estendendo a outras pessoas em mostra de reverencia e civilidade, a qual se faz a pessoa superior abaixando hum pouco a cabeça, e á igual com o corpo e rosto direito

o CARDEAL, O MINISTRO D' ESTADO E  
O MEDICO D' ELREI.

Antes da Revolução franceza, e na occasião em que todos os lugares só erão accessiveis ás pessoas de illustre nasoi-mento, occorreo a seguinte anecdota :

Havia perto de Paris huma estalagem, aonde se detinhão ordinariamente, para tomar algum alimento, todos os viajantes que vinhão do meio dia da França.

N'huma bella manhã de Abril, apresentou-se hum mancebo, de estatura alta, aspecto varonil, e de 16 a 18 annos de idade, à porta da dita estalagem com o fim de alli almoçar.

A presença deste mancebo, seus olhos pretos cheios de fogo, o sorriso da adolescencia pintado em seus labios, aquella franqueza e naturalidade que vão diminuindo à medida que aquella idade se vai aproximando da idade viril; tudo nelle annunciava vigor e robustez. Era ainda muito de madrugada quando chegou; e apenas entrou, disse à estalajadeira: « dê-me de almoçar, minha linda patrão, porque assim que fôr dia claro, tenho que pôr-me a caminho. »

Acabando de proferir estas palavras, entra outro mancebo de apparencia mais delicada e femiñil que o primeiro, baixinho, desmaiado, voz e mãos de mulher, e que parecia algum tanto cansado. " *Senhora*, disse elle modestamente à estalajadeira, *faz-me o obsequio de me dar de almoçar?* " A isto levanta-se o primeiro, e dirigindo-se a elle com ar affavel, diz: " meu caro amigo, se fôr do vosso agrado, podemos almoçar juntos; sois hum viajante como eu, e ides como eu, a Paris; assim ponhamo-nos ambos à mesma mesa, comeremos e beberemos à vossa saúde e à minha; pagaremos por cabeça; iremos juntos até Paris, e alli nos separaremos. Aceitais a proposta? O outro, sempre com voz fraca, responde modestamente: *» Aceito*

*com muito gosto; fazeis-me demasiada honra »*

A dona da estalagem, oostumada a lidar com viajantes, servio-lhes do melhor que tinha; poz-lhes a mesa no lugar mais deoante e defronte de huma janella que dava para a rua, e apresentou-lhes huma excellente fritada de presunto, alguns coepipes, bom pão, e vinho precioso: n'huma palavra, tratou-os como uns Príncipes.

Apenas se havião sentado á mesa, e principiavão a servir-se, appareceo hum terceiro viajante, o qual, approximando-se à janella, poz-se a contempla-los. Era tambem hum mancebo, trigueiro e grosso, com ar inui serio, e em quem se não desoobria, nem o desembaraço do primeiro, nem tão pouco o aoanhamento do segundo — Meus senhores, disse o recém-chegado, muito estimo haver vindo em tão boa occasião; porque se me tivesse demorado alguma cousa mais, teria que contentar-me com os sobejos desta excellente fritada, cujo confortativo aroma se sente d' aqui a huma legua.

Ainda bem não tinha soabado de falar, quando o mancebo nias alto estende a mão, e depois apresenta o copo pela janella ao seu novo companheiro; e bebendo à saúde hum do outro, entra este ultimo, e senta-se do outro lado da mesa.

Imagine-se se durante o almoço reinará alegria, entre tres mancebos, cujo appetite era excitado tanto pela conversação como pelo caminho que tinhão andado e a fresquidão da manhã.

Depois de terem almoçado, tomarão a estrada de Paris. — Os dois mais robustos querião encurtar o passo por deferencia e consideração para com o outro mais debil; porém este lhes fez conhecer que, apesar da sua delioada compleixão podia acompanhá-los, e immediatamente apressou o passo — Durante o caminho foi a conversação muito animada e agradável,

como era de esperar que acontecesse entre tres mancebos muito joviaes, e que caminhavão n' hum dia de primavera

Chegando às portas de París, paráram de commum accordo, e ficáram todos tres tristes e pensativos; pois era chegado o momento de se separarem. O primeiro viajante tomou a palavra, e disse aos seus companheiros: eu chamo-me *Portal*; nada tenho de meu, e venho a Paris para ser membro da Academia das Sciencias, e primeiro Medico d' ElRei

Eu, acrescentou o trigueiro, venho para ser Procurador Regio e Ministro de Estado

E eu, disse o mais pequeno, tenho tanto como qualquer de vós, e venho á Capital para ser membro da Academia franceza e Cardeal

Neste oaso, disserão os outros dois, tirando os chapéos, sois vós, Eminentissimo Senhor, quem primeiro deve entrar: no mesmo momento e por huma casualidade inexplicavel, principarão a repioar os sinos de huma igreja pouco distante, e todos tres entrarão em París.

Estes tres mancebos tinham fallado verdade; pois chegarão com effeito aos altos destinos a que pertendião chegar — Hum foi o Abbadé Maury grande orador, profundo filosofo, e acerrimo defensor de Luiz XVI, por quem arrostou os maiores perigos — Morreo sendo membro da Academia franceza e Cardeal, cheio de honras e distincções

O outro é o Conde Treillan, Ministro d'Estado Honorario, homem de ta lento, querido e apreoiado do Imperador, e que soube grangear, neste alto destino, a estima de seus concidadãos

Ainda vivia, ha pouco tempo, e se reoordava frequentes vezes da sua famosa entrada em París.

Finalmente o alto e jovial mancebo que se chamava *Portal*, foi huma das

glorias da Medicina: fez grandes progressos nesta Sciencia; e foi Medico dos grandes e pequenos, dos ricos e dos pobres: não houve honras na faculdade que lhe não fossem conferidas: membro da Academia, professor, era tudo, menos primeiro Medico d'ElRei: para conseguir o que, teve que esperar bastante tempo.

Quando Luiz XVI morreo no cado falso, ainda *Portal* era Estudante de Medicina. A Republica não tinha Medico titular, e o Imperador só teve hum unico que era seu amigo; porém *Portal* não tinha dito que havia de ser Medico de hum Imperador, mas sim de hum Rei

A final foi primeiro Medico de Luiz XVIII, e morreo ultimamente subre carregado de annos e de honras, rodeado de seus amigos.

Na Oração funebre da Academia das Sciencias que se usava de o contar no numero de seus membros, citou-se esta anecdotas que foi ouvida por todos com o maior interesse.



*O curioso atraídoando-se a si mesmo*

Estando hum sajeito em huma loja de bebidas a escrever huma carta percebeo que havia outro por de tras delle que estava lendo quanto elle escrevia. O primeiro fingio que o não sabia, e concluiu a carta dizendo á pessoa a quem era dirigida: "Eu não posso contar-te nada mais, porque tenho por traz de mim hum marmanno que se está divertindo em ver o que te escrevo." Iedaço de patife, exclamou então o outro, para que mente Vmc., se eu nem para lá olhava!

O CAVALLO DO IMPERADOR  
CALIGULA.

Caio Cesar Caligula succedeu no imperio romano a Claudio Tiberio, que o havia adoptado. Comquanto fosse oruel o reinado deste ultimo, elle na verdade pareceria suave comparando-o com o do seu successor, que deshonrou a purpura com todas as crueldades, desenvolturas e extravagancias abominaveis, que he possivel imaginar. Mas nada poderá dar idéa tão oabal do caracter deste monstro de especie humana, como o seu prooedimento para com o seu cavallo favorito *Incitatus*.

Mandou-lhe o imperador fazer huma estribaria, ou antes palacio de marmore para sua habitação, com huma mangedoura portatil de marfim, de trabalho delicadissimo; os jaezes erão de purpura e ouro, e o peitoral de perolas e pedraria. Fazia-lhe ministrar a agua e o vinho em vasos de ouro. Na vespera dos jogos do circo, numerosas sentinellas erão encarregadas de manter hum silencio completo em toda a vizinhança, para que pudesse o cavallo favorito dormir tranquillamente. Pós-lhe huma casa completa de officiaes e escravos para o seu serviço e estado. Queria que os maiores dignatarios do palacio fossem jantar com *Incitatus*, e elle mesmo o convidou muitas vezes para a sua mesa. Jurava pela vida e fortuna do seu cavallo, como se sôra pela salvação do Imperio. Tendo-se elle mesmo a si elevado á classe de Deos, mandou levantar templos, e creou hum collegio de sacerdotes para o seu culto, declarando-se grão pontifice da sua propria divindade, e associando *Incitatus* a este supremo sacerdocio. Ppr fim tentou fazer nomear o seu cavallo consul (supremo magistrado da republica e chefe do senado: erão dous que se elegião cada anno), e seguramente teria levado avante seu projecto, se os Ro-

manos, cansados de tantas crueldades e abominações, o não houvessem assassinado aos 29 annos de sua idade, tendo reinado quatro

O imperador Lucio Vero tambem amava tanto o seu cavallo *Volucris*, que o fazia sustentar a passas de uvas, amendoas e pinhões, em vez de cevada: e trazia o seu retrato ao peito em huma medalha de ouro.

O imperador Adriano mandou levantar ao seu cavallo favorito *Boristhenes* hum soberbo mausoleu com huma inscripção em que se referião suas bellas qualidades.

REMEDIO PARA A MORDEDURA DE  
COBRA.

Logo que a pessoa he mordida, corta-se huma sebola pelo meio, e põe-se metade em oima da mordedura, e atase com hum panno; logo que está negra, tira-se, e põe se a outra metade: só com isto fica sã. Tem-se tirado muito proveito deste remedio; hum morador do municipio de Vassouras teo curado assim tres ou quatro escravos seus, e outros já vão usando do mesmo remedio.



AVISO AOS QUE PEDEM CARTAS DE

RECOMMENDAÇÃO,

Vendo Cicero que certo sujeito vinha queixar-se-lhe, de que Cezar não lhe havia feito bem algum, não obstante ter-lhe sido recominendada pelo mesmo Cicero, este lhe respondeu, rindo-se as gargalhadas; — Meu amigo, o que eu te dei forão cartas de recommendação, e tu imaginaste certamente que era alguma letra de cambio que devia ser paga a praso certo.

## RASGO DE AMIZADE

Dois philosophos da seita de Pithagoras. Damon e Pithias, tinham-se de tal modo unido pelos sagrados laços da amizade, que jurarão morrer hum em defesa do outro. Havendo Dionisio, tyranno de Siraousa, condemnado Damon á morte, requereu aquelle desgraçado ao principe que lhe permittisse o passar alguns dias com a sua familia, afim de fazer as suas ultimas disposições, o que lhe foi concedido, com a condição, porém, de que Pithias havia de ficar em seu lugar até elle voltar. Recolhendo-se o generoso amigo voluntariamente á prisão, todos, e o tyranno mais que todos, estavam ansiosos por verem o resultado daquelle negocio; mas obega o dia em que devia ter lugar a execução, e Damon não apparece.

Já o innocente Pithias era conduzido á morte entre os gemidos e lamentações do povo, e as admoestações que se lhe faziaõ pela sua imprudencia e cega ternura, quando de repente penetra Damon no meio da multidão, e se apresenta ao algoz para livrar o seu amigo da morte. Todos os expectadores, transportados da mais viva admiração, implorão em altas vozes o perdão para Damon; e o proprio Dionisio, tocado de huma scena tão enternecedora, não só concedeu a Damon o perdão que se lhe pedira, e de que elle era digno, mas até quiz ser o terveiro a participar de huma tão bella uniaõ. Santa amizade! em aqui o teu triumpho: o oração mais duro, a alma mais barbara e embrutecida, rende homenagens a tuas ineffaveis doçuras, e aspira a ser dellas participante!

## [ROTHSCHILD.

Todos tem onvido fallar nos irmãos Rothschild, os mais ricos capitalistas da Europa. O fundador desta casa opulenta foi hum judeo allemão chamado Moisés

Rothschild. Eis por que modo elle ajuntou o cabedal gigantesimo que deixou a seus filhos

Quando os Francezes atravessãõ o Rheno, o sobetano de Hesse-Cassel levou as suas joias e dinheiro para Finnefort. A reputação de proibidade de que gozava Moisés Rothschild moveo o principe a depositar nas suas mãos algũas milhões de thaler. Quando os Francezes entrãõ em Francfort, teve ainda Rothschild tempo de enterrar o thesouro que lhe fõra entregue. O inimigo levou-lhe tudo o que era delle, mas o que pertencia ao principe salvou-se. Tanto que os Francezes sahiraõ de Francfort, Rothschild começou a negociar com o dinheiro alheio, até que seu dono voltou àquella cidade em 1802. Sem esperança alguma de achar o thesouro, o principe procurou o honrado judeo, que lhe disse salvara tudo.

— Como eu fiquei sem hum *krentzer*, proseguio Rothschild, e tinha aqui muito dinheiro de vossa alteza sem servir a ninguem, fui pouco a pouco pondo-o em giro, sahi-me bem da minha empresa. Agora he justo que eu vo-lo restituia, com cinco por cento de lucro.

— Não, replicou o principe, nem eu quero lucro algum de vós, nem por ora tirarei de vossas mãos este dinheiro.

Foi depois desta época que a casa de Rothschild chegou a subido grão de prosperidade.

## O ECONOMICO.

Certo individuo, querendo atravessar hum rio n'huma barca, poz ás costas hum grande fardo que conduzia, e perguntando-se lhe porque o não punha de parte, respondeo: *É para não pagar senão por mim.* — Entrando depois em huma estalagem, serviraõ-lhe hum ovo para a cã, e partindo-o, viu que tinha dentro hum pinto gerado; mas, sem dizer cousa alguma, comeo-o às esquadras, para que o estalajadeiro lhe não lizesse pagar o ovo e o pinto.

## CONGREGAÇÃO DOS ESPIRITOS.

No reino de Quoja, terra de negros em Africa, cada vinte ou vinte cinco annos se celebra, por ordem de el-rei humna notavel oeremonia no meio de hum bosque cercado de oliveiras, em que hums moços esoolhidos fazem hum noviciado de quatro ou cinco annos para aprenderem a se transformar em espiritos. Os que os levão lhes dão a entender que, para esta transformação, lhes será preciso morrer; e elles, depois de professos, contão a seus parentes e amigos muita patranha, entre outras, que no principio do seu noviciado seus mestres os assão vivos, e que tornão a nascer com outro espirito, com luzes, affectos, virtudes e costumes totalmente diversos dos mais homens do mundo. As simples das mãis pedem com muitas lagrimas aos mestres que nesta mudança não fação aos filhos em cinza, e não faltaõ de trazer até a entrada do bosque, o oomer para sustenta dos filhos, e os professores são os que os vem receber. No tempo do noviciado os mestres lhes ensinaõ uma dança a que ohamaõ *killing*, que se faz com muitos saltos e meneios do corpo, e daõ-lhes muito bom trato, porque, se se entadassem deste genero de vida, grande perigo correria a fama desta resurreiçãõ espiritual, para a qual não contribuem pouco os grandes castigos que se daõ aos violadores do segredo deste embuste. Estes chamados espiritos, quando, depois de jubilados, começãõ a tratar com a gente, com as mulheres que lhe trazem de comer. conversãõ com affectada simplicidade, mostrando que não conhecem os parentes e naturaes da terra, e que ignoraõ os costumes d'ella. Algumas vezes o rei os vem ver, e fica dous ou tres dias com elles nos bosques, dando-lhes credito com a sua presença, e mostrando de se sujeitar as

suas leis, por que assim lhe importa para o governo dos seus estados. Quando quer castigar hum criminoso, depois de convenido e confesso, os apaniguados dos *Soggonoes* (que são os mais anoiados da oongregaçãõ) vem de noite ao carcere, e com medonhas gritarias levaõ o pobre para o bosque, e não ha mais novas d'elle; e he fama constante que os espiritos o levãõ. Com outros muitos artificios, attribuidos ao ministerio e zelo dos ditos espirituaes, governa o rei o seu reino; que as oocultas politicas dos principes sempre foraõ mysterios venerados da simplicidade dos povos. Na lingua da terra ohamaõ às ceremonias e operações desta familia espiritual *Bellipadro*.

---

 NOTAVEL FIDELIDADE DE HUM CRIADO.

Em hum dos ultimos invernos, viajando o conde e a condessa Podotski pela estrada de Vienna de Austria para Cracovia, forão assaltados, a poucas leguas de distancia desta ultima cidade, por hum bando immenso de lobos, que haviam descido das montanhas de Carpathia, acoçados pela fome e frio rigoroso, que os tornavão mais atrevidos e furiosos que de ordinario.

O conde havia mandado hum criado adiante para lhe ter promptos os cavallos de posta, e apenas o acompanhava outro criado a quem muito estimava pela sua fidelidade. Este, vendo que os lobos seguião com pertinacia a carruagem, pedio a seu amo que lhe permittisse abandonar-lhes o cavallo em que vinha montado, pois que no entanto que os vorazes animaes oom elle se entrelinhão, facil seria chegarem à cidade de Zator, que se achava proxima. Consentio o conde, e o criado subio à tra

xeira da carruagem, largando o cavallo, que logo foi agarrado pelos lobos, e em breves momentos feito em pedaços. Os viajantes continuarão sua marcha com a maior pressa; mas apenas os lobos esfaimados acabarão de devorar a sua preza, que continuarão na perseguição dos viajantes, e brevemente alcançarão a carroagem a huma milha de Zator. Neste caso extremo o oriado gritou para seus ainos:

«Hum só meio resta de vos salvardes: irei combater com os lobos, se por hum solenne juramento vos obrigardes oomo pai a sustentar minha mulher e meus filhos, no caso de eu perecer no combate. Serei sem duvida sacrificado: mas enquanto os lobos se demorarem oomigo, tereis tempo de entrar na cidade.»

O conde hesitou em dar o seu consentimento; mas não havendo outro meio de salvar as vidas, consentio e solennemente jurou ao oriado que se por elles fosse sacrificado, ficaria a seu cargo o sustento de sua familia. O oriado immediatamente saltou ao chão, esperou os lobos, e por algum tempo combateu contra elles, mas não tardou a ser devorado. O conde chegou ás portas de Zator, e foi salvo.



#### MEDICINA MELODIOSA.

Vamos registrar um facto, que podendo conter grande proveito para muitos leitores, servirá ao mesmo tempo de entretecer um bem-me-quer novo no pae-nyrico da musica.

Raras pessoas desconhecerao, por experiencia propria, a dor de dentes, a sua intensidade em tantas vezes desesperadora, que obrigava a dizer certa dama: „Antes filhos do que dentes”, e sobretudo o capricho da sua natureza, que faz com que o mesmo remedio não produza duas

vezes a fim o mesmo beneficio; por isso tambem não ha inolestia cujo tratamento seja mais variado. A odontochia, ou arte de acudir aos dentes se compõe de volumes de receita-rio que poderião ser ainda augmentados se nelles se enoorporassem todos os hnitivos que a desesperação, a extravagancia, ou o acaso faz todos os dias descobrir.

Pessoa de credito, e muito credito, nos affirma ter muitas vezes experimentado em si e em outros a efficacia da musica para as dores de dentes.

— Da musica?

— De menos ainda do que ella, de hum simples instrumento musico applicado à parte atormentada. Lança-se mão de huma viola, guitarra, ou de qualquer instrumento semelhante; mette-se o braço delle na boca e dedilhão-se as cordas, por modo que a vibração da madeira se communique à parte afflita. Passados alguns segundos, a dor, verdadeiro diabo semelhante ao que vexava a alma de Saul, e que não podia resistir á harpa de David, desaparece.

Daqui por diante já poderá deixar de ser insulto para os boticarios aquelle dixote com que os gaiatos ha tempos immemoriaes os oausticão:

— Tem violas?

— Tenho.

— Pois toque-me hum lundum.

Era hum *calembourg* ou, por fallarmos português de Fr. Luiz de Sousa, e de Jorge Ferreira de Vasconellos, huma derivação, e não das mais saborosas. Agora já as violas e os lundums se poderão pedir em verdade nas boticas para remedio.



#### ETYMOLOGIA DO MEZ DE NOVEMBRO.

Este era o mez 9.º do calendario de Romulo, o 11.º do calendario de Numa, e ainda hoje occupa o mesmo lu-

gar na ordem numerica dos mezes  
Quatro dias d'este mez, principiando no  
7.º celebrávão os egypcios o luto, da deosa Isis por seu irmão Osiris morto às mãos de Thyphon seu marido — No dia 5.º festejavão os romanos Neptuno, e Jupiter, com o titulo de *Neptunales*, e *lectisterium*: a ultima denominação designava o costume que tinhaõ de levar leitões aos templos em honra de Jupiter. — A 15 principiavaõ os jógos plebeus no circo, os quaes duravaõ tres dias. — De 21 até 21, celebrávão o principio do inverno, dando a esses dias o nome de *brumales*; e no dia 27 faziaõ sacrificios expiatorios aos mânes dos gallus, e grêgos que foraõ enterados vivos em Rôma.



#### NUMA LEI DE ZALEUCO.

Locres era, como se sabe, situada na parte da Italia que se chamava a Grande Grecia. Ficava a pouca distancia de Rheges, e teve por legislador hum discipulo de Pythagoras, Zaleuco, que nasceu 570 annos antes da era christãa.

Eis o que se acha no preambulo das leis de Zaleuco, conservado por Stobéo:

« Todo o cidadão que pedir a revogação de huma lei, ou propozer huma  
« nova, fallará sobre a adopção desta  
« ou revogação daquella com huma cor.  
« da ao pescoço. Se o povo, por pluralidade de votos, adoptar a mudança  
« ou a lei nova, que o cidadão que  
« fez a proposta fique de baixo da salva-  
« guarda publica; se a antiga lei for  
« conservada, e a nova parecer injusta,  
« ta, que se aperte a corda e morra  
« o orador estrangulado »

Semelhante lei não devia deixar muito lugar ao desejo de innovar; e era preciso que o cidadão que se decidisse a

proponer algum melhoramento na constituição do estado, estivesse muito convencido da utilidade da sua proposta; e ao mesmo tempo muito afferrado à sua opiniaõ.



#### CHARADAS.

A' igreja tu vai, e lá procura,  
Ou na casa onde mora o padre oura;  
E logo que o vejas sem receio  
Tu o cura me racha pelo meio. } I.

Logo que a teus olhos a luz fira  
Da que no templo arde santa pyra,  
Seja a pyra tambem por ti partida,  
Sendo em duas metades dividida. } II.

Aquelle que ao meu todo está sujeito  
E' de certo bem digno da terceira;  
Pois, faltando a razão, impera o peito,  
E quasi o resultado é sempre asneira. } III.

Longe a idéa de pensar que eu seja  
Um doido furioso desesp'rado;  
Mas ai do infeliz, pobre coitado,  
Que preso em minhas mãos cahir se veja. } IV.

O meu principio e fim vês no escudo;  
Vês meu centro no centro da espiga;  
Ou um dardo te valha, ou uma figa,  
Se prompto não advinhas o meu tudo. } V.

Naõ te dobres; que me fedes,  
E me fazes nausear. } VI.

Naõ te dobres, que em tal caso  
E's difficil d'encontrar. } VII.

Mesmo debaixo da terra  
Hei de saber ir buscar-te  
Hei de fazer-te em fatias,  
Hei de cozer-te, hei de assar-te.



O logogripho do numero antecedente he — marriola,

## ADDITAMENTO A' PEQUENA MEMORIA SOBRE A BAUNILHA

PELO DR. ANTONIO JOSÉ' ALVES

*Considerações sobre a maneira de obter as sementes da baunilha.*

Pouco confiado na nossa resumida memoria sobre a baunilha, quasi esperavamos a indiferença costumada para as cousas de semelhante ordem; mas temos visto com surpresa e particular contentamento que algumas pessoas se tem interessado e querido tentar a cultura da baunilha; e como alguns cultivadores distinctos nos tenham feito a honra de procurar-nos para indicar-lhes o melhor meio de haver as sementes, ponto sobre que apenas de passagem tocamos, vamos tirar á luz as poucas mas talvez proveitosas idéas que possuímos, pedindo às pessoas que tiverem sobre este ponto mais exactas informações se dignem ajudar-nos com a sua experiencia e bom conselho.

Sendo por meio da estaca ou pedaços da haste que mais facilmente podemos plantar a baunilha, como dissemos, e não estando ao alcance de todos obter facilmente estas hastes ou sementes, visto que é necessario mandar procura-las nos matos e lugares remotos de outras provincias, convem que demos as regras indispensaveis para que essa semente, se podemos assim chama-la, não chegue deteriorada ou secca, afim de que a sua plantação possa ter lugar.

Se a distancia fosse pequena, nenhuma regra seria necessaria; pois que, como praticamos com a mandioca na epoca de sua plantação, procuraríamos em alguma fazenda vizinha humas ou mais cordas das hastes, e depois de as cortarmos em pedaços, plantaríamos como todos os lavradores o sabem; mas para a nossa plantação não é isso tão facil, como bem se comprehende, não so porque não ha por ora plantação da baunilha, sendo que a planta não é ainda bem conhecida, se não tambem por existir em lugares remotos; e varios outros inconvenientes que parece-nos escusado repetir.

Neste caso convem que empreguemos todos os meios para que: 1.º se não traga huma planta differente da baunilha; 2.º se procure aquella que possa ser plantada com proveito; 3.º, per que a semente possa ser conservada ate ao lugar em que ella deve ser plantada.

Quanto ao primeiro ponto, aconselhamos que seja huma pessoa intelligente a encarregada de escolher a semente, procurando só a daquella baunilha que não tiver muitas raizes enterradas nas arvores sobre que ella se enrolar; porque essa especie, que é parasita, offerece suas difficuldades à plantação. Deve-se somente escolher as que nascerem da terra e treparem apenas pelos troncos

Convem entretanto notar que ha especies que, alem de estarem plantadas no chaõ, enterraõ tambem algumas raizes nas arvores; estas especies, que saõ meio parasitas, podem segundo a opiniaõ de hum naturalista de cujo nome nos naõ recordamos neste momento viver sem esta segunda nutrição. Portanto serà bom que traga-se mesmo desta que pode talvez tambem servir nos. Está entendido que as pessoas que forem em procura da baunilha devem de mais ter conhecimento dos differentes caracteres da mesma planta, de que aliás ja demos huma pequena descripção.

Nem toda a haste de baunilha cortada pode servir para semente. De feito as hastes muito finas não tem bastante vigor para reproduzir huma nova planta; alem de que, como ellas tem de percorrer huma distancia talvez consideravel, urge que sejaõ vigorosas e bem formadas. Naõ pensamos que as muito grossas tenhaõ tambem o inconveniente de não reproduzirem, por muito lenhosas ou duras; entretanto será prudente que se escolhaõ as de mediana grossura, ou as que, naõ sendo muito novas e finas, naõ forem tambem muito antigas e seccas. Em todo o caso ellas perderaõ antes pelo primeiro do que pelo segundo inconveniente.

Serà bom naõ cortar a raiz, mas desenterra-la por que, sendo ella cortada, o ar que pela ferida ou corte a planta naturalmente aspira ou absorve, concorre para deteriora-la e de todo inutilisa-la.

Huma vez tirada da terra, deve-se não arrancar-lhe as folhas nem os fios retorcidos (*gaviões ou élos*), e nem os filamentos de que fallamos (*raizes adventicias*), mas corta-los a pequena distancia da haste ou cipó. A cada hum destes conselhos acompanha huma razão, que fora longo pôr aqui, e que as pessoas que possuem algumas ideas de agricultura conhecem melhor do que nós.

Alguem que pretende cultivar a baunilha neste anno mesmo, a pesar da estação ir ja hum pouco adiantada, mostrou-se nos pouco favoravel á idea de cortar as folhas da baunilha, fundado sobre a sua observação e experiencia da cultura no Brasil, e nos aconsellhou mandar vir a planta com suas folhas inteiras. A despeito do muito praser que teriamos em aceitar esse conselho, dictado pela experiencia e bondade de quem no-lo communicou não pedemos deixar de divergir desse parecer, e pensamos que se cortarmos com *instrumentos amolados* as folhas e os filamentos, as cicatrizes que resultarem serão menos nocivas do que se as folhas persistirem as quaes, pela sua exhalação forçada, farão perder á planta grande parte dos seus fluidos, e concorrerão para secalla e perde-la.

E' ao menos assim, isto è, sem as folhas, que praticão em França, quando querem guardar, ou enviar a maior parte de suas plantas; e é assim que, cremos, procedem os nossos lavradores com as nossas manivas ou hastes da mandioca. Entretanto, se os nossos lavradores estiverem certos do contrario, bom

é que não sigão aquillo que aliás nos parece razoavel, e mandem que a planta seja conservada inteira.

Importa escolher a epoca para a colheita da semente de que fallamos ; não procurando a em que a planta floresce , nem a em que fructifica , e nem quando alguns dias chuvosos houverem precedido

Não desejamos aventurar mais sobre este objecto , porque ainda o não conhecemos bem , e limitar-nos-hemos por agora a recomendar que limpem com cuidado as raizes , e que cortem as hastes a huma certa altura , que deve ser proporcionada á grandeza da planta ; isto è , perto do lugar em que a haste se fór tornando verde e pouco consistente , guardando somente , para inferior ou mais grossa.

Quanto á terceira recommendação , isto é , quanto á conservação e transporte da semente , bom será que se escolhão os mais longos cipós , que os não cortem em pedaços , e que os enrolem em forma circular , pondo cuidado em os não esmagar , não forçando a elasticidade da haste. Pensamos mais que os cipós devem huma vez cortadas as folhas e todos os appendices , e cortada a parte superior ou verde dos mesmos , ser immediatamente envolvidos , antes de serem encaixotados. O professor Richard , a quem promettemos e pretendemos mandar huma porção do cipós , recommendou-nos envolve-los em estopa ; mas como não a temos ordinariamente se não cheia de alcatrão , e alem disso nos matos não seja ella commum , julgamos que a podemos substituir por plantas nossas. Com effeito , nós temos os nossos musgos que crescem sobre as arvores , e mesmo outra planta parasita vulgarmente conhecida pelo nome de *barba de velho* : estas plantas não humidas podem , envolvendo os cipós da baunilha , abriga-los do calor e humidade do ar e desta forma evitar que apodreçam ou sequem. Assim pois devem se enrolar os taes cipós em huma camada de musgo inclusivamente com as raizes , e colloca-los em huma caixeta de páo. Na falta dessa caixeta huma maior camada de musgos , e hum involucro ou cobertura arranjada com folhas seccas e largas de qualquer especie de gravatá pode bem preencher o mesmo fim. E' desnecessario dizer que se não devem expor os cipós ao sol antes de envolve-los ; mas somente limpa-los , e que devem-nos defender quanto possivel contra o calor e humidade

Resumindo em poucas palavras o que havemos dito até aqui , aconselhamos :

1. Que se escolhão as baunilhas que não derem muitas raizes sobre as arvores mas as que nascerem do chão.
2. As que forem bem vigorosas , e não as finas nem as verdes.
3. As que não estiverem com flores ou fructos.
4. Quando alguns dias antes não houver chovido.
5. Que se não corte o pé , mas desenterrém-no com as suas raizes , que devem ser aparadas nos lugares em que se despedaçarem.

6 Que se limpem as raizes e os oipòs, e que se cortem as folhas não rentes: como tambem os *gaviões* ou fios retorcidos e as *raizes adventicias* ou fios compridos, deixando de cada hum huma pequena extremidade pegada ao cipó

7 Que se não arranquem as folhas, mas que se cortem com instrumentos afiados

8 Que se enrolem em musgo, estopa, ou no nosso ticum desfiado, e não humido, que enoixotem ou envolvaõ-nos em folhas seccas de gravatá.

9 Que se corte toda a parte superior ou fina e verde, e que se guarde somente a que estiver ja formada, ou de huma côr mais escura.

10 Emfim, que se os guarde o menor tempo possivel, e que se os defenda do sol e chuva

Taes são as precauções que nos parece devem ser empregadas para obter as sementes da baunilha. Cremos que hajão outros conselhos que sejaõ bem proveitosos; mas não sabemos senão estes, que aliás podem ser muito uteis sobretudo para os nossos pretos, que como sabemos, são infelizmente os encarregados de semelhante tarefa

Ficamos que embaraços surgirão no começo dessa empresa; mas confiamos em que alguma perseverança nos garantirá vantagens de muito para o futuro: e por isso, e porque algumas pessoas recommendaveis nos tem feito a honra de pedir esclarecimentos sobre tal ponto, nos resolvemos a da-los para que cheguem a outras pessoas que por ventura pretendão plantar

Releva dizer que começamos a ter mais alguma confiança no nosso trabalho, e ja nutrimos a agradável esperanza de ver d'elle sortir hum resultado util. Conte hum dia o Brasil a baunilha na pauta dos seus productos de exportação, e nossos desejos seraõ satisfeitos

Aproveitamos esta occasião para rectificar hum engano tão grosseiro quanto innocente, que escapou-nos em nosso primeiro trabalho. Em vez de 8 a 10 pollegadas que tem a baunilha de Sergipe, e de 6 a 9 que tem a de Minas, dissemos ser a primeira de 12 a 14, e a segunda de 10 a 13, o que não é exacto. Esquecidos de que hum palmo tem 8 e não 12 pollegadas, augmentamos por isso de 4 pollegadas a exten-aõ de cada huma das nossas baunilhas; mas como igual augmento dahi resultou para a baunilha do Mexico, que é de 6 a 8 e não de 10 a 12 pollegadas, como haviamos dito, è indisputavel o direito que temos a alguma desculpa, e em todo o caso fica fóra de duvida que não foi por má fè que commettemos esse engano.

*Dr. Antonio Jose Alves.*

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

VOLUME 4.º

15.º DE NOVEMBRO DE 1846.

N. 46

## NARRAÇÃO EPISODICA DE PALMARES.

A extinção dos indigenas do Brasil nas revoluções successivas entre os descendentes dos europeos, a luota, que nessa epocha teve lugar, para a conquista da independencia, não são os unicos acontecimentos historicos, que ensanguentarão este paiz.

Os negros, essa raça desgraçada, cuja historia apenas conta entre nós desde o dia em que fôra submettida à mais rude escravidão, emprehenderão fundar hum imperio duravel nos desertos de Pernambuco, onde soberarão sustentar-se por muitos annos.

Esta narração è tão curiosa, que seria impossivel deixar de a transcrever tal qual fora referida pelos proprios contemporaneos.

Deixando-se a serra do Barriga, e entrando-se nas circumvisinhanças da villa de Anadia, a 20 leguas pouco mais ou menos do mar, penetra-se no campo quasi deserto, onde existia ainda em 1696 o quilombo de Palmares. Comtudo, hum quilombo, que frequentemente se encontra nos matos desertos, visinhos dos paizes cultivados, é a reunião de algumas miseraveis cabanas de folhas, construidas por negros fugitivos para lhes servir de abrigo; e estas habitações, improvisadas no meio do deserto, quasi sempre durão tanto quanto o tempo, que decorre entre a fuga do negro e a sua captura pelo capitão do mato. Porem conhecerá o leitor que huma tal denominação por modo algum convinha a sociedade de Palmares.

Primeiramente formaraõ-se dous estabelecimentos deste genero na fertil capitania de Pernambuco, junto a porto Calvo. Trinta annos depois da colonisação, os hollandezes dirigiraõ os seus ataques contra estes dous estabelecimentos, e quasi que inteiramente extinguirão o mais consideravel; succedia isto em 1644.

Annos depois, em 1650, na epocha da restauração, 40 escravos, todos de Guiné, imitando a coragem de seus predecessores, apoderarão-se de huma porção de armas de fogo, e retiraraõ-se para o lugar da capitania, que os primeiros fugitivos tinhaõ escolhido, e que em pouco tempo devia adquirir notavel celebridade. E' provavel que elles ja ali não encontrassem os restos do antigo estabelecimento; porem mesmo quando não achassem hum tal recurso, a sua associação não deixou de tomar hum incremento prodigioso. Recrutaraõ rapidamente todos os negros descontentes das immedições, assim como tambem muitos homens de cor. Nesta epocha ainda não existia a instituição dos capitães do mato: era por tanto difficil apprehender negros isolados, que se evadiaõ para os campos, e a capitania achava-se summamente exhausta para dirigir seus esforços contra homens resolutos, que enfim, tinhaõ justamente concebido interpor huma longa distancia entre si e seus oppressores. Rocha Pitta diz, que augmentando-se elles em numero, penetrarão mais adiante pelo sertão da provincia: que repartiraõ entre si, e com as familias fugitivas, os campos descubertos, estendendo assim suas

riquezas e poder - sem lhes importar de maneira alguma a republia de Plataõ, ou as theorias de Aristoteles.

A cidade de Palmares erigio-se, segundo parece, sem obstaculo algum: mas estes homens recentemente evadidos da escravidãõ ainda lhes naõ tinha sido o possivel repartir a sua sorte com hum numero sufficiente de mulheres; procuraraõ pois, as necessarias companheiras, à imitaçãõ dos romanos; e posto que Rocha Pitta afirme, com a sua perpetua reminiscencia da antiguidade, que o rapto das sabinas naõ foi mais geral, nem mais completo, sabe-se com tudo, que os palmarenses, sem estratagemas algum para seus fins, assenhoriaraõ se com maõ armada das mulheres de côr e igualmente das brancas, que se achavaõ nas proximas habitações. Infeliziente porem naõ foi este o unico acto a que elles se limitáraõ, por isso que toraõ continuando a imitar aquelles antigos dominadores do mundo, saqueando a seus vizinhos.

Os plantadores sentiraõ immediatamente a necessidade de comprar a sua aliança; forneceraõ-lhes por tanto occultamente armas, munições, e mercadorias europeas; e como o governo naõ praticava o menor esiorço para os defender, tambem naõ receáraõ conseguir huma paz temporaria à custa do proprio governo.

Estes negros, que começavaõ a formar huma nação consideravel, e assustadora, dedicaraõ-se mais do que nunca aos trabalhos agricolas; e com estes exercicios ruraes adoçaraõ-se os seus costumes.

A ordem do seu estado social havia subido a tal ponto, que ja lhes era impossivel viver sem leis.

Organisaraõ por tanto huma republica rural, dirigida a seu modo com a mais sã regularidade. Adoptaraõ hum governo electivo; o seu chefe, com a denominaçãõ de Zombé, conservava a di-

gnidade suprema durante a sua vida. O nome que elles imposeraõ a este chefe, naõ é, precisamente, como diz R. Pitta, o do diabo entre as nações africanas; mas serve para designar hum genio terrivel. O seu successor era escolhido entre os mais bravos e mais poderosos; e este acto parece ser mui natural em hum povo composto de tantos povos, cada hum dos quaes queria alternativamente gosar da, mesmas vantagens politicas. Porem, o que ha de mais notavel, é que os Palmarenses naõ excluireãõ desta dignidade os filhos de branco e preto, nem os homens de côr. Estabeleceãõ magistrados secundarios, que repartiaõ entre si os negocios da guerra; e promulgáraõ leis, que se conservavaõ tradicionalmente. Posto que nos tenha chegado mui imperfeitamente a historia desta legislaçãõ, que punia de morte o homicidio, o adulterio, e o roubo, sabe-se que neste codigo oral havia huma celebre disposiçãõ. Todos os negros fugidos, que conseguissem pelos prõrios exforços a sua liberdade, conservavaõ-na entre os palmarenses; aquelles porem, que éãõ arrancados das habitações, permaneciaõ escravos. Aquelle, que havendo ganhado a sua liberdade regressasse para seu senhor, era reo de morte; mas a pena era menos severa para o negro escravo, que conseguisse escapar. Quando Palmares, emfim, foi destruida, era ja a terceira, ou a quarta geraçãõ a quem estas leis regiaõ, e se conservavaõ na sua integridade. Em quanto à religiaõ diz R. Pitta, que se elles naõ eraõ precisamente idolatras, pediaõ ao menos intitular-se schismaticos. O facto é, que posto conservassem com muita devoçãõ o signal da cruz, e habitualmente repetissem algumas orações do culto catholico, com tudo haviaõ conservado somente, e com imperfeiçãõ, as formulas do christianismo, que involviaõ com as superstições extravagantes de feitiços. Com tudo, a agricultura fez

progressos reaes; a população augmentou-se por huma maneira extraordinaria; e os campos, antes desertos, cobrirão-se de aldeas. A capital foi fortificada quanto o permitia a industria dos habitantes, e os materiaes, que tinhaõ à sua disposição, isto è, arvores enormes das florestas vizinhas, com as quaes, depois de as falquear em quatro faces, construíão os seus baluartes de huma altura consideravel. Esta circunvallação, composta de duas ordens de estacadas de grossos troncos, não tinha menos de huma legua de circuito. Trez portas em distancias iguaes, construidas da madeira mais dura, davão entrada para a cidade. Cada huma dellas era guarnecida na parte superior de plata-formas solidas, sobre as quaes 200 soldados palmarenses fazião vigilante sentinella, ainda mesmo em tempo de paz. Outras obras de fortificação tornavão ainda mais difficil a tomada desta cidade, inteiramente africana.

As casas não formavão ruas como nas nossas cidades; as habitações erão dispersas no meio de espaços de terrenos cultivados, e banhados por diversos regatos, que tinhão sua origem em hum lago abundante de peixe, situado no centro da cidade, onde tambem havia hum rochedo alto, servindo de atalaia, donde descobriaõ em torao grande extensão de terreno e podiaõ observar a chegada do inimigo. Uma especie de cisternas, com o nome de cacimbas, subministravão huma agua limpida. Os suburbios erão cheios de plantações de viveres, para cuja guarda haviaõ varias aldeas chamadas mocambos, e governadas por soldados veteranos. Todos andavão nus, cobrindo somente os orgãos sexuaes; a excepção dos mais notaveis cidadãos, que usavão de pannos, que os vizinhos lhes vendião, juntamente com armas, e munições a troco de alguns viveres, com o intuito de não serem inquietados. O palacio de Zumbè era o unico edificio de aspecto monumental. R. Pitta affir-

ma que era de huma sumptuosidade barbara em quanto à forma, e extensão, mas que havia habitações de particulares magnificas. No fim do seculo 17<sup>o</sup> a cidade de Palmares continha 20000 habitantes dos dois sexos, 10000 dos quaes, capazes de pegar em armas. Esta fundação tomou o nome de Palmares pelas numerosas palmeiras, que os habitantes plantarão em roda.

Cincoenta annos apenas haviaõ decorrido depois do restabelecimento de Palmares, e a sua prosperidade hia sempre em progresso.

Um curso tão rapido na civilisação da parte de hum povo, que a principio se havia despresado, e seus esforços continuos em augmentar o seu poder, assustarão finalmente o governo portuguez. Decidioso, por tanto, a extincção dos palmarenses.

A provincia de Pernambuco era entãõ governada por Caetano de Mello de Castro. Foi elle quem ousou tomar esta decisão; mas para ser definitivamente executada, apresentava algumas difficuldades. No seu conceito, os habitantes guerreiros de S. Paulo deviaõ ter uma parte importante nesta guerra.

Escreveo, por tanto, ao capitão general, D. João de Lancastre, afim de que se desse orden a Domingos Jorge, mestre de campo dos paulistas, que se achava de guarnição nos sertões da Bahia, para que marchasse sobre Porto Calvo, em quanto que elle mandava marchar tropas do Recife, e de Olinda. O exercito portuguez apresentando hum numero de forças, que parecia sufficiente, julgou-se desnecessario reforça-lo com artilheria: eis o que retardou o bom exito da expedição, e fez que o exercito fosse completamente batido. Todos os esforços succumbirao diante dessas fortificações, que a principio se haviaõ despresado; e depois de huma perda consideravel da parte dos paulistas, que com hum vigor alem do commum, atacarão os baluartes, foi preciso operar a retirada para Porto

Calvo. A causa tomou um character mais serio, e era indecoroso reênar. Não se hesitou por tanto em mandar novas forças, e o commando em chefe foi conferido ao capitão mór Bernardo Vieira de Mello, que ja se tinha batido com os negros fugitivos em hum de seus mocambos. Nesta occasião o exercito montava a 6 ou 7000 homens, e era protegido por artilheria. A marcha operou-se por huma maneira feliz, e o cerco foi estabelecido em regra. Aconteceu pois o que se havia previsto: os habitantes dos campos relingirão-se em Palmares, e a fome immediatamente se fez sentir. A fraqueza devia necessariamente diminuir a coragem, que os sitiados empregavão em defender-se; e quando a artilheria começou a bater as fortificações em ruina, a resistencia dos habitantes apresentou-se summamente enfraquecida, e sentirão que seria infructuosa qualquer que fosse a sua energia. Ja dissemos que no centro da cidade existia huma eminencia, e della se observava as operações dos sitiados. Quando as estacadas se abaterão pela violencia do canhão, e quando as tres portas permitirão livre entrada a Sebastião Dias, a Bernardo Vieira, e ao mestre de campo dos paulistas, foi para aquella eminencia que o chefe da republica se retirou com os principaes cidadãos, e hum rasgo de admiravel energia terminou esta sanguinolenta tragedia: Zombè, e os demais chefes, precipitarão-se voluntariamente do alto do rochedo, e nenhum dentre elles quiz sobreviver á perda da sua liberdade.

Palmares foi destruida ate aos seus fundamentos, e os seus habitantes reduzidos a escravidão. Os objectos, que ali se acharão, exceptuando as armas, erão de pouco valor. Uma parte da população negra foi distribuida pelos homens da expedição, que mais se haviam distinguido; e os individuos de que havia a recear, venderão-se para serem

exportados às provincias mais remotas do sul, ou do norte. As proclamações solennes, que em acção de graças se fizeram por esta occasião em S. Salvador, bem provarão a importancia que o governo dava ao feliz successo desta expedição. O governador Caetano de Mello de Castro, foi nomeado vice-rei das Indias. Hoje nem as proprias ruinas se conservão; o tempo de prompto aniquilou os restos da fatal republica de Palmares.

### TOM BERMINGHAM.



— Tom! disse meu pae huma noite que ambos nos occupavamos em despejar huma segunda garrafa de Champagne, Tom quem vos mandou essa carta que me parece tão vulgar, que lêdes ou estudaes à meia hora com huma cara capaz de converter em vinagre o mais excellente vinho?

— E' a conta do meu alfaiate, senhor, respondi com hum suspiro seguido de huma energica jura, que aqui não repetirei por temer escandalisar as senhoras.

— pobre diabo! exclamou meu illustre pae

— Fallaes de mim?

— Não, Tom não; fallo de vosso alfaiate; mas vamos e venhamos o epitheto conviria bem tanto a hum como a outro. Deixemos poram essas ninharias: enchei vosso copo e disei-me em quanto importa tudo.

— Quinhentas libras; vedes que é conta redonda

— Só! disse meu pae com ironia; è muito pouco.

— Sim, senhor, são só quinhentas libras, respondi seccamente. He verdaes de que tanta probabilidade tem elle de ver esse dinheiro, como qualquer outra quantia que pedisse.

— Tudo isso he bom para animar a conversação; mas em verdade esta vida não pode durar eternamente. Quanto tempo podereis ainda continuar assim?

— Não ha possibilidade de responder-vos, que esse calculo he para mim muito profundo. Hum dissipador parece-se com huma bola de péca atirada com força, percorre grande espaço antes de parar.

— He verdade; mas por fim para; e deveis notar, meu claro Tom, que no caso presente, não era muito forte a carga que espellio o projectil. Só vos direi huma coisa, que mil vezes vos tenho dito, mas vds fazeis pouco caso de meus conselhos. E' preciso que vos caseis com huma herdeira rica, ou mesmo com alguma viuva velha que tenha essa qualidade.

— Preserve-me o céu de viovas esclamai com terror; (porque havia huma, huma viuva rica. mas por ora não fallemos d'isso). Quanto a herdeiras, não acredito que as haja; como as almas do outro mundo, sereias, sylphos e licornes, muito se falla d'ellas, offerecem-se factos que parecem authenticos, mas ainda não aconteceu que algdem as encontrasse face a face.

— E' porque sois tão preguiçoso como hum cão. Não quereis dar-vos ao trabalho, pois sem elle meu amigo jamais alcançareis coisa alguma: procurai, e achareis, pois não se pode negar que sois hum rapaz bem bonito.

— Assim o dizem as mulheres, disse eu olhando para o espelho.

— Cinco pés e oito polegadas...

— Alias nove.

— Ainda, moço sem mentira.

— He verdade, apesar da minha cabelleira.

— Capitão das guardas.

— Isso mesmo, ha já dez annos: estou enjoado do posto.

— Herdeiro presumptivo d' hum baronete velho, e d' huma terra de trez mil libras de renda no condado de Tipperary.

— Gravada com duas hypothecas, e ainda com a posse de duas velhas eternas.

— Rasão de mais para seguir meu conselho. Sabeis muito bem que nada deveis esperar de mim; porque si passar a infernal dissolução do parlamento, forçoso me será ir ao continente tratar de minha saúde. Mas vos me não escutaes. Ides hoje ao theatro?

— Heide hoje já ir por mim momento. Lady Hornsey me mandou bilhete como costuma.

— Ah! está, meu charo seguiu por esse lado que vos offerece probabilidade; ella não deixa de valer a pena. Segundo me dizem é huma boa mulher, e tem de renda liquida cinco mil libras.

— Sim e huma cara...

— A carruagem está a porta, sir Dionysio, disse o criado interrompendo muito a proposito nossa conversação.

— Espere, respondeu o baronete. Continuae meu charo Tom, e não deis attenção si não a vossa cabeça. Os mancebos deste seculo sabem muito e nada he necessário ensinar-lhes. Vejo que será mister que compreis a experiencia. Deos queira que vos não custe muito cara.

— Sem duvida, porque tambem he a unica coisa que poderei pagar.

Aqui o meu respeitavel pai sahio do quarto deixando-me com garrafas vazias, e minhas tristes reflexões.

— Ora pois, Tom, disse eu a mim mesmo n'este soliloquio forçado, meu pai tem razão, he preciso cuidar do sasamento: — agora ou nunca. Heide fazer trinta annos para o mez que vem! O tempo tem branqueado soffrivelmente o meu cabelo. Alguns cabellos brancos já vão apparecendo por aqui por meus bigodes. Ainda não he muito tarde; mas cumpre não dormir, a primavera passa com rapidez. Tudo tem fim, até mesmo a paciencia dos credores os mais antigos, e me parece provavel que

antes da estação da caça estarei reduzido a esoolher entre lady Hornsey ou a prisão de King's-benoh. Como quer que seja, exclamei vivamente, antes a morte do que a velha. Em quanto espero, nada me impede de aproveitar-me de seu bilhete de theatro.

O habito, diz o proverbio, forma huma segunda natureza, e pode hum homem afazer-se a tudo, mesmo ao tico doloroso. Graças a este principio eu supportava com alegria minha triste posição. Felizmente longa pratica me tinha ensinado a supportar oom coragem as contrariedades da vida; sem isso minha entrada no camarote de lady Hornsey me teria enchido de terror para toda a noite; porque de encontro a porta, oom o cotovello encostado na parede, e quasi fechando a passagem, percebo meu honrado alfaiate, vestido com elegancia e com ar de peralvilho (dandy).

Hum homem que principia a oarreira se teria eclipsado sem mostrar-se, oonvenoido que he imprudente lembrar sua existencia a hum credor. não estando em estado de pagar. Mas eu era mais habil;—e pensei que a politica he huma moeda de facil circulação, e que oom quanto não sirva para pagar qual quer oonta, todavia faz supportar mais longa dilacão. Volto ao meu alfaiate. Elle me parecia occupado a procurar alguem em hum camarote vizinho, e estava tão distrahido que com a maior facilidade me teria podido evadir; esta fraqueza porem estava abaixo de mim.

— Como passou, meu charo senhor? disse eu dirigindo-me a elle oom hum tom de sem oeremonia.

Lisongeado por esta maneira de tractal-o, respondeu-me com o lhar mais amavel. Posto que alfaiate de profissão, parecia-se com hum gentleman (cavalleiro).

— Para que brilhante estrella dirigis vossas observacões astronomicas? He perguntei eu, vendo que sua luneta tomava sua primeira direcção.

— Estou admirando a belleza de miss Henderson, respondeu elle, n'aquelle camarote, por baixo do segundo lustre á direita; miss Henderson, herdeira rica.

— Que! huma belleza e ao mesmo tempo herdeira rica! he huma conjuncção até aqui desconhecida no planetario de Londres. Far-me-heis o obzequio de apresentar-me a ella?

— Muito o desejaria, capitão Beringham, respondeu o alfaiate com hum sorriso officioso, acompanhado de huma respeitosa saudação.

— E eu tambem, disse sahindo do camarote Talvez fosse tão feliz para mim como para vós, acrescentei em voz baixa, temendo que elle fizesse alguma applicação pessoal.

*Pas est ab hoste doceri!* foi o pensamento que tive entrando pelo corredor que ia ter ao camarote de miss Henderson, adagio que significa, livremente traduzido, que se pode tomar hum bom conselho mesmo da boca do seu alfaiate. Prossegui meu caminho, e chegando ao camarote d'esta pretendida divindade, levantei os olhos, e fiquei encantado, pois com effeito era huma divindade. A' regularidade de huma belleza grega, ajuntava a pureza de huma Ingleza, bellos olhos pretos, cheios de alma, testa grande de alabastro, tez delioada, graça e dignidade no porte de sua cabeça, mão e braço que podião desafiar o talento de Phidias.

E' hum anjo! exclamei, mas herdeira rica he impossivel! — Hum espectáculo de outro genero me desviou d'esta visão celeste. Minha adoravel viuva, cujo camarote não estava longe, tinha visto sobre que objecto se fixarão meus olhos por dez minutos, e segundo a direcção de seu chapéo de veludo preto, suspeitei que observava todos os meus movimentos. Não desejava eu dar incremento a sua desgraçada inclinação; entretanto esta relação era oommoda para mim, e concluí que a mais simples

politica exigia huma visita de minha parte; tanto mais que eu poderia em conversação alcançar algumas informações sobre miss Henderson. Voltei ao meu camarote

Ella me recebeu com frieza por causa da minha chegada tardia, e prodigalisou todos os seus agrados a hum individuo que se tinha mostrado mais apressado que eu. Era huma personagem corpulenta, professor do collegio real, que trazia oculos de ouro, e tomava muitas pitadas de tabaco. Sua presença, quanto a mim, era bastante para afugentar todos os amores, mas lady Hornsey era da confraria das meias azues, e ninguem pode calcular a força das sympathias scientificas

Depois de ter ouvido em silencio huma conversação muito animada sobre a natureza dos gazes, deliberei deixar o honrado professor em posse do campo de batalha, e operei minha retirada na primeira virgula do discurso. A respeito de todas as inquirições que tirei, não pude alcançar informações positivas sobre a encantadora miss Henderson, cujo nome anti-romantico me affectava, e me exoitava o desejo de o mudar por outro. Era visivel como ella attrahia a geral attenção; mas todos a quem me dirigi para que me dessem recenseamentos genealogicos ou financeiros sobre ella, pareciao tão ignorantes como eu sobre a inesperada apparição de tão brilhante meteoro no estrellado firmamento da moda.

E' desnecessario dizer que antes de findar o baile, já eu estava em posição de poder ver passar a minha nympha, quando houvesse de sair. Em breve deixou o camarote, encostada sobre o braço de hum homem idozo, evidentemente seu pai, e acompanhada por hum sujeito de bigodes.

Si ella me havia parecido enoantadora a alguma distancia, sua belleza nada perdia ao perto, e a doçura de sua

vóz, que occasionalmente me chegava aos ouvidos, completou minha fascinação.

Em quanto a seguia em respeitosa distancia, ouvi algumas phrases incompletas de huma conversação de que me parecia ser ella a heroína.

—Encantadora creatura, em verdade! — Bellissimos olhos! — Miss Henderson riquissima herdeira; — seu tio morreu na India, — seu pai no commercio muito rico, — cento e cincoenta mil libras por anno — Quem está com ella? — hum par irlandez, etc

Voltei-me apressadamente; nem hum dos interlocutores me havia conhecido, e fui obrigado a contentar-me com o que acabava de ouvir.

Com que olhos invejosos vi o par irlandez quando miss Henderson lhe disse no momento em que se separarão: Esperamos por vossa senhoria segunda feira à noite; he huma pequena reunião de amigos.

Segui o pai e a filha até que entraraõ em sua carruagem, e senti entaõ grande saudade

— Quereis huma carruagem, senhor? — Huma carruagem! — Hum carrinho, senhor! — Estas palavras que soavaõ em torno de mim me suggeriraõ hum pensamento a que não pude resistir. No momento da partida da carruagem de miss Henderson, lancei-me para hum carrinho e entrei: — Acompanhae essa carruagem, disse ao cocheiro. Tocaie, tocaie as bestas, ou a perdereis de vista!

— Não tenhais susto, respondeu o velhaco, não perderei huma polegada de terreno; mas he preciso não hir muito junto d'elles, que os diabos dos seus lacaios podem advinhar nossos projectos e fazereis alguma.

— Que respeitavel confidente, pensei; para hum negocio de importancia! Mas não importa, o fim deve sauctificar os meios

Atravessamos assim muitas ruas, até que a carruagem parou diante de huma

casa situada a pouca distancia de New-Road. Meu cocheiro susteve immediatamente seu Rossinante.

— Que devo fazer, senhor? me perguntou com ar de intelligencia.

— Esperemos que a oarrungem esteja de-embaraçada. Entretanto passa-me pelo espirito uma ideia, um pouco temeraria em verdade, mas quem se não arrisca não ganha. — Prometo-vos um soberano, si tiverdes a destreza de atirar comtigo junto da casa, sem me quebrar os ossos.

— Está dito, tornou elle, mas para isso não ha necessidade de quebrar o carrinho. Darei de encontro a esta pedra, vós saltareis fora, deixae-vos cair a fio comprido, não vos mexaes, e eu me encarrego do mais.

Não havia momento a perder, que já se fechava a portinhola da carroagem, e o meu cocheiro fez succeder as acções ás palavras com tal rapidez, que e-barrou com a roda na indicada pedra, antes que me houvesse preparado para suster o balanço e tomar o equilibrio.

Fui por tanto lançado fora do carrinho, e medi o chão mais violentamente do que esperava. No mesmo instante meu fiel escudeiro deu um grito que se poderia ouvir a uma milha de distancia; e em menos de dous minutos, o dono da casa, e seus criados se reuniram em torno de mim.

Fiquei sem movimento e como desmaiado, em quanto exclamações de terror e compaixão sahiam de todas as bocas: deixei que me levassem para a sala, sem fazer alguma resistencia.

Mal estava estendido sobre duas cadeiras, ouvi uma voz de mulher que reconheci, que exclamava: — Grande Deus! que a conteceu? — Um pequeno grito se seguiu a esta pergunta, e me provou que a encantadora creatura apreciava as consequencias terriveis do meu accidente.

— Julia, pelo amor de Deus, traze

agua de Colonia, saes, ou qualquer outra para este desgraçado cavalleiro que cahiu do seu carrinho! Correi, John, ide chamar o cirurgião. Deis queira que o mal não seja sem remedio.

Soltei então um fraco suspiro, sem contudo atrever-me a abrir os olhos.

— Oh céu! leva-o para asala de jantar! — disse o encantadora Julia, e quando, por sua ordem, me deitaram sobre um xebellente canapé, ella pôz-se de joelhos junto a mim, começou a esfregar-me as fortes com agua de Colonia. Eu sentia no rosto a pressão de seus dedos delicados; sua respiração fresca vinha brandamente bater-me nas faces; quebraria dez pernas para alcançar tão bellos instantes, e, afortunado maganao, eu gozava de tudo por menor preço, porque passava maravilhosamente bem.

Era todavia neecessario não levar muito longe a brincadeira, porque podia o Esculapio insistir sobre uma sangria, ou qualquer outro meio violento, ou o que ainda peor seria, descobrir o engano que me havia servido de introdução. Em consequencia dei um profundo suspiro, e, abrindo os olhos, dirigi-os com vagar para quanto me rodeava. Com que prazer encontrei o olhar d'esses olhos brilhantes de que conservava tão doce lembrança! Que felicidade, ver esse rosto inclinado para mim com anxiedade, e parecendo sentir um interesse mais que ordinario! — Grande Deus! vive! exclamou ella com voz chmmevida. Quanto a mim fui recordando os sentidos gradualmente e antes de haver igualmente recordado a falla, um criado me tirou meu capote, cahiu um bilhete de visita de minha algibeira, e o sr. Henderson leu alto meu nome, e morada: *Capitão Bermingham, da Guarda Albany*.

— Céu! exclamou elle, Bermingham Capitão da Guarda! E' o filho de s. Dionysio, aquelle membro do parlamento com quem jantámos a semana pas-

sada e casa dos Seyour! Esti a-rei, e eu charo senhor; disse elle dirigindo-se para mim, que não seja perigosa a vossa queda.

— Não é nada, respondi francamente, mas sinto tea-vos incomodado.

— Não falleis disso, disse o bom Sa-maritano Descanço, peço-vos que vos tranbuillizeis até a chegada do cirurgiãõ, elle não pôde tardar.

m— Si é assim, disse commigo mesmo, retirêmo-nos quanto antes, e procure se assegurar-me da entrada para a manãã.— Fico-vos mil vezes obrigado, disse eu recobrando todos os meus sentidos, julgo não precisar dos seus serviços. Meu braço esquerdo ficou ligeiramente escalavrado, mas sinto que nada se quebrou; fiquei fora de mim com a queda, e em poucos momentos ficarei perfeitamente bom; não quero abusar por mais tempo de vossa bondade. Meu nome é Tom Bermingham, e sou capitão da guarda. Retiro-me já para minha caza, e espero que me permittereis que venha depois testemunhar-vos meu reconhecimento por todas as attençaões, que me foram prodigalizadas em vossa caza.

— Muito me alegraei por vos ver em qualquer tempo, capitão, tanto mais que tenho o gosto de conhecer vosso digno Pae. Não consentirei porém que vos retireis já, que mal vos podeis suster. E si vos obstinaes a deixar-nos, minha carruagem vos levará a vossa caza com todas as possiveis precauções.

— Senhor - eu vos peço .

— Eu o exijo. Mas onde ieis quando cahiste !

— Sois muito bom; minha cabeça está tão confusa, que apenas tenho lembranças vagar. Creio; penso que ia ter com alguns amigos a Regent's Park;

deviamos ceiar juntos depois do theatro. Mas como sois tão bom para me prestar vossa carruagem, irei directamente a Albany.

Durante esta discussão eu observava a furto a figura e postura da encantadora Julia, cujo interesse não tinha diminuido depois de haver recobrado minhas forças

Seguramente eu estava muito palido, por que havia humna ligeira escoriação n' hum braço, e humna dôr no hombro esquerdo me advertia, que havia sobeja realidade na aventura para apressar o progresso do romance.

Despedi-me, em fim, como devia, para não comprometter o effeito produzido, e sustentado por hum criado, fui indo de vagar para a carruagem. Antes poreu de ter chegado á porta lembrei-me do nome do meu novo amigo, que eu devia mostrar não saber. Perguntei-lhe por tanto, a quem era eu dovedôr de tantas bondades. etc., Respondeu-me dando-me o seu bilhete, e como eu o havia pedido por formalidade, metti-o na algibeirã sem olhar para elle.

— Vossa senhoria, disse o cocheiro do carrinho em quanto eu subia com difficuldade para a carruagem, vossa senhoria esqueceu-se de me pagar.

— Retira-te disse indignado o criado grãve do sr. Anderson. Pensas que este cavallo leiro te deve pagar por lhe quebrares o péscoco. Deverias envergonhar-te de apparecer-lhe, e eu juglava que já estavas d'aqui longe.

— Não o maltrateis, disse eu com uma doçna christãa e um perdão de injurias edificante: sem duvida não foi por culpa d'elle; accidentes, muitas vezes tem lugar, e pode bem ser que mais digno seja elle de compaixão do que de reprehensão. Tomae, meu camarada, aqui tendes a paga, contiuei mettendo-lhe um soberano na mão e pelo amor de Deus, dirigi o carrinho para o futuro com mais prudencia.

Os criados do senhor Henderson levaram-me a casa com todas as precauções que exigia meu estado. Meu pãe não ha-

via ainda voltado de seu club, e eu prohibi que lhe fallassem do que me acontecera, suppondo que, segundo seu costume, elle entraria em estado que exigisse descanso.

Depois d' huma noite excellente, embelecida por doirados, sonhos nos quaes se misturavam com extravagancia o amor mais romanesco e hum magifico contracto as frechas de Cupido e os tres por cento consolidados, levantei-me com a melhor disposiçao, tendo me quasi esquecido da queda.

Apenas tinha acabado de vestir-me, sem me haver esquecido d' hum lenço de seda preta sustentando meu braço esquerdo, poderoso meio de atacar os corações, quando vi em cima de minha mesa o bilhete que tinha recebido na vespera, e que tinha tirado de minha algibeira á noite quando me deitei. Qual foi meu espanto, lendo em vez do nome de Anderson, o de sir George Jervoise! Será o mesmo bilhete? Sem duvida, por que tambem n'elle se designava a morada, *Harley-Street*.

Depois do primeiro movimento de admiração, pensei eu que uada havia mudado, e que sem duvida o homem que eu suppunha ser seu pae não era mais que seu tio. Por minhas coutas o pae tinha morrido, o que nao deixava de ser melhor, por que estes velhos sempre tem objecções que oppôr quando um maneebo deseja fazer um casamento desinteressado.

Entrei no salão do almoço com este pensamento consolador, e fui recebido por meu pae com muitos cumprimentos sobre minha aventura, que lhe haviam contado com muita exaggeração.

Contei-lhe a historia como me convinha, tomando a liberdade de supprimir algumas pequenas circumtaneias que era melhor occultar, e sobel-as eu só. Não fallei de miss Anderson, mas estendi-me largamente sobre as bondades de sir George Jervoise. — Elle me disse, aeresentei, que tinha tido, a poucos dias, o gosto de jantar convosco.

— E' verdade, disse meu pae, foi a semana passada em casa de Seymour.

Na mesa estive sentado a seu lado...

E hum homem amavel. O jantar era em honra de sua joven esposa.

Sua esposa! exclamei, movendo-me na cadeira.

Que diabo tendes? disse meu pae olhando para mim admirado.

Sua esposa, senhor, dissestes vós, sua esposa?

Sim, sua esposa, huma moça encantadora. E notei com admiração seus formosos olhos pretos. E' herdeira rica, e creio que se casarão á tres semanas. Chamava-se em solteira miss Anderson.

Levantei-me da minha cadeira, atirando no chão com duas ou tres chicanas de porcelana; arranquei o lenço que sustentava meu braço, atirei-o ao fogo, e comecei a medir a sala com pernas das gigantescas.

— Oh! ceo! exclamou meu pae com verdadeiro terror. O infeliz endoideceu! não o posso duvidar. Sem duvida a maldita queda heivou-lhe o cerebro, e he este o resultado. — Fallando assim começou a tocar a campainha com tanta violencia como se estivesse pegando fogo na casa.

— Pelo amôr de Deos, senhor, lhe disse eu agarrando-o, não perturbeis assim a visinhança! portei-me como hum tolo, imbeoil, e nada mais.

— Ainda bem! meu Tom, muito estimo que não seja mais do que isso! mas como não he a primeira vez, deveis resignar-vos, e ter mais paciencia.

— Ter paciencia! quando me lembro que estive quasi quebrando o pescoço, e por nada! Vou contar-vos tudo como se passou, e julgareis de meu desappontamento,

( *Continua* )



*Quaes sejião, desde o nascimen-  
to, os verdadeiros insti-  
tuidores da infancia.*



A ternura de nossas mães, ás suas incessantes caricias, he que a natureza nos confia desde que do seio maternal somos transferidos ao berço, os mais constantes, mais bem entendidos, e minuciosos diálogos, as attentões mais delicadas, previnem as necessidades, e os perigos que cercão a nossa fragil existencia, excitados pelo instincto, que a mão do Omnipotente Creador, imprimio com sabia providencia no coração da mulher: Essa voz flautada, e maviosa com que abraça os movimentos irasciveis do outro sexo, ainda adquire maior suavidade quando se dirige á infancia. Enfim, que delicia no mundo pode competir com o regalo que offerece á nossa primeira idade, repousar placidamente no tepido e macio peito onde por nós palpita, com ineffavel amor, hum coração de mãe, depois de saciados com o doce alimento que alli mesino temos recebido? Se para o infante repousar nenhum leito ignora o regaço maternal tambem nenhuns olhos vem melhor o que lhe é conveniente, nenhum mestre possui a ternura necessaria para o instruir.

E' por excellencia instituidor aquelle para quem se inclinaõ as nossas affeições; o discipulo deve entender o mestre, e è necessario que n'um, e n'outro se encontre conviniencia de genio, de sensibilidade e proporgaõ: nestas circumstancias se achão a mãe com o filho. Vêde a similhança que a natureza estabelece entre essas duas creaturas quanto á graça e belleza, quanto á menor solidiez do juizo, e momento, em relação aos movimentos instinctivos, e aos dotes do coração! a flexibilidade, e paciencia da mãe, correspondem perfeita-mente á curiosidade, e travessura do

menino. O pedantesco saber daquella, nunca afugenta a ignorancia innocente deste; parece que a razão de hum e outro crescem ao mesmo tempo, taõ facilmente o amor pode amoldar a superioridade excessiva da mãe, à insipiencia da infancia. O desejo de objectos frivolos; a tendencia para os prazeres, e para as cousas maravilhosas, que lançaõ ordinariamente em rosto, com taõ pouca reflexaõ, ás mulheres, è mais hum motivo de harmonia entre esses dois individuos coordenados hum para o outro, taõ estreitamente unidos pelo espago de nove mezes, com os laços da mysteriosa concepçaõ, separados ao depois, porem novamente ligados com os de instinctiva sympathia, e mutuas precisões naõ menos mysteriosos. Tudo, enfim, tudo concorre, assim as consonancias, como os disparates, para estabelecer huma santa attracçaõ, em que ambos encontrão o que ambos appetecem; e na repartição que a natureza fez da brandura da paciencia, e vigilancia bem clara e amorosamente nos està dizendo aquem pretende entregar o cuidado, e ensino da nossa ignorancia e fraqueza!

Pouca gente repara em que os meninos só entendem o que veem, e só percebem o que sentem; a sensaçãõ nelles, precede sempre a intelligencia: eis-ahi por que as pessoas que os ensinão a vêr, que despertão a sua ternura, tem certo governo-los com facilidade. Não somente se ensina, tambem se inspira a virtude: esse talento possuem especialmente as mulheres; tratão de nos fazer amar o que desejão. e com esse galante modo no-lo fazem tambem desejar.

Mas um principe hum rei, que podem aprender de uma mulher? o que S. Luiz rei de França, aprende o de Branca, Luiz 12 de Maria de Cleves, e Henrique 4.º de Joanna d'Alberto; de sessenta e nove monarchas daquella nação tres somente forão amigos do povo: è digno de notar-se, que todos tres forão educados por suas mães.

Se o instituidor poder sem violencia proporcionar o ensino á capacidade natural do

seu discipulo, imprima-lhe na alma sentimentos religiosos, inspire-lhe honras e inclinações, trahalhe para o fazer bom cidadão, e nada mais é necessario; mas de tudo isto é capaz a mulher. Quem melhor do que a mãe pode ensinar a seu filho, que deve preferir a honra às riquezas mal adquiridas; que devemos amar os nossos semelhantes, socorrer os infelizes, elevar a nossa alma à fonte da perfeição, e da bondade infinita? Um director vulgar aconselha, e moralisa; mas o que elle pretende confôr à nossa memoria, humma terra mãe no-lo grava no coração, e nos faz amar o que elle quando muito, nos inclina a crêr. e pelo amor é que ella consegue fazer-nos virtuosos.

As consequencias da educação maternal apparecem nos homens de maior esphera, tanto em bem, como em mal. nossas mães é que determinao as nossas inclinações, opiniões, e gostos; nos predispoem para o papel que havemos representar neste mundo. „ O futuro dos filhos dizia Napoleão, é sempre obra de suas mães: „ e esse homem extraordinario se comprazia em confessar que devia à sua haver chegado ao fastigio da gloria, e do poder. Diz-se, e eu acredito, que a mãe de Pedro e Thomaz Corneille, tinha alma grande, costumes severos, elevados sentimentos, como a mãe dos grachus, que erao mulheres da mesura tempera. As avessas destas, a mãe de Voltaire era esearniha, intelligente na imprante e com taes inclinações dotou seu filho: accendeo esse fogo violento que tanto consumia, quanto allumiava; que tantas obras primas produziu, e com tantas faeças se destruiu!

Mas os dois melhores poetas deste seculo, nos offercem e o exemplo talvez, mais palpavel deste influxo fatal umas vezes, outras abençoado. Ao inglez (lord Byron), coube em sorte mãe insensata, mofadora, orgulhosa, e cheia de caprichos: alma pequena que, de vaidade, e ódios se apascentava. Mãe que sem piedade zombava do aleijão congenito do filho; que o irritava, offendia, insultava, o animava alternativamente, e por fim o desprezava, e amaldiçoava. Estas paixões corrosivas, se gravarao profundamente no coração do moço, por isso a ira, orgu-

lho, ódio desdem, semelhantes à lava ardente de hum volcão, lhe ferviao na alma, e se derramavao repentinamente pelo mundo em torrentes d'harmonia infernal.

Terna, mas sem fraqueza; pia sem austeridade; moça, formosa, instruida, que rodeava o filho com todos os desvelos de hum amôr illustrado; mulher daquellas que raras vezes apparecem, para servir de modelo ao seu sexo, tal era a mãe que o céo concedeu a Lamartine. As virtudes que lhe inculcava, as orações que lhe ensinava, não se limitavão a dirigir-lhe a intelligencia, mas penetrando o coração do menino, hião dispoendo o seu espirito para os sublimes pensamentos, que soavemente se elevão até ao throno do Eterno. Com o exemplo à vista da mais pura e constantate devoção, desde o berço guiado pelas inspirações da verdade, firmou o graciosos infante os primeiros passos nas veredas do Senhor. e o seu engenho poetico se compara ao insenso que perfuma a terra, mas só a Deos è offerecido!... Quem tentasse modificar hum Byron, hum Lamartine, por cédo que principiasse, chegaria sempre tarde: acharia o vaso embebido, o vinco impréso no panno, e as paixões maternis intimamente ligadas e confundidas com a propria natureza dos filhos....

Pondo, por tanto, de parte as attribuições dos professores, correspondentes aos trabalhos da memoria, convidarei as mulheres para cunprir os deveres de mães, a que o Céu as destinou, encarregando-se da educação moral, que dirige os movimentos da alma.

(*Extrahido livremente da obra intitulada, Da educação das mães de familia, ou da civilização do genero humano por meio das mulheres; composta por Aimé Martin.*)



## NAPOLEÃO EM PARIS.



Napoleão, que era tudo pelo povo e para o povo, evitava encerrar-se em triplicado círculo de criados e cortezãos, que rejeição, a verdade, menos ainda por causa do seu uso, do que pelo medo do seu espelho. Elle por si não se contentava com olhar pelo olho torto da policia, que sempre exagera ou atenua segundo as circumstancias, segundo suas vistas particulares; mas queria por si mesmo consultar o thermometro da opinião publica, e saber o que dizião e desejavão seus filhos. A voz do povo tinha sido para o imperador a voz de Deos: ella lhe tinha mostrado a coroa; jamais se esqueceu d'elle. Segundo elle dizia, o primeiro dever de hum príncipe he o de fazer o que o povo quer; mas o que o povo quer nem sempre he o que lhe fazem dizer; a sua vontade, suas necessidades, devem estar menos em sua boca que no coração do príncipe.— E Napoleão tinha para o povo esta memoria de coração: o povo bem lha pagou.

He hum phenomeno historico bem digno de ser notado, esta sympathia constante que, apesar das traições, das calumnias, existio constantemente entre o grande homem e a grande nação. Ambos se comprehendêrão immediatamente. Hum adivinhou quantos recursos intellectnaes e materiaes haviaõ nessa França que elle tanto elevou; e que a tão baixo queriaõ fazer descer. A outra se tinha elevado á altura do seu genio. Hum tal concurso entre soberano e o povo, perfeita harmonia nas vistas, teria assegurado á nossa patria o mais brilhante futuro se tivesse durado. O destino o não quiz: Por isso o illustre captivo, na sua morada de Santa Helena, expressava

o pezar de não ter podido cumprir a obra que tinha sonhado. Elle a teria executado com esta gratidão que teve tempo de formar para si, de preparar para o grãtioso de seus projectos.

— Que mooidade deixei após de mim! exclamava elle: he obra minha; ella me vingará sufficientemente por quanto ella valer! Com a obra será forçoso fazer justiça ao operario e os erros do entendimento, ou a má fé das declamações, cahirão diante dos resultados do meu imperio! Se eu tivesse somente pensado em mim, em meu poder, como se tem dito e a cada passo o repetem; se realmente tivesse tido outro fim do que o reinado da razão, trataria de suffocar as luzes; mas, pelo contrario, sò me viraõ occupado de as fazer brilhar claramente; e com tudo ainda se não fez a esta mooidade tudo quanto eu tinha no pensamento.

Nobres pezares de prosperidade sem effeito de que todos participamos! Quaes são com effeito, os destinos da França? Que he feito da sua gloria, cahida nas mãos dos nossos fazedores de protocolos? Só o povo he que pensa em restituir as nossas cores nacionaes seu antigo brilho, porque este ficou sendo o que era, porque não foi corrompido o seu patriotismo pelos titulos, e pelas honras.

Como não havia elle de amar o seu imperador, que se occupava incessantemente da sua felicidade, que, depois de ter batido o inimigo, feito recuar as fronteiras da França, tolgava na volta do campo de batalha, quando o cuidado dos negocios lhe permittia andar pela cidade para se informar das necessidades que devia satisfazer, dos abusos que devia reprimir?

Ha alguns annos, por occasião de grandes e importantes acontecimentos, que nós vimos imitar este uso imperial; mas renunciou-se a elle de pois que um desastrado Tilbury, diri-

gido por mão carlista, esteve a ponto de esmagar o augusto passeador à porta do seu Palacio. O chapéo pardo, o casaco cidadão, os apertos de mão, os queridos camaradas, todo este apparatus de popularidade e de benignidade está hoje posto de lado. Até se desterrou o antigo throno do Palais-Royal. Fóra com este charlatanismo à Henrique IV! Voltamos a Napoleão. A historia que vamos referir nos foi contada pelo que foi heróe della, se he que ha heróes

Hum dia o imperador sahia de manhã cedo para dar hum grande passeio por Paris; como acontecia de ordinario, hum só pessoa o acompanhava: era o seu secretario, o seu amigo o marechal do paço, Duroc. Ambos e tavão vestidos de casacos azues, pois, que não querião ser conhecidos.

Durante este passeio, Napoleão notou muitas cousas acerca dos embelezamentos que meditava para a capital.

— Tenciono, disse elle a Duroc, fazer de Paris o centro da Eurcpa; quero que venha a ser hum cidade de dous, tres ou quatro milhões de habitantes, em hum palavra, alguma cousa de fabuloso, de colossal: Se o Céu me concede vinte annos, e algum descanso, debalde se buscará a antiga Paris; não haverá nem vestigios.

Mudarei a face da França, Archimedes promettia tudo, se lhe dessem hum ponto fóra do mundo em que pudesse apoiar a ponta de sua alavanca; eu farei outro tanto se me deixarem usar de minha energia e de minha perseverança. Mostrarei a differença entre hum imperador constitucional e hum rei de França. Os reis de França nunca tiverão administrativo nem municipal; somente mostrarão-se grandes senhores que arruinavão os seus

procuradores. Hum historiador imparcial não teria direito para censurar Luiz XIV pelas suas espantosas e inuteis despezas em Versalhes, e especiealmente por suas guerras, seus impostos e suas desgraças? Estafou-se, e a final apenas creou hum cidade á base tarda. Mas se o condemnno na sua criação, trado de tirar partido della, e de fazer della com o tempo hum especie de arrabalde, hum bairro visinho, hum ponto de vista da grande capital; destes bellos bosques eu expulsarei todas essas nymphas de não gosto. esses ornamentos á la Turcaret, e os substituirei por panoramas de pedra e cal de todas as batakkas que tem illustrado nossas armas. Serão outros tantos monumentos eternos dos nossos triumphos, e da nossa gloria nacional, edificados à porta da capital da Europa, a qual não deixará de ser por força visitada pelo resto do universo.

— Por essa forma, por toda a parte por onde se viajar, interrompeu Duroc, na falda como no cume dos Alpes, nas arcas da Hollanda, como nas margens do Rheno, se encontrará Napoleão, e sempre Napoleão.

— He isso mesmo, sim, tu me entendes. A nação, eu o sei, nao tem em seu character e em seus gostos, senao provisorio, e futilidade.

Tudo para o momento e para os caprichos, nada para a duracao; he a sua divisa: são estes os costumes em França: todos passao a vida a fazer e a desfazer, nunca resta cousa alguma. Appello para ti; pois nao he indecente que Paris nao tenha sequer hum theatro francez, hum casa de opera... que nada seja digno dos seus destinos?

Já empreguei trinta milhoes em desaguadouros; fiz derrubar o valor de dezasete milhoes de casas em frente das Tuilleries para formar o Coursel e

descobrir o Louvre. Quanto tenho feito he immenso, o que projecto fazer será ainda mais.

Ha pouco que tenho combatido no conselho estas festas que a cidade de Paris me queria dar por occasião de nossas victorias. São jantares, bailes, fogos de artificio, de quatrocentos, de seiscentos e de oitocentos mil francos, cujos preparativos obstruem por espaço de muitos dias todas as passagens, e que depois custão tanto a desmanchar, quanto custarão a armar. Com estas despesas vãs far-se-hião monumentos duraveis, magníficos: quero que a França seja hum paiz de fadas.

Conversando assim, as illustres personagens chegarão à altura do campo de Marte. Era tarde. O imperador que estava em pé desde pela manhã, sentia a necessidade de tomar algum a limento.

— Este passeio me excitou muito o appetite.

— Eu o creio, e o meu estomago sente tambem fraquezas, percursoras da fome. Se V. M. quer, chamarei de pressa hum coche, e voltaremos ao palacio.

— Como! voltar ás Tuilleries para almoçar, seria o cummulo do ridiculo.

— Mas, senhor, a etiqueta? — Não poderei, como qualquer outro homem do povo, comer em hum lugar publico?

— Se reconhecerem a V. M.?

— Não he possivel. Quem veria o imperador debaixo deste casaco azul? O incognito encobre a etiqueta, meu rico Duroc. Alli está hum café; entremos.

O imperador foi sentar-se a huma mesa, e pediu ao moço que veio logo officiosamente saber o que querião estes senhores, que lhe trouxesse huma comida mais frugal do que imperial,

os seus guisados favoritos, huma omeleta e costeletas.

Em huma mesa proxima estava hum joven official que havia pouco tinha sahido de Saint Cyr, e que, antes de se ir para o seu regimento, tinha querido festejar as suas dragonas. Frequentes libações tinhão triumphado da reserva que ordenava o uniforme, e até lhe tinhão dado hum certo abandono, huma certa indifferença que o obrigava a dirigir a palavra a todos os seus vizinhos. Sem mais cerimonia, entabolou conversação com os novos hospedes a quem o moço acabava de servir.

— Estes senhores terão de certo boa vontade de comer; he perto de huma hora, e a ajuizar pelo pó que cobre suas botas, a marcha foi de grande estirão.

( *Continúa* )



## MAXIMAS E SENTENÇAS.

1.ª

O zelo na religião, e a theoria na medicina, são duas cousas saudaveis, e necessarias, mas excedendo certos limites, fazem mais mal do bem.

2.ª

Toda a distincção que não é util á sociedade, passa de absurda, a ser perigosa.

3.ª

Que idéas de justiça pode ter o povo que á sombra das leis vê todos os dias praticar mil iniquidades, e vexações?

4.º

Mais facilmente perdôa, quem  
soffre a offensa, do que o proprio  
offensor.



5.º

Em corpo feio tambem, às ve-  
zes, se alberga alma formosa.



6.º

Aos que Elle ama, livre Deos  
de palavras inuteis.



### ANECDOTAS.

Um snjeito, que por curiosida-  
de, quiz em certa parte espezitar  
a vela que allumiava a sala, sa-  
hiu-se mal da tentativa, e por con-  
sequencia necessaria, *todos fica-  
rão da côr do sr. mestre*, ou ás  
escuras, que val o mesmo. En-  
tão o dono (da vela, se entende),  
por mofa lhe perguntou: — On-  
de aprendeo a cortar morrões?

— Em casa de meu pai (retor-  
quiu o mal destro aticador), on-  
de, em casos semelhantes, uma  
das irmãs, suppre a falta da outra.



### ACTO DE RECONGILIAÇÃO NA HORA DA MORTÊ.

Um daquelles que vivem per-  
petuamente divorciados com os  
*liquidos não espirituoros*, vendo-  
se proximo ao termo inevitavel;  
mui saudoso do corpo que dêi-  
xava tão bem avinhado, arran-  
cou hum sentidissimo suspiro, e  
disse: — *Compadre, e visinho, dai-  
me hum côpo . . . De vinho* (per-  
guntou o compenheiro, ) — ? —  
*Ah! compadre! vinho*  
*não! d'go, a* — Pas-  
mou o compadre quando tal ou-  
vio, e não dando crédito aos  
sentidos, instou: — *Pois d-  
goa?!?!? — Sim* (respondeo fa-  
zendo bico desdenhoso, porem  
mui constricto, o moribundo);  
*não quero ir desta vida mal com*  
*alguma cousa, ou pessoa.*



### PARTO MEMORAVEL.

Constança, imperatriz, e ra-  
inha de Sicilia, achando-se gra-  
vida quando já tinha 50 annos  
de idade: — Para não me ac-  
cusarem de parto supposto (dis-  
se ella), quero ser partejada á  
vista do povo, na praça mais pu-  
blica de Palermo — Assim se  
fez, e o filho que deo á luz, foi  
depois o imperador Frederico 2.º  
de Allemanha.

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 4.º

1. DE DEZEMBRO DE 1846.

N. 47

## RETRATO DE JESUS CHRISTO.

Quantas vezes as funestas paixões que aconselham a incredulidade, tem cegado certos homens ao ponto de afirmar, que nenhum documento contemporaneo compróva a existencia do nosso Redemptor, para assim minar o sagrado edificio da Religião, e tornar criveis os systemas absurdos que a sua louca impiedade pretendia estabelecer, sem reparar que negando huma verdade historica tão palpavel, descobrião ao publico sensato a mais vergonhosa ignorancia, a malicia mais descarada; porque alem da participação que Pilatos enviou a Tiberio, referindo-lhe os milagres, e condemnação de Jesus Christo á morte affrontosa de cruz pelo ódio implacavel dos judêos, e da mensagem que aquelle imperador mandou ao senado romão, para o convidar a collocar entre os deoses do Capitolio o homem divino, que á vista de toda a judêa, e povos circumvisinhos, tantos, e tão extraordinarios milagres tinha praticado, factos con-

stantes da historia romãa; alem da menção expressa que Tacito, nos Annaes, faz da sua morte, e da crênça por elle fundada, e de outras muitas provas, que por brevidade não mencionamos, acresce o documento historico, precioso, e curiosissimo, que offerecemos aos nossos leitôres, julgando nisto dar-lhes satisfação não pequena, á vista das impressões attractivas, que a infavel presença de Jesus produzia nos corações dos proprios gentios.

Eis-aqui de que módo Publio Lentulo, sendo governador de Judêa, no tempo em que os prodigios e milagres de Jesus Christo principiávão a espalhar a sua fama entre naturaes e estranhos, pinta ao senado romão as perfeições que adornarão exteriormente o Salvador do mundo, sem omittir o infinito preço de suas acções, e sanctidade.

«Existe presentemente na Judêa, diz elle, hum homem de singular virtude, chamado Jesus Christo, que os barbaros julgão profeta, e que os seus sectarios adóram como descendente

dos deoses immórtaes. Cara os enfermos com palavras, ou com o simples contacto, e ressucita os mórtos. He de grande, e bem proporcionada estatura, tem aspecto benigno, e veneravel; e os cabellos, cuja côr não se pôde bem definir, descem-lhe em annéis abaixo dos ouvidos, cobrem-lhe com muita graça os hombros, e se dividem no alto da cabeça, segundo o costume dos Nazarenos; he vasta e liza, a fronte delle, e nas faces lhe brilha hum suavissimo rubôr; o nariz e bôca são formados com admiravel symetria; barba espessa, irmã dos cabellos na côr, apartando-se no meio, fórma, com pouca differença, a figura de hum forçado, e apenas excede o rôsto huma polegada; scintillão os seus olhos com fulgôr serêno. Exhorta com brandura, censura com magestade; as suas palavra e acções, são sempre elegantes, e cheias de gravidade. Ainda ninguem o viu rir-se; mas chorar sim, muitas vezes. He verdadeiramente sóbrio, modesto, e sabio; homem, finalmente, que pela excellencia da sua formosura, e divinas perfeições, excede a humanidade.

(Magasin universel).



TOM BERMINGHAM.

(Veja-se o Recreador n. 46 a pag. 714)

— Rectifiquei minha historia, e instruição de minha verdadeira posição. Elle escutou-me com grande hilaridade, e depois de haver-me complimentado pelo que chamava meu descaramento, acabou declarando com huma jura energica, que eu era seu digno filho, e que a semelhança era perfeita.

— Meu filho, disse elle. não vos desanimeis. Herdeiras ricas não faltão, e mesmo achareis algumas bonitas si tiverdes o trabalho de as procurar. Depois, em ultimo caso, tendes o derradeiro ruim recurso na respeitavel pessoa de lady Hornsey.

— Não me falleis mais d'essa velha feiticeira; já me não importo com ella, nem com qualquer outra, e vou agora mesmo alogar-me no canal do Regente.

— Como he essa a vossa decisão irrevogavel disse meu terno pãe, Green-Park me parece muito melhor.

— Por ser talvez mais proximo; mas eu desejo fazer as cousas por maneira mais conviniente, e depois das attentões de sir George não posso preterir deixar-lhe hum bilhete em sua casa, que he justamente na passagem.

Apresentei-me com effeito á sua porta e como a despeito de minha cruel descoberta não desejava menos de mostrar-me á adoravel lady Jervoise pelo lado mas interessante, tive o cuidado de pôr outro lenço

preto para o caso de ser recebido, porém este ligeiro favor me foi negado: sir George e sua mulher tinham sabido, e fui forçado a deixar meu bilhete com hum comprimento verbal para testemunhar meu reconhecimento.

Nunca tão pezada experiencia soffreu a serenidade de meu chaveter, como n'este dia funesto. Mas como feliz ou infeliz, alegre ou triste, he necessario jantar, lembrei-me muito a proposito que estava convidado para casa de lady Hornsey.

— Ora pois, disse eu soltando hum suspiro, vamos ver até onde já chegou o professor.

Cheguei tarde a Berkley-Square, e achei já a companhia na mesa, ou porque me houvesse enganado nas horas, ou porque tivesse levado muito tempo a vestir-me, ou pelo unico motivo de querer fazer-me notavel na entrada. A primeira cousa que me ferio os olhos, foi o professor, sentado como amigo da casa, no mesmo lugar que eu tinha occupado pelo mesmo titulo. Dei attenção ao olhar triumphante que lançou sobre mim, atravez de seus olhos doirados: a dous passos d'elle, e com todo o esplendor de hum brilhante vestuario, vi a bella lady-Jervoise. Sentei-me na unica cadeira vazia, e felicissimamente estava esta a seu lado. Hum reconhecimento teve logo lugar entre nós, e meu braço sustentado pelo lenço provocou perguntas que mostravão nao haver indifferença

A conversação principiou viva; sua agudeza e maneiras me parecerão tão seductoras, como sua ange-

lica belleza; cada palavra que sahia de sua boca, augmentava minha adoração, e meu desespero.

Bebi com sir George, e quasi desejei que em vez de vinho houvesse em seu calis huma dose de acido prussico mas sem em tal eu pensar; e como o unico meio de vingar-me, era fazer côrte a sua mulher exerci o melhor possivel esse acto de vingança natural, como chama Bacon á vingança.

Prestava ella attenção complacente ás ternas expressões que lhe eu dirigia, mas todavia de tempos em tempos observava em seu rosto huma expressão de surpresa que não podia explicar. Emfim quando a proposito não sei de que, dirigi-me a ella, dando-lhe o tratamento de senhoria, interrompeu-me com hesitação, e córou.—Creio, me disse ella, que estaes enganado a meu respeito.

— Ao contrario, respondi eu com apparente tranquillidade, em quanto me pulsava o coração que parecia querer sahir do peito não tenho a honra de fallar a lady Jervoise?

— Não, disse ella rindo-se, e dirigindo minha attenção para huma lindissima pessoa de olhos pretos sentada á direita do professor. Alí está lady Jervoise; não a viste hontem á noite porque estava incommodada. He minha irmã, e eu vim visital-a a Londres: meu nome he Julia Henderson.

He necessario continuar, leitor? Não advinhaes o resultado d'esta descoberta? Minha estrella subia: dizem

vulgarmente, que o verdadeiro amor deve ser experimentado, e encontrar mil obstáculos: para mim o principio tinha sido tempestuoso, para me assegurar depois huma viagem de rosas. Com effeito, sem entrar aqui em pormenores que seriam fastidiosos, bastará dizer-vos: que a bella Julia era sómente co-herdeira; que seu tio da India e seu pae o negociante, tinham morrido havia muito tempo; que ella vinha de Paris, confiada aos cuidados de huma aia; que sua fortuna estava inteiramente à sua disposição, e que dous mezes depois da aventura do carrinho, tive o prazer de converter o nome de Henderson em Bermingham, transformação de que ainda nem hum, nem outro se queixou.

*Bibliotheca Universal*

Tom Bermingham não declara si depois do seu casamento, pagou a seu alfaiate.



N A P O L E A Õ E M P A R I Z

(Veja-se o Recreador n. 46, a pag. 733).

— He verdade, senhor, respondeo Napoleão, faremos honra ao nosso almoço; porém não foi marcha que fizemos, foi hum passeio.

— Passeio, e marcha assemelhão-se muito.

— Não he inteiramente o mesmo.

— Pensei, pelo traje e figura destes senhores, que fazião parte do exercito.

— Não vos enganaste, senhor, interrompeu o imperador; ha muito tempo que servimos.

— Muito pesar tenho, senhores, que chegasséis tão tarde: ter-me-hia

sido muito agradável offerece-vos do meu almoço de partida: tinha hum frango *a' la Marengo*, que era digno de se apresentar ao vencedor de Austerlitz

Duroc receoso do que o imperador fosse reconhecido, se certificou do contrario por huma pergunta repetida.

— Vistes já o imperador?

— Não, senhor, nunca, infelizmente. Devo-lhe tanto, que estimaria poder saudar o grande homem que me abriu huma honrosa carreira. Filho de hum coronel morto no campo da honra, fui, por ordem de S. M., posto em huma escola militar, na qualidade de alumno do governo.

— Isso he de obrigação, disse o imperador; o soberano deve recompensar os serviços feitos ao estado.

— O meu agradecimento, e meu amor, já os adquirio para sempre. Oh! Deos! como serei feliz se me fizer matar por elle como aconteceu a meu pae!

— Pobre mancebo! disse Napoleão em voz baixa.

— Isso vos acontecerá mais cedo talvez do que pensaes, meu joven amigo, respondeu o marchal do paço: As balas inimigas não nos poupão.

— Fazem bem, exclamou o joven official, porque nós tambem os não poupamos. Se ao menos eu me pudesse distinguir á vista do imperador por alguma acção brilhante! éstas dragonas brevemente deixarão lugar para outras, porque elle não deixa vegetar nos postos inferiores os que se distinguem. Veirão Augereau, filho de hum vendedor de fructas em Paris; Berthier, filho de hum guarda da prisão de guerra; Lannes, filho de hum tintureiro; Lefebvre, filho de hum antigo hussard de Raufach; Mu-

rat, filho de hum estalajadeiro: Solt, filho de hum camponez. Todos são grandes. Duroc, marechal do paço, deve set alto lugar, ao acaso de ter conhecido no cerco de Toulon o commandante de artilheria.

— Que servidor! que amigo! e que thesouro aquelle! disse o imperador. quantos golpes de estrondo elle tem suspenso! quantas ordens recebidas no primeiro movimento que elle não executou, sabendo que no dia seguinte lho agradecerião!... Meu bom mancebo, o imperador he feliz de ter hum semelhante homem junto de si.

Duroc custou-lhe occultar a commoção que lhe causava este elogio na boca do imperador.

— He o que geralmente se diz: respondeu o joven official; mas pelo modo porque fallais, senhor, estou inclinado a crer que o conheceis, que o védes.

— A elle? nunca me deixa!

— Como assim?

— Quiz dizer que eu nunca o deixo.

— Se não receasse fazer-vos hum pedido indiscreto, e se especialmente tivesse a honra de vos conhecer de muito tempo, eu vos rogaria que fallásseis em meu abono: elle tem influencia para com S. M., e huma palavra sua teria famoso peso na balança onde se deverá pesar o meu destino militar.

— Eu vos prometto de lhe falar a vosso respeito. Além disso, estando desde muito tempo no serviço, nos campos de batalha, de certo devo ter conhecido vosso pae, e estimarei muito ser util ao filho de hum antigo companheiro de armas. Como se chamava vosso pae?

— Raymond, coronel de dragões.

— Morro em huma magnifica carg<sup>a</sup>

executada pela brigada do general Valhubert.

— Exactamente, senhor...

— Ainda me lembro d'elle, quando, ferido de morte, e levado por seus soldados, elle disse: morro com o sentimento de não ter feito bastante no serviço de...

— Do imperador, porque era a S. M. a quem elle então fallava.. Estaveis então bem proximo d'elle!

— Sim, sim, mesmo ao pé, disse Napoleão demorando as palavras; e conhecendo que podia ter atraído o seu incognito, acrescentou:— Estava a dous passos de distancia, fazia parte do estado-maior. Recebi o ultimo suspiro de vosso pae.

— Ah!... minha mãe me disse sempre que foi o imperador, respondeu o joven official olhando para elle atentamente. Duroc conheceu que era tempo de fazer mudar a attenção do joven visinho.

— Para cumprir a promessa que ha pouco vos fiz de entregar nas mãos do marechal do paço a supplica que fizerdes ao imperador, o meu camarada precisaria que lha dirigissem por mão segura. Amanhã pelas dez horas, chegai ás Tulherias, perguntai pelo capitão às ordens de serviço, e confiai-lhe o vosso papel. Quando forem onze horas, S. M. o terá lido.

— Assim mo prometteis?

— Confiai inteiramente no meu camarada.

— Permitti que eu leve esta noticia a minha mãe, e bendiga com ella este feliz encontro.

— Não vos encommodeis, senhor; entre militares, todos são irmãos; he parentesco que equival bem o do sangue. O joven official saudou, e sahio do café.

— Ramond — era um bravo — morto gloriosamente no campo da honra. Eu cuidei no seu filho, murmurou o imperador.

Durante toda a conversação o moço tinha girado á roda dos interlocutores: tinha apanhado algumas palavras que lhe tinham dado alta opinião destes hospedes. Foi encostar-se ao balcão, e com certo ar de importancia, disse á dona do café:

— Senhora, estes senhores são, pelo menos coroneis. Fallaão em proteger aquelle joven official que sahio agora: são certamente dragonas grandes, talvez dragonas de grossos cachos

— De grossos cachos! respondeu a senhora do lado de dentro do mostrador: deixa-me. Pessoas que pedem a penas hum a omeleta e costelletas... Não pôde ser.

— Ora, pois não! e a garrafa de vinho de Chambertin, então?

— Então que tem isso? comem e bebem ao mesmo tempo. Alem de que, dizem que este vinho he o vinho ordinario do imperador: pedirão daquelle vinho para fazerem a corte ao poder.

— He o mesmo: se não são coroneis são pelo menos chefes de batalhão. Começarão modestamente, mas brevemente mandarão vir outro prato; algum extraordinario. São tão originaes os militares! nada fazem como as outras pessoas.

— Rapaz! exclamou Duroc,

— Eu bem o dizia: vê, senhora?... eu bem sabia...

O Rapaz correu á mesa, mostrando a lista impressa das iguarias, e disse com ar de satisfação: Aqui está, senhores, aqui está,

— Não he isso, disse o marechal;

a conta para pagar.

— A conta para pagar?

— Sim.

— Enganava-me; são apenas capitães, disse o moço indo buscar a conta ao mostrador.

— A conta! pedem a conta! disse com ar desdenhoso a dona da casa. Eis-ahi hum almoço de alferes bem frugal. Aqui está: leva a conta.

— O moço entregou a conta ao marechal do paço, o qual, depois de a ter verificado, e sommado, metteu a mão na algibeira para tirar a bolsa.

— Então, disse Napoleão, está isso acabado? Esperão por nós no conselho... Depois disse rindo-se: Parece-me meu amigo, que chegastes — ao quarto de hora de Rabelais —.

— Com effeito, disse elle em voz baixa, começa para mim; porque agora vejo que com a pressa de me vestir, me esqueci da bolsa.

— Oh! diabo! eu nunca trago dinheiro comigo, bem o sabeis... faz-se tarde... e comtudo não havemos de ficar aqui eternamente.

Não ha situação pior, mais encommoda, que a de huma pessoa que, com a conta na mão, a não pôde pagar. Parece-lhe que todos os presentes sabem do seu desastre, que todos os olhos penetrão até ao fundo de suas algebeiras, para verificarem a vivêz, e a miseria. O imperador parecia estar zangado; mas por amisade a Duroc, dissimulava hum tanto o seu descontentamento.

— He esquecimento imperdoavel! disse elle depois de hum momento de silencio; porém he necessario sahir deste embarço; não nos convem fazer-mos o papel de refens. Vamos! apressai-vos!

— Não se mortefiquem os senhores, disse o moço, que, testemunha do seu embarço, se tinha chegado a elles. Eu levo a conta para o mostrador: outra vez pagareis, quando por aqui passardes.

— Mas, meu amigo, vós nos não conheceis.

— Isso não importa; bem vejo no vosso todo quem sois; e além disso ouvi algumas pharses da vossa conversação com aquelle joven official, que me derão a conhecer que sois militares. Eu gosto muito dos militares, porque todos os meus irmãos ou forão, ou ainda o são.

— Vossos irmãos fazem parte do exercito, dizeis vos?

— Sim, senhor; tres já morrerão: o primeiro em Arcole, o segundo, e o terceiro, na batalha de Jêna. Dos tres que vivem, hum he cabo no decimo ligeiro, outro he sargento do quarenta e sete, e o mais velho he sargento de granadeiros da antiga guarda. Foi elle quem me educou, e por isso lhe pago como posso a divida do agradecimento, mandando-lhe, e aos outros com que augmentar o seu soldo; porque, como elles dizem, no campo, e no fogo, nem sempre ha manjares delicados. Só eu he que não segui a carreira das armas. Preferi outra especie de serviço; com o guardanapo debaixo do braço, substituo o clarinete de cinco pez de comprido, como diz meu irmão, o sargento da antiga guarda.

— E nesse exercicio fazeis a mim, e ao meu amigo, hum notavel serviço. Vós reparareis o descuido do senhor, disse o imperador, eu me não esquecerêi.

— Ah! não he preciso grande esforço de memoria para lembrar de hum pequena conta a pagar! Isso

nada me inquieta: não quereis levar-me com tal sounna.

— Descançai.

— Vou dar parte á dona da casa do vosso acontecimento. Ella he hum pouço aspera, mas no todo he boa casta de mulhier. Não haverá a menor difficuldade.

Augusto foi ao balcão; porém a resposta que teve não foi muito pouco agradavel.

— He bem extraordinario, disse ella, que haja quem se atreva a entrar em hum café, e faça despeza, sem primeiro estar certo de poder pagar. Bellos coroneis!!

— Mas, senhora, disse elle, pôde acontecer a todo o homem de bem esquecer-lhe a bolsa. Nunca vos esquece nada?

— A mim muitas vezes; mas he clara a razão: tenho tanto em que cuidar! porém pessoas que não tem em que pensar, senão no seu jantar ou almoço, deverião antes de entrar em hum café, consultar a sua bolsa para se não acharem em tristes casos destes.

— Emfim, senhora, quereis fiar a este senhores?

— Não, já he muito fiar. Não está abi ainda essa conta por pagar do velho major, que devia passar dalli a hum quarto de hora, e de quem se não ouviu fallar mais? Não he assim que se faz boa casa. Olha lá! se o defunto sr. Robillard tivesse obrado como vós, se se tivesse mostrado tão facil, não me teria deixado por sua morte (Deos lhe tenha a alma em descanço!) hum café que vale mais de cem mil francos.

— Pois bem! eu tomo a divida em minha conta.

— Em vossa conta! em vossa conta! nada se diz mais de pressa.

O vosso ordenado não bastará, se assim continuais. Sois mui fácil com o publico, e especialmente com tudo quanto traz bigodes e esporas. Não são os vosso ganhos que vos porão em estado de fornecer todo o exercito e pela forma que caminhais, o café brevemente se converterá em rancho, onde todos comem á vontade sem pagar so lhe não pozermos cobro. O que vos digo, Augusto, he dictado pela amizade que vos tenho. Vos sois o primeiro dos caixeiros, e meu successor em prospectiva, e não quizera que fosseis victima do vosso bom coração.... Eu porei isto na vossa conta, pois que assim o quereis absolutamente.

— Sim senhora.

Varias palavras deste debate caiseiro chegarão aos ouvidos de Duroc o qual quando o rapaz lhe veio annunciar que tudo estava em ordem lhe disse:

— Tudo ouvi, e exijo que guardéis o meu relógio, como penhor do que por nós adiantastes.

— Não, senhor, jámais tal farei com pessoas da vossa qualidade.

— Da nossa qualidade! Vós ignorais qual ella seja.

— De certo; mas tenho olhos assás bons para conhecer que sois pessoas de bem. Sois militares, e eu obedeco á recommendação de meu irmão, o sargento da antiga guarda: *Nunca desconfieis dos coelhos velhos esses nunca levão as cenouras.*

— E eu creio.... que nós somos coelhos velhos, disse Napoleão ri-

do-se. Vamos, está bem.... até outra vez, meu amigo.... Depois voltando-se para Duroc: Guardai o vosso relógio, senhor distrahido, e vamos sobre palavra. Não he certamente ser infeliz.

Preoccupado com os negocios publicos, Napoleão não se recordou nem do almoço, nem do moço do café.

Duroc pela sua parte, contra o seu costume, se esqueceu completamente. Cinco dias se passarão assim sem que Augusto tivesse delles noticias. O pobre rapaz era o alvo de huma multidão de grosseiros motejos, e de chascos de toda a especie da parte da dona do café, a qual, encantada de ver realisada a sua profecia, não cessava de blasphemar contra os arrastadores de sabres, os mãos pagadores, e tão pouco poupava os dous desconhecidos, como o sargento da antiga guarda com os seus *coelhos velhos*.

Debalde se esforçava Augusto por protestar a sua inteira confiança nos senhores que elle tinha abonado; a sua confiança lhe attrahia novos sarcasmos, que talvez tivessem acabado por ahafar a sua fé, mesmo na palavra de hum militar.

A final, no sexto dia, hum sargento da antiga guarda, veio ao café; era o irmão de Augusto. «Aqui estou eu! disse elle entrando e chegando-se a seu irmão. Alguma travessura fizeste: tenho ordem de te conduzir junto ao grande marechal; he ordem de S. M.... Alguns discursos asnaticos.... merecerias bem que eu te desse huma lição severa, mas primeiro, obediencia á ordem....

vamos, pernas a caminho, aviar.

— Como, ir as Tuilleries! Quem diabo me manda lá ir?

— Não sei; he andar... lá o saberás.

— He que isso me dá volta ao miolo...

— Bom, bom! escova a tua sobrecasaca, põe huma gravata e vamos... não preciso ir conhecer a sala de disciplina por causa das tuas tolices.

— Pois então, nada te disserão sobre a causa?

— Outra vez: já disse que não.

Os dous irmãos se apresentarão no paço... Introduzirão-os no quarto do marechal, a quem Augusto logo reconheceu por huma das duas pessoas que tinham almoçado no seu café.

Chegai-vos, senhor Augusto, peço-vos que vos chegueis... lhe disse Duroc. Conheceis-me?

— Sim, senhor marechal.

— Como assim, conheceis o grande marechal!... disse em voz baixa o sargento da guarda. O' marote! se fallasses a meu favor...

— Deveis saber, continuou Duroc, qual he o motivo porque sois chamado ao paço.

— Eu o presumo, senhor...

— Que a divida que contrahimos he causa deste convite. Não vos enganais.

— Senhor marechal, não vos deveis incommodar por tal bagatella; eu podia muito bem esperar.

— Senhor Augusto, o impetador não costuma fazer esperar os seus amigos mais, do que os seus inimigos.

— O imperador! exclamou Augusto.

— O imperador! repetiu o sargento levando a mão á testa para saudar este nome magico.

— Sim, o imperador, disse Duroc; elle estava comigo.

— Como? he possível! pois fui eu o fiador de S. M. e do grande marechal!...

— Tal qual o dizeis.

— He feliz, ou não este Augusto? I murmurou entre os dentes o sargento de granadeiros: e eu ainda me não pude fazer matar pelo meu imperador! Elle, hum moço de hum café, hum homem que ainda não deu hum tiro, servir de fiador ao nosso cabo de esquadra!

— S. M. soube que para ajudar vossos irmãos, tendes exaurido o fructo das vossas economias, e que, em consequencia de continuados sacrificios fostes á pouco obrigado a renunciar á aquisição de hum café. Hoje o dito café he propriedade vossa; he a divida do imperador.

— A divida do imperador! ah senhor! como poderei agradecer! E não posso pôr aos pés de S. M. a expressão de minha gratidão!!

— Socega, Augusto, na primeira batalha que houver, disse o sargento; matarei hum inimigo mais e o meu imperador ficará contente.

Duroc despediu os dous irmãos, que se retirarão loucos de alegria, e gritando em altas vozes: Viva o imperador!

Todos os annos, no anniversario

do dia em que o grande marechal e Napoleão almoçarão no café servido por Augusto, o moço do no, reúne em sua casa velhos guerreiros que exaltão em commum o nome do grande homem, e saudão, com vivas ao imperador, a historia da divida imperial. Os convidados nunca faltaõ; o antigo sargento, official reformado, he o encarregado de os recrutar.

O nome do joven official, de quem acima se fallou, pôde lêr-se na lista dos bravos, mórtos em Lutzen.

Quanto á senhora viuva Robillard, a sua parcimonia não bastou, para que ella não fallisse.



#### O TESTAMENTO.

— Não, não penseis, meu charo Wright, que eu revogue este testamento.

— Não penseis que eu o acceito, meu charo snr. Wallack, e que assim me preste á vossa irreflectida colera contra vosso filho.

— Irreflectida, dizeis vós? Exprimen-tei meu cruel filho por todas as maneiras, e encontrei nelle todos os vicios, excepto o orgulho; pois si fóra orgulhoso, dissimularia ao menos seus vicios mais vergonhosos. Deita fóra o dinheiro, — não direi que o gasta —, sem saber adquirir amigos, nem entre os pobres, nem entre os ricos, nada dando a uns, nem emprestando aos outros. E' por si, por si só que elle quebra todos os obstaculos da lei, reúne á alma d'um avaro os gostos d'um libertino; como os mais odiosos Romanos na quadra mais baixa da republica, pôde ser ao mesmo tempo culpado de crimes contraditorios, ávido dos bens alheios pelo prazer unico de os roubar, e pro-

digo desprezador dos seus. E legarei a homem tal, huma fortuna de que podeis fazer uso mais digno, e mais nobre?! Não, deixai-me proclamar meu odio ao vicio em meu testamento. Quera que a miseria o faça arrepender.

— Fallaes como hum pãe enoolerizado, snr. Wallack; esse mancoço tem commettido faltas, mas vós o julgaes com huma prevenção injusta: arrasta-o o prazer, e não o vão projecto de unir vicios oppostos. Dissipa vosso dinheiro por que he moço; e mais deseja possuir, por desejar multiplicar suas loucuras. Aooroditae-me, meu amigo, raras vezes se encontrão caracteres que sejão ao mesmo tempo pródigos e avarentos; o dissipador associado ao usurario. Deixae-me mil libras sterlingas, pois confesso que tenho precisão, e não quero menos; mas herde o vosso filho os bens que possuia; si elle se corrigir, tereis salvado hum filho reconhecido, si não... Ah! vossos ovidados e inquietações de pãe terão chegado a seu fim; tereis feito vosso dever e repousareis em paz.

O snr Wallack, tendo sempre o testamento na mão, reflectiu por alguns instantes; depois respondeu gravemente

— O vossó parecer he bom; entretanto, tomae este papel, e conservae-o cuidadosamente. Prometto-vos fazer outro antes d'esta noite; si eu porem souber alguma nova atrocidade de meu filho, queimarei este segundo testamento, e subsistirá o vosso. Deixar-vos-hei duas mil libras sterlingas.... Vamos, nada de observações!.. Deixarei mais alguns legados pequenos.. Ainda assim ficará bastante ao snr. Jorge; porque si elle continuar a ser pródigo, ficará pobre, mesmo possuindo tudo, e si tomar juizo, não terá necessidade de mais.

Depois d'esta conversação secreta, os dous amigos se separarão. Wright guardou o testamento; Wallack, fiel á sua promessa, fez o outro.

Entretanto, Jorge, percebendo que seu p e ficava velho, e enf rmo, conteve-se mais, não apparecerão mais bilhetes de importunos cr dores que querião ser pagos, absolutamente pagos; não vier o mais cartas de maridos ultrajados, ou de moças trahidas, exprimindo ternas exprobra es, e supplicas de desespera o. Pouco a pouco renasceu a esperança no peito do triste p e; chamou seu filho ao seu leito de morte, aben ou-o com afec o, deu-se a si mesmo os parabens pelas lagrimas que o viu derramar, e soltou em paz seu ultimo suspiro.

Malfadado manoebo! antes de se fechar o caixão, antes que o corpo, apenas frio, fosse confiado ao repouso do tumulo, elle abriu o gabinete de seu p e, proeurando por toda parte algum testamento... Este escripto importante foi achado em breve.

Jorge abre-o, l  com doce emo o: — Deixo a meu filho, minhas terras, minha caza, tudo. . . — Ah! disse elle em fim, estas terras, esta oaza, tudo isto he meu; aceito e obede o! — Então interrompeu-se para abrir a janella, e lançar suas vistas pelo valle, que nunca lhe parecera tão rico. Viu todos os trabalhadores com outros olhos, com outros sentimentos, e um gosto inteiramente novo: tudo achava bello! O lavrador que viu ao longe revolvendo a terra, lhe pareceu hum bom e util escravo, cuja força admirou. Que espectaculo encantador e soberbo! Erão de meu p e, hoje são meus! . . . Por ambos estes titulos, e sobre tudo, pelo ultimo, acho perfeita esta propriedade. L  e p ra; o que se seguia era como uma experiencia imposta   sua virtude.

— Que quer dizer isto!? duas mil libras sterlinas a David Wright! que monstruosa somma! . . . Mas não ha razão para isso!? Ora pois, senhor meu p e, vossa amizade excede aqui todos

os limites. . . Ainda mais! quinhentas libras sterlinas a minha prima Susana, a meus primos Roberto e José! Mereci o elles isto? Não certamente; elles não tem direito algum. . . Surpreza me causaria si elles tivessem a menor suspeita que o pobre homem lhes destinava este legado! Em fim, em rigor, eu passaria por isso. . . Mas a somma enorme de Wright? . . . Estou s , ninguem pode ver. . . O testamento foi todo escripto por seu punho; ninguem foi chamado para redigir e escrever esta prova; meu p e não se fiou em nenhum tabelli o! E' preciso que seja destruido o testamento. Meu p e quiz que seu filho ficasse por juiz do que era justo; e tudo se passa como si elle houvesse dito: — Meu filho achar  o testamento, e poderá destrui-lo, ou executa-lo, como lhe parecer conveniente. — E' isto: comprehendo agora. Sou eu. . . Que significa este papel com os nomes de meus primos? Eia, he este o acto de minha ultima vontade: entrego-o  s chammas para que desapareça para sempre! Eil-o queimado! Agora he que sou senhor.

Em breve o testamento ficou reduzido a cinzas.

— Ah! disse então Jorge, meus queridos primos gemer o, e queixar se-hão; mas os diabos os carreguem! gem o e queixem-se. Quem tem mais necessidade de dinheiro do que um novo herdeiro, para pôr em ordem seus negocios, e reparar todas as cousas? Para honrar meu põe em seu tumulo, não he muito o que deixou. Não custa uma bagatella fazer transportar um honrado homem a sua ultima morada, com toda pompa, e com as ceremonias do uso; e depois, quantas outras despezas! Não, nada se deve certamente deixar perder. Estes dessarrasoados legados, não podem ser reclamados: onde não há testamento, não ha legados, e

aqui não existe testamento. Posso jurar com toda segurança que não existe o testamento; até as suas cinzas estão dispersas. Tudo iria ainda melhor si este prudentíssimo amigo, este Wright quizesse seguir de perto a meu pae.. Tenho medo? .. mas porque?.. Todavia eu ficaria mais tranquillo, se..

Os parentes e amigos do defunoto se reúnem e vem ter com o nosso herdeiro para pedir a abertura do testamento; mas elle com segurança, posto que com o coração inquieto, lhes diz: não há testamento. Elles se retirão, e deixão escapar algumas murmurações.

Alguns dias se passão, e, entregue a si mesmo, o herdeiro enche as horas com cuidados que aggradavelmente o occupão, apesar de alguns pensamentos importunos. Chega o amigo de seu pae, David Wright, que pergunta com um tom solemne, si póde fallar só por só com o snr. Jorge Wallack.

Eil-os defronte um do outro: reina o silencio em torno d'elles, até que Wright tomando a palavra, diz a seu hospede:

— Vosso pae deixou testamento, e eu quero vel-o.

O moço levantando a cabeça, encontra um olhar fixo e penetrante, que lhe faz desviar os olhos. Em vão quer elle raciocinar e elevar a enfraquecida voz para responder: — Senhor, inutilmente passei muitos dias a procurar: tranquillizae-vos todavia, procurarei de novo, e si achar..

Pertinaz em sua exigencia, e não dissimulado seu ar pouco satisfeito, Wright repplia com segurança:

— Há testamento... mostraem'ò que podeis.

— Senhor, repito-vos que inutilmente ò procurei, e procurarei de novo.

— Dou-vos dois dias, senhor atendei bem as minhas palavras, e acabe-

mos com isto, responde Wright, e assim fallando, despediu-se de Jorge.

Dous dias se passão: nova visita, a mesma objecção, a mesma resposta:

— Não achei o testamento.

Então o amigo do defunoto tomou ar mais grave e mais serio, como homem que falla com authoridade, como homem que quer ser esoutado.

— Vosso pae fez testamento; eu o sei como testem unha occular.

— O herdeiro a estas palavras, se levantou com collera, e disse:

— Sahi, snr. ! Julgae atemorisár-me com vossos olhares? Ide, snr, ide para vossa casa, ou ide procurar vosso advogado: vejo a que ponto quereis chegar! Pela ultima vez vol-o digo: meu pae não deixou testamento. Juro ao menos que não existe algum em casa... negae-o si podeis...

— Certamente não o posso fazer, responde Wright; finalmente, senhor, vos acredito. Mas por isso que não achastes acto algum testamentario, convireis que *este* he valido.

Depois desta phrase, tirou da algibeira com todo o vagar huma copia exacta do primeiro testamento, desdobrou-a aos olhos de Jorge, para que podesse lel-a.

— Vede, lhe diz elle, e lede vos mesmo para melhor acreditardes. Conhecei a vontade de vosso pae, e deixae-me esta casa, e todas estas terras,

Jorge leu tremendo, e o terror se apoderou do culpado mancebo: elle viu toda a sua baixeza, sua miseria, e a verdade. Quão doloroso lhe era sustentar a presença de seu severo accusador! Passada a surpresa, começou em sua desgraça a perguntar-se, si elle não poderia dirigir-se aos tribunaes.

— Por que desespero? pensou elle visto que hà leis, os jurados tomaraõ partido por hum herdeiro abandonado.

Resistirei . . . disse-lhe o orgulho . . . Ah! he melhor subjeitar-se, disse-lhe quasi logo o medo; as mais contrarias paixões o fazião voltar para todos os lados. O medo venceu: o desgraçado mancebo sabia com que homem tratava, e sobre tudo conhecia . . . a verdade.

Agitado com todos os seus terrores, perturbado, fora de si, cahiu aos pés de Wright, e implorou sua compaixão.

Triste mas indignado, Wright lhe disse:

— Não me faças desprezar o filho de teu pae; levanta-te! Escuta minha inabalavel resolução, e sabe que tua sorte dependerá de ti mesmo. Não serás abandonado á pobreza; nada te faltará, mas tu não gosarás de perigosa opulencia. O tempo me provará si o teu coração não está ainda de todo pervertido; serás observado de perto até aprenderes que ha lá em cima Alguem que vê tudo que se passa no mundo, os mundos, e o homem, e o secreto pensamento das almas. O Ente Omnipotente, te julgará em ultima instancia nas balanças de sua severa justiça. Tinhas fechado bem tuas portas, não he assim? tu te havias rodeiado de silencio, e tua mão havia secretamente obedecido á tua vontade . . . certo que nenhum mortal te podia bradar: Para! Insensato! insensato! julgavas que poderias esconder tua acção a esse olho providencial, que nunca dorme? Appello para esse Juiz Soberano. Podesse eu, eu pecador como tu, que terei um dia necessidade da sua clemencia, podesse eu achar essa clemencia como me proponho medil-a entre tua falta, e o teu arrependimento! Sofre a provança; toma juizo em tempo, e lembra-te que um homem não pode esconder o crime. Deus, e sua consciencia, são as testemunhas de tudo que elle faz, testemunhas que não pode enganar, nem evitar. Que fará elle da fortuna e como a possuirá socegado, si tem estes dois iu-

migos contra si? Adeus.

O mancebo retirou-se confuso, ainda na incerteza do que devia fazer: si ceder ao orgulho, e continuar, si esoutar um melhor sentimento para se arrepender.

Que foi feito d'esse desgraçado mancebo, depois de haver assim destruido o testamento que o fazia rico, e cuja destruição o reduzia á indigencia? qual foi o plano que seguiu este amigo severo, mas generoso, com um herdeiro tão egoista?

— Escolhei, disse Wright a Jorge; escolhei um estado, e eu me encarrego de ajudar-vos em tudo o que poder proporcionar-vos honrosa carreira. Assim fallando, Wright pensava que elle escolheria o estado militar, para ir esquecer no meio do estrepito das armas o sentimento da sua deshonra; mas Jorge respondeu humildemente: — Se consentis, snr., alugarei huma parte de vossas terras, e cultural-a-hei com zelo . . .

— Ah! disse Wright á si mesmo, eis o triste fructo de seus costumes; sem duvida quer passar a sua vida a caçar.

Wright porém, se enganava; em breve reconheceu nelle uma mudança importante para elle, extranha para todos. Industrioso, sobrio Jorge se levantava com o dia, e consagrava ao repouso uma fraca parte do seu tempo. Não se contentava de entregar-se ao trabalho, procurava tambem adquirir experiencia, e a arte de fazer valer huma propriedade, empregando sempre com prudencia todos os seus ganhos, e perguntando sempre — Que produzirá isto?

Wright, tendo banido toda a suspeita, começou então a pensar mais favoravelmente deste mancebo assim corrigido, segundo lhe parecia, mas inteiramente o mesmo no fundo da alma, pois ahi tinha a avareza, a insaciavel avareza, com os outros demonios que o



sobre a capella da Gloria, terminava da maneira seguinte — Ignoramos o anno em que foi construida, bem como o nome do seu fundador —

Desejava srs. RR. não ignorar relação alguma historica, concernente àquelle monumento que o mesmo Recreador elegantemente descreveo, e lhe addicionára sua respectiva gravura, no tomo 2.º, a paginas 289. Rogo pois a vv. ss. se dignem illustrar sobre este assumpto, a hum seu Constante leitor, e assignante.

#### Resposta dos RR.

A capella de N. S. da Gloria foi levantada no anno de 1671, por um ermitão, denominado Antonio de Caminha, e foi de novo erigida em 1714. Nesse tempo mesmo, se fizeram as obras magnificas do seu sumptuoso adro, todo lageado de cantaria, cisterna, e ladeira, havendo o dr. Claudio Gurgel d'Amaral (ordenado posteriormente in sacris), feito doação do outeiro, para esse fim, a 20 de junho de 1699. A cargo de huma irmandade da mesma s.ª estava esta ermida, assás decente e tratada com asseio; porém trasladados para alli os padres capuchinhos italianos, por lhes ser tomado o antigo hospicio da sua residencia para habitação dos padres carmelitanos, em troco da casa occupada pela rainha D. Maria 1.ª, e sua real familia, cujo hospicio foi ultimamente dado aos padres de Jesus, da 3.ª ordem da penitencia; ficou a capella ao cuidado, e uso dos mesmos padres capuchinhos, por quem são habitadas as casas de romaria.

Memorias Historicas do Rio de Janeiro.

Muito agradecemos ao nosso assignante, a honra da sua consulta.

AO

Dia 2 de dezembro, natalicio de S. M. I. o muito alto, e muito poderoso senhor D. Pedro 2.º, imperador constitucional, e defensor perpetuo do Brasil.



#### SONETO

O' dia de esperanças, e de gloria!  
Dia feliz p'ra o povo brasileiro!  
Hoje, o filho do heróe, Pedro Primeiro,  
Entrou tambem no templo da memoria.

Reina feliz, ó Pedro! em nossa historia,  
Leia teu nome o universo inteiro,  
O nome de hum mouarcha justiceiro,  
Que antes quer a paz do que a victoria.

Em letras de oiro a posteridade.  
Hade lêr com respeito, o mais profundo,  
Louvor de gratidão, pura verdade.

Hum Tito appareceu no novo mundo  
P'ra gloria sua, nossa felicidade:  
Heróe, filho de heróes, Pedro Segundo!  
(Por Honorio Augusto José Ferreira Armond)



#### ANECDOTAS.

Sendo hum sujeito convidado para almoçar, apresentarão hum prato de sardinhas na mesa, e lhe servirão o seu quinhão.

As senhoras hão com verdadeira habilidade, trinçando, e separando as espinhas, para comer segundo manda a decencia.

Não assim o convidado, que pegando nas extremidades ao peixinho em duas dentadas dava

conta delle : — Pó-le comer o peixe sem garfo, e faça ( lhe perguntou huma das senhoras, que reparou naquella falta de asseio ) ? — Ah! minha senhora ( replicou elle com hypocrita singeleza ) ! se tivesse uso de comer este peixe, não cahiria em tão enorme grossaria! —



### MAXIMAS, E SENTENÇAS.

1.ª

Aprende a fazer bem o que fazes; a estar aonde estás; a gosar o que possues, se queres sêr o que podes e o que déves, segundo o lugar, e tempo em que te achares.

2.ª

Na convivencia com os homens, aproveita de cada hum o melhor que tem e que só tú podes aproveitar.

3.ª

He peccado tudo quanto avilta a natureza humana : As acções de quem respeita a humanidade, sempre são dictadas pela bondade, e prudencia. O que honra a humanidade em si proprio e nos outros, a si e aos

outros incessantemente aperfeiçoa. O homem inhumano, perdeu a sagrada força da beneficencia; não osará emprehender obra louvavel, e commetterá mil baixezas, movido por ignobeis paixões.

4.ª

O egoismo he inimigo mortal da humanidade, veneno de toda a virtude, peste da amisade, abstracção de tudo quanto pode haver grande, e sublime nos homens, e sepulcro da verdadeira religião. A perfeição moral, e religiosa, consiste no desinteresse.



### CHARADA.

Sou, do que n'alma se passa } 2 syllabã.

Espelho que nunca mente, —

E sou fructa brasileira — } 3 syllabas.

D'hum agro doce excellente —

Porem se ajuntarm-e querem,

E fazer-me outro composto,

Já não sou fructa, ou espelho,

Sim um peixe de bom gosto.



A 1.ª Charada do N.º 45 he — Cupido : a 2.ª — cará

O — Recreador Mineiro — publica se nos dias 1.º e 15 de todos os mezes.

A redacção desta folha occupara hum volume de 16 paginas em 4.º, sendo alguns numeros acompanhados de nitidas estampas. O seu preço é de 6:000 rs pêr anno, e 3:000 por seis mezes, nesta Cidade do Ouro Preto: e fóra della 7:000 rs annuaes, 3:500 semestre, pagos adiantados, por isso que nesta quantia se inclue o porte do correio: Cada numero avulso custará 400 rs, e 1:200 rs. levando estampas, as quaes todavia, não augmentarão o preço d'assignatura. Subscreve-se na typographia imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, a quem as pessoas de fóra que desejarem subscrever, podem dirigir-se por carta sobre semelhante objecto.

O. P. Typ. imp. de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, Rua da Giló, n. 9.

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 4.<sup>o</sup>

15. DE DEZEMBRO DE 1846.

N.<sup>o</sup> 48

CHRONICA DE D. PEDRO O CRUEL,  
REI DE CASTELLA, OU O RE-  
MENDÃO DE SEVILHA, EM  
1560.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Era hum anno d'escacez, e a fome fazia mil estragos nos reinos de Andalusia. Cançado o povo de inuteis rogativas principiava a murmurar surdamente. Já se discutiao mil projectos sinistros de incendios, e roubos, entre a famiota plebe, que tinha principalmente em mira os conventos, por desconfiar que estavam cheios de abundantes provisões. Nestas circumstancias entrou em Sevilha o rei D. Pedro o cruel, a quem os habitantes fizeram mui frio acolhimento.

Segundo costumava, sahio D. Pedro aquella mesma noite do seu palacio da Mercê disfarçado, e entrou a correr as ruas e praças para conhecer a verdadeira situação do povo, e os expedientes que empregaria para combater aquella terrivel calamidade.

Passando pelo posto do çapateiro remendão Frasquilho, ao pé de Giralda, ouviu hum profundo suspiro, seguido por estas palavras: « Ah!

que se eu fôsse Assistente de Sevilha por vinte e quatro horas ao menos juro que o povo teria á manha pão com abundancia! »

Poucos minutos depois recebeu o çapateiro hum pergaminho selado e assignado pelo rei em que lhe era conferida a dignidade de Assistente de Sevilha por vinte e quatro horas somente e com obrigação expressa de proporcionar ao povo o pão de que necessitava sob pena de ser no dia seguinte enforcado na praça do palacio.

Pouco reparou o novo corregedor na dura condição com que terminava o despacho, porque seguro de sahir-se bem da empresa começou logo a destacar officiaes de justiça a dous monopolistas de grãos chamados Bringas e Gutierrez a quem tinha sorprendido casualmente, fallando em segredo á cerca de seus haveres impondo lhes immediatamente pena de morte, se não abrião no mesmo instante as portas de seus armazens de trigo, para satisfazer a fome do publico.

Bringas, e Gutierrez vacilarão, mas resolverão antes viver do que guardar o mantimento e no dia seguinte despertou o povo nadando em abundancia.

Naquella manha, foi a plebe á

praça da Mercê, e tão ruidosa e expressiva foi a sua gratidão quanto na véspera havia sido terrível o seu desalento. Esta era a primeira vez que D. Pedro entrava em Sevilha com favorável agouro. O povo, já salvo da fome, e orgulhoso por ver hum dos seus elevado à primeira dignidade da provincia compensava com reiteradas aclamações a seu monarcha o frio recebimento, que no dia anterior lhe fizera. Mil vivas ao rei, e a tio Frasquilho, resoavaõ na praça e qual branda, e desconhecida musica, chegávoõ aos ouvidos do tyranno.

O rei, mandou que se lhe apresentasse o novo Assistente, e não sem tremer lhe appreciou Frasquilho; mas com signaes de bondade e satisfação, o animou D. Pedro, dizendo:

— Senhor D. Frasquilho, muito bem desempenhastes a commissão que vos encumbi; tão boa acção, a não deixarei eu sem recompensa. A vós e só a vós devo estas mestras de agradecimento que da praça me envia o povo... força he que vos pague divida tão grande.

— Senhor lhe respondeu o recommendo, inchado com os reaes elogios, premio bastante recebi em livrar da fome os meus irmãos.

Isso não basta. Hontem me deste evidente prova da tua habilidade administrativa: agora, as funções que por vinte e quatro horas te havia conferido, quero continuas a desempenhal-as; e desde hoje hees Assistente proprietario de Sevilha.

— Senhor! Como pôsso eu...

— Mas escuta as condições que te imponho.

— Mande V. M., respondeu inclinando-se ante o sombrio monarcha, o aturdido Frasquilho.

— Quero que se faça prompta e severa justiça a todos os crimes, como fizestes aos dous avaros monopolistas. Hum só dilicto impondo, serve de exemplo para se commetterem dez, pelo menos; e em vós, senhor Assistente, confio que o numero dos crimes, seja igual aos dos castigos. A primeira cabeça delinquente que deixares escapar, será substituida pela tua.. Vai-te com Deos.

Frasquilho hia abrir a boca para replicar, porem emmudoceu só com hum gesto do tyranno e sahio pouco satisfeito das condições com que passava da miseravel tenda portatil de çapateiro remendão, ao palacio do Assistente de Sevilha. Da miseria ao mando e opolencia, a transição, era por certo agradavel!... Mas a imagem de hum corda apertada na garganta pelo menor descuido sou, ou falta dos officiaes de justiça, aguava todo o seu contentamento; era bocado que não podia digirir. A pesar da ambição, grande apêgo tinha o çapateiro à vida, e era este hum fraco, merecedor de alguma desculpa assim o medo de a perder, pôde com elle maia do que o desejo das honras e riquezas que acabava de alcançar, e o moveu a pedir a sua dimissão a D. Pedro. Não tardou a resposta do rei. Abriu-a tremendo:

— «Se o nosso Assistente (dizia o rei) quer que nos dignemos aceitar a sua dimissão, tem hum seguro meio de a obter»...

— Louvado seja Deos! exclamou Frasquilho interrompendo a leitura e dando hum suspiro de satisfação: vejamos qual he este meio. E continuou a lêr:

«Se D. Frasquilho deixar algum crime sem castigo, dou-lhe a minha palavra, de o exonerar sem demora... e depois disso, mandalo-hei enforcar.»

— Enforcar-me! enforcar-me! Bom modo he este de premiar os meus serviços! Porém visto que não ha mais remedio, mãos á obra e o Anjo Custodio me guie neste novo caminho da minha procelosa vida.

Tomada esta resoluta decisão, reuniu todos os officiaes que tinha as suas ordens e fez-lhes a seguinte memoravel oração:

— Meus amigos, pela graça do illustre rei D. Pedro que Deos guarde, continuo a exercer as funções de Assistente de Sevilha. Justo he que participeis comigo das honras e mercês que S. M. se dignou conceder-me.

— *Viva elrei!* gritarão todos os esbirros.

— Sim, meus filhos, *viva elrei!* porque me nomeou seu Assistente de tão boa fé, que *beni a meu pesar* não posso largar este emprego se não com a vida... Primeiro beneficio de elrei nosso senhor! A todos vos nomeio eu tambem officiaes vitalicios, A quem isto desagradar,

não tem mais do que abrir a boca... e nesse mesmo instante lhe mando cortar a cabeça; condição com que o nosso gracioso monarcha se digna tambem conceder-me isempção do serviço. *Viva elrei!*

Desta vez ninguem correspondeu ao viva do novo Assistente.

— Não repetis a mesma acclamação!? Pouco importa.. A opinião he livre; e com tanto que desempeñeis o vosso officio nada mais vos peço.

Retirarão-se os officiaes sem dizer esta boca he minha. Graças ao aborrecimento que lhes causava a praça da Mercê, cheios de zelo pelo bem publico, discorrerão por todos os bairros da cidade, e logo no outro dia forão enforcados dous mendigos porque tinham furtado cada hum seu pão; e assim continuarão, sem ter quasi tempo de comer e dormir, dando continuamente que fazer ao carrasco, que já lhe custava a poder com tão grande tarefa.

Quiz certo noite o rei D. Pedro ver por seus proprios olhos os effeitos de tão rigorosa policia, e disfardado com a sua capa negra visitou as ruas mais sombrias da cidade, em que apenas encontrava cuidadosos esbirros, pelos quaes a meudo, sem o esperar, se roçava; quando pelas onze horas da noite, passeando no bairro de Santa Maria, vio hum homem parado que entretinha amorosos colloquios com huma senhora que estava á janella suspirando. Aquelle era Herrera predecessor de tio Frasquilho, despedido indecorosamente de casa do monopolista Brinças, no mesmo dia em que fôra

de-titulado. O infeliz hia pedir palavras de consolação á sua amada Izabel, filha do velho avarento.

Não ignorava o rei segundo a urbanidade e costume estabelecido, que devia torcer o caminho, sem reparar no que se passava; e que a infracção desta convenção tacita, era preludio de singular combate. Não obstante, o tyranno foi direito ao vulto. Herrera rogou-lhe cortezmente que se desviasse; mas vendo que o utro não fazia caso das suas admoestações, puxou pela espada, e quiz oppor-se ao progresso do terrivel monarcha. Este poz-se em defeza, e da pendencia que travárao, seguiu-se a morte de Herrera, a quem huma estocada atravessou o coração. Escapou-se como poudo o real matador, e entrou furtivamente em seu palacio.

Aos gritos de Izabel, apparecerão os visinhos ás janellas, e correrão as justiças porém já o assassino havia desaparecido, sem deixar indício algum por onde lhe podessem seguir as pisadas.

No outro dia pela manhã, foi o rei a casa de Frásquilho, que ainda ignorava o acontecimento da vespera; e com certo ar comprazenteiro, que deu grande satisfação ao ex-capateiro:

— Tio Frásquilho, disse elle tocando-lhe no hombro: ou para fallar mais propriamente, D. Frásquilho meu Assistente em Sevilha, graças á tua vigilancia á cidade goza do maior socego. Bem se vê que entendes mais de policia do que todos os teus predecessores.

— Senhor, isso he porque eu sou da classe do povo, e conheço melhor as suas mánhas.

— Entendo, e já o devia ter á muito entendido. Hes o mais digno, e habil administrador de Castella, e assim como te dei palavra de enforçar te ao mais leve descuido (Frásquilho estremeceu) quero tambem dar-te hum premio correspondente ao teu admiravel governo. Qual te parece melhor o titulo de conde, ou de cavalleiro?

— Mil graças, senhor disse Frásquilho, fluctuando entre o respeito e ambição. En nunca montei a cavallo; e pelo que respeita ao titulo de conde (nao quero dizer que o desprezo) parece-me letreiro de garrafa vazia.

— Tens razão: pois encha-se a garrafa antes de pôr o letreiro.

Queres então dinheiro, ou algum castello na provincia de estremadura?

— Hum castello só, custa muito a sustentar, mas na companhia de alguns mil ducados, bem medaria com que passar a vida como hum conego; mas não sou tao indiscreto, que peça a V. M. ambas as cousas...

Ouviu-se ruido na antesala, e desprendendo-se das mãos dos porteiros, que não querião deixal-a entrar, appareceu huma joven donzella, que foi lançar-se aos pés do rei.

— Quem sois, disse D. Pedro levantando-a, e que pretendeis de mim?

— Sou filha de D. Iscar Brinças, hum dos primeiros commerciantes desta cidade, e venho implor-

rar justiça de hum homicidio hontem a noite commettido debaixo das minhas janellas. O que foi cobardemente assassinado, he das principaes familias destes reinos, e seu sangue...

— Não val mais hum maravedi, lhe disse o rei, do que o do mais inferior dos meus vassallos. A justiça he igual para todos; vingado será o vosso cavalleiro, não por ser nobre, mas por ser assassinado. Talvez era algum parente vosso?

— Não senhor. lhe respondeu timidamente Izabel, mas em pouco tempo me seria licito usar do seu nome.

— Que nome tinha?

— Chamava-se conde Herrera.

— O meu predecessor! exclamou Frasquilho.

— Como he isto, senhor Assistente? disse cheio de sanha o rei; pois nada sabia de tão extraordinario acontecimento?

— Senhor... talvez os meus officiaes...

— Demasiada preça tive por certo de elogiar a tua vigilancia... Foi preso o matador?

— Para vos rogar que fizesseis redobrar a vigilancia, a fim de prender a todo o custo o criminoso, vinha aos pés de V. M., atalhou Izabel.

— He o mesmo que duvidar

da minha justiça, e suppôr que precisava para ordenar o castigo de hum homicidio, ver derramar lagrimas a esses formosos olhos.

— Senhor!...

— Felizmente eu me persuadindo que o sentimento vos não deixou conhecer a injuria que acabais de fazer-me. Não só vos perdão, mas prometto vingar-vos promptamente.

Inclinou-se Izabel, para retirar-se; mas o cruel Pedro lhe disse:

— Esperai, que vos quero mostrar como faço cumprir o seu dever aos depositarios da justiça.

Olhou o rei para tio Frasquilho, que pallido, e com a cabeça inclinada sobre o peito, maldizia em seu coração as grandezas, e já conhecia falta da sua barraca, situada ao pé da cathedral, quando apenas alguns momentos antes regateiava castellos, e titulos com o principe.

— Senhor Assistente, lhe disse este chamando-o a huma janella que deitava para a praça da Mercê; que fazem aquelles homens entre tanto povo?

— Senhor, he o verdugo e seus ajudantes, que tirão a forca, porque ha já tres dias, que se não fazem execuções.

— Pois hade servir amanhã: Que a deixem estar.

— Eu vou lá abaixo dizer-lhes....

— Não. Daqui mesmo te podem ouvir... Que esperas ?

— Perdôe-me V. M.... Mas a lingua se me apegava ao paladar, e a garganta secca....

— Ainda tardas ? !

Chegou-se, finalmente, Frasquilho á janella, e parecendo-lhe que lançava ao mesmo tempo o coração, e a voz pela boca fóra.

— Mestre !... Mestre !... O' !... Olá.... Tio Paco ! Torna a pôr isso.... isso.... no seu lugar... Assim o manda elrei.

— O Assistente de Sevilha, emendou o rei.

— Digo, o Assistente de Sevilha, repetiu Frasquilho.

— E estejam promptos todos amanhã pelas seis horas da tarde, continuou o rei, para pendurar d'esse patibulo o matador do conde Herrera...

— Do conde Herrera, repetiu como echo Frasquilho....

— Ou, em seu lugar, o descuidado Assistente, que em vez de vigiar na segurança dos cidadãos, dorme toda a noite regaladamente.

Toda a constancia do pobre Frasquilho, ficou esgotada quando ouviu estas ultimas palavras, que lhe foi impossivel repetir ; e bambaleando-lhe as pernas, só

dizia com voz surda estas palavras mal articuladas : « Ah ! senhor, perdão ! perdão ! »

O rei despedio Izabel, e abriu huma porta que communicava com o seu palacio ; mas antes de retirar-se, olhando com desprezo para o desgraçado remendão, soltou estas palavras de cruel ironia :

— Mestre Frasquilho, habilissimo remendão da praça de St. Antonio, que sabe mais do que todos os reis, nobres, e fidalgos, aquem nenhum pode comparar-se na bóa administração de huma cidade, e provincia, ésta he a occasião de provar até onde chega a tua penetração e sabença. A cabeça do matador de Herrera, ou a tua !... Até amanhã.

— Até amanhã, senhor, respondeu com insperada serenidade o çapateiro, como se huma inspiração repentina lhe despertasse na idêa algum meio infalivel de sahir d'aquelle aperto. Fechou immediatamente as portas, e foi correndo ao bairro de St. Maria, aonde se achava situada a casa de D. Iscario Bringas, invocando pelo caminho a assistencia dos Sanctos :

— Agora, meu senhor S. Francisco, agora he que verdadeiramente preciso do vosso piedoso valimento : de todo o coração vos imploro, e rôgo me

ajudeis a sahir desta arriscadissima affronta; ensinai-me a descobrir o matador de Herrera, que eu vos prometto o que fôr mais do vosso agrado, ainda que tenha de metter-me leigo da vossa ordem, para vos servir e amar até o fim da vida. Amen!

Tranquillison-se hum pouco o bom Frasquilho, depois de entregar a sua causa nas mãos do Sancto. Demais o termo que o rei lhe tinha concedido, talvez fôsse bastante para descobrir o culpado.

Muitissimo povo se tinha ajuntado á porta de Isoario Bringas, olhando para as nodos de sangue, com que o desgraçado amante d'Izabel tinha manchado as pedras. Os meirinhos, e outros officiaes de justiça, porque muito lhes hia nisso, andavão misturados com os curiosos, observando phisionomias e palavras, porem nada colhião de suas indagações.

Mal divisárão o seu superior, viérão cheios de consternação render-lhe humildes acatamentos.

—Que tal, meus amigos? lhes disse o senhor Assistente, franzindo as sombrancêlhas á imitação do tyranno. Ha muitas horas que não tenho o gosto de os vêr por minha casa!

—Ah! senhor, lhe respondeu hum delles, esta noite se commetteu hum crime horroro-

so...

—Devéras? meu filho!... Estavas esperando que eu viesse a este lugar para dar-me parte, não he verdade?

—Não nos atreviamos a apparecer diante de v. s., sem ter descoberto..

—O cadaver? esse todòs o podem vêr. Visto isso, nada sabeis do matador? Pois bem! muito bem! meus menigos, já vejo que tendes muito desejo de bailar na praça da Mercê. Instrumento, e tocadores, tudo está preparado para vos dar esse gosto; e graças ao diabo, e ao nosso auabilissimo rei, que Deos guarde, amanhã dançaremos juntos, ainda que para isso não tenhamos as melhores despozições, e talvez seja preciso que nos puxem pelas pernas. Adeos, meus caros, até á vista.

Feita esta amavel despedida, entrou o bom do remendão em casa de Bringas, ao mesmo tempo que a filha deste.

—Justamente para fallar com v. m., lhe disse o Assistente, he que eu aqui vioha; sirv-ase, menina, conduzir-me a lugar em que, sem testemunhas, tratemos de indagar quem he o brégeiro que nos armou hum treta, verdadeiramente digna de satanaz.

—A vóçê? lhe respondeu a

moça toda enfiada, a vm. que foi causa de Herrera ser despojado pelo rei, da sua dignidade, e que talvez está muito satisfeito pela sua morte?

— Oh! pois não! satisfetissimo!! Á tão pouco tempo que as ouvio, e já lhe esquecerão as palavras do rei?! Pois affirmo-lhe, que ainda me estão soando aos ouvidos! Amanhã pelas seis horas da tarde, será enforcado o matador do conde &, nem eu me atrevo a dizer o resto! *Diós me ladepare buena.* Chegue á razão, menina. Vm. só perdeu hum amante, e....

--- Senhor Assistente!...

— A perda he sensivel na verdade; porem essa empurração bem depressa he substituida; logo, ainda hoje, amanhã o mais tardar, póde tomar outro:—rei morto, rei pôsto—; porem eu, infeliz! miseravel! desgraçado! se no termo prescripto de trinta horas, não descobro o matador, quem me restituirá a vida, depois do carrasco ma ter tirado? Já vê pois, que eu tenho razão para amar o seu defunto noivo, e aborrecer o malvado que o fez sahir deste mundo, muito mais do que vm. propria. Entremos, entremos, senhora, e sentemo-nos, que as pernas me tremem muito.

Elle mesmo abriu a porta interior, e achou Bringas com sua

mulher, que forão receber sua filha, conduzida pela mão do çapateiro.

Assim que Bringas vio o Assistente, lembrado que lhe devia a venda forçada de seus trigos, teve desejo de o deitar da janella em baixo.

— Que tem você que fazer nesta casa? lhe disse cheio de raiva o ayarento. Não está ainda contente de me ter arruinado, ainda vem?...

— Não venho remendar os çapatos, respondeu Frasquilho empertigando-se, que tal não he o officio do Assistente de Sevilha. Venho interrogar, e não ser interrogado. Tenha por tanto melhor creação, se he que a sabe. Não tardará que falle com v. m.; por ôra tenho negocio com sua filha, e quando chegar a sua vez, eu o mandarei avisar; retirem-se.

— Bringas exasperado, hia responder com máo módo, mas sua mulher o fez sahir em sua companhia.

Frasquilho, fechou a porta, sentou-se em huma poltrona, e com gravidade magistral, principiou o seu interrogatorio a Izabel.

— Conte, menina, como aconteceu a morte do conde Herrera, sem omitir a mais leve circumstancia... porque ás vez pelo fio se dá com o novêlo.

Contou-lhe Izabel a tragica

scena, segundo tinha podido presenciá-la no meio de sua perturbação.

— Que feições tinha o matador?

— Não pude ver-lhe a cara.

— Mas a altura, e postura do corpo, a côr do traje.

— O que sei he que estava com um vestido negro. A obscuridade, e o susto me não deixáram vêr mais nada.

— Pois em que estava pensando, com todos os dias... quando matávo o seu amante ás estocadas? Como posso eu só com estes signaes descobrir o matador (depois de alguns momentos de reflexão). Conhece v. m. algum inimigo do conde?

— Nenhum.

— Peior!... FALLE com sinceridade. Havia algum rival capaz de se desfazer d'elle á traição?

— Não senhor.

— Não? veja bem o que diz!... Eu tambem ouvi dizer, que seu pae o tinha posto pela porta fóra vergonhosamente, no mesmo dia em que perdéra o emprego.

— He verdade.

— Por consequencia seu pae lhe destinava outro marido?

— Não sei.

— Mas elle prohibio ao conde que tornasse a fallar com v. m. mesmo da rua.

— Sim senhor.

— Bem! Muito bem! exclamou o Assistente, levantando-se, e passeiando pela sala a passos agigantados; muito bem! já achi o fio de tão escuro acontecimento!... Eu te rendo as graças, S. Francisco, meu adoravel e seraphico patrono, por tão ditosa inspiração!... Chame seu pae, senhora... Este he o caminho... o raciocinio não póde fallar.

— Que me quer você, mestre, disse com arrogancia Bringas.

— Póde você sentar-se.

— Estou bem de pé.

— Com effeito, esse he o modo porque deve estar na presença da authoridade todo o subdito respeitoso.

— Bringas, sentou-se.

— Como quizer, amigo Bringas, deixemos bagatellas, e vamos ao que importa.

— No mesmo dia que deixou de ser Assistente de Sevilha o conde Herrera, não lhe deu v. m. com a porta na cara, ou pouco menos, e não o expulsou de sua casa com igmaominia? Em quanto conservou o emprego, tambem v. m. lhe dava carta branca para conversar com sua filha, e achou-lhe em desgraça, no mesmo instante em que perdeu o mando? Muito bem! nada mais natural, até aqui tudo está na ordem.

— E que lhe importa a você o que se passa em minha casa? que você dizia [quando conversava com Gutierrez....

— Em sua casa, pouco me importa agora o que se passa; mas fora d'ella, diante da sua mesma porta, e às onze horas da noite passada.... he cousa que me importa hum pouco.

— Que pretende você dizer com isso? Quer acaso imputar-me a morte do conde?

— Veremos, veremos: não se affija você... Despedido o conde, nem por isso perdeu o amor a sua filha... Até aqui tudo está na ordem.... e apesar da prohibição continuo a ver a noiva... Também isto está na ordem... e você enojado com semelhante desobediencia (proseguiu o remendão vagarosamente, reparando com attenção no gesto de Bringas), nem ao menos lhe veio á imaginação a idéa, de huma estocada bem dirigida?...

— Eu? gritou Bringas, dando hum pulo na cadeira.

— Soeégue, e ouça. Até aqui tudo está em ordem.

— Accusar-me de hum homicidio! A mim! A mim! exclamava Bringas furioso, e juntamente medroso.

— Directamente a você não, continuou Frasquilho, sempre com os olhos fitos nelle. Porem hum homem que tendo os colleiros cheios de mantimentos, se divertia em deixar morrer á fome toda a gente de Sevilha, a cincoenta mil creaturas, que certamente morrerião, se da minha tenda não tivesse ouvido o

Maldita imprudencia! disse Bringas em voz baixa

— Hum homem com taes entranhas, senhor Bringas, bem pôde sem escrupulo desfazer-se do noivo de sua filha, quando reduzido a poucos meios e sem a authoridade com que protegia os seus monopolios, se obstinava a pretendê-la a despeito das suas ordens... Que tal?

— O que você está suppondo he huma infamia.

— Porem... até aqui, amigo, parece-me que tudo está muito em ordem.

Frasquilho chegou á janella e mandou entrar dous esbirros.

— Que pretende você fazer? perguntou assustado o avaro.

— Que esteja em segurança em quanto faço algumas perguntas á sua respeitavel senhora e aos criados da casa. Quero saber se veio aqui algum espadachim tratar do preço porque havia matar o conde.

E sem fazer caso das injurias e reclamações de Bringas, subio ao primeiro andar, a onde a mulher, e filha de Bringas esperávão o resultado do colloquio judicial.

— Chamem vs. ms. todos os seus criados, que tenho que lhes dizer.

Obedeceu a mãe de Izabel, e logo appareceu a velha Maria, por que mais servidores não havia em casa; porem nada conseguio o Assistente com suas incidiosas perguntas, para o fim porque as fazia.

Veio a noite, que em vão foi gasta em minuciosas indagações. Amanheceu, e seis marteladas soaram do alto da giraldia, annunciando a Frasquilho que só lhe restavam dez horas de vida, pois que a mais leve esperança o tinha já abandonado. Mas não obstante, poz-se a correr de novo as ruas e as praças para dar pasto à inquietação mortal que o atormentava. Elle não podia levar á paciencia deixar de viver: absorto nos seus tristes pensamentos, entregava-se à direcção que as mal seguras pernas tomavam, e como se fosse automato movido por engenhosa mecanica olhava sem ver, ouvia sem escutar. O somido do meio dia o fez repentinamente parar como se já sentisse a corda na garganta. Levou a mão ao pescoço... mas conhecendo que estava na praça de St. Antonio, ao pé do lugar em que tombeava o velho calçado de seus concidadãos, tornou a si, e recordou-se que só lhes restavam seis horas para respirar o ar deste mundo.

As portas da cathedral estavam abertas, convidando Frasquilho a entrar no sancto templo. Elle obedeceu á inspiração, e prostrado ante a imagem de seu patrono, dirigio-lhe huma fervorosa oração em que misturou algumas reconvenções. Foi a sachristia, comprou huma vela, que accendeu defronte do Sancto, julgando por este modo obrigat-o a fazer hum milagre para o salvar. Saliu da igreja e fitando os olhos na sua tenda, em que tantas horas passára isenpto de cuidados: « Ah! minha querida barraquinha! nunca mais

té veres! Maldita seja a hora em que te deixei!... Deos bem sabe que o fiz para livrar da fome a meus irmãos!... E que premio ganhei?... Por bem fazer mal haver!... Se deixasse morrer todos de fome... não hicia hoje morrer enforcado!!!

Da torre da giraldia continuavam a soar sem piedade as horas, e Frasquilho cessando de lamentar-se encostou-se a hum muro encruçou os braços, deixou pender a cabeça para o peito e com os olhos no chão contemplava com horror as imagens sepulcraes que a sua fantasia lhe pintava. Huma voz conhecida o arrancou ás agitações melancolicas a que o seu termo próximo o convidava: suppondo-se já na regio dos mortos aquella voz lhe fez huma sensação tão agradável, como se o tirasse do sepulcro.

— Tio Frasquilho! Graças a Deos que te ponho a vista em cima!... Porem que tens, meu filho? porque choras tão amargamente?

Tornando a si conheceu o capateiro, que a pessoa que lhe fallava era huma velha sua fregueza, que pedia esmola á porta de St. Antonio.

— Ah! tia Monica, muitos ja-neiros tem passado por cima de vós; mas quanto daria eu para trocarmos a sorte!

— Com oitenta e oito que tenho ás costas?

— Assim mesmo, porque esses oitenta e oito não vos privão de ver hoje mesmo como enforcão Frasquilho o pobre Frasquilho, que com tanto esmero e caridade recomendava as tuas chinellas.

— Pois vão-te enforcar? meu filho.

— E por ordem do nosso benévolo soberano.

— Do soberano?... disse com vivacidade a velha, estirando-se. Conta Frasquilho, conta-me o caso.

— Por causa da morte desse maldito Herrera. Elrei quer que hoje se enforque algum, ou o matador, ou a mim. Até agora, tia Monica, ainda não cheguei a descobrir o criminoso; assim tia Monica já podes hir rezando hum padre nosso por alma do miseravel Frasquilho

— Pois não resarei tal, meu filho, porque não morrerás respondeu a velha com ar de satisfação. Ainda espero que me remendarás boas duzias de chinellas.

— Se já me não resta a menor esperança, nem tempo me resta para fazer apertar o gasnete aos meus officiaes!

— Não importa, nem elles tão pouco haõ de morrer... eu bem sei quem matou o conde.

— Tia Monica, tu sabes quem matou o conde? exclamou o remendado apertando a velha entre os braços com hum transporte de indizível alegria.

— Não me afogues, filho, em recompensa da minha boa obra!

— Ah! em nome de toda a corte celeste, anjo do céo, dize-me, conta-me como...

— Escuta: a noite que matáraõ o conde, estava eu deitada ao abrigo da porta de St. Maria perto da qual, como tú sabes, he a ca-

sa de D. Iscario Bringas. Eu dormitava, mas acordei ao tinar d'espadas, e gritos que soavaõ da janella da casa de Bringas.... D'aqui a hum instante, passou accelearadamente, junto a mim hum cavalheiro todo vestido de negro.. Era o assassino, que felizmente me não vio.

— Ah! tia Monica!... viste-lhe o rosto?

— Não... só o vi por de traz.

— Conheceste os seus vestidos?

— Não, que elle estava embuçado.

— Deixou cahir alguma cousa por onde desconfiasses....?

— Não... e a pesar disso sei perfeitamente quem he.

— E quem he?

— O rei.

— O rei?!?! ...

Ficou o çapateiro estupefacto quando ouviu revelação tão extraordinaria, e pensando hum pouco para confirmar-se na crença d'ella. A proporção que a comparava com o character cruel, e extravagante do principe, hia perdendo todas as duvidas, sentia renascer as forças, e despertar a subtiliza do seu engenho para lhe dictar algum remedio que destruisse o exito das ferozes intenções do soberano.

— Tia Monica, não tenho já duvida nenhuma: he elle o matador. Sem embargo disso, como este jogo he de arriscar o resto, he necessario ter muito boas e poderosas provas.

— Queres que te diga porque sig-

nal o conheci? Escuta. Quando D. Pedro tinha huns treze mezes, e só quatro dentes mal nascidos deu tao grande mordidella no seio da sua ama, a condeça de Penafiel, que o criava, e tao a guda foi a dor que lhe causou, que desmaiando, deixou cahir no chão o real infante. Desconjuntou-se hum joelho ao mettino, e a pesar de o curarem muito bem sem deixar-lhe aleijão, desde então lhe ficou hum vicio muito desagradavel para hum principe que tem a mania de sahir de noite incognito. Este vicio consiste em certo rugido mui sonoro que a cada passo dão os ossos da sua perna esquerda. Por este signal foi que eu o conheci a noite de antes d'hontem. Vai por tanto ao paço, meu filho, ja que sabes o segredo, falla ao rei abertamente e com inteireza, que he o unico meio de tapar-lhe a boca... Anda, e a Virgem vá com tigo.

Frasquilho foi ao palacio, e de caminho vio o immenso povo, que já estava na praça da Mercê, esperando pelas seis horas. O hom çapateiro lhe agradeceu no centro do seu coração a pontualidade, e dirigio-se á camara do rei.

— A hora não tarda, lhe disse D. Pedro.... O povo espera ao pé do cadafalso, e pergunta ao veredugo se estás prompto a entregar-lhe huma cabeça.

— Sim senhor, lhe respondeu Frasquilho sem vacillar.

— Provavelmente a tua....?

— Não senhor.

— Pois qual?

— A do matador do conde Herrera.

— O'lá! disse o rei admirado, chegaste a descobrir....?!

— Sim senhor. respondeu impassivel o remendão.

— E que pretendes aqui?

— Venho apresentar a sentença a V. M. para que se digue confirmada.

— Vejamos primeiro, disse o rei com surpresa e perturbação.

— Aqui a tem V. M.

— Mas aonde está o nome do criminoso? instou o rei depois de folhear os papeis.

— O nome não faz ao caso, não manda V. M. satisfazer a justiça?

— Por certo. Aqui está a minha firma; continuou o rei depois de assignar a sentença; mas por Deos vivo te juro, que se não for o verdadeiro, tens de segui-lo brevemente.

— Isso he justo, senhor. lhe respondeu Frasquilho com certo ar de segurança, que augmentava a perturbação do tyranno.. E se o paciente for em realidade o matador do conde, V. M. me segura a vida?

— Sim, e alem disso te concedo o mais que me pedires.

— Mil graças rendo a V. M. por tal mercê, mas digne-se repetir a mesma promessa diante da côrte.

— Na presença do céu e do inferno! gritou o rei.

— Agora vou dar ao algoz a sentença firmada pela augusta mão de V. M. ... e ordem para que saia o réo.

O rei por extremo espantado com a segurança que Frasquilho mostrava, mandou abrir as janellas que deitavão para a praça, e foi observar o que alli se passava. O povo estava a montado em torno do palacio dando gritos, e pedindo o espectáculo que lhe tinham prometido. Mas repentinamente a este ruído e tumulto, succedeu o mais profundo silencio. Abriu-se a turba para dar passagem á tropa de cavallaria que se formou em torno do patibulo: atraz desta vinha a justiça em duas fileiras, precedida pelo Assistente, e huma companhia de soldados infantés, levava no meio o réo, coberto com huma grande tunica, e sostido pelo verdugo e hum de seus ajudantes.

Leo o Assistente em alta voz a sentença de morte, pregou o pergaminho em hum dos angulos da forca... e logo, sem descobrir o rosto do paciente lançou-lhe o verdugo a corda ao pescoço, assentou-se-lhe nos hombros, e arrojou-se ao ar.

No mesmo instante, dous officiaes do paço se apoderarão de Frasquilho, e o levárão ante o rei.

— Mestre, lhe disse D. Pedro que significa essa farça, e quem he o que mandas-te enforcar?

Frasquilho chegou-se ao rei, e disse-lhe ao ouvido: — « O paciente, chama-se D. Pedro, rei de Castella, matador do conde Herrera.

— Picaro!... Julgas tú por ventura?...

— Julgo, e creio, o que revelou o joelho esquerdo de V. M.

— Sabes que posso agora mesmo...

— Cumprir a sua palavra, senhor.

— E que mais me pedes?

— A minha de missao.

— Aceito-a... e te dou mil dobrões. Porem á noite, me farás tirar do cadafalso. Entendes? e silencio ou, quando não...

— Dou mil graças a V. M.

Aquella mesma noite sahio D. Pedro de Sevilla... e o tio Frasquilho tornando ao seu officio, repartio generosamente com a velha Monica os mil dobrões, em premio de sua revelação.

CARTA DE HUMA DONZELLA DE TREZE ANNOS, PEDINDO PAROER SOBRE O SEU CASAMENTO.

De tenero meditatur ungui.

Hor: 3 Od.

Sr. — Eu fiz treze annos a nove de novembro passado, e com effeito é tempo que eu prinopie a cuidar em tomar estado; por isso humildemente vos rogo que me digaes como deverei haver-me com Florindo, o qual actualmente me faz a côrte. Florindo he hum homem muito bonito; tem olhos pretos os mais engraçados do mundo, e ninguem apresenta dentes tão alvos, nem mais bem feitos. Eu sei que elle tem, por méu respeito, regeitado grandes vantagens; tambem se não casar comigo, com outra não casa. Mas, meu pai prohibiu-lhe a entrada de nossa casa, so por me ter mandado um soneto; pois, sabeis que elle he hum dos melhores poetas da cidade. Minha mana mais velha, a qual, apesar de toda a ami-



que tinha-mos se queimou. Precisamos saber o custo do bósque, da fortaleza e da ponte levadiça, que espero me remetta com a minha roupa.

Teu amigo etc.

P. E. Como por ora não tinha-mos precisão das tres furias, entrarão, até nova ordem, na rôda, para crear enfeitados.



### MAXIMAS, E PENSAMENTOS

1.

O louvôr, fôge de quem o procura: Trabalha por merecê-lo, e não perguntes: » fiz bem? »

2.

O melhor protectôr, não val hum verdadeiro amigo.

3.

Ninguem he tão respeitavel, como homem bom que por virtude se cala quando as suas palavras podem offender sem melhorar os outros, e falla sem receio do proprio perigo, quando vê condemnar o innocente.

4.

Aprende d'aquelles que dão com maior nobresa, a difficil arte de dar com delicadesa; dos que perdoão com maior generosidade, a arte mais difficil, de perdoar generosamente.

5.

Quem chama à prudencia extravagancia; à humildade a vivez; dureza à caridade, não pode ser bom, prudente, nem humilde.



### CHARADA

Irado o Céu em aguas se dissolve } 2  
E, tudo, menos eu, nellas se innunda }  
Sobre os eixos a terra se revolve, } 2  
E, cada giro seu, meu tempo funda }

Da Grecia outr'ora  
Fui regiaõ;  
E, mesmo agora,  
Lá me acharão.



A decifração da charada do numero antecedente he — Carapitanga.

O — Recreador Mineiro — publica se nos dias 17. e 15 de todos os mezes.

A redacção desta folha occupará hum volume de 16 paginas em 4<sup>o</sup> sendo alguns numeros acompanhados de nitidas estampas. O seu preço é de 6:000 rs. pér anno, e 3:000 por seis mezes, nesta Cidade do Ouro Preto: e fóra della 7:000 rs. annuaes 3:500 semestre, pagos adiantados, por isso que nesta ciaptia se inclue o porte do correio: Cada numero avulso custará 400 rs. e 1:200 rs. levando estampas, as quaes todavia, não augmentarão o preço d'assignatura. Subscree-se na typographia imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, a quem as pessoas de fóra que desejarem subscreeer, podem dirigir-se por carta sobre semelhante objecto.

O. P. Typ. imp. de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, Rua da Giló, n. 9

# INDICAÇÃO

DAS MATERIAS, CONSIGNADAS NO 4.º TOMO DO

## RECREADOR MINEIRO

DISTRIBUIDAS SEGUNDO O SEU

## PROGRAMMA.

..... foliis que notas et nomina mandat.  
Quæcumque in foliis descripsit .....  
Digerit in numerum.

VIRGIL. ENEID.

Não só indica em suas paginas as materias, e suas classes, como tambem distribue por hum methodo scientifico o que nas proprias paginas se consigna.



### 1.ª SECÇÃO — MEMORIA.



#### HISTORIA.



##### HISTORIA ANTIGA.

A mulher de Seneca . . . . .	pag. 657
O cavallo do imperador Caligula . . . . .	712
Rasgo de amizade . . . . .	713
Rêtrato de Jezus Christo . . . . .	737

##### HISTORIA MODERNA

Napoleão o Grande . . . . .	581
Narração episodica de Palmares . . . . .	721
Napoleão em Paris . . . . .	733
— (Continuação) . . . . .	710

##### INDUSTRIA AGRICULA E COMMERCIAL

Memoria sobre a Cochonilha	
(Continuação) . . . . .	584
— (Continuação) . . . . .	593
Tratado do Bicho da Sêda . . . . .	609
— (Continuação) . . . . .	626
— (Continuação) . . . . .	612
— (Continuação) . . . . .	659
Memoria sobre a Baunilha . . . . .	681
— (Continuação) . . . . .	701
Additamento sobre a Baunilha . . . . .	717

## ARTES.

Receitas para obter-se tintas de  
côres . . . . . 637

## ETYMOLOGIA HISTORICA

— do mez de Julho . . . . . 607  
— do mez de Agosto . . . . . 623  
— do mez de Setembro . . . . . 656  
— do mez de Outubro . . . . . 700  
— do mez de Novembro . . . . . 715  
— do mez de Dezembro . . . . . 750

## CHRONICAS.

— de D. Pedro o Cruel . . . . . 753

## PHYSICA

Suspensãõ das faculdades vitæes . 606

## GNOMONICA.

Hum relógio á Polk . . . . . 622

## ETHNOGRAPHIA.

Congregaçaõ dos Espiritos . . . . . 714

## MEMORIAS BIOGRAPHICAS.

Rothschild . . . . . 713  
Parto memoravel . . . . . 736

## COSMETICA.

Correspondencia . . . . . 699

## MEMORIAS HISTORICAS.

A igreja de S. Sebastião do Rio  
de Janeiro . . . . . 673  
Correspondencia . . . . . 750

## ENTOMOLOGIA.

O insecto da Taquara . . . . . 625

## CRITICA

— por Allegoria; Apologo . . . . . 623  
— pela Historia; a Mulher, e o  
Astronomo . . . . . 63

## THERAPEUTICA.

Remedio para a mordedura de  
cobra . . . . . 712  
Medicina melodiosa . . . . . 715

## HISTORIA POLITICA.

Hum lei de Zaleuco . . . . . 716

## ETYMOLOGIA ETHNOGRAPHICA.

Origem das mesuras . . . . . 709

## CHRONICA JUDICIARIA.

Hum auto de corpo de delicto . 654

## MORAL PELA HISTORIA.

Notavel fidelidade de hum criado . 714  
O testamento . . . . . 746

## TECHNOGRAPHIA.

Carta de hum Comico . . . . . 767

## HISTORIA PATHOGNOMONICA.

Caso raro de somnambulismo . . . 637

## FOLHETINS.

A especulaçaõ . . . . . 587  
O propheta de S. Paulo . . . . . 595  
— ( Continuaçaõ ) . . . . . 617  
Terror pânico . . . . . 649  
As atmospheras individuaes . . . . 665  
Hum só paixãõ, e dois casa-  
mentos por amor . . . . . 690  
Tom Bermingham . . . . . 724  
— ( Continuaçaõ ) . . . . . 738

ANECDOTAS.

O Padre Antonio Vieira . . . . . 608  
 Hum Cavalleiro Romano . . . . . ”  
 Hum credor irreconciliavel . . . . . 624  
 Petronilha, Francisca, e Joanna . 636  
 O camponêz, e o burro do seu visinho . . . . . 640  
 Os tres Racans . . . . . 641  
 Huma lição que póde aproveitar 651  
 Huma extravagancia de Carlos Magno . . . . . 658  
 A mulher muda . . . . . ”  
 Curioso incidente de hum duello . 664  
 O manequim . . . . . 674  
 Deatorrá de hum magistrado . . . 679  
 O bom despácho . . . . . 680

O fidalgo tem razão . . . . . 680  
 Aviso aos enfermeiros . . . . . ”  
 Huma actriz em viagem . . . . . 705  
 900 dollars por huma mulher . . 707  
 Hum militar de prestimo . . . . . 708  
 O cardéal, o ministro d'estado, e o medico d'elrei . . . . . 710  
 O curioso atraiçoando-se a si mesmo . . . . . 711  
 Aviso aos que pedem cartas de recommendação . . . . . 712  
 O economico . . . . . 713  
 Hum atçador de vellas . . . . . 736  
 Acto de reconciliação na hora da morte . . . . . ”  
 Hum almoço de sardinhas . . . . 751  
 Carta de huma donzella . . . . . 766

SECCÃO — RAZÃO

PHILOSOPHIA.

MORAL.

Carta de Franklin sobre os casamentos prematuros . . . . . 603  
 Da vida, e sua apparente duração 633  
 Quaes sejaõ os instituidores da infancia . . . . . 731

MEDITAÇÕES PHILOSOPHICAS.

Maximas, e Pensamentos . 608, 768  
 Pensamentos . . . . . 624, 640  
 Maximas, e Sentenças . . . 735, 752

DIVINATORIA.

Enigma . . . . . 624

CALCULO.

Genealogico — Multiplicidade dos

nossos antepassados . . . . . 654  
 Geographico — As maiores noites em diversas partes do mundo . . 689

CRITICA.

As baldas . . . . . 606  
 Os nervos . . . . . 708

DECIFRAÇÕES.

de charadas { asno, 608; pecego, 624; milagre, 640; laranja, palatino, 656; Ovidio, 672; incapaz, 680; falúa, 700; cupido, cará, 752; carapitanga, 768.  
 de enigmas { a letra — O —, 624; a letra — M —, 610.  
 de logographos : . . . mariola, 716

---

# SECÇÃO - IMAGINAÇÃO

---

## POESIA.

---

### EPICA.

Enigma . . . . .	608
Soneto . . . . .	639
Charadas, 656, 672, 716, 768.	
Soneto ao Dia 2 de Dezembro .	751

### LYRICA.

Hum caso de consciencia . . . .	591
---------------------------------	-----

Charadas, 592; 608; 624, 640, 680,	
716, 752.	
O arbusto de amor . . . . .	605
Hum naõ sei que . . . . .	655
Logogripho . . . . .	706
Mote glosado . . . . .	709

---

---

## GRAVURAS.

Napoleaõ na campanha da Prussia . . . . .	581
Igreja de S. Sebastião do Rio de Janeiro . . . . .	674

